

# CURSO DE TEOLOGIA

## MÓDULO 12

FILOSOFIA TEOLÓGICA  
HISTÓRIA DE MISSÕES  
PEDAGOGIA GERAL  
RELIGIÕES COMPARADAS  
MEIO AMBIENTE  
(MATÉRIA SUPLEMENTAR)



**faculdade teológica betesda**

Moldando vocacionados

MÓDULO XII

1. Religiões Comparadas
2. História de Missões
3. Pedagogia Geral
4. Psicologia Geral
5. Meio Ambiente



**Moldando vocacionados**

**Presidente:**

Sezar Cavalcante

**Diretor Teológico:**

Fábio Lima

**Diretor Pedagógico:**

Vanessa Cavalcante

**Secretaria Executiva:**

Daianne Proietti

**Corpo docente**

SEZAR CAVALCANTE Th.B Em Teologia  
FÁBIO LIMA Th.B Em Teologia, Especialista em N.T  
MARCIO FALCÃO Th.B em Teologia e Bacharel em Direito  
ZEEV HASHALOM Mestrado Em Letras, Grego e Hebraico  
RICARDO MAIOLINI Th.B Em Teologia, Especialista em Mística Cristã  
FRANCISCA DA SILVA Th.B Em Teologia  
ADRIANO LIMA Th.B em Teologia  
IZAIAS COUTINHO Th.B em Teologia  
ALESSANDRO VIEIRA Th.B em Teologia

**Professores convidados**

LUIZ WESLEY, Ph.D em Estudos Interculturais e  
Pós-doutor em Teologia Prática e Práxis Religiosa  
GABRIELE GREGGERSEN, Ph.D em Filosofia e  
Pós-doutora em História das Mentalidades  
MARIA LEONARDO, Ph.D em Teologia e Antropologia Cultural  
BÁRBARA BURNS, Doutora em Missiologia  
CÉSAR MARQUES, Mestre em Teologia Prática e Ph.D em Eclesiologia  
MÁRCIO REDONDO, Ph.D em História e Doutor em Teologia

Todas as referências bíblicas foram extraídas da Versão Almeida Revista e Atualizada, Edição de 1995 da Sociedade Bíblica do Brasil.  
Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

**Coordenação editorial**

Fábio Lima

**Projeto gráfico de capa e miolo**

Valdinei Gomes

**Revisão**

Fábio Lima

Todos os direitos desta obra em língua portuguesa reservados por:



Rua Azir Antonio Salto, 92- Jd. São Paulo – São Paulo/SP  
CEP: 02046-010 Fone: (11) 2976 0899

• [www.faculdadebetesda.com.br](http://www.faculdadebetesda.com.br) / [atendimento@faculdadebetesda.com.br](mailto:atendimento@faculdadebetesda.com.br)

# APRESENTAÇÃO E INSTRUÇÕES

## Manual simplificado de uso do material didático FTB

**“Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor” (Oseias 6.3).**

O conhecimento sobre Deus não é apenas uma possibilidade, mas também um direito de todos os homens. A Bíblia Sagrada nos ensina que Deus, graciosamente, revela-se ao homem, convidando a todos para experimentarem sua bendita graça. É com essa visão, e sob o lema “Moldando vocacionados”, que a FTB – FACULDADE TEOLÓGICA BETESDA, uma instituição interdenominacional filiada às principais entidades da classe, oferece todos os seus cursos.

Para que o seu aproveitamento como estudante FTB seja o melhor possível, e para que nós consigamos dar a você o suporte e apoio em sua jornada de estudos, é necessário que você SIGA EXATAMENTE as orientações que daremos a seguir, pois desta maneira você terá uma maior fixação do conteúdo e nos ajudará a atendê-lo sempre da melhor maneira possível.

### MODALIDADES DE ENSINO

**Ensino à Distância:** Frequentados por mais de 12 mil alunos, nossos cursos EAD têm sido recomendados por diversas lideranças e denominações evangélicas. Quando se trata de ensino à distância, a FTB é a mais completa do Brasil, oferecendo um suporte acadêmico inigualável. Além disso, todo o material didático necessário é próprio e já se encontra incluído no preço final.

**Ensino Presencial:** A FTB mantém várias UNIDADES na Capital e na Grande São Paulo ministrando teologia do nível Básico até a Pós-graduação, com aulas semanais em sala de aula, inclusive aos sábados, e com professores altamente qualificados, todos com formação superior e/ou pós-graduações.

**Ensino Semipresencial:** Completando nossa atuação educacional, ainda oferecemos essa modalidade que chamamos de NÚCLEOS CREDENCIADOS. Numa parceria com a igreja local, instalamos uma sala de aula nas suas próprias dependências, onde uma nova turma de alunos estudará com a ajuda da FTB e do ministério local.

**Encontros presenciais:** Com o objetivo de criar uma interação entre alunos de todas as modalidades, professores e a diretoria, a FTB promove uma aula especial (INTENSIVÃO TEOLÓGICO) por mês, com renomados teólogos brasileiros e internacionais. Acesse nosso portal [www.faculdadebetesda.com.br](http://www.faculdadebetesda.com.br) para conhecer a agenda e o local dessas aulas.

### REGRAS GERAIS

- **Material didático:** Ao receber seu material, confira-o. Se tiver alguma dúvida, entre em contato com o nosso SAA: (11) 2976 0899
- **Prazo de estudo:** O aluno deve estudar cada módulo por um tempo mínimo de 2 MESES e no máximo de 4 MESES, por isso planeje seus estudos dentro desse prazo, evitando transtornos administrativos com a escola.
- **Plantão teológico:** Alunos devidamente matriculados e em dia com seus pagamentos têm direito ao PLANTÃO

- TEOLÓGICO, que funciona de segunda a sexta-feira no horário comercial. Ligue: (11) 2976-0899.
- **Diplomação:** Em todos os seus cursos a FTB fornece gratuitamente aos alunos aprovados Diploma e/ou Certificado, em cerimônias de formaturas programadas ao longo do ano letivo.
  - **Portal do Aluno:** Por meio de nosso site [www.faculdadebetesda.com.br](http://www.faculdadebetesda.com.br) o aluno dispõe de rico material acadêmico e serviços exclusivos, tais como: rádio on-line; bate-papo com convidados; estudos bíblicos; reportagens, etc. Visite-o ainda hoje!

## **SOBRE OS MÓDULOS**

- O Curso Básico possui 05 MÓDULOS, o Curso Médio 09 MÓDULOS e o Curso Bacharel 13 MÓDULOS.
- Cada módulo corresponde a um livro de alta qualidade gráfica e de conteúdo, com 05 matérias cada um, sendo quatro tradicionais e uma especial, voltada à prática da teologia e da vida cristã, totalizando 65 matérias (ver grade na p. 6 e 7).
- Ao longo de cada uma das matérias, em todos os módulos, há vários exercícios que chamamos de Verificação de Aprendizagem, que são questões que o ajudarão a fixar melhor o capítulo estudado. Você deve copiar e responder essas questões em um caderno à parte e depois conferir no capítulo para certificar se estão corretas ou não.
- No final de cada matéria há uma Avaliação com 10 questões. Você só deve fazer essa avaliação depois que terminar de estudar todos os capítulos da matéria. A última matéria, identificada como Matéria Suplementar, contém apenas 5 questões.
- Importante: o aluno deve enviar para a FTB apenas as avaliações. Não é necessário enviar as respostas da Verificação de Aprendizagem.
- A partir do dia em que a FTB receber as 5 Avaliações, ela terá 15 dias corridos para revisá-las. Se o aluno for aprovado com a NOTA MÍNIMA (7.0), enviará o módulo seguinte automaticamente. Caso não alcance a nota mínima, o aluno terá de refazê-lo.
- O aluno deve enviar as 5 Avaliações juntas para a FTB. Escolha uma das seguintes formas:
  1. Pessoalmente: Rua Azir Antonio Salto, 92 – Jd. São Paulo ou diretamente nos Intensivões no estande do SAA – Serviço de Atendimento ao Aluno.
  2. Pelo correio: Caixa Postal 12025 – CEP 02046-010 – São Paulo/SP.
  3. Por e-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)

## **PREENCHIMENTO DAS AVALIAÇÕES**

- A avaliação é individual, portanto cada aluno deve fazer a sua própria e não copiar de outro aluno ou enviar cópias com respostas idênticas, mesmo que haja parentesco ou estudo em grupo (somos cristãos e devemos sempre agir com honestidade). Caso sejam detectadas provas idênticas, elas serão automaticamente canceladas.
- Coloque no cabeçalho (início da folha) as seguintes informações: nome completo, telefone atualizado, número da matrícula ou contrato, que é o seu RA (Registro do Aluno), e número do módulo. Exemplo: Fulano de tal – Fone: (xx) 0000-0000 – R.A. 00.000 – Módulo 3 – Espiritualidade
- Se a avaliação for manuscrita, escreva com letra legível, em um papel pautado (com linhas); se for digitada, utilize papel branco, “de preferência” não reutilizado.
- Se preferir enviar suas avaliações via e-mail, você deve digitá-las em Word, sempre seguindo as orientações descritas neste manual, e anexá-las uma a uma (um documento para cada avaliação). Não coloque todas as avaliações num único documento. Depois envie para: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)
- Numere as avaliações na mesma ordem em que se encontram no módulo.
- Não escreva no verso da folha; faça somente uma avaliação por folha; nunca coloque duas avaliações na mesma folha para aproveitar papel; nunca use pedaços de papel para completar respostas; seja ordeiro e caprichoso ao fazer suas avaliações. Já recebemos avaliações totalmente mutiladas,

sujas, amassadas, e isso pode gerar o cancelamento da sua prova e conseqüentemente a reprovação do aluno na matéria correspondente.

- Nunca envie somente as respostas. Sempre digite ou escreva a pergunta e depois a sua respectiva resposta, uma a uma. Fazendo assim você acelera o processo de correção das suas provas.
- As respostas devem expressar exatamente o conceito apresentado no módulo, exceto aquelas que sejam dissertativas.

## **CURSOS OFERECIDOS**

- BÁSICO EM TEOLOGIA (1 ano em média)
- MÉDIO EM TEOLOGIA (2 anos em média)
- BACHAREL EM TEOLOGIA (3 anos em média)
- PÓS-GRADUAÇÃO (1 ano em média)
- GREGO E HEBRAICO (6 meses)
- ARQUEOLOGIA BÍBLICA (6 meses)
- MISSÕES TRANSCULTURAIIS (6 meses)
- APOLOGÉTICA CRISTÃ (1 ano)
- VOCAÇÃO MINISTERIAL (3 meses em média)
- TEOLOGIA TEEN (8 meses em média)

## **CONFISSÃO DOUTRINÁRIA**

A FTB professa fé cristã como exemplificado pelos cinco lemas da Reforma Protestante: Sola Fide (Somente a fé); Sola Scriptura (Somente as Escrituras); Solus Christus (Somente Cristo); Sola Gratia (Somente a Graça); Soli Deo Gloria (A Deus toda glória):

- Cremos que a Bíblia é a Palavra de Deus, divinamente inspirada e sem erro quando escrita em sua forma original, sendo a única regra de fé e de prática do cristão (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.21).
- Cremos em um só Deus Eterno que subsiste em uma Trindade de Pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo (Jo 15. 26), as quais são coeternas e de igual dignidade e poder (Mt 3.16-17).
- Cremos na divindade do Filho de Deus, na sua encarnação, no seu nascimento virginal (Lc 1.35), na sua morte expiatória (Ef 1.7), na sua ressurreição, bem como em sua ascensão e intercessão como nosso único mediador (Hb 7.25).
- Cremos na justificação somente pela fé (At 10.43; Rm 3.24, 10.13).
- Cremos na obra do Espírito Santo para a regeneração e para a santificação (Hb 9.14).
- Cremos que a verdadeira Igreja – o corpo de Cristo (Ef 1.23) – é formada por todos aqueles que confiam em Cristo como seu Salvador, somente pela fé (Ef 2.8-9; 1 Co 12.13), cuja responsabilidade e privilégio é proclamar o Evangelho até os confins da Terra (Mt 28.19-20).
- Cremos na imortalidade da alma, na segunda vinda do Senhor (Tt 2.13), na ressurreição do corpo, no julgamento do mundo por Jesus Cristo, na bem-aventurança dos justos e na punição dos ímpios (1 Co 15.25-27).

# CONHEÇA A GRADE



## NÍVEL FUNDAMENTAL

5 LIVROS DIDÁTICOS

- TAMANHO 21 CM X 27,5 CM

Obs.: Contendo Infográficos e ilustrações

### MÓDULO I

1. Doutrina de Deus – Teologia
2. Doutrina da Bíblia – Bibliologia
3. Geografia Bíblica
4. Panorama do Antigo Testamento
5. Metodologia Científica (Matéria suplementar)



## NÍVEL INTERMEDIÁRIO

4 LIVROS DIDÁTICOS  
+ 5 MÓDULOS DO FUNDAMENTAL

- TAMANHO 21 CM X 27,5 CM

Obs.: Contendo Infográficos e ilustrações

### MÓDULO VI

1. Língua Portuguesa
2. Gestão Ministerial
3. Cosmovisão Cristã
4. Arqueologia Bíblica I
5. Práticas Devocionais (Matéria suplementar)



## NÍVEL BACHAREL

4 LIVROS DIDÁTICOS  
+ 9 MÓDULOS DO FUNDAMENTAL  
E INTERMEDIÁRIO

- TAMANHO 21 CM X 27,5 CM

Obs.: Contendo Infográficos e ilustrações

### MÓDULO X

1. Filosofia geral
2. Sociologia
3. Didática
4. Exegese Bíblica I
5. Cidadania (Matéria suplementar)

## VANTAGENS EXCLUSIVAS AO ALUNO FTB:

- **Matérias suplementares de práticas ministeriais.** Com isso, será capacitado para viver o dia a dia da igreja local;
- **Mensalmente, terá aulas intensivas presenciais com professores renomados;**
- **Assistência integral do coordenador do curso, tanto pela Internet quanto por telefone ou pessoalmente;**
- **Estágios supervisionados nas igrejas, a fim de que desenvolva melhor suas habilidades e conhecimentos;**

# CURRICULAR DA FTB

## MÓDULO II

1. Doutrina de Cristo – Cristologia
2. História de Israel
3. Doutrina dos Anjos – Angelologia
4. Panorama do Novo Testamento
5. Práticas Litúrgicas (Matéria suplementar)

## MÓDULO III

1. Doutrina do Espírito Santo – Pneumatologia
2. Doutrina do Pecado – Hamartiologia
3. Doutrina do Homem – Antropologia
4. Doutrina da Salvação – Soteriologia
5. Espiritualidade (Matéria suplementar)

## MÓDULO IV

1. História da Igreja I
2. Doutrina da Igreja
3. Escatologia
4. Heresiologia I
5. Louvor e Adoração (Matéria suplementar)

## MÓDULO V

1. Doutrina de Missões – Missiologia
2. Evangelismo Estratégico
3. Hermenêutica I
4. Homilética
5. Vida Familiar (Matéria suplementar)

## MÓDULO VII

1. História da Igreja II
2. Ética Cristã
3. Heresiologia II
4. Língua Hebraica I
5. Ministério Infantil (Matéria suplementar)

## MÓDULO VIII

1. Teologia do Antigo Testamento
2. Teologia do Novo Testamento
3. Hermenêutica II
4. Missões Transculturais
5. Estratégias de Comunicação (Matéria suplementar)

## MÓDULO IX

1. Liderança Cristã
2. Língua Grega I
3. Apologética Cristã
4. Aconselhamento Pastoral
5. Planejamento da vida (Matéria suplementar)

## MÓDULO XI

1. História da igreja III
2. Arqueologia Bíblica II
3. Língua Hebraica II
4. Língua Grega II
5. Política (Matéria suplementar)

## MÓDULO XII

1. Filosofia Teológica
2. História de Missões
3. Pedagogia Geral
4. Religiões Comparadas
5. Meio Ambiente (Matéria suplementar)

## MÓDULO XIII

1. História da Igreja Brasileira
2. Filosofia Teológica
3. Exegese Bíblica II
4. TCC – Trabalho de Conclusão do Curso
5. Direito (Matéria suplementar)

- Carteirinha Funcional de Estudante, por meio da qual terá desconto de até 50% em entradas de programas culturais e livrarias;
- Aulas de reforço em nossos programas de rádio e TV e em nosso site na internet;
- A grade de matérias mais completa do Brasil, ampliando assim os seus conhecimentos;
- Diploma de conclusão de caráter interdenominacional e com o respaldo das principais igrejas evangélicas brasileiras.





# FILOSOFIA TEOLÓGICA





# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>1. PERÍODO PRÉ-SOCRÁTICO</b> .....	<b>14</b>
<b>2. O NASCIMENTO DA FILOSOFIA OCIDENTAL</b> .....	<b>17</b>
<b>3. A ESCOLA MILÉSIA</b> .....	<b>21</b>
<b>4. HERÁCLITO, DE ÉFESO</b> .....	<b>23</b>
<b>5. ESCOLA ELEÁTICA</b> .....	<b>25</b>
<b>6. METAFÍSICA</b> .....	<b>29</b>
<b>7. OS ATOMISTAS</b> .....	<b>30</b>
<b>8. A SOFÍSTICA</b> .....	<b>34</b>
<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>38</b>



## INTRODUÇÃO

Diante do desafio de um curso introdutório à filosofia, optamos pela abordagem histórica da filosofia, que permite estabelecer o fio condutor do surgimento da filosofia. Isso porque se o filosofar não é uma atividade solitária, mas se faz no diálogo entre os pensadores quando explicitam suas divergências, esse debate também se estende à tradição dos antepassados cuja herança precisa continuamente ser reavaliada.

Defendemos a idéia de que a iniciação filosófica não só é necessária como também deveria ser obrigatória do ponto de vista pedagógico, por ser muito importante para a formação integral de todos os alunos. Os estudos sobre filosofia são, provavelmente, os que mais populam as bibliotecas contemporâneas. No campo dessa vasta literatura, o texto que aqui apresentamos não tem nenhuma pretensão à originalidade. Essencialmente, o pensamento filosófico consiste na rememoração de um passado de pensamento e no esforço, como diria Hegel, de uma retransição sempre renovada no conceito, levado a cabo segundo as condições intelectuais de determinado tempo histórico, de seus problemas e desafios.

A modesta obra que ora oferecemos ao leitor tem por alvo primeiramente situar a Filosofia no panorama das Ciências Humanas e estabelecer sua especificidade como saber da natureza humana. Em seguida propor uma rememoração dos grandes modelos do pensamento filosófico ao longo da história.

Novamente, devemos advertir o leitor que é nosso propósito oferecer aqui mais um compêndio de Introdução à Filosofia entre os muitos e excelentes que já existem e que citamos na bibliografia geral. Assim, esse não é um livro para o grande público. A tecnicidade do vocabulário não torna seu estudo penoso, pois seu estilo é agradável e sua linguagem acessível.

Segundo Aristóteles, a filosofia começa com o desejo natural que todos têm de conhecer a verdade. Todavia, o desejo de conhecer a verdade é uma coisa, mas encontrar a verdade é outra completamente diferente. Se se busca a verdade com sinceridade, deve-se aprender a aplicar corretamente a filosofia à vida. Podemos não nos sentir a vontade com o termo filosofia, mas usamos filosofia o tempo todo. Quando pensamos a respeito da vida, usamos a lógica, e a lógica é um ramo da filosofia.

Alguns acham que a filosofia se reserva apenas para pessoas com alto nível de escolaridade, mas essa idéia não é verdadeira. Entendiam os helênicos que a filosofia era tão útil para o artesão inculto da época quanto para o estudioso. Logo, a filosofia pode vir a ser uma ferramenta muito importante.

Nossa expectativa é que você examine esses assuntos com os olhos atentos e com a alma sedenta. A verdadeira filosofia se encontra na Palavra de Deus e na revelação do Deus da Bíblia.

## 1

## PERÍODO PRÉ-SOCRÁTICO

Filosofia e sabedoria. Não temos a menos dúvida sobre a íntima relação existente entre sabedoria e filosofia. Essa verdade fica evidente em sua relação etimológica. Mas fica desde já entendido que nessa relação ocorre um nexos psicológico semelhante ao que deparamos, por exemplo, na relação direito e justiça. A justiça, em princípio, sobrepõe ao direito; este tem por objetivo alcançá-la. Mas deixando-se de lado essas considerações estranhas ao nosso estudo, tanto o direito quanto à justiça como dizia Aristóteles: “concernem às coisas humanas”.<sup>1</sup> Assim, a maior preocupação clássica com a justiça, tem um desenvolvimento histórico semelhante ao da primeira relação destacada - sabedoria e filosofia -, até que o direito se coloque na precípua posição de único meio, humano, de a justiça ser alcançada, realizada.

Assim, a sabedoria sobrepõe à filosofia, pois esta tem por objetivo alcançá-la, atingi-la. O patamar clássico tratava da sabedoria humana; a filosofia, subordinada à sabedoria, surge, conceitualmente, depois, para afinal substituir, ou inverter, a hierarquia, como na relação direito, justiça, considerando a filosofia o único meio de se alcançar à sabedoria humana.

A mitologia grega evidentemente cuidou, como de resto, também desta relação entre sabedoria e filosofia. A deusa Palas Atena, protetora de Atenas, era ao mesmo tempo a deusa da sabedoria, como também patrona da filosofia. A filosofia tem como seu símbolo popular, a coruja; muitas vezes nos têm perguntado por que, e já insinuaram que seria pelo olhar enigmático, “sábio”, que a coruja tem; quase isto: Atena tem olhar brilhante, um olhar de bronze, que lhe confere o apelido de “Glaucópis” (glaukwpiV): olhar brilhante e assustador, que lembra o da coruja, pássaro de olhar fixo e luminoso que passa por possuir um poder fascinante e hipnótico, semelhante ao escudo com a máscara de um só olho da Górgona, usado pela deusa. Atena ama a coruja dado ela representar a meditação que se produz nas trevas; - assim, por tudo isto e para azar da coruja, tornou-se ela o animal sacrificado nas cerimônias religiosas em homenagem à deusa e conseqüentemente o símbolo da filosofia.

Muitos, alguma vez, já ouviram falar no “voto de Minerva”. Este voto notável, que liga Palas Atena (Minerva, para os romanos) ao direito e à justiça, além da filosofia e da sabedoria e, portanto, à disciplina Filosofia do Direito, foi proferido, segundo a mitologia grega homérica, - que costuma misturar em um só cadinho os anais da verdadeira história dos povos gregos primitivos com sua religião olímpica -, em delicado e especial julgamento.

Em rápidas palavras, Agamenon, rei de Micenas, ao retornar da guerra de Tróia, é surpreendido pela sua esposa, Clitemnestra, e seu amante, Egisto, e assassinado durante o banho, à sua chegada, usurpando-lhe, o casal, liderado por Clitemnestra, a rainha, o trono. Orestes, seu filho, inspirado e protegido pelo deus Apolo e instigado pela irmã Electra, vinga a morte do pai assassinando a mãe, Clitemnestra, e o amante, Egisto. A rainha havia sido prevenida em sonhos da ação de Orestes e então, através de suas preces, lança contra ele as Fúrias (Erínias, ou Eumênides), deusas violentas e perseguidoras implacáveis. Sempre amparado por Apolo, Orestes foge para Delfos (cidade apolínea) para se proteger das Fúrias.

Porém, sabendo serem elas implacáveis, e ainda aconselhado por Apolo, Orestes foge para Atenas e resolve procurar o julgamento de Palas Atena que, em lugar disso, o submete à decisão de um tribunal formado pelos mais ilustres cidadãos daquela cidade, no Areópago, colina situada junto ao local onde mais tarde seria erigido o seu templo, na Acrópole.<sup>2</sup> Ali foi Orestes julgado pela morte da mãe. A questão era: Clitemnestra matara o marido, que dela não era consanguíneo e Orestes matara a mãe, sua consanguínea. Qual o crime mais grave?

**1** Citação de definição de Aristóteles (383 – 322 a.C) para filosofia.

**2** Acrópole (ou Acropolis), cidade alta: topo de colina onde está o Partenon (templo de Palas Atena).

Alguns historiadores interpretam o relato do julgamento inserto na peça “As Eumênides”, de Ésquilo 3, como sendo, na verdade, julgamento do patriarcado, representado pelo poder de Clitemnestra. Orestes representaria o patriarcado, que ainda não havia se firmado como regime econômico dominante naquela época remota. O tribunal que julgou Orestes recebeu o nome do local onde se reuniu, Areópago 4, que passou a ser a denominação do tribunal superior de Atenas. No julgamento intervieram: o coro das Eríneas, na acusação, o deus Apolo, na defesa, Palas Atena presidindo os trabalhos. Os magistrados votaram, e a votação terminou empatada. Um impasse. Palas Atena teve de proferir o seu voto, desempatando a lide. E ela decidiu: como? Orestes foi absolvido!

Você já deve ter ouvido falar que a expressão filosofia, vinda do grego, significa “amor à sabedoria”. Os radicais gregos formadores da palavra podem ser traduzidos desse modo. Porém, deve-se remover o caráter simplista da expressão resultante da tradução. Vejamos a formação da palavra, no grego, com seu conteúdo linguístico:

φιλία – *philia* – (filia): amizade, afeição viva, ou amor (sem a idéia de sensualidade ou sexo) resulta no radical filo – *philo* – (filo), utilizado na formação de um sem-número de vocábulos gregos e latinos.

Φίλο – *philo* – (filo), significa: amigo (...de alguém), ou quem, sem sexualidade, ama (alguém ou alguma coisa). Exemplos: quem ama as uvas (amante do vinho, ou das uvas); designa ainda amor... ao poder, à pátria, ao lucro, à vitória, ao dinheiro.<sup>5</sup>

Σοφία – *sophia* – (sofia): sabedoria (gênero) e ainda:

sabedoria prática;

saber;

ciência;

arte;

habilidade (em geral);

habilidade manual;

artesanato.

Daí resulta: φιλοσοφία – *philosophia* – (filosofia), com os significados, em grego, sobretudo o antigo, de amor... “à ciência; à pesquisa; à prática de uma arte ou ciência; ou, a cultura intelectual em si, a ciência em si mesma, o exercício prático de uma arte ou ciência quaisquer...”, o que resulta afinal em uma pesquisa da essência das coisas, estudo da natureza, e principalmente a procura da verdade.

Percebe-se que o verbete, rico de significados, em língua grega não se restringia à significação concisa de hoje. Em suas origens provinha de expressão de uso popular. Em verdade, o “popular” a que nos referimos, em se tratando de Grécia antiga, significa uso quase erudito para nós. A sociedade grega era uma sociedade escravista, aristocrática, que encarava o trabalho, sobretudo o mercenário, como indigno. Os escravos, junto com os estrangeiros (*metecos*) e os pobres ou não proprietários (*tetes*), arcavam com todos os tipos de trabalho necessário à manutenção da sociedade, tarefas práticas, sujas, no campo e na cidade, e deviam utilizar linguajar mais próximo do que hoje entendemos por “popular”.

Portanto, filosofia era expressão de uso corrente que foi adquirindo, ao longo do tempo, o sentido atual. Para o grego antigo a sabedoria estava acima da filosofia. Este era o entendimento entre os pré-socráticos. A partir de Sócrates e, principalmente, pela definição de Platão incorporada, de forma enxuta, por Aristóteles, o verbete *filosofia* adquiriu conteúdo etimológico próximo do seu sentido moderno<sup>6</sup>: “a filosofia concerne às coisas huma-

**3** Ésquilo, “Orestíada – As Eumênides, Quadro II”.

**4** O Areópago era situado ao lado da colina da Acrópole, em Atenas, local onde havia sido julgado o deus Ares (Marte) por homicídio, que lhe emprestou o nome: *ares+pagos* (colina). Há uma segunda versão: as Amazonas descansavam de uma guerra naquele local e resolveram erguer um altar para venerar o seu deus protetor, Ares; a partir daí a colina recebeu essa denominação.

**5** São exemplos em nosso idioma: *bibliófilo* (quem coleciona ou ama os livros); *filocínico* (amigo ou criador de cães); *filógino* (admirador das mulheres, mulherengo); *filologia* (estudo do idioma); *filólogo* (estudioso do idioma); *filodérmico* (bom para a pele).

**6** Alguns historiadores atribuem a Heráclito, de Êfeso, a utilização por vez primeira dos termos “filosofia” e “filósofo” referindo-se à sua atividade intelectual; outros afirmam ter sido Pitágoras o primeiro a designar-se filósofo, por modéstia, em lugar de sábio. □

nas”, é atributo do intelecto humano, da sabedoria humana: refere-se ao homem e ao seu comportamento. Tem seu substrato <sup>7</sup> no ser humano.

Voltando um pouco à etimologia destacamos que o radical *philo* passou do grego para o latim, como integrante significativo de (como entre nós, no português): simpatia, adesão, torcida, amizade, admiração, engajamento, sujeição intelectual, inclinação, tendência. E *sophia*: a *sabedoria*. Modernamente podemos extrair da união desses radicais o verbete:

**FILOSOFIA (ΦΙΛΟΣΟΦΙΑ)**: 1) Filosofia; 2) lógica; 3) moral; 4) ética; 5) estética; 6) metafísica; 6) doutrinas e escolas filosóficas. <sup>8</sup>

A partir do latim a expressão percorreu caminho inverso ao do grego. De palavra de uso erudito, adquiriu significações correntes. O povo latino, o mais culto em sua época e possivelmente em todas as épocas fazia uso em seu linguajar diário de palavras de conteúdo erudito.<sup>9</sup> E tal costume nós, de origem latina, herdamos: a expressão “mora na filosofia”, por exemplo, é expressão popular, compreensível a todos, utilizada até no cancionário popular.

O pensador polonês Bochenski, observa: “Filosofia é um assunto que não interessa só ao especialista porque, por mais estranho que isto pareça, provavelmente não há homem que não filosofe; ou, pelo menos, todo homem se torna filósofo em alguma circunstância da vida. Isto vale antes de tudo, para nossos cientistas, historiadores, artistas. Todos eles, mais cedo ou mais tarde, costumam ocupar-se com a filosofia. Não afirmo que, com isso, eles prestem um grande serviço à humanidade. Os livros dos que se põem a filosofar sem serem por profissão filósofos, ainda que sejam eminentes físicos, poetas ou políticos são em geral medíocres e contém uma filosofia infantilmente ingênua e o mais das vezes falsa. Mas isso é aqui secundário. O importante é que todos nós filosofamos, e até parece que estamos obrigados a filosofar”.<sup>10</sup>

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

### Capítulo 1

- 1) Porque a sabedoria sobreleva à filosofia?
- 2) Como era o nome da deusa protetora de Atenas?
- 3) Atena tem olhar brilhante, um olhar de bronze, que lhe confere qual apelido?
- 4) Qual o nome de Palas Atena entre os romanos?
- 5) Quem escreveu a peça “As Eumênides”?
- 6) No entendimento dos gregos pré-socráticos, a sabedoria estava acima do que?
- 7) O radical *philo* passou do grego para o latim, como integrante significativo de?

**7** Outra definição clássica de Aristóteles é a incorporada por Tomás de Aquino: “estudo dos primeiros princípios e dos últimos fins”.

**8** Hoje muitos especialistas consideram a filosofia apenas constituída da metafísica, achando que as demais devem ser consideradas ciências autônomas.

**9** VICO, G. in “De l’antique sagesse d’Italie” Paris/França, Ed. Flammarion.

**10** BOCHENSKI, J. M. “Diretrizes do Pensamento Filosófico” SP, Ed. Herder.

## 2

## O NASCIMENTO DA FILOSOFIA OCIDENTAL

Como acabamos de dizer, filosofar é uma atividade que todos, um dia, nos dedicamos, sem por isso tornarmos-nos filósofos. Citamos a opinião precisa do pensador polonês Bochenski a respeito do assunto. Reforçamos com um exemplo familiar a todos nós, brasileiros: o futebol. Qualquer brasileiro entende de futebol a ponto de se julgar apto a escalar o time da seleção brasileira. Mas a atividade de treinador de futebol é profissional, depende de especialização para ser exercida. Assim, qualquer desses “técnicos” de rua não saberia o que fazer, por onde começar, se em uma segunda-feira qualquer se vissem às voltas com um verdadeiro conjunto de futebol profissional a fim de prepará-lo para o próximo jogo.

Para operar qualquer sistema ordenado, seja filosofia ou futebol, é necessário, além da noção dos elementos essenciais que o compõem, ter-se método. Sem método nada é possível. Diz Descartes, ao iniciar o seu *Discurso sobre o método*: “O bom senso é a coisa mais bem dividida do mundo, pois cada qual julga estar tão bem dotado dele que mesmo os mais difíceis de contentar-se em outras coisas não costumam desejá-lo mais do que possuem”.<sup>11</sup> Mas para construir ou entender uma ciência, não basta o bom senso: é necessário método. Na antiguidade a atividade filosófica abrangia todo o campo do saber humano identificado com o conceito de “sabedoria”. Os “sábios” deveriam, para tanto, ser dotados de ecléticos conhecimentos, que abrangessem quase todo o conhecimento científico da época em que vivessem.

A cristalização do conceito do verbete “filosofia” como hoje o empregamos, e que entendemos ter evoluído de um primitivo sentido de “amor à sabedoria” às definições eruditas de Sócrates, Platão e Aristóteles, ocorre a partir da sua versão ao latim, quando fixa sua conceituação moderna. Em sentido atual filosofia comporta uma subdivisão de campo de estudo: ontologia (estudo do Ser) e gnosiologia (teoria do conhecimento ou, à moda cartesiana, teoria do método).

Com todas as perdas sofridas através dos tempos<sup>12</sup>, mediante a especialização de seus ramos, resta incontestada no interior do corpo da filosofia: a) metafísica; b) ética; c) moral; d) estética; e) lógica.<sup>13</sup> Para melhor compreensão do que estamos nos referindo, é necessário transmitir alguns fundamentos básicos de filosofia, trilhando o curso histórico da disciplina. Essas noções são indispensáveis para que este estudo, devido às lacunas existentes nos compêndios em geral, além da omissão que há no ensino médio. Trata-se de conhecimentos básicos que, a rigor, o estudante deveria trazer em sua bagagem pré-universitária. Mas como isto em geral não ocorre, obrigamos a falha, a supri-la.

A denominação “filosofia ocidental” tem sua origem entre os gregos, mais precisamente entre os gregos habitantes das antigas colônias gregas da Ásia Menor (onde hoje se situa a costa turca mediterrânea) e da “Magna Grécia”, sul da Itália e Sicília. O filósofo inglês Henry Sumner Maine disse: “O princípio do progresso foi criado por um diminuto povo, o grego. Aliás, excetuando as forças da natureza, nada se move neste nosso universo que não seja grego”. Dando-se crédito a Maine, com a filosofia não poderia ser diferente. Não que a filosofia desenvolvida pelos povos que precederam culturalmente aos gregos seja pouco importante; apenas que voltada para o pensamento, a prática e a atitude religiosa em época em que a administração do estado confundia-se com a sacerdotal coloca-se em plano secundário em nosso estudo.

**11** DESCARTES, R. “Discurso sobre o método”. Editora Atena, SP.

**12** Manuel Garcia Morente, in “Fundamentos de Filosofia”, Ed. Mestre Jou, SP, 1980, pág. 30, afirma: “A História pulverizou o velho sentido da palavra “filosofia”. A História eliminou do continente filosófico as ciências particulares. O que restou é a filosofia.”

**13** A tendência contemporânea é identificar com o campo da gnosiologia apenas a metafísica.

A filosofia grega desenvolveu-se primeiro em suas colônias da Ásia Menor devido à influência da filosofia oriental, bem como do Egito e povos asiáticos do Oriente Próximo, inclusive os mesopotâmios, que às colônias chegou antes, por razão geográfica. Também influenciou, como se sabe, este desenvolvimento, o progresso econômico e comercial das colônias em relação à metrópole, ainda dominada à época pela aristocracia agrícola, mais conservadora e menos democrática. A ciência egípcia e sua pioneira organização administrativa e econômica; a religiosidade dos povos do deserto, bem como a dos orientais; o alfabeto persa, evoluído da escrita cuneiforme e, sobretudo, o alfabeto fenício, serviram de base ao grego que, *apenas*, acrescentaram a este último as vogais.<sup>14</sup> Tudo isto aportou primeiro às colônias, em idade que hoje podemos qualificar de “clássica”, a partir do século VII a.C.

Realmente, regiões como a Jônia, a Lídia e a Cária, graças ao pujante comércio de suas cidades como Pérgamo, a própria e famosa Tróia, de cultura desenvolvida antiquíssima, inclusive devido à domesticação e criação de cavalos, Esmirna, até hoje existente e importante porto turco, Éfeso, Mileto, Samos, Sardes, entre outras. Estas cidades alcançaram níveis destacados de desenvolvimento econômico, na região que corresponde hoje ao território da Turquia e arredores. O consequente desenvolvimento científico e social, advindo do desenvolvimento econômico, propiciou o nascimento do que se denomina “*filosofia ocidental*”.

Bertrand Russell, em sua conhecida como *História da Filosofia*, a inicia com as seguintes palavras, enfocando o tema: “Em toda a história, não há nada tão surpreendente nem tão difícil de explicar como o repentino aparecimento da civilização na Grécia. Muito do que constitui uma civilização já havia existido, milhares de anos antes, no Egito e na Mesopotâmia, estendendo-se aos países vizinhos. Mas faltavam certos elementos que foram fornecidos pelos gregos. O que estes realizaram na arte e na literatura é conhecido de toda a gente, mas o que realizaram no campo puramente intelectual é ainda mais excepcional. Inventaram as matemáticas, a ciência e a filosofia; foram os primeiros a escrever histórias, em lugar de meros anais; especularam livremente sobre a natureza do mundo e as finalidades da vida, sem que se achassem acorrentados a qualquer ortodoxia herdada. Foi tão espantoso o que ocorreu que, até recentemente, os homens se contentavam em ficar boquiabertos e a falar misticamente do gênio grego”.

O nascimento da filosofia ocidental a que nos referimos se deu, exatamente, na região denominada Jônia, situada, como dissemos, no continente asiático, especificamente nas proximidades da Grécia europeia, às margens do Mar Egeu que banha a parte oriental da península grega. A região, que fora colonizada pelos gregos, constituía-se em uma extensa colônia denominada Dodecápole Jônia, ou seja, uma confederação que gozava de grande autonomia em relação à metrópole e era formada por doze cidades, entre as quais despontavam Éfeso e Mileto. O comércio marítimo era seu forte, além de uma desenvolvida agricultura; servia de portal da Ásia para o Mediterrâneo, daí sua importância comercial e a influência que sofria da Ásia. De lá advinham, além das mercadorias objeto de sua existência, o hábito de filosofar, típico dos povos orientais. O apogeu da região ocorre a partir do século VII a.C.

A atividade que hoje entendemos como filosófica era, literalmente, exercida então pelos “*sábios*”, amantes e cultores da sabedoria. E a um deles, Tales, de Mileto, é atribuída a criação do que podemos nomear como a primeira escola filosófica.

Considera-se como característica do trabalho de um filósofo, a capacidade deste de conseguir criar um sistema filosófico e, eventualmente, formar uma escola filosófica. O mínimo, porém, é a montagem de um verdadeiro sistema. Podemos perfeitamente atribuir este costume à origem mesma da filosofia ocidental com Tales de Mileto.

Tales, que segundo o historiador Apolodoro viveu entre 624-546 a.C., é considerado o pai da filosofia grega e, conseqüentemente, da Ocidental. Foi o primeiro a merecer, na antiguidade, o designativo de “*sábio*”, conforme disse o historiador clássico Diógenes Laércio, em sua obra, datada de 250 d.C., conhecida como “*Vida e Opini-*

**14** Bertrand Russell, in “*História da Filosofia Ocidental*”, Cia. Ed. Nacional, SP, 1957, vol I, pág. 13, comenta: “Os gregos, tomando-o dos fenícios, modificaram o alfabeto para que este se adaptasse ao seu idioma, realizando a importante inovação de acrescentar-lhe vogais, em lugar de empregar somente consoantes.”

ões dos Filósofos”, e que o incluiu na relação denominada “os sete sábios da Grécia antiga”.<sup>15</sup>

Há dúvida quanto ao local de seu nascimento, sendo Mileto sua cidade de adoção; Heródoto, o historiador (480-425 a.C.), atribui-lhe origem fenícia<sup>16</sup>, a qual explicaria melhor sua passagem pelo Egito e o conhecimento da escrita babilônica que possibilitou o estudo das mencionadas tábuas astronômicas em sua estada em Sardes. Diz ainda Heródoto que era Tales descendente de pai Cário e mãe grega, embora nascido na Fenícia.

Ele foi legislador em Mileto e acumulava conhecimentos sobre todas as atividades humanas elevadas conhecidas, inclusive matemáticas e astronomia. Aliás, a determinação exata da época em que viveu se deve ao fato de haver previsto um eclipse total do sol ocorrido em 28/05/585 a.C., provavelmente a partir de estudos que fizera em Sardes, capital da Lídia, de tábuas astronômicas babilônicas.<sup>17</sup> Portanto, nesta data, início do século VI a.C., ele já gozava da notoriedade necessária ao registro desse feito.

Atribui-se a ele ainda a criação do famoso conjunto de teoremas que leva seu nome, em um e outro caso fruto do amadurecimento de conhecimentos astronômicos e matemáticos adquiridos no Egito, de onde trouxe também conhecimentos sobre meteorologia e seriação de tábuas de maré que iriam, no primeiro caso, render-lhe vultosa soma financeira,<sup>18</sup> e no segundo, permitir-lhe produzir estudo preciso das marés na região de Mileto que propiciaram a esta, sob sua direção e, agora atuando como engenheiro, a construção de seguro e abrigado porto, fonte de imediata prosperidade e hegemonia comercial na região.

Dele disse Aristóteles: “Foi o fundador dessa classe de filosofia”, a chamada filosofia jônica, ou mesmo grega, que especulava sobre a origem das coisas e a natureza da matéria. De sua vida singular, narram-se vários episódios. Tão absorto vivia e andava, presa de suas investigações e elucubrações que, certa vez, contemplando as estrelas, caiu em um poço. Não morreu... ainda bem para a filosofia. Na área política, idealizou para a Jônia um inédito e precursor estado federal que congregasse todos os povos e cidades da região. Um estado democrático federativo imaginado àquela época é algo realmente espantoso.

Foi, além de filósofo, matemático, astrônomo e estadista, engenheiro, como vimos, idealizador e construtor do porto de Mileto. E talvez tenha sido o primeiro a sistematizar os conhecimentos esparsos dos desenhistas e projetistas egípcios, voltados sempre à solução de problemas particulares, mas com técnica uniforme e desenvolvida, ainda que pouco difundida – a questão da difusão e divulgação científica egípcia talvez esbarre na dificuldade de registro através da complicada escrita hieroglífica. A partir de seus estudos no Egito, Tales criou a primeira geometria dedutiva fundamentada em teoremas gerais de que se tem notícia.

Consta que, nessa ocasião, ensinou aos seus mestres egípcios um método, inventado naturalmente por ele, para medir a altura das pirâmides. O método consistia em medir a altura de um objeto pequeno, um homem por exemplo, e a altura da sua sombra projetada no solo em determinada hora e, simultaneamente, medir a sombra da pirâmide projetada no solo; mediante simples regra de três, então, apura-se a altura exata do monumento.

Era uma constante a preocupação dos homens de saber daquele tempo com a origem das coisas, do Universo. E os quatro elementos naturais, a água, o fogo, o ar e a terra, eram naturalmente frutos de especulação. Os pensadores dessa época, denominados “físicos”, se preocupavam especialmente com a origem de tudo o que existe: e elaboraram uma série de doutrinas sobre a *proto-substância*.

Tales, impressionado com o movimento e transformação de todas as coisas existentes, centrou sua filosofia na afirmação de que a água seria o elemento fundamental e a origem mesma do universo sensível. A umidade, dizia, identifica a vida; a morte tudo resseca; os germes da vida são sempre úmidos e a água, com seu incessante

**15 A relação dos sete sábios era: I) Tales, de Mileto (o primeiro e o mais ilustre); II) Bias, de Priena; III) Kilon, de Esparta; IV) Periandro, de Corinto; V) Cleóbulo, de Lindo; VI) Pítaco, de Mitilene; VII) Sólon, de Atenas.**

**16 Heródoto, in “História”, Brasília, Ed. UnB, 1985, I, n. 170, pág. 73.**

**17 Heródoto, (op. cit.), registra o fato (in I, n. 74, pág. 42). – A Tales também é atribuída a descoberta do norte verdadeiro determinado a partir de coordenadas baseadas na constelação da Ursa Menor, de inestimável valor para a navegação da época.**

**18 Tales, baseando-se provavelmente em seriações estatísticas aprendidas com os egípcios e que se destinavam ao registro dos ciclos de fartura e escassez agrícola das margens do Nilo, aplicou-as à sua região, Mileto, o que o levou a prever, para determinado ano, uma colheita abundante, após longo período de seca; antecipadamente, aplicou todo o seu capital e crédito na aquisição de trapiches e prensas para azeite, além de outros utensílios agrícolas que, com a revenda e locação por ocasião da safra, lhe proporcionou lucro estupendo.**

movimento devia e podia ser a origem de todas as coisas. Não devia ser desconhecida de Tales a natureza do movimento molecular da água e sua constituição química especial e elementar.

Raciocinava ele ainda que tudo deve se nutrir daquilo de que se origina e achava que a terra estava assente sobre a água. Ao perguntar-se o que as coisas são, ao indagar sobre o princípio delas, a origem de suas mudanças e mutações, enunciou Tales o problema capital da filosofia e com ele iniciou-se, historicamente, a filosofia ocidental, digamos, adulta.

Tales, como dissemos, responde à pergunta sobre a origem das coisas assinalando a água como o elemento fundamental, melhor dizendo, o úmido, que pela sua ação faz com que as coisas se alterem, por condensação ou dilatação. Porém este não é só o fundamento das coisas, aquilo em que as coisas consistem, senão o princípio da vitalidade de todo ser vivente. A propósito, cerca de sessenta por cento do nosso corpo é constituído de água.

Ele considerava ainda que o movimento impregnava e animava as coisas de sorte que a matéria se reduziria em última análise e afinal à alma, imperecível e imortal. Ainda que ingênua, a teoria filosófica criada por Tales, além de precursora, detém o valor de, pela vez primeira, alguém ter criado um verdadeiro sistema de natureza filosófica. Claro que se nota, dada à vida atribulada de Tales, que o sistema filosófico montado foi uma espécie de coroa do conjunto de sua atividade como sábio, cientista. Mas foi suficiente para fundar a primeira escola filosófica importante, a escola de Mileto, ou milésia, e dar o impulso inicial para a instituição disto que denominamos hoje, simplesmente, filosofia.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

### Capítulo 2

- 1) Para se construir ou entender uma ciência, não basta o bom senso. O que mais é necessário?
- 2) Na antiguidade a atividade filosófica abrangia todo o campo do saber humano identificado com o conceito de?
- 3) A filosofia grega desenvolveu-se primeiro em suas colônias da Ásia Menor porque motivo?
- 4) O nascimento da filosofia ocidental a que nos referimos se deu, exatamente, na região denominada?
- 5) A atividade que hoje entendemos como filosófica era, literalmente, exercida então pelos?
- 6) Onde nasceu Tales de Mileto?
- 7) Segundo Tales, qual seria o elemento fundamental para a origem do Universo?

## 3

## A ESCOLA MILÉSIA

Na filosofia grega a figura de Sócrates (469-399 a.C.) desponta como um marco divisor. Isto se deve ao fato de ter sido ele que, de forma marcante, trouxe a filosofia clássica para o interior do ser filosófico cognoscente, o homem. Contribuíram para este feito, é bem verdade, a atividade contemporânea dos filósofos sofistas, mas a personalidade exponencial de Sócrates ultrapassa em fama a todos eles. Isto justifica então ser ele o divisor entre a filosofia que lhe antecede, dita física, ou naturalista, ou cosmogônica, ou materialista, e a sua e dos seus pós-teros, centradas no homem, de caráter eminentemente antropológico. E os que o sucederam, também chamados socráticos menores, pode-se designar pós-socráticos.

A primeira escola filosófica forma-se em Mileto, à sombra da fama do sábio Tales, e é conhecida por Escola Milésia. Esta escola durou entre o apogeu dele, em torno do ano 600 a.C., até a morte de Anaxímenes, em 524 a.C.

Como já foi dito, os filósofos pré-socráticos fundamentavam suas especulações filosóficas na origem do universo e das coisas, da vida inclusive, atribuindo a força criadora aos elementos fundamentais conhecidos, o ar, o fogo, a terra e, como Tales, a água. Até que surgiu uma idéia nova com outros filósofos, tais como:

Anaximandro (610-547 a.C.), fugindo à regra, em sua obra “*Da Natureza*”, publicada no fim de sua vida e da qual só restaram fragmentos, inovou fazendo as seguintes considerações: O princípio de tudo era a *Arquê* (Ἀρκή)<sup>19</sup>, a Infinitude, força original e termo inicial da força criadora de todas as coisas, o *Apeiron* (Ἀπειρον), o Infinito. Da arquê, a infinitude, provinha à força criadora, o apeiron, o infinito, recobridor do finito, já que todas as coisas são finitas e têm no infinito sua natural limitação.

O cosmos assim é regido por uma lei biunívoca que abarca a tudo, um dualismo concentrador de todos os fenômenos, orgânicos e inorgânicos, viventes e não viventes: criador, criatura e morte. Este cosmos é, pois um gigantesco conjunto em que tudo se rege por uma íntima coerência de duas forças criadoras originais. É intrigante como esta teoria cósmica de Anaximandro faz lembrar a teoria do “*big-bang*” da astrofísica contemporânea.

Anaxímenes (588-524 a.C.) foi, naturalmente, discípulo de Anaximandro. Trabalhou ele com as mesmas idéias deste, extraíndo, contudo uma conclusão de natureza científica menos original e mais simples, quanto à origem do universo. Acrescentou, porém, um arremate filosófico de grande importância, fazendo nascer à primeira dicotomia filosófica significativa, no confronto das suas idéias com as do mestre. A proto-substância para Anaxímenes era única: o ar, ou *apeiros-arquê* (ἄπειρος-ἀρκή), uma força unívoca, em concepção rigorosamente monista.

O ar era o princípio dos corpos simples, produzindo tudo a partir da sua condensação ou rarefação; comprimido, criava o fogo, dilatado, a água e a terra. Da mesma forma que a concebida por Anaximandro para o *apeiron*, achava Anaxímenes que o ar recobria a todas as coisas e ao universo inclusive. Dizia que o ar recobria o universo da mesma forma que o ilimitado recobria o limitado. Mas não na forma que o estático recobre o dinâmico. Ao contrário, o ar é elemento vivo e dinâmico; é como a alma humana, um alento, ou um hálito que se contrapõe à passividade da matéria.

Para ele, o ar seria o mais democrático dos elementos, aquele que iguala a todos, pobres e ricos, fracos e poderosos, súditos e soberanos: todos dele dependem igualmente para sobreviver. Esta concepção ética de Anaxímenes traz a teoria cósmica de Anaximandro e a dele para contexto próximo da vida humana em sociedade, deixando a filosofia a um passo da perquirição dos imensos e complexos problemas antropológicos na relação

**19** Este vocábulo é radical componente de uma porção de palavras em que a idéia de antiguidade seja preponderante, como em arqueologia, arqueano, etc.

do homem com o Universo, com o Estado, com a religião, a política, a justiça, com a alteridade e o direito, com a moral e a ética.

O que nele se denota é a introdução conceitual de uma ética física (ou moral superior) que só com Sócrates e alguns sofistas iria passar a ocupar de forma consistente o centro das preocupações filosóficas, a partir daí centradas no homem.

Na filosofia, desde seus primórdios identificou-se um antagonismo entre lógica e dialética, do qual falaremos com a próxima exposição do pensamento de Heráclito e Parmênides, no campo da gnosiologia, ou teoria do conhecimento. Com Anaxímenes nasce outra dicotomia importante, no campo da ontologia, ou estudo do ser, entre monismo e dualismo. A proto-substância seria única ou dual, dúplice? Obedeceria a uma lei, ou determinação, unívoca ou biunívoca? Anaximandro a duplica, em “arquê” e “apeiron”. Anaxímenes a unifica, em “apeiros-arquê”, ou o ar. Aqui, veja-se, não interessa exatamente de qual substância se trata, mas sim da *idéia filosófica* defendida.

A consequência filosófica desta unificação é a consideração de que, sendo única a substância, esta só se altera qualitativamente mediante mudanças quantitativas, ou seja, o processo qualitativo de criação se processa no interior da substância única por alterações para mais ou para menos do fator energético nela contido. Trocando em miúdos, esta genial idéia de Anaxímenes parece ter-se originado da observação de que os corpos ao esquentar se dilatam e ao esfriar se contraem e que a água, por exemplo, ao se resfriar ou se aquecer, sofre uma mudança qualitativa, de estado, assim sendo, sob frio intenso muda seu estado líquido para sólido; e sob intenso calor, muda seu estado líquido para gasoso.

Este seria o processo de criação de tudo o que existe. Afirmava que por rarefação do ar se origina o fogo, e por condensação gradual, sucessivamente, o vento, a nuvem, a água, a terra e os objetos sólidos, duros (a pedra e demais minerais) e, em sentido universal, todos os astros e corpos celestes. Os seres orgânicos, os humanos em especial, também são formados pelo ar mais ou menos condensado e dotados de um sopro vital constituído da proto-substância pura, a alma.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

### Capítulo 3

- 1) Entre os gregos, qual filósofo se tornou um marco divisor na filosofia?
- 2) Para Anaximandro o princípio de tudo era o que?
- 3) Para Anaxímenes quem seria o mais democrático dos elementos, aquele que iguala a todos?

## 4 | HERÁCLITO, DE ÉFESO

Éfeso, próspera cidade jônia cujas ruínas, estupendas, com seu famoso templo a Artemis (Diana) conservado, ruas e calçadas pavimentadas em mármore, foi berço de Heráclito (576-480 a.C.), sem favor, um dos maiores pensadores de todos os tempos.

Sua biografia inclui uma notável atitude. Nobre, herdeiro do trono de sua cidade-estado, ao chegar o momento de ser coroado rei abdica o trono em favor de seu irmão. Atitude única a tomar por quem não podia perder um minuto de seu precioso ócio com coisas inferiores à pesquisa filosófica, como o simples reinar sobre seus súditos.

Consta ter sido discípulo de Anaximandro. Como nunca se afastou de Éfeso, é provável que não tenha sido aluno direto do milésio; contemporâneo, porém, tanto de Anaximandro quanto de Anaxímenes, e vivendo na mesma região, é impossível que não tenha recebido influência desses seus ilustres antecessores.

Seu pensamento exerce pesada influência filosófica e científica até nossos dias. Foi talvez o primeiro a perceber a necessidade de separar a especulação filosófica em torno da origem do universo e das coisas, da metodologia científica empregada na especulação, apartar a ontologia da gnosiologia. Dizia: “uma coisa é saber muito, outra é entender”.

Na ontologia surpreendeu com sua original concepção do *logos* (λογος), força natural identificada com a criação do universo, impressa, e por isso reconhecível, em todas as coisas, inclusive no intelecto humano, este também criado pelo *logos* e por ele indelevelmente marcado.

*Logos*, verbete grego com ampla significação<sup>20</sup> é utilizado por Heráclito no sentido de força criadora original, consistindo na própria essência da natureza impregnada na inteligência humana concedendo a capacidade racional do homem<sup>21</sup>. “A luta”, afirmava, “é justiça; da luta resulta a harmonia”. Isto é, da luta, mesmo tratando-se de uma guerra, resulta a justiça; da luta, da oposição de contrários, resulta harmonia. O fogo é puro, dizia Heráclito, a água ignóbil; mas da sua combinação surgem todas as coisas. O úmido, originado da água, é benéfico em relação à secura proveniente do fogo. Porém o melhor está na alma mais seca, do que na mais úmida.<sup>22</sup>

E na gnosiologia, ou teoria do conhecimento, criou, pode-se assim dizer, o método *dialético*. A dialética, segundo ele, a chave para o entendimento da natureza, redutora de um *duplo processo lógico* natural coordenador de contrários, antagônico em regra e dinâmico sempre, era o processo pelo qual o *logos* a tudo criava. Este processo, suscetível de ser captado pelo *logos* (inteligência) do homem, colocava ao seu alcance a verdade física universal *impressa* em todas as coisas e por isto, apesar de estarem em permanente movimento (dinâmica universal), podiam ser entendidas pela sabedoria humana. E esta, a inteligência, nada mais era que fruto supremo do processo criador natural. Este processo dialético natural, ou simplesmente procedimento da natureza, identificado e captado pelo *logos* humano (razão) é causa de todo conhecimento científico.

Na idealização da sua dialética metodológica Heráclito inspirou-se, no plano racional, no teatro. À oratória, montada em discurso unívoco, dito monólogo, o autor teatral contrapõe um discurso biunívoco, montado em discurso plural, dito diálogo. Assim, a mensagem do teatro se produz mediante forma dialogada, com a expo-

**20** *Logos*, em grego, significa a palavra, a ordem, a razão, a inteligência, a razão divina, o verbo divino e, por corolário, saber filosófico. (V. A. Bailly, *op. cit.*, verbete *logos*, pág. 1.200/1).

**21** Esta idéia é usada por Hegel; cito comentário do Prof. O. Litrento (*op. cit.*, pág. 150): “Objetando Kant, que considera o conhecimento do absoluto impossível, Hegel afirma não existir limites ao conhecimento humano, uma vez que o próprio absoluto é cognoscível”.

**22** Esta postura está contida em um de seus aforismos clássicos, de crítica ao comportamento humano. Dizia: “Bêbado, o homem adulto é levado por uma criança imatura: cambaleante, não vê onde pisa, tendo um alento (respirar) úmido” – (in *op. cit.*, Fragmento nº 117, pág. 89).

sição concomitante de discursos diversos, díspares, diferentes, antagônicos, de acordo com as necessidades da narrativa.

Este procedimento foi aperfeiçoado mais tarde por Platão que racionalizou ao extremo o método para utilização na exposição de sua filosofia das idéias, do *mundo das idéias* que se opõe ao *mundo dos sentidos*, e ainda o aproveitou como forma da sua obra, os famosos “Diálogos”.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

### Capítulo 4

- 1) Qual cidade grega tinha o famoso templo da deusa Diana?
- 2) *Logos*, verbete grego com ampla significação é utilizado por Heráclito no sentido de que?
- 3) O que significa o termo gnosiologia?

## 5

## ESCOLA ELEÁTICA

A Escola Eleática, ou Escola de Eléia, nomes pelos quais é conhecida, surge da migração de Xenófanes de Colofon, cidade jônia situada na Lídia, Ásia Menor, para Eléia, cidade recém-fundada na Magna Grécia. Esta região, situada no sul da península itálica, era progressista colônia grega que, alguns séculos mais tarde seria conquistada pelos romanos, servindo de porta de entrada destes para o território e a cultura grega.

Xenófanes, jovem de espírito errante, era ator e se apresentava pelas cidades gregas como intérprete dos poetas Hesíodo e Homero, principalmente. Quando estava vivendo na Sicília, em Zancle (hoje Messina) soube da fundação de Eléia por colonos fenícios, na parte sul da península itálica, na Lucânia, junto ao mar Tirreno, ao norte da Calábria. Mais tarde, sob o domínio romano, esta cidade seria rebatizada com o nome de Veglia, cujas ruínas existem até hoje. Na região calabreza, no Metaponto, viscejaría logo em seguida a escola pitagórica. Todavia, os eleáticos evoluíram seu pensamento na linha tradicional de Heráclito e da escola milésia e nada, ou pouco, tiveram a ver com Pitágoras.

A filosofia grega originária da Jônia gozava de liberdade considerável para a especulação filosófica, dada a pouca interferência que sofria de parte dos sacerdotes ligados à religião olímpica grega, bem como do espírito democrático que permeava, desde os albores, as *polis* (cidades-estado) gregas. Porém, a liberdade de pensamento de Xenófanes em Eléia bateu todos os limites da ousadia.

Xenófanes atuava como um reformador em dois campos: no religioso, criticando a religião oficial dos gregos, e a filosófica chocando-se com as idéias do então jovem Heráclito, de Éfeso. Esta linha crítica foi depois refinadamente completada por seu discípulo, Parmênides, de Eléia.

Moralista e adepto da pureza espiritual, a partir dos textos que tão bem conhecia de Hesíodo e Homero, Xenófanes se escandaliza com o mundo dos deuses olímpicos. Dizia ele: “Homero e Hesíodo atribuem aos deuses atos que sempre foram motivo de escândalo e vergonha entre os homens: roubo, adultério e trapaça mútua”. E quanto aos mitos obscuros da cosmogonia religiosa relatada na “Teogonia” de Hesíodo<sup>23</sup>, afirmava não passarem de “lendas de tempos passados”.

Mas Xenófanes se supera. Crítica de forma implacável qualquer tipo de concepção antropomórfica das divindades. Zombeteiro afirmava: “Se as vacas, os cavalos ou os leões tivessem mãos e pudessem pintar e realizar obras como os homens, então os cavalos criariam deuses com figura de cavalo, as vacas com figura de vacas, os leões com figura de leão.” E mais adiante: “Por isso os etíopes fazem seus deuses negros e baixos, os trácios os representam com olhos azuis e ruivos”. Ora, para um homem público e filósofo, tais pensamentos seriam ousados hoje; imagine-se naquele tempo!

Vejamos o comentário de Wilhelm Capelle a respeito: “Tão ousados pensamentos devem ter parecido inauditos, pois ninguém até então havia atacado de forma tão impiedosa e mordaz a crença antropomórfica na divindade. Pela primeira vez aparece na história do pensamento o reconhecimento claro da verdade: ‘Tal o homem, assim seu deus’”.<sup>24</sup>

Na linha de Anaximandro, Xenófanes deixa de lado a procura de uma proto-substância entre os elementos sensíveis e concebe uma força criadora subjacente a tudo que existe, nasce e morre, invisível, imponderável, mas sempre idêntica a si mesma. Dizia: “A qualquer parte onde dirija meu espírito, se apresenta uma natureza sempre

**23** O poeta Hesíodo (op. cit.) narra a formação do Cosmos, diretamente do Caos, a partir de uma personalidade divina feminina, Gaia, ou Geia, a “Terra”, que por partenogênese (autofecundação) gera Urano (o Céu), Montes e Pontos, personificação do Mar; unindo-se a Urano dá origem às forças da natureza personificadas, que por sua vez dão origem aos deuses do Olimpo, criadores da humanidade.

**24** Capelle, W., op. cit., pág. 66.

igual. O todo, em seu eterno ser, instável em todas as partes, converge em uma única e homogênea natureza”.<sup>25</sup>

Este todo é eterno: não teve princípio e é, por consequência, imperecível. E do mesmo modo, porque não teve princípio, tampouco está sujeito a mudanças, já que concebido e entendido como totalidade – todo que é. Desta forma, fica eliminada a possibilidade de existência de vários deuses, pois fica evidente que um único poder rege o todo, rege o universo. Este poder não tem limites de nenhuma classe. É todo-poderoso.<sup>26</sup>

Negando qualquer tipo de semelhança entre Deus e os mortais, afirmava: “Ele permanece sempre no mesmo lugar, imóvel, e não é próprio que se mova de um lugar a outro, porque sem esforço dirige o Todo com a força de seu espírito”.<sup>27</sup>

## PARMÊNIDES, DE ELÉIA (540/539-ATÉ PELO MENOS 450 A.C.)

Este esdrúxulo registro de sua vida, frequente entre os antigos, deve-se, quanto ao seu nascimento, em Eléia, à notação dos historiadores Teofrasto e Diógenes Laércio; quanto à sua morte, de que se não tem registro exato, sabe-se que viveu até 450 a.C., dado que neste ano esteve em Atenas e encontrou-se com o jovem Sócrates, então com cerca de 19 anos, segundo assinalou Platão.

Discípulo de Xenófanes, tornou-se o maior destaque da Escola Eleática. A proximidade de Eléia do Meta-ponto, sede da escola pitagórica, faz crer ter Parmênides recebido influência filosófica de Pitágoras, cujo rigor científico e matemático se percebe no raciocínio parmédiano. Mas a influência se restringe ao campo do método, vistas as profundas diferenças filosóficas e cosmogônicas entre os dois.

Alguns historiadores da filosofia dizem ter Parmênides inventado a *lógica*. Antecedido por Pitágoras e sua *lógica matemática* e, mais, por Heráclito e sua doutrina do *logos*, vê-se que tal afirmação é impropriedade. Todavia, sobre isto comenta Bertrand Russell: “uma dúvida não paira: foi Parmênides o criador da metafísica<sup>28</sup> baseada na lógica”.<sup>29</sup>

Parmênides se voltou contra Heráclito. Achava o pensamento do efésio referente ao fluir, ao devir de todas as coisas, incompreensível, não aceitando em hipótese alguma que uma coisa pudesse ser e não ser ao mesmo tempo. Dizia: “Como pode alguém compreender que o que é não seja, e o que não é seja? Não pode ser! Isto é impossível!”<sup>30</sup>

Contestou a Heráclito afirmando que as coisas não mudam e, por consequência, as pessoas também não mudam, são sempre as mesmas. O que as identifica é o nome pelo qual são conhecidas de sorte que, estejam elas presentes ou não, hoje, ontem, ou daqui a dez anos, vivas ou mortas, elas são sempre as mesmas, pois, ao ser mencionado o seu nome, delas se pode falar corretamente. Estava assim colocado em forma o chamado “princípio de identidade” que ultrapassou sua importância filosófica e marca até hoje o campo jurídico.

A idéia básica de natureza científica está no princípio de que dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço físico ao mesmo tempo, de modo que nunca a identidade de uma pessoa pode ser confundida com a de outra. Todas as pessoas são, assim, únicas e insubstituíveis, e reconhecíveis, para sempre, pelo seu nome. “Quando alguém mencionar, hoje e sempre, a Parmênides, de Eléia, todos saberão, sempre, de quem se trata”, – dizia. E claro, está implícito, nenhum outro ente poderia ocupar, ainda que em idéia, o seu lugar. Todos nós somos, portanto, únicos e insubstituíveis!

<sup>25</sup> *Idem*, pág. 67.

<sup>26</sup> A grande contribuição primeva de Xenófanes à nascente escola eleática, e que iria servir de base à argumentação lógico-metafísica de Parmênides, pensamos, é exatamente a redução da multiplicidade dos deuses pagãos gregos, inútil perante uma fina razão, à univocidade irretorquível da divindade, substituindo a multiplicidade da criação (a exigir para cada nova descoberta humana um deus novo) pela sua universalidade unívoca. – O princípio de identidade parmédiano está por inteiro enunciado no ente criador único de Xenófanes.

<sup>27</sup> Capelle, W., *op. cit.*, pág. 68.

<sup>28</sup> Ao final deste texto colocamos nota complementar sobre o verbete *Metafísica*, em primeira abordagem.

<sup>29</sup> Russell, B., *op. cit.*, pág. 56.

<sup>30</sup> Morente, M. G., *op. cit.*, pág. 72.

A partir desta idéia notável Parmênides parte para a exposição de sua intrigante teoria ontológica, herdada em parte da idéia de divindade de Xenófanes. Parmênides, em sua obra “*Da Natureza*”, expõe sua idéia da existência de dois mundos, ou duas realidades, que viria logo a seguir influenciar Platão: o mundo das aparências, ilusório, perceptível pelos nossos enganosos sentidos, e o mundo do Ser verdadeiro, *único, infinito e imóvel*<sup>31</sup>. Este Ser, uma espécie de deus panteísta, na melhor tradição dos filósofos pré-socráticos, é extenso e material, com forma geométrica esférica. A esfera, além de ser considerado o sólido geométrico perfeito, dá a idéia, por metáfora, de infinitude, de uma entidade sem-limites.

A proposição de Parmênides pode assim ser resumida: “O Ser é, e é impossível que não seja. O não-Ser não é e não se pode sequer falar dele” – E acrescentando a idéia de supremacia da razão sobre os sentidos, completa: “É o mesmo o Ser e o pensar.”

Desta proposição tripartida derivam consequências irrespondíveis, irretorquíveis, das quais, a título de exemplo, destacamos quatro:

- 1<sup>a</sup>) *o Ser é único;*
- 2<sup>a</sup>) *o Ser é imóvel;*
- 3<sup>a</sup>) *o Ser é eterno;*
- 4<sup>a</sup>) *o Ser não tem princípio nem fim.*

E argumenta: A primeira é verdadeira porque *se existisse mais de um Ser, entre eles haveria o não-Ser a separá-los... Mas o não-Ser não existe.* A segunda é verdadeira porque *se o Ser se movimentasse, ele se movimentaria em algo que não seria ele próprio; seria outro Ser, o que é impossível em razão da hipótese primeira, ou seria o não-Ser... Mas o não-Ser não existe.* A terceira é verdadeira porque *se o Ser não fosse eterno, ao se findar surgiria outro Ser, o que é impossível em face da hipótese primeira, ou se findaria no não-Ser... mas o não-Ser não existe.* A quarta é verdadeira porque *se o Ser tivesse princípio ou fim, ele se originaria ou se findaria em algo que não seria ele próprio; outro Ser, impossível de acordo com a primeira hipótese, ou o não-Ser... mas o não-Ser não existe.*

Conclusões de interesse para nossas indagações pessoais devem de imediato sacar-se da exposição parmenidiana: primeiro, que de um pensamento óbvio, se verdadeiro, pode-se extrair surpreendentes, complexos e inesperados raciocínios, dependentes apenas do poder criativo do expositor, o que não deixa de ser importante para os que terão na palavra seu principal instrumento de trabalho; – segundo, que o “*princípio jurídico de identidade*”, comum à nossa atividade diária, não parte de uma simplificação estatística vulgar, mas de um procedimento de rigorosa racionalidade, baseada na mais elevada e refinada metodização.

## ZENON, DE ELÉIA (490-430 A.C.)

Discípulo mais importante de Parmênides, lutou para preservar a reputação de seu mestre e deu singular contribuição ao seu raciocínio. Matemático, puxou a argumentação para sua especialidade.

Em apoio à idéias de Parmênides, Zenon procurou ridicularizar com os conceitos de multiplicidade do Ser e do movimento. Argumentava que se existisse mais de um Ser *o número de seres seria ao mesmo tempo finito e infinito*, o que é absurdo. Quanto ao movimento, afirmava que este seria apenas aparente, pois sua constatação é impossível.

Ilustrava suas proposições com metáforas que se constituíam em argumentações que visavam a redução ao absurdo na conclusão da narrativa. Estas metáforas eram denominadas de *aporias* (ἀπορία), que significava literalmente beco sem saída. A mais célebre de suas histórias era a da corrida de Aquiles, o mais rápido dos homens, e a tartaruga. Dizia ele que se a tartaruga saísse à frente de Aquiles na corrida, jamais ele conseguiria

**31** Esta doutrina, da dupla realidade, iria reaparecer em Tomás de Aquino, no século XIII, e em Teilhard de Chardin, no século XX.

alcançá-la já que, quando Aquiles atingisse o lugar onde a tartaruga estava, esta já teria andado alguma coisa; quando de novo atingisse o lugar onde a tartaruga tinha estado, esta já teria andado alguma coisa... e isto ao infinito, de modo que Aquiles jamais conseguiria alcançar a tartaruga.

A outra aporia célebre de Zenon é a do arremesso de uma flecha a um alvo. Dizia ele que se uma flecha fosse arremessada por um arqueiro, ela teria que percorrer primeiro a metade da distância entre o arco e o alvo, antes de atingi-lo. Mas para percorrer a metade da distância, teria que percorrer primeiro a um quarto da distância. E para percorrer um quarto da distância, teria que percorrer antes a um oitavo da distância e assim, sucessivamente, *ao infinito*, de sorte que a flecha, não podendo movimentar-se *por infinitos intervalos*, ficaria simplesmente parada, impossibilitada de percorrer qualquer distância.

O argumento de Zenon se referia ao problema da composição do infinito em geometria, no sentido da *infinita divisibilidade* de qualquer coisa contínua, como um segmento de reta qualquer.

As *aporias* de Zenon significam *paradoxos*, mas com um sentido particular de proposição *sem saída lógica*.

Esta linha adotada por ele irá servir, e muito, como veremos mais adiante, à argumentação de muitos dos chamados filósofos *sofistas*, que desenvolveram a arte da *erística*, a arte, afinal, que fundamenta o trabalho dos advogados.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

### Capítulo 5

- 1) Como se chamava o ator que se apresentava pelas cidades gregas como intérprete dos poetas Hesíodo e Homero?
- 2) Porque Xenófanes atuava como um reformador em quais campos?
- 3) Qual discípulo de Xenófanes, tornou-se o maior destaque da Escola Eleática?
- 4) Quem foi o discípulo mais importante de Parmênides?

## 6

## METAFÍSICA – ΜΕΤΑΦΥΣΙΚΑ

O vocábulo metafísica, do grego *Meta-Physiká* (Μετα-Φυσικά), respectivamente, o primeiro radical (meta) significando além, transcendência, entre outros sentidos, e o segundo, física, de “phísis” (φύσις). Literalmente, *além ou transcendente ao físico*, em suma, o que não é físico, fruto de uma expressão (τα Μετα τα Φυσικά), e não de um verbete, de resto não registrado, esclareça-se, por um dos melhores dicionários ocidentais, o famoso “*Dictionnaire Grec Français*”, de A. Bailly.

Todavia, registram os mais conceituados tratadistas, entre eles o famoso dicionarista espanhol Ferrater Mora, a versão de que, em verdade, este nome (que claramente não aparece nos textos aristotélicos) foi dado por Andrônico, de Rodes, quando editou, no século I a.C., a obra do Estagirita. Como os oito primeiros volumes editados compusessem a parte dedicada à Física (doutrinas e ciências naturais), os que o seguiram, e que tratavam da “*filosofia primeira*” (πρώτη φιλοσοφία), denominação do próprio Aristóteles, designou-os Andrônico com a expressão “τά μετά τά φυσικά” (τα μετα τα φυσικά), isto é, “*após a física*”, ou “*além das coisas físicas*”; esta expressão teria se tornado, já que pertinente, designativo filosófico daquilo que está além, ou “transcendente” à física em sentido grego (φύσις) - natureza.

De qualquer forma, a maioria dos tratadistas registra que Aristóteles usava para a parte não física de sua obra, a expressão “*filosofia primeira*”, como nota Francesco Patrizi (1413-1494), em sua obra “*Discussiones Peripateticæ*” e que a expressão “*metafísica*” por ele não foi usada posto que, fruto da expressão atrás mencionada, surgiu depois da morte de Aristóteles. Assim, para este, a “*filosofia primeira*”, entendida hoje como “*a metafísica aristotélica*” se desdobra em dois significantes filosóficos:

Primeiro: a ciência do ser indeterminado ou geral que penetra ou domina todo ente, não podendo ser objeto de *experiência*, embora entranhe todo experimentável como seu âmago mais íntimo; Segundo: a ciência do *inexperimentável* que ultrapassa o empírico para perquirir sobre sua origem primeira, o Ser infinito e divino, criador de todo ente finito.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

## Capítulo 6

- 1) O que significa o vocábulo metafísica?
- 2) Aristóteles usava para a parte não física de sua obra, qual expressão?

# 7 | OS ATOMISTAS

Nada, aparentemente, explica o brilho ímpar da civilização grega. As práticas democráticas, originadas talvez da própria “democracia” resultante da religião pagã olímpica, a mitologia simplória, rural, de Homero e Hesíodo, espetacularmente intrigante. Todavia, devem explicar muito dessa vocação cultural perfeccionista que se expandiu em todas as direções do saber humano. Mas o salto filosófico, fruto sem dúvida da democracia assinalada, tem talvez uma explicação paradigmática extraída de três importantes fenômenos ocorridos naqueles tempos.

O primeiro, entendemos, foi a concentração do trabalho filosófico de três portentos, em uma única e próspera cidade, Mileto, em um mesmo século: Tales, Anaximandro e Anaxímenes. Um trio desse porte eternizaria qualquer cidade, grande que fosse, e em qualquer época, como respeitável centro cultural. E Mileto, em termos atuais, uma cidade de porte médio, mas naqueles tempos uma grande cidade, passa à história como o autêntico e incontestado centro criador da filosofia jônia - e grega - e ocidental. Este fenômeno seria talvez suficiente para explicar a explosão regional da civilização grega e que serviria de suporte ao, já em processo, desenvolvimento econômico.

Pitágoras, de Samos, e Heráclito, de Éfeso, acrescentariam ao fenômeno milésio a força de seus robustos pensamentos, mas a repetição do mesmo fenômeno viria engrossar a base cultural grega, ainda fora da Metrópole.

Novamente, em curto período, pouco mais de um século (de 540, data provável da chegada de Xenófanes a Eléia, a 430 a.C., data da morte de Zenon), três outros gênios da filosofia se concentram em uma mesma cidade, de porte menor que Mileto, mas situada na próspera colônia grega itálica: Xenófanes, Parmênides e Zenon. A repetição, em continuidade, do mesmo fenômeno criador da filosofia ocidental, fator de desenvolvimento da cultura grega e, portanto, o segundo suporte seqüente pré-socrático à base da eclosão do, desta vez, fenômeno ático, por vezes denominado *Escola Ática*.

Pois é, em Atenas, nas mesmas condições anteriores e agora em uma grande metrópole, com centenas de milhares de habitantes, em menos de um século e meio, tendo à sua retaguarda as escolas milésia e eleática, o fenômeno se repete pela terceira vez: ali vivem Sócrates, Platão e Aristóteles (de 450, data do início do florescimento de Sócrates, a 322 a.C., data da morte do Estagirita).

Isto contando ainda com o enriquecimento do pensamento de prodígios do porte de Pitágoras e Heráclito, já citados, e de Empédocles, Anaxágoras, Epicuro, Carnéades, dos incontáveis sofistas, como Protágoras e Górgias, e ainda, na linha das escolas originais, dos fabulosos atomistas. Com um elenco extraordinário como este, somente no campo rigoroso e extremo como o da filosofia, tudo o mais achamos tratar-se de desdobramento e consequência intelectual natural, lógica.

Dois filósofos são considerados criadores do *atomismo*: Leucipo e Demócrito. Não se sabe com certeza as datas de nascimento e morte dos dois, mas por referências de terceiros (como Aristóteles) sabe-se que a florescência de Leucipo (mais velho que Demócrito) deve ter ocorrido entre 450 e 430 a.C., e a de Demócrito entre 430 e 420 a.C., tendo sido, portanto, os dois, contemporâneos. A relação mestre-discípulo de Leucipo para Demócrito é provável, e de Leucipo, como de Pitágoras, também houve quem duvidasse da sua existência real. Com base em Aristóteles, contudo, que provinha da mesma região em que floresceu Leucipo, Abdera, cidade natal de Demócrito e de Protágoras, pode-se concluir pela certeza dele ter existido. O historiador Teofrasto também confirma com plenitude de certeza a existência de Leucipo. A dúvida na verdade surgira devido a uma afirmação pelo menos inconsistente do filósofo pós-socrático Epicuro.

Leucipo provinha de Mileto e, além da influência que naturalmente recebeu da famosa escola surgida nesta cidade, também foi muito influenciado por Parmênides e Zenon; foi de Zenon, sem dúvida, discípulo quando,

vindo de Mileto, esteve em Eléia, mas em sentido pessoal dele, Leucipo, realmente pouco se sabe. As melhores alusões a ele são devidas exatamente a Aristóteles. A forma objetiva com que o estagirita comenta suas idéias serve de comprovação da sua existência real. De qualquer maneira, Leucipo, de Eléia migrou para Abdera, na Trácia, norte da Grécia.

O trabalho filosófico devido a Leucipo, e que viria servir de suporte ao desenvolvimento posterior de Demócrito, inicia-se pela tentativa de unir a ontologia de Parmênides à doutrina de Heráclito sobre o constante fluxo das coisas.

Leucipo admite, como seu mestre Zenon, que o Ser é incriado, imutável e imperecível. Apesar disso, curva-se à evidência da multiplicidade e do movimento. Sente-se obrigado a admitir a existência da multiplicidade de seres, negada pelos eleatas sob o argumento de que nada poderia separar esses seres, já que todo o universo estava preenchido por um Ser, único e imóvel. Pela mesma razão negavam os eleatas a possibilidade de existência do movimento, já que o Ser não poderia movimentar-se no vazio, pois o vazio só poderia ser o não-Ser, cuja possibilidade de existência negavam. Além disso, sustentavam que o movimento e a multiplicidade não passavam de aparência captada erroneamente pelos sentidos.

Neste ponto começa a funcionar o pensamento evoluído de Leucipo. Supôs, com razão, que sem o *vazio* não seria possível conceber-se nem o movimento nem a multiplicidade. Neste ponto deu um passo decisivo ao admitir a existência do *vazio* em oposição ao *cheio*, descaracterizando assim a concepção abstrata de Parmênides.

Opôs o corpóreo ao incorpóreo, ou seja, o Ser em toda sua plenitude, ao não-Ser, agora tomado como mera ausência de massa. Leucipo se atreveu então a afirmar que o *não-ser* é o *espaço vazio* e, portanto, tinha existência equivalente ao *ser*, identificado ao *espaço cheio*. *Cheio* e *vazio* são, pois, os dois fundamentos do mundo físico.

Empédocles, que tentara igualmente o feito de unificar Parmênides e Heráclito, havia suposto, de forma singela, mas convincente, que o mundo era formado por partículas extremamente diminutas de elementos que, agrupados ou dispostos uns ao lado de outros, formavam o mundo visível.

Mas o que iria influenciar mesmo a Leucipo na concepção de sua teoria atomista era a famosa dicotomia de Zenon, que havia dado consistência às suas famosas aporias, referente à divisibilidade dos corpos ao infinito, tal como concebida, dita divisão, no plano da geometria, à divisibilidade de um segmento de reta qualquer.

Em aberta oposição a esta doutrina Leucipo, ao refletir sobre o problema da matéria, chegou à conclusão que deveria existir, como já previra Empédocles, partículas sólidas indivisíveis. Se as coisas pudessem ser divididas ao infinito, os espaços vazios resultantes das sucessivas divisões deveriam igualmente ser infinitos, já que sem este vazio não era concebível a divisão dos corpos idealizada in abstracto por Zenon.

Realmente a divisão de Zenon fora concebida dentro de um ponto de vista abstrato, matemático, ou melhor, de lógica filosófica matemática, que, todavia se mostrava ser de impossível comprovação na realidade física. As partículas materiais, conclui Leucipo, constituintes das massas dos corpos, têm que estar livres de qualquer classe de vazio, têm que estar totalmente cheias e indivisíveis (*ατομα*), atoma, literalmente, em grego, indivisível, que não se pode cortar) e não sujeitas à apatia – (*απαθη*), apate, de *απαθηα*, *apateia*, em português: apatia), com o sentido de *impassível*, ou *imutável*. Todos os corpos visíveis estão formados por tais partículas materiais indivisíveis e invisíveis e, esses corpos, têm entre suas partes constitutivas, ou átomos, espaços vazios, os quais, todavia, têm comportamento dinâmico, inquieto, inverso à apatia.

Os átomos de Leucipo são uma réplica perfeita e microcós mica do on de Parmênides (*ον, οντος* - Ente, Ser), incriado, imutável, imperecível, só que agora concebido de forma desagregada em número infinito de partículas, dando sentido à multiplicidade natural das coisas.

Sobre isto comenta Aristóteles, que leu sem dúvida as obras de Leucipo e Demócrito: “Eles argumentam que não é possível o movimento local;” (no interior dos átomos, ou da partícula indivisível que forçosamente serviria de base material, de massa formadora, de tudo ou que existe); “em segundo lugar, o fato de que alguns corpos se contraem e se condensam; em terceiro lugar, que o crescimento das coisas parece ser consequência dos espaços vazios. Usam como prova a experiência da cinza, que é capaz de absorver tanta água quanto um recipiente vazio”.

Os átomos e os espaços vazios são, portanto, os únicos elementos constitutivos da realidade. E, assim como há infinitos seres individuais, há infinitos espaços vazios, bem como o espaço vazio circunda e envolve nosso mundo e todos os mundos possíveis e se estende até o infinito.

Já Demócrito é figura que se tornou mais conhecida e, portanto, de existência melhor comprovada. Tendo nascido em Abdera, cidade situada na Trácia, porção norte da Grécia antiga (hoje ocuparia parte da Turquia, Grécia, Bulgária e Macedônia). Aliás, o conhecimento da filosofia de Demócrito e, por consequência, de Leucipo, por Aristóteles tem como explicação complementar o fato de os dois serem de certa forma contemporâneos, pois Aristóteles nasceu em Estagira, cidade da Macedônia e, nessa época, a Macedônia de Felipe, pai de Alexandre o Grande, dominava toda a Trácia.

Demócrito era contemporâneo de Sócrates e esteve em Atenas. Mas reclamava que não foi notado por ninguém naquela cidade. O Estagirita dele cuidou, e de seu parceiro indissolúvel, Leucipo. Porém, Platão o ignorou solenemente e, segundo o historiador Diógenes Laércio, de propósito, pois tinha aversão às idéias de Demócrito, nutrindo por ele verdadeiro ódio.

As idéias fundamentais da filosofia atomista são atribuídas a Leucipo, mas dada à comunhão entre este e Demócrito, fica muito difícil e desnecessário distingui-los. A filosofia registra diversos casos de comunhão de idéias filosóficas como a de Leucipo e Demócrito: Sócrates-Platão, Leibniz-Wolff, Marx-Engels, são exemplos desses casos.

Segundo Bertrand Russell, o ponto de vista da dupla “assemelha-se surpreendentemente com o da ciência moderna, tendo evitado muitas das falhas a que a especulação grega era propensa.” E prossegue Russell no seu comentário: “Acreditavam que tudo se compunha de átomos, os quais seriam fisicamente, mas não geometricamente, indivisíveis; que entre os átomos existe um espaço vazio; que os átomos são indestrutíveis; que sempre estiveram e sempre estarão em movimento; que há um número infinito de átomos e, mesmo, de espécies de átomos, e que as diferenças dessas espécies dizem respeito à forma e ao tamanho. Aristóteles afirma que, segundo os atomistas, os átomos também diferem quanto ao calor, e que os átomos esféricos, que compõe o fogo, são os mais quentes; quanto ao peso cita literalmente a Demócrito que teria afirmado que quanto maior é o indivisível (átomo), tanto mais ele pesa. Todavia, a idéia de peso atômico, embora emergente, não é clara na teoria atomista”.

Há razões ponderáveis para se supor que o peso não era uma propriedade original dos átomos como concebidos por Leucipo e Demócrito, o que se pode deduzir, inclusive, de uma demonstração feita pelo segundo sobre a questão; teria dito ele: “Não há alto nem baixo no vazio infinito e o movimento dos átomos na alma se compara com o das partículas de poeira em um raio de sol, quando não há vento”, o que nos passa a idéia de que os átomos levitariam, o que desconsideraria sua distribuição por peso, como a aventada por Anaximandro em sua cosmologia.

O átomo, assim, pelas idéias destes dois filósofos, contém em si todo o ideário que do Ser faz Parmênides. Todavia, a idéia nuclear agora se situa no micro-cosmo, trazendo no seu interior uma contribuição inacreditável (pela época em que foi formulada) ao desenvolvimento da ciência. Tudo no universo ocorreria por uma relação de causa e efeito atômica; na origem primeira apenas estaria o acaso e, a partir daí, tudo se desenvolveria através de um rigoroso determinismo mecânico.

Mas certamente as idéias de Leucipo-Demócrito se interligam à do *apeiron* de Anaximandro, para quem o infinito, criador de todo o finito, proviria da *arquê* remota e, por consequência, caótica, amorfa, desordenada; tal idéia bate com a do “*big-bang*”, ou a do “*universo inflacionário*”, da astrofísica moderna, e que teria dado origem ao nosso universo a partir de um fenômeno acidental, a partir do acaso.

O calor, o gosto, a cor, não estariam, segundo Demócrito, nos objetos, mas em nós mesmos; e nós seríamos detentores do conhecimento sensorial e do conhecimento intelectual, através da inteligência informada pelos sentidos. Todas as propriedades sensíveis das coisas resultam da capacidade sensorial do homem, que é um ser que pensa e trabalha. Só existem, pois, átomos e vazio que unicamente podem ser concebidos por meio do pensamento que capta das coisas a sua forma, determinada pela disposição natural dos dois elementos fundamentais.

Esta posição assemelha-se à de Einstein em sua teoria da relatividade, fundada na relação de cognoscência do ser pensante com o universo.

Naturalmente, esta forma de pensar leva, e agora só a Demócrito, apartado de Leucipo, a uma ética original e precursora de alguns dos movimentos filosóficos pós-socráticos, como o epicurismo. Esta ética é claramente eudemônica, isto é, dispõe que a felicidade individual ou coletiva encerra necessariamente uma conduta moral boa. A felicidade pode resultar dos prazeres dos sentidos, mas a felicidade real e desejável é aquela resultante do bem-estar espiritual, a eutimia (euqumia), fruto da moderação: não se deve desejar muitas coisas, mas se contentar com aquilo que se pode alcançar. Bens, no sentido autêntico da palavra, são os bens espirituais, já que a felicidade do homem tem origem em sua própria alma e só dela depende.

Concluimos esta parte citando mais uma vez texto de Bertrand Russell: “Demócrito ao menos na minha opinião é o último dos filósofos gregos a libertar-se de uma certa falha que comprometeu todo o pensamento antigo posterior, bem como o medieval. Todos os filósofos de que tratamos até aqui, empenharam-se num esforço desinteressado para compreender o mundo. Acharam muito mais fácil compreendê-lo do que na realidade o é, mas sem este otimismo não teriam tido a coragem de dar o primeiro passo. Sua atitude, em geral, era genuinamente científica, sempre que não representava simplesmente os preconceitos de sua época. Mas não era somente científica; era imaginativa, vigorosa e cheia do prazer da aventura. Interessavam-se por tudo: meteoros e eclipses, peixes e redemoinhos, religião e moralidade; a um intelecto penetrante uniam um entusiasmo infantil. Deste ponto em diante, há, primeiro, certas sementes de decadência, apesar das inigualadas realizações anteriores e, depois, uma decadência gradual. O que está errado mesmo nos melhores filósofos posteriores a Demócrito, é uma ênfase indevida com respeito ao homem em comparação com o universo”.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

### Capítulo 7

- 1) Quem foram os três portentos filósofos, que viveram em uma única e próspera cidade, Mileto, no mesmo século?
- 2) Em outro curto período, pouco mais de um século (de 540, data provável da chegada de Xenófanes a Eléia, a 430 a.C., data da morte de Zenon), três outros gênios da filosofia se concentram em uma mesma cidade, de porte menor que Mileto, mas situada na próspera colônia grega itálica. Quem foram eles?
- 3) Quem são os dois filósofos são considerados criadores do *atomismo*?
- 4) Leucipo era proveniente de qual cidade?
- 5) Demócrito era contemporâneo de quem?

# 8 | A SOFÍSTICA

Em Platão, encontramos informações sobre o trabalho do sofista. Apresenta-se aí o sofista (*sophistés*) como “mestre de filosofia e de eloquência”. Esta, pois, a definição clássica para sofista: o mestre de filosofia e eloquência. Mais de eloquência do que de filosofia, poderíamos dizer, pelo que conhecemos hoje desses professores da antiguidade.

Sabemos hoje que o trabalho do sofista, na Grécia antiga, era o de verdadeiro educador itinerante. Ele percorria as cidades, ensinando e geralmente cobrando algum dinheiro pelo trabalho. Como verdadeiro mestre de moral, como mestre da arte de bem viver em sociedade, da arte de usufruir dos benefícios da vida política, o sofista procurava constantemente adquirir mais conhecimentos sobre as diversas atividades e manifestações do homem: arte, linguagem, poesia, política, retórica. Procurava, em suma, aprender e depois ensinar a arte de viver bem. Seu discípulo preferido era o jovem de família rica, a quem o sofista dava mais comumente lições de retórica; era mais comum que o jovem procurasse esse tipo de aula, a fim de preparar-se para a carreira política. Constavam nessas lições dialéticas, retóricas e exercícios de crítica. A leitura de bons poetas era aí importante material de trabalho. Para os cursos de retórica, o sofista cobrava, ao que parece honorários elevados. Além dos cursos, ele podia dar ainda, em escolas ou em casas particulares, conferências pelas quais cobrava preço mais popular.

Giorgio Del Vecchio (1878/1970), nascido em Bologna, porém tendo concluído sua vida de magistério em Roma, em sua famosa obra “Lições de Filosofia do Direito”<sup>32</sup> faz colocações preciosas com respeito à *sofística*, que desejamos deixar consignadas: “A História da Filosofia”, diz o mestre bolonhês, “é meio de estudo e de investigação e, como tal, poderosa ajuda para o nosso trabalho: oferece-nos repositório de observações, de raciocínios, de distinções, que a um homem só, no decurso da vida, seria impossível ocorrer. Acontece-nos o mesmo que a qualquer artifice atual que, agora, seria incapaz de ser o inventor de todos os instrumentos da sua arte”.

E depois de mencionar a origem confusa da matéria em sua fase oriental, mesclada à teologia, à política e à moral (ingredientes fundidos, confundidos, dos estados pré-helênicos), reconhece, contudo o notável impulso dado aos estudos filosóficos, sobretudo no concernente à moral, pelos hebreus, chineses e indianos. Aí aporta à Grécia, dizendo: “Convém notar que o pensamento filosófico grego não floresceu tão somente na Grécia propriamente dita, mas também na Magna Grécia (Itália meridional e Sicília)”.

E prossegue: “Empédocles, por exemplo, era natural de Agrigento; Parmênides e Zenon, seu discípulo, de Eléia (a antiga Velia, cidade ao sul de Salerno, de que hoje só restam algumas ruínas); e Górgias, de Leontina (próximo de Siracusa). Por sua vez era em Crotona que tinha a sua sede a escola pitagórica, razão por que Aristóteles designava os seus membros por *italianos*; e muitos outros pensadores havia de outras regiões do Mediterrâneo, como Aristipo e Carnéades, naturais da Cirenaica”.

Estabelecida a conexão entre o pensamento clássico grego com a região em que viria a se instalar, em seus primórdios, o império romano, passa Del Vecchio a tratar da escola sofística, dizendo: “A escola que, em primeira mão, enfrentou os problemas do espírito humano, do conhecimento, e da ética, foi a dos Sofistas, no século V a.C. Homens de grande vigor dialético e de robusta eloquência, percorriam várias cidades sustentando nos seus discursos as teses mais díspares; tinham o gosto de se oporem às tendências dominantes; frequentemente provocavam escândalo no numeroso auditório com os seus paradoxos. É de sobremodo notável o fato de então se começar a discutir e a criticar o princípio da autoridade, a minar a fé tradicional e a despertar atenção do povo; e isto está em relação com o período de discórdias internas em que se encontrava a Grécia. A obra dos sofistas

**32 Del Vecchio, G., “Lições de Filosofia do Direito”, 5ª Ed.: Armênio Amado, 1979, Coimbra, Portugal.**

relaciona-se com esta situação. Os sofistas eram individualistas e subjetivistas. Ensinavam que cada homem possui o seu próprio modo de ver e de conhecer as coisas. Daqui a tese, segundo a qual não é possível uma ciência autêntica, de caráter objetivo e universalmente válida, mas tão só opiniões individuais. Ficou célebre o dito de Protágoras: o homem é a medida de todas as coisas: ou seja: cada homem possui a sua visão própria da realidade.”

O professor Del Vecchio cita parcialmente o pensamento de Protágoras, já que ao destaque que quer dar, esta parte lhe basta. Mais adiante aduz Del Vecchio: “Negando os sofistas a possibilidade de uma verdade objetiva, negam também que exista uma justiça absoluta; também o direito, para eles, é algo de relativo, opinião mutável, expressão do arbítrio e da força: justo é “aquilo que favorece ao mais forte”. Assim, Trasímaco pergunta se a justiça é um bem ou um mal, e responde: “A justiça é na realidade um bem de outrem; é uma vantagem para quem manda, é um dano para quem obedece. Como pelo exposto se dá conta, os sofistas eram cépticos em moral, mais negadores e destruidores do que construtivos e afirmativos.

Não obstante, grande mérito foi o seu por terem atraído a atenção dos homens sobre dados e problemas relativos ao homem, ao pensamento humano; e a perturbação trazida pela sua atividade à consciência pública foi ainda benéfica e fecunda, pois aguçou o espírito crítico para muitos temas que até então a ninguém preocupavam. Enquanto os filósofos da escola Jônica se haviam entregado à exclusiva meditação do mundo externo, os sofistas deram o seu interesse a problemas psicológicos, morais e sociais. A eles se deve, por exemplo, a colocação rigorosa do problema de saber se a justiça tem um fundamento natural; se aquilo que é justo por lei ou como nós dizemos, o direito positivo é também justo por natureza (a antítese entre o νομο δικηαιον e o φυσει δικηαιον (*Nomo dikhaion* e o *physei dikhaion*). Ante este problema, assumiram geralmente atitude negativa, dizendo que se existisse um justo natural, todas as leis seriam iguais. Todavia, mais importante que a resposta dada, que, digamos, é discutível e até inaceitável, foi o terem proposto o problema. Na verdade, depois da solução negativa tentada pelos Sofistas, outros filósofos puderam tentar uma solução afirmativa. Os Sofistas foram, em síntese, o fermento que suscitou a grande filosofia idealista grega: uma floração extraordinária do pensamento de que nenhum outro povo pode orgulhar-se”.

Na verdade os sofistas têm sido injustiçados nos juízos que deles fizeram os pensadores pósteros, sobretudo considerada a influência pós-socrática exercida pelo pensamento de Platão e Aristóteles. Sócrates, que tinha muito de sofista, nutria, entretanto particular antipatia pelos seus representantes, talvez até por motivação política, já que Sócrates, simpatizante do partido aristocrático, nisto se confrontava com a maioria dos sofistas, em geral partidários da democracia. Parece que só a Protágoras Sócrates respeitava, segundo pode-se deduzir de depoimento de Platão, como homem de grande saber. Claro que a despeito disso, também dele Sócrates discordava. Platão e Aristóteles, cada um a seu modo seguidor de Sócrates, transmitiram o preconceito generalizado que se nutre até hoje aos sofistas. Acabamos de ver que mesmo um pensador contemporâneo da potência de um Del Vecchio não consegue, por inteiro, se livrar dele.

O que realmente acontecia àquela época é que o Estado grego entrava em sua fatal e final crise, iniciada em 431 a.C., com a eclosão da guerra do Peloponeso e encerrada nos anos que se seguiram à morte de Alexandre Magno, em 323 a.C. E o saber, sobretudo, valorizado pela democracia, principalmente a ateniense, reclamava uma evolução que só os sofistas trouxeram com seu pensar eclético e abrangentemente especulativo.

A sofística, portanto, não é exatamente uma escola filosófica, mas uma corrente de pensamento que colocando o homem no centro de suas atenções, exatamente como fez Sócrates, fixava finalmente o sentido antropológico da pesquisa filosófica, essencial ao estudo e entendimento do direito.

Pode-se resumir da seguinte maneira as principais vertentes do pensamento sofístico<sup>33</sup>:

- a) a concentração do interesse filosófico no homem e em seus problemas;
- b) a redução do conhecimento à opinião e do bem à utilidade com o conseqüente reconhecimento da relatividade da verdade e dos valores morais, que mudariam conforme os lugares, os costumes e os tempos;

**33 ABBAGNANO, N., “Dicionário de Filosofia”, 2ª Ed.: Mestre Jou, 1982, SP, pág. 884 – verbete Sofística.**

- c) a “erística”, isto é, a habilidade em refutar e sustentar ao mesmo tempo teses contraditórias;
- d) a oposição entre a natureza e a lei, e o reconhecimento de que a natureza conhece somente o direito do mais forte.

## PROTÁGORAS, DE ABDERA (480-410 A.C.)

De todo o povo da antiguidade nunca se sabe com certeza a data de nascimento e, apenas dos notáveis, geralmente, se conhece a data de sua morte, ou pelo menos o ano em que ocorreu. Com as transformações dos calendários (cada povo antigo tinha, ou tem, o seu) e sem registros civis, como saber quais nascituros seriam dignos da menção ao seu nascimento?

Com Protágoras não foi diferente. E também dele a humanidade perdeu sua palavra escrita. Passou à história principalmente através do que sobre ele escreveram dois de seus inimigos intelectuais: “apenas” Platão e Aristóteles.

Protágoras, como a quase totalidade dos sofistas, notabilizou-se pela capacidade oratória, e percorrendo diversas cidades gregas lecionava retórica, dialética e os fundamentos de seu pensamento ético-moral. Foi amigo pessoal de notabilidades, como o político e estadista Péricles e o poeta e teatrólogo Eurípedes; teve ainda um relacionamento com Sócrates, embora não exatamente amistoso, mas, pelo menos, respeitoso. Platão nos dá conta disso em seus Diálogos “Protágoras” e “Sofistas”, além de outras citações, como em “Teeteto”.

Morreu com setenta anos. No fim da vida, segundo o historiador Diógenes Laércio, produziu uma obra, “*Acerca dos Deuses*”, por causa da qual foi processado pelo tribunal ateniense, onze anos antes do famoso processo movido contra Sócrates. Condenado à morte por sacrilégio, lhe foi permitido informalmente, como era costume em Atenas quando da aplicação de pena capital, fugir. Na verdade não se sabe com certeza se ele foi apenas desterrado, ou se de certa forma sua execução foi relaxada, o certo é que perseguido e desterrado teve que sair de Atenas, viajando para a Sicília, mas seu barco naufragou e ele morreu.

No preâmbulo da obra que lhe valeu a desgraça, dizia Protágoras: “Dos deuses não sei dizer se os há ou não, pois são muitas as coisas que proíbem sabê-lo: a obscuridade do assunto, e a brevidade da vida humana”. Segundo Platão, Protágoras foi influenciado pela filosofia de Heráclito que, diga-se de passagem, a par de Platão, foi o filósofo que mais influenciou a Aristóteles o que, portanto, não diminui, antes, engrandece a Protágoras.

Ele se colocava de inteiro acordo com a doutrina heraclitiana que sustenta a perpétua fluência das coisas, extraíndo dela a idéia da “*impossibilidade de se atingir uma verdade absoluta para todos os homens*”. Este relativismo subjetivista de Protágoras se encontra no fundamento de sua filosofia mesma e se destaca da sua principal obra, “*Acerca da Verdade*”. “*O homem*”, dizia, “*é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são*” que, evidentemente, insere conteúdo antropológico ao pensamento semelhante desenvolvido por Heráclito, ao mesmo tempo em que descarta a dicotomia parmenidiana “*o ser existe, o não-ser não existe*” ao estabelecer o conceito irrefutável de que o *não-ser só é concebível pelo homem*, vale dizer: *até para a “não-existência” a medida única de cognoscência é o homem*.

O ser a medida idéia central deste extraordinário sofista, extrai-se que o verdadeiro objetivo de um sábio é o bem, e que seu comportamento deve se pautar pela adequação ao presente, de sorte a possibilitar a emissão de juízos segundo a medida proporcionada pela ocasião e momento dinamicamente, como ensinava Heráclito, compreendido.

Para ele o relativismo não significava (como para Górgias) a negação de toda verdade, mas sim *a negação de toda falsidade*: o que é afirmado em dado momento, tomando o homem como medida, é sempre verdadeiro; assim deve o juiz decidir, pois tomando o homem como medida, a sentença será justa; esta idéia brilhante está, pensamos, na raiz da hermenêutica jurídica.

A crítica relativista e, às vezes, absolutista de Protágoras, se enfocava sob ótica sensorial, contra todos que pretendiam verdades invariáveis e universais, especialmente contra os chamados geômetras, Pitágoras em particular.

Do pensamento substantivo de Protágoras integrou-se à filosofia, inclusive, o conceito *homo mensura*, trans-

mudado em verbete de dicionário filosófico.

De qualquer forma dele e de outros sofistas derivam o conceito de Justiça enquanto objetivo do Direito; da jurisprudência como fonte do saber jurídico (se não à moda grega, certamente à moda romana); da hermenêutica como forma de aprimoramento do juízo; e, sobretudo, do aperfeiçoamento da função de julgar... *tomando o homem, cada homem*, inclusive aqueles que compõem uma lide, *como medida* da decisão a ser proferida.

De todas as coisas, de todos os bens (corpóreos ou incorpóreos), não significa que haja um critério de verdade individualizado para cada homem (o que vedaria qualquer tipo de conhecimento humano, inclusive o adquirido e aplicado pelo próprio Protágoras, assessor dos governos de diversas cidades por onde passou, tendo, inclusive, em uma delas, Thurii, elaborado sua Constituição); mas significa que em cada homem varia a medida, segundo suas próprias circunstâncias, segundo o espaço e o tempo em que se encontra.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

### Capítulo 8

- 1) Como era o trabalho do sofista na Grécia antiga?
- 2) Qual o nome da cidade que tinha a sede a escola pitagórica?
- 3) Protágoras foi amigo pessoal de notabilidades, como o político e estadista Péricles e de qual poeta e teatrólogo?
- 4) De onde deriva o conceito de Justiça enquanto objetivo do Direito?

## BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- ALVES, Rubem. Filosofia da ciência; introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria Helena P. Filosofando: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.
- ARANHA, Maria Lúcia de A. Maquiavel, a lógica da força. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARIËS, Philippe. História do morte no Ocidente. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BOBBIO, Norberto e outros. Dicionário de política. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.
- BOCHFNSKI, Joseph M. Diretrizes do pensamento filosófico. São Paulo: Herder, 1964.
- \_\_\_\_\_. A filosofia contemporâneo ocidental. São Paulo: Herder, 1962.
- BORNHEIM, Gerd. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. Introdução ao filosofar; o pensamento filosófico em bases existenciais. Porto Alegre: Globo, 1970.
- BRÉHIER, Émile. História da filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1977-1981.
- BRUGGFR, Walter. Dicionário de filosofia. São Paulo: Herder, 1969.
- CAPELLE, W. Historia de la Filosofia Griega, Espanha: Biblioteca Hispanica de Filosofia.
- CASSIRER, Ernst. Antropologia filosófica. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- CHAIJI, Marilena e outros. Primeira filosofia; lições introdutórias. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHÂTELET, François (org.). História da filosofia; idéias, doutrinas. Rio de Janeiro: Zahar.
- CHAUI, Marilena. Cultura e democracia; o discurso competente e outras falas. São Paulo: Moderna, 1980.
- CORBISIER, Roland C. de A. Introdução à filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- FERRATER MORA, J. Diccionario de Filosofia. Espanha: Ed. Alianza Diccionarios Alianza.
- GARCÍA MORENTE, Manuel. Fundamentos de filosofia; lições preliminares. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- GILES, Thomas R. Introdução à filosofia. São Paulo: EPUi Fdusp, 1979.
- GOMPERZ, T. Pensadores Griegos. Paraguai: Ed. Guaranía.
- HEIMSOETH, Heinz. A filosofia no século XX. São Paulo: Saraiva, 1938. HIRSCHBERGER, Johannes. História da filosofia. São Paulo: Herder.
- HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. Compêndio moderno de filosofia. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1968.
- HUISMAN, Denis e VERGEZ, André. História dos filósofos ilustrada pelos textos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1970.
- JASPERS, Karl. Introdução ao pensamento filosófico. São Paulo: Cultrix, 1971.
- JOLIVET, Régis. Vocabulário de filosofia: Rio de Janeiro: Agir, 1975.
- MARIAS, Julian. Introdução à filosofia. São Paulo: Duas Cidades, 1960.
- MONDOLFO, Rodolfo. O pensamento antigo. São Paulo: Mestre Jou.
- NUNES, Benedito. A filosofia contemporânea; trajetos iniciais. São Paulo: Atica, 1991.
- PLATÃO – Diálogos: “Teeteto”, “Crátilo”, Ed.: Un.Fed.Pará, 1973, Belem, PA.
- \_\_\_\_\_. Diálogos: “Fédon”, “Sofista”, “Político”, Ed.: Globo, 1955, P. Alegre, RS.
- \_\_\_\_\_. Diálogos: “Protágoras”, “Górgias”, 3ª Ed.: Un.Fed.Pará, 1973, Belem, PA.
- RADBRUCH, G. Filosofia do Direito. Portugal: Ed. Armênio Amado.

- REZENDE, Antônio (org.). Curso de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/Seaf, 1986.
- SCIACCA, Michele. História da filosofia. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- SCRUTON, Roger. Introdução à filosofia moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. A filosofia no Brasil; catálogo sistemático dos profissionais, cursos, entidades e publicações da área da filosofia no Brasil. São Paulo: Anpof, 1990.
- \_\_\_\_\_. Filosofia. São Paulo: Cortez, 1992.
- STFGMÜLLER, W. A filosofia contemporânea. São Paulo: EPIJI Edusp, 1977.



# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÃO - MÓDULO XII

### INTRODUÇÃO A FILOSOFIA

- 1) Qual o símbolo popular da filosofia?
- 2) Como se chamava o tribunal superior em Atenas?
- 3) A denominação “filosofia ocidental” tem sua origem entre qual povo?
- 4) A quem é atribuída a criação do que podemos nomear como a primeira escola filosófica?
- 5) A primeira escola filosófica forma-se em que cidade?
- 6) Quando surge a Escola de Eléia?
- 7) O que significa o vocábulo metafísica?
- 8) Em Atenas uma grande metrópole, com centenas de milhares de habitantes, em menos de um século e meio, tendo à sua retaguarda as escolas milésia e eleática, o fenômeno se repete pela terceira vez. Quem foram os três portentos filósofos, que viveram nesta próspera cidade?
- 9) Qual a definição clássica para sofista?
- 10) Protágoras, como a quase totalidade dos sofistas, notabilizou-se por qual motivo?

#### **CARO(a) ALUNO(a):**

- Responda cada **QUESTÃO** acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar via e-mail.
- Tanto via correio ou via e-mail, envie-nos as 5 Avaliações desse Módulo todas juntas, de acordo com as Regras Gerais (p.6):

**Via Correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02046-010 - SÃO PAULO/SP**

**Via E-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)**

- Em caso de dúvidas ligue para o nosso SAA - Serviço de Atendimento ao Aluno.





# HISTÓRIA DE MISSÕES





# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>PERÍODO APOSTÓLICO.....</b>	<b>48</b>
<b>PERÍODO PÓS-APOSTÓLICO.....</b>	<b>55</b>
<b>IGREJA MEDIEVAL.....</b>	<b>59</b>
<b>MISSÕES CATÓLICAS.....</b>	<b>65</b>
<b>MISSÕES PROTESTANTES.....</b>	<b>66</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>79</b>



## INTRODUÇÃO

Segundo algumas estatísticas atuais, 1 dentre 9 pessoas do planeta Terra professa a fé cristã. Se pensarmos que no ano 100 d.C. a proporção era 1 dentre 360, o crescimento do Evangelho é evidente. Como um pequeno grupo de pessoas sem destaque político, econômico ou mesmo intelectual, nascidos em uma província pouco importante, dominada por um Império quase totalitário, conseguiu se tornar a maior religião do planeta?

Isso não aconteceu do dia para a noite. Não foi obra de um só homem. E mesmo que sejamos obrigados a apontar certos personagens que tiveram importante papel não só na expansão missionária, mas mesmo na visão e compreensão da tarefa, a verdade é que a expansão do Evangelho envolveu homens e mulheres de todas as classes sociais, de todos os níveis intelectuais. Foram milhões de anônimos que, como instrumento de Deus, tornaram o mundo um pouco mais cristão durante a sua vida. A grande maioria permanecerá desconhecida do público estudioso e leitor. Só serão conhecidos na eternidade.

Ao falarmos de história em qualquer sentido, encontramos-nos diante de uma tarefa complexa. São inúmeras pessoas, fatos, acontecimentos, movimentos. Qualquer volume de palavras seria insuficiente para descrever o fluxo de ações que transformou o mundo ao longo do tempo. O caminho de Jerusalém até os confins da terra foi bastante longo, trilhado de forma irregular, em uma velocidade lenta demais se levarmos em conta a importância da mensagem. O que podemos captar é apenas um pouco desse processo. Todavia, esse pouco já nos permite ver as linhas centrais através das quais o Evangelho cresceu e se desenvolveu.

A expansão do Evangelho até os confins da terra não é uma opção da Igreja. É sua razão de ser. Enquanto isso não acontecer, significa que sua tarefa não está terminada e que ela ainda deva se empenhar e dedicar até que isso aconteça.

*E este Evangelho do Reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim. (Mateus 24.14).*

*Mas importa que o Evangelho seja primeiramente pregado entre todas as nações. (Marcos 13.10).*

*E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda tribo, e língua, e povo, e nação. (Apocalipse 5.9).*

Nada menos que a pregação do Evangelho no mundo todo, para cada etnia da terra, é a conclusão da tarefa missionária. A Igreja não pode descansar enquanto não chegar a esse ponto. A História nos aponta, nos inspira e nos conduz para onde devemos chegar para concluir essa tarefa.

## O PERÍODO APOSTÓLICO

A principal fonte de História da Igreja no período apostólico é o livro de Atos dos Apóstolos e as cartas paulinas. Lucas, o autor do Evangelho que leva seu nome e do livro de Atos, era um historiador bastante preciso. Ele inicia a sua história a partir da ascensão de Cristo e prossegue até o tempo em que Paulo estava em Roma.

As epístolas paulinas, embora não sejam necessariamente narrativas históricas, mas sim tratados doutrinários e exortativos, servem de ponte histórica conectada a Atos e esclarecem muitos detalhes desse período. Com tal material à nossa disposição é possível construir um pouco dos eventos que ocorreram durante o período inicial da Igreja.

O grande problema é que na maior parte deste material o trabalho missionário do apóstolo Paulo recebe destaque, visto que Lucas foi seu companheiro de viagem em muitas ocasiões. Por este motivo não temos uma narrativa inspirada da obra dos demais apóstolos. No livro de Atos temos ações de João e Pedro e no capítulo 15 temos sua presença no Concílio de Jerusalém. Todavia, além disso, nada mais dispomos.

O próximo livro de História da Igreja a ser escrito foi a História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia, escrito já no século IV. Nele há citações dos trabalhos de outro historiador que não chegaram até nós. A maior parte das fontes de Eusébio deriva da tradição e dos escritos dos chamados “pais apostólicos”. Mesmo assim, tentaremos fazer um resumo do trabalho daqueles doze homens que foram comissionados por Cristo e foram os primeiros a serem designados “apóstolos”.

Aspectos facilitadores da difusão da fé cristã no mundo greco-romano:

- O senso de unidade e universalidade política do império romano.
- A relativa segurança e facilidade de trânsito proporcionada por Roma.
- A universalidade da língua grega e a expansão do latim.
- A expansão do judaísmo da Dispersão (ou Diáspora).
- A contribuição da filosofia grega.

O historiador Edward Gibbon, embora tenha se tornado um cético, muito contribuiu para a compreensão dos motivos que levaram a o Evangelho a se expandir de maneira extraordinária através do Império Romano, e mesmo além de suas fronteiras. Ele apontou 5 razões para justificar tal expansão do Cristianismo:

- O zelo herdado dos judeus (exclusivismo).
- A doutrina da salvação eterna.
- Os milagres poderosos.
- A vida virtuosa dos cristãos.
- A organização da comunidade cristã.

### A OBRA MISSIONÁRIA DOS APÓSTOLOS

O livro de Atos não fala sobre Missões. O livro de Atos é Missões. Ele apresenta o rumo que as coisas seguiram após a ascensão de Cristo. Mesmo que não tenha focalizado todos os apóstolos, ele apresenta um plano que apresenta a Grande Comissão de Cristo sendo efetivamente cumprida, revelando o processo mediante o qual a mensagem do Evangelho ultrapassa as fronteiras de Israel e do judaísmo para adquirir um estatuto universal. E não só no aspecto geográfico, mas cultural também. Jesus disse: *Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos*

*confins da terra*. (Atos 1.8). Mostra claramente o processo de expansão do Evangelho. Este versículo apresenta uma das chaves para o livro e, ao mesmo tempo, que apresenta o caminho percorrido pelas Missões cristãs. Podemos ver estes passos no livro de Atos:

Jerusalém (1-7);  
Judéia e Samaria (8-12);  
Confins da Terra (13-28).

O livro de Atos retratará, por meio de narrativas, a difícil barreira a ser vencida entre judeus e gentios. Apesar de tal barreira ter sido objetivamente destruída na cruz de Cristo (Efésios 2.14-16), subjetivamente ela ainda estava presente na mente dos primeiros discípulos. O Espírito Santo ainda teria de trabalhar no intuito de tornar Missões mundiais uma atividade da Igreja.

Quem primeiramente começa a quebrar as barreiras é provavelmente um judeu helenizado. Filipe foi um dos sete escolhidos para ser diácono em Atos 6.5. Há controvérsia se ele é um prosélito (gentio convertido ao judaísmo) ou apenas um judeu de cultura grega. De qualquer forma, por ter vivido no mundo gentio ele era menos sensível às diferenças. Por isso, ele vai para Samaria (Atos 8.5-8) e produz ali um avivamento sem igual. Mais tarde, Pedro e João descem até lá, após terem tido conhecimento dos resultados de Filipe. Os samaritanos já foram alcançados pelo Evangelho. A ponte para tal conversão foi um judeu helênico. Se não fosse isso, talvez os apóstolos lá não estariam.

Até mesmo o apóstolo Pedro, que havia bebido todas as palavras de Jesus e ouvido a ordem de seus lábios para pregar em todo o mundo e a toda a criatura, possuía um visão das coisas que não era tão fácil de mudar. Em todo o capítulo 10 vemos a ação do Espírito Santo quebrando as muralhas culturais então existentes.

Primeiramente Cornélio tem a visão do anjo que lhe manda trazer Pedro de Cesaréia. Em seguida, o próprio Pedro tem uma visão, na qual o Senhor lhe diz que *ele não deveria considerar imundo aquilo que Ele já purificou*. Por fim, quando os homens de Cornélio chegam à casa onde se encontra Pedro, o próprio Espírito Santo lhe diz que não fosse com aqueles homens sem duvidar, pois Ele os havia enviado. Em seguida, enquanto prega para Cornélio e aqueles que estão em sua casa, eles também começam a falar em línguas como havia acontecido em Pentecoste. Pedro e os demais que com ele estavam não podiam mais duvidar de que se tratava do mesmo Deus salvando agora aos gentios. Apesar de surpresos, reconhecem a mão de Deus a operar em tal contexto.

Como podemos ver, o alargamento da visão dos apóstolos e da Igreja judaica ia se fortalecendo aos poucos, de modo que pudesse incluir os gentios no plano divino, o que seria um processo lento, apresentando conflitos teológicos, recuos e avanços questionáveis. Aos poucos, porém, o Evangelho estava sendo pregado às nações.

## MISSÕES INVOLUNTÁRIAS NO LIVRO DE ATOS

Podemos perceber que os primeiros avanços missionários não foram fruto de alguma deliberação. Foram impulsionados por alguma forma de revelação divina ou, de acordo com o que iremos considerar mais à frente, resultado das pressões da situação.

Trata-se do embrião de uma consciência missionária, acompanhada de um movimento missionário que, tendo-se iniciado nos dias dos apóstolos, continuam até a atualidade, tendo como alvo anunciar o Evangelho a “toda criatura”.

Antes que o “ide e pregai” fosse posto em prática, houve no dia de Pentecoste o “vinde e ouvi” em uma escala “mundial”, se levarmos em consideração os limites geográficos conhecidos até então. As pessoas de todas as nações daqueles contextos geográficos vinham a Jerusalém para esta e outras festas bíblica e depois retornavam às suas nações. Estas ocasiões foram eficazes para uma primeira propagação do Evangelho, muito semelhante àquela usada pelas Missões modernas ao evangelizar comunistas e muçulmanos fora de seus países de origem. Em Atos 2.8-11, lemos: *Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia (Regiões do Oriente Médio), e Judéia, e Capadócia,*

*e Ponto, e Ásia, e Frígia, e Panfília (Regiões da Ásia Menor, atual Turquia), Egito e partes da Líbia, junto a Cirene (Regiões do Norte da África), e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), e cretenses (Europa), e árabes (Península Arábica), todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus.*

Dessa forma, muitas pessoas de muitos lugares foram alcançados com a mensagem do Evangelho pregado por Pedro naquela ocasião, retornando para seus países de origem proclamando a salvação de Deus através de Jesus Cristo, porquanto elas haviam visto o agir sobrenatural de Deus quando aqueles galileus falaram em seu próprio idioma. Sendo assim, foram impactados pela pregação e, como consequência natural, quando retornassem aos seus países de origem, eles passassem a testemunhar acerca do Evangelho.

## O CASO DE ROMA

Quem iniciou a Igreja em Roma? Não há no Novo Testamento qualquer passagem que lhe atribua um fundamento apostólico, tanto da parte de Pedro, quanto da de Paulo. A tradição histórica entre os católicos também não é conclusiva a esse respeito, e foi elaborada, provavelmente, tendo em vista defender a sua supremacia.

A questão é que já havia uma Igreja nessa cidade, digna de receber, inclusive, um dos documentos mais importantes do Evangelho: a Epístola aos Romanos, escrita pelo apóstolo dos gentios. Como então surgiu aquela comunidade? Russel Champlin responde: “É bem possível que tenham sido os convertidos judeus quando do dia de Pentecostes, vindos de Roma a Jerusalém a fim de participarem daquela festa religiosa que voltaram à sua cidade e através de seu testemunho formou-se um núcleo original que formou aquela Igreja local”.<sup>1</sup>

Não há porque pensar que este foi o único caso em que os eventos do dia de Pentecoste resultaram em propagação do Evangelho para outras terras. Há coisas que só a eternidade poderá mostrar.

## O CASO DA ETIÓPIA

Outro caso semelhante é o que se refere ao etíope. Por que Deus tiraria Filipe de um bem-sucedido trabalho de evangelização em Samaria para pregar a um único indivíduo, se não houvesse um propósito maior? Embora a narrativa sobre tal etíope tenha terminado em Atos 8.39, dizendo apenas que ele “seguiu jubiloso o seu caminho”, a tradição não se conformou com essa abrupta interrupção.

É bom lembrar que, segundo uma profecia de Davi no Salmo 68.31, a Etiópia estenderia ansiosamente suas mãos a Deus, o que em parte já havia se cumprido por ocasião da visita da Rainha de Sabá a Salomão. Esta teria, em tal ocasião, levado a fé no Deus único e verdadeiro de Israel à Etiópia e a propagado entre o seu povo.

Verdadeiras ou não, as tradições são muito fortes. “Por certa providência divina, quando o anúncio do Evangelho do Salvador avançava diariamente, foi para ali levado um príncipe dos etíopes, conforme costume que ainda prevalece de serem governados por uma mulher, sendo o primeiro dentre os gentios que receberam de Filipe os mistérios da palavra divina. O apóstolo, conduzido por uma visão, assim o instruiu e ele, segundo se diz, tornando-se as primícias dos crentes em todo o mundo, foi o primeiro que, voltando para o seu país, proclamou o conhecimento de Deus e a habitação salutar de nosso Senhor entre os homens. De modo que a profecia obteve seu cumprimento por meio dele: ‘A Etiópia estende suas mãos para Deus’”.<sup>2</sup>

Ainda sobre isto, temos: “As tradições históricas dizem que ele veio a pregar o Evangelho no Ceilão e na Arábia, bem como na ilha de Trabrobana, no Mar Vermelho, até que finalmente sofreu martírio”. (Fabricii Lux Evangelii, p. 115, 708). Mesmo que não possam ser definitivamente confirmadas em seus detalhes, seu valor permanece.

1 . CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado Versículo por Versículo*. São Paulo: Candeia, 1995, p. 178.

2 . CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro: CPAD, Livro 2, Cap. 1.

## TRABALHO MISSIONÁRIO DOS APÓSTOLOS

### *PAULO, O MISSIONÁRIO*

Além de seu trabalho como pensador, sua obra missionária também merece destaque. Aliás, ele é o único que teve seu trabalho registrado no livro de Atos. Nela temos descritas três viagens missionárias e mais uma viagem a Roma, como sendo prisioneiro do Império. Todas essas viagens propiciaram a expansão do Evangelho para o muito além das terras da Judéia, onde ele nascera.

A primeira viagem ocorreu a partir de Antioquia, na Síria, e expandiu-se para a Ilha de Chipre. Depois, propagou-se para a região da Ásia Menor (Turquia). Nesta primeira viagem, Paulo foi auxiliado por Barnabé. Seu método permaneceu sempre o mesmo, obedecendo à ordem “primeiro do judeu” (Romanos 1.16). Ele ia para a sinagoga, que na ocasião estava espalhada por toda a região do Império Romano, procurando convencer os judeus de que Jesus é o Messias. Após a recusa dos judeus, ele se voltava para os gentios. Dessa forma, podemos constatar que as Igrejas iam se formando, apresentando em sua configuração inicial um composto de judeus e não judeus. Paulo percorreu diversas cidades, implantando e organizando Igrejas, até que retornou ao seu contexto vivencial judaico.

Após o Concílio de Jerusalém, Paulo iniciou sua segunda viagem, desta vez acompanhado por Silas. Visitou as cidades nas quais havia implantado Igrejas, comunicando-lhes o parecer do Concílio em relação aos gentios. Foi em tal ocasião que eles foram conduzidos pelo Espírito Santo para a região da Europa. Na cidade de Filipos surgiram os primeiros convertidos. A partir daí, a obra missionária continuaria a ser realizada em outras cidades europeias, tais como, Tessalônica, Beréia, Atenas e Corinto. Tal acontecimento seria de extrema importância para a urgência de Missões, uma vez que o Evangelho criaria profundas raízes nesse continente para, depois, espalhar-se pelo mundo todo. Paulo então retornou para Jerusalém e, depois, partiu para Antioquia.

Em sua terceira viagem missionária, Paulo permaneceu na grande cidade de Éfeso por um ano e meio. Muitas pessoas provenientes de toda a Ásia iam para aquela cidade e ali eram instruídas no Evangelho. Foi um trabalho muito proveitoso, pois permitiu que muitas vidas pudessem ouvir a Palavra de Deus. Dali, Paulo visita novamente a Europa, mais precisamente falando, a Grécia. Após certo período de tempo estando ali, ele retornou ao seu país, passando por Mileto, na Ásia Menor, e prosseguiu para Jerusalém, onde foi preso.

Sua viagem a Roma foi como prisioneiro, mas Paulo teve a oportunidade de pregar aos nativos de Malta devido ao naufrágio do navio em que ele se encontrava. Uma vez estando em Roma, teve a oportunidade de ficar em uma casa alugada por suas próprias custas. Nessa ocasião, teve chance de fazer um bom trabalho evangelístico na capital do Império. Geralmente se crê que Paulo foi posto em liberdade em tal contexto, pois em sua segunda epístola a Timóteo, a última a ser escrita pelo referido apóstolo, fala de viagens não narradas à Ilíria e à Espanha, o que pressupõe novas viagens missionárias posteriores.

Este é um resumo do trabalho missionário da Igreja que nos dá uma idéia da amplitude adquirida pelo Evangelho. Mesmo que não tenhamos detalhes do trabalho dos demais apóstolos, já nos é possível ter uma idéia da amplitude tomada pelo Evangelho.

Podemos certificar, então, que o primeiro século de sementeira foi bastante eficaz.

## OS DEMAIS APÓSTOLOS

Conforme temos dito, as fontes sobre o trabalho dos demais apóstolos são bastante escassas e imprecisas. Mesmo assim, é preciso conhecer algumas notas a seu respeito, pois, com certeza, estes trabalhos jamais serão esquecidos por Deus.

### **PEDRO**

Haja vista que em 1 Coríntios 1.12 e 3.22 Paulo faz referência a Pedro, havendo inclusive um partido que se

identificava com ele, não se pode negar que seu trabalho ali tenha sido provavelmente um trabalho demorado. Pode-se presumir ainda, a partir de 1 Coríntios 9.5, que ele estivera ali com a sua família. Eusébio, em sua *História Eclesiástica*, confirma essa informação (Livro II, capítulo XXVII).

Da mesma forma, Eusébio também fala do ministério de Pedro em Antioquia, capital da Síria, cidade de extrema importância para se considerar história da pregação ou proclamação do Evangelho. Nela houve grandes nomes da Igreja, dentre os quais, podemos citar Inácio, apontado pela tradição histórico-eclesiástica como o sucessor de Pedro naquela cidade.

Há controvérsias sobre um trabalho de evangelização realizado por Pedro na região da Mesopotâmia, baseando-se na citação de 1 Pedro 5.13. Alguns crêem que seja uma referência literal; outros, que se trata de uma referência simbólica à cidade de Roma. De qualquer forma, a possibilidade de um trabalho de evangelização realizado por Pedro, em tal contexto geográfico, ainda permanece.

Todavia, há um outro campo missionário, no qual as evidências do trabalho de Pedro parece ser plenamente reconhecido – a região da Britânia (ou Inglaterra). Sabemos que o Império Romano havia conquistado pelo menos metade da Ilha. Muitos são os pesquisadores que reconhecem um ministério efetivo do apóstolo nessa região.

Por fim, há grande evidência histórica de que ele teria morrido em Roma, por ordem do Imperador Nero, o qual teria colocado fogo na cidade para ter a glória de reconstruí-la a seguir. Jogou a culpa do incêndio sobre os cristãos, iniciando um cruel período de perseguição, que levou muitos cristãos a serem mortos como forma de martírio espetacular. Nessa ocasião, ele teria mandado matar Pedro e Paulo. Devido à cidadania romana de Paulo, ele deveria ser decapitado, enquanto Pedro, por não ser portador de tal cidadania, deveria ser crucificado. Segundo a tradição histórico-eclesiástica, conta-se que ele pediu para ser crucificado de cabeça para baixo, pois não se julgava digno de morrer como seu Senhor.

## JOÃO

Segundo fontes histórico-eclesiásticas, João foi o último dos apóstolos a morrer e o único que morreu de morte natural. Há ampla literatura, posterior ao período apostólico, a seu respeito. A informação mais consistente sobre o seu trabalho é que ele teria habitado em Éfeso. Embora existam contestações sobre a informação de que ele teria habitado ali com Maria, a mãe de Jesus, a sua presença em tal contexto geográfico não é questionada até mesmo pelo material bíblico que comprova que ele ali tenha habitado. Como vemos em Atos 19, Paulo encontrou ali discípulos de João Batista, o que comprova uma forte influência deste naquela região. Quando João escreveu o seu Evangelho, ele procurou enfatizar a distinção entre João e o Messias de uma forma mais incisiva do que a aquelas formas que podem ser constatadas nos demais evangelhos. Isso demonstra a necessidade de esclarecer o assunto perante os seguidores de João Batista, os quais, talvez, o tivessem como o Messias. Um texto do segundo século registra seu amplo trabalho naquela região:

“Éfeso, Tessalônica, Ásia, toda a terra dos coríntios, assim como toda a Acaia e os termos ao seu redor, receberam a ordenação apostólica do sacerdócio da parte de João, o Evangelista, o mesmo que se reclinou sobre o peito de nosso Senhor. Ele mesmo edificou a Igreja naqueles lugares, e lá ministrou, permanecendo no ofício de guia”.

Parece, assim, bastante plausível seu trabalho em toda aquela região. No ano de 81 d.C., o apóstolo teria sido exilado na Ilha de Patmos pelo imperador Domiciano. A intenção era a de que ele morresse, uma vez que a ilha era infestada de serpentes venenosas. Ele, porém, não pereceu e ainda retornou a Éfeso para escrever o seu Evangelho e o seu livro de Apocalipse.

Ainda segundo a tradição histórico-eclesiástica, ele teria morrido de morte natural e sido sepultado na própria cidade de Éfeso, com mais de 90 anos.

## BARTOLOMEU

Há duas tradições histórico-eclesiásticas referentes ao trabalho missionário de Bartolomeu. Uma diz que ele teria feito seu trabalho na Ásia menor, como alguns apóstolos que já vimos. A outra, porém, afirma que ele tam-

bém foi para a região do Oriente, mais precisamente para a Índia. Panteno, um missionário enviado para aquela região, em certa ocasião, descobriu que Bartolomeu já havia estado lá e deixado um Evangelho segundo Mateus escrito em hebraico. Os armênios também possuem uma tradição histórico-eclesiástica que relata a presença de Bartolomeu em suas terras.

Segundo algumas tradições histórico-eclesiásticas, ele teria sido crucificado por um rei armênio, que depois mandou decapitá-lo.

## MATEUS

Mateus, o discípulo que nos deixou uma brilhante narrativa da vida de Cristo foi missionário nas regiões do Egito e da Etiópia. Embora alguns poucos afirmem que ele morreu de velhice, a maior parte da tradição histórico-eclesiástica o coloca perecendo ferido por lança ou por espada em tais regiões.

## SIMÃO ZELOTE

Este humilde discípulo de Cristo derivou seu sobrenome, provavelmente, de seu envolvimento com a seita dos zelotes, grupo extremista que desejava se insurgir militarmente contra Roma. Era um nome muito comum nos tempos do Novo Testamento.

Segundo a tradição histórico-eclesiástica, Simão zelote também teria feito sua obra missionária nas Ilhas Britânicas. Além disso, teria também ido a outras regiões distantes, principalmente do Norte da África, tais como, o Egito, Cirenaica, Mauritânia e Líbia e morrido na Inglaterra por ordem do procurador romano, embora algumas tradições histórico-eclesiásticas narrem um trabalho missionário posterior na região da Mesopotâmia, o qual tem apresentado muita inconsistência fatural entre os pesquisadores nas pesquisas referentes à disciplina sobre Missões.

## TOMÉ

A riqueza existente nos relatos das tradições histórico-eclesiásticas sobre os trabalhos missionários de Tomé é muito consistente. Ele é o apóstolo sobre o qual existem mais informações históricas. Entre as regiões por ele visitadas, constam, segundo a tradição histórico-eclesiástica, a Babilônia, a Pérsia, a Média e a China. Mas seu trabalho missionário mais expressivo foi realizado na Índia.

Embora sejam muitas as tradições sobre a sua morte, há muitos pontos em comum entre elas. É possível que ele tenha perecido no sul da Índia, sendo assassinado pelos sacerdotes brâmanes, os quais invejavam o seu sucesso com a nova doutrina que ele estava proclamando.

## ANDRÉ

O Leste Europeu foi o lugar de atividade missionária deste ousado servo do Senhor. Uma das mais fortes tradições histórico-eclesiásticas, endossadas pelo historiador Eusébio, diz respeito ao sul da Rússia, especialmente as regiões outrora conhecidas como Cítia e Partia, próximas ao Mar Negro. Outras regiões em que ele teria trabalhado seriam Bizâncio, na Trácia, em Épiros, no Peloponeso e também na Bitúnia.

A tradição histórico-eclesiástica diz que seu martírio teria ocorrido na Grécia. Segundo alguns relatos, ele teria perecido em uma cruz em forma de “X”, a qual passou a ser conhecida pelo nome de “cruz de Santo André”.

## FILIFE

Esse Filipe tem sido confundido, muitas vezes, com Filipe, o evangelista, que foi colocado como diácono e se tornou uma personalidade de destaque no livro de Atos (Atos 6.5; 8.5-40; 21.8,9). Esse Filipe é distinto daquele outro Filipe, que foi chamado para fazer parte do grupo inicial dos doze apóstolos de Jesus Cristo.

Segundo a tradição histórico-eclesiástica, ele teria trabalhado na região da Frígia, tendo antes pregado o

Evangelho na Cítia, região do Mar Negro. Segundo as tradições histórico-eclesiásticas, ele teria feito trabalhos missionários também na Gália (uma região da atual França) e em Atenas, na Grécia, Filipe teria entrado em conflito com os filósofos que ali abundavam e morrido como mártir na Ásia Menor.

## **JUDAS TADEU**

Há muito pouca informação a respeito desse apóstolo. Até mesmo nos Evangelhos sua figura permanece muito obscura. Há conexões que associam o seu trabalho missionário à Igreja Armênia, mas trata-se apenas de uma simples especulação. A respeito de sua morte, segundo fontes da tradição histórico-eclesiástica, ele teria morrido sendo ainda muito jovem.

## **TIAGO, FILHO DE ZEBEDEU**

Esse Tiago era o irmão de João. É geralmente chamado de Tiago, o maior, para distingui-lo de Tiago, filho de Alceu, que recebeu o título de Tiago, o menor.

Seu trabalho missionário teve breve duração, pois ele foi morto por Herodes (Atos 12.2), e o que nos é dito sobre o que ocorrera em tal ocasião é que isso agradou aos judeus, de onde podemos inferir que seu ministério era bastante impactante entre os judeus de Jerusalém.

## **TIAGO, FILHO DE ALFEU**

Não há também muito material sobre esse apóstolo, chamado de Tiago, o menor. O que se pode dizer é que se fala muito, segundo algumas tradições histórico-eclesiásticas, acerca de uma semelhança entre ele e o Senhor Jesus Cristo. Segundo outras tradições histórico-eclesiásticas, porém, é comum também confundi-lo com Tiago, o irmão do Senhor.

As tradições histórico-eclesiásticas apresentam uma incrível semelhança entre o seu martírio e o martírio do irmão do Senhor Jesus. Tiago, filho de Alfeu, teria sido arremessado de cima do templo e, logo em seguida, teria sido apedrejado até à morte. Mas pode se tratar de mera confusão com Tiago, o Justo, irmão do Senhor Jesus Cristo.

## **MATIAS**

Foi o substituto de Judas Iscariotes, o traidor. Da pouca tradição histórico-eclesiástica que restou, ele teria feito sua obra missionária na região da Armênia. Teria sido martirizado por mãos judaicas em Jerusalém, após retornar de uma campanha na Macedônia entre 61 e 64 d.C.

## **VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

1. Por que as epístolas paulinas são úteis para compreensão do período apostólico?
2. Quais os cinco aspectos que facilitaram a difusão do cristianismo no Império Romano?
3. O que são missões involuntárias? Que exemplo temos no livro de Atos?

## PERÍODO PÓS-APOSTÓLICO

Normalmente, nós, ocidentais, vemos o Evangelho a partir de seu desenvolvimento europeu. Ele se torna predominante no continente europeu, expande-se para a América e depois para o mundo. Essa tal perspectiva nos deixa com uma visão histórica da expansão do Evangelho muito limitada, porquanto o coloca como uma religião ocidental ao invés de perceber o seu caráter universal.

O Evangelho também se expandiu a partir de seu eixo ocidental. Vale a pena destacar que, embora a expansão do seu segmento evangélico tenha sido predominantemente ocidental, ele não se desenvolveu no vácuo.

### O EIXO OCIDENTAL

O eixo romano se refere ao trabalho de expansão da Igreja, cuja força motriz encontrava-se em Roma. Percebe-se que entre a morte dos apóstolos houve uma expansão do Evangelho por todo o Império sem qualquer identificação com Roma. Aliás, as primeiras perseguições ocorreram em tal contexto geográfico, entretanto, a Igreja continuou crescendo, e principalmente após a união entre a Igreja e o Império, a cidade de Roma foi adquirindo cada vez mais status.

O bispo de Roma, visto como um importante líder entre outros, foi angariando para si cada vez mais poder e influência, chegando até a adquirir a posição papal. Uma visão “romanocêntrica”, então, foi se apossando da Cristandade. Política e teologicamente considerada, ela foi tomando para si a carga de representante e líder da cristandade.

Como podemos deduzir, o eixo romano fez mais um trabalho de crescimento interno, na área do império, por meio da evangelização e da centralização. Aos poucos, foi consolidando o seu poder e influência, tanto durante o domínio romano, quanto após a queda do Império Romano do Ocidente em 476 d.C. A noção de uma Igreja sob a liderança do bispo de Roma foi o foco principal.

### O EIXO ORIENTAL

Philip Jenkins escreveu, em *A Próxima Cristandade*:

*Fundado no Oriente Próximo, o Evangelho, em seus primeiros mil anos, foi mais forte na Ásia e no Norte da África do que na Europa, e só depois de 1400, mais ou menos, é que a Europa (e a América do Norte europeizada) tornou-se decididamente o centro do mundo cristão. Esta descrição contesta a visão curiosamente predominante do Evangelho como uma ideologia branca ou ocidental...*

O eixo missionário oriental se desenvolve a partir de Constantinopla, embora não tenha atingido, exclusiva e geograficamente, a maior porção da terra, até que o catolicismo e o protestantismo se espalhassem pelo mundo. Essa cidade, fundada por Constantino sobre a antiga cidade conhecida como Bizâncio, tornar-se-á a sede do Império Bizantino ou Romano Oriental, que perdurará até a queda de Constantinopla pelas mãos dos turcos otomanos em 1953. Foi um grande instrumento missionário para o Oriente e a Rússia. Como sede da Igreja Ortodoxa Grega, terá importante papel no crescimento do Evangelho em tal contexto geográfico na região da Ásia.

### EXPANSÃO NA PERSEGUIÇÃO

Desde que Nero ordenou a prisão e cremação dos cristãos, em 68 d.C., até a adesão do Imperador Romano Constantino ao Evangelho em 313 d.C., a Igreja sofreu dez grandes perseguições. Muito aquém de destruí-la,

esse período levou o Evangelho a todo o Império e fez da Igreja uma instituição sólida e influente. Sabemos os nomes de destacados autores dessa época. Entretanto, os nomes de inúmeros cristãos que deram suas vidas em prol da expansão da Igreja permanecerão ocultos até aquele grandioso dia.

Tertuliano (160 a 220 d.C.) foi um advogado e teólogo de Cartago (norte da África). Fez grandes defesas do Evangelho bíblico. Algumas de suas frases mostram o avanço do Evangelho no Império Romano. Ei-las:

“O sangue dos cristãos é semente”

“Ainda que nós tenhamos surgido há pouco tempo, temos enchido todos os lugares de seus domínios, cidades, ilhas, corporações, concílios, exércitos, tribos, o senado, o palácio, as cortes. Se os cristãos tivessem ideia de vingar-se, eles agora são em grande número, existem em grande quantidade, não nesta ou naquela província somente, mas em todos os cantos da terra”.

“Gente de todas as idades, condições e posição social se dirige para nós. Somos de ontem, mas já enchemos o mundo”.

Antes do ano 180 d.C., o Evangelho tinha se espalhado rapidamente na Ásia Menor e no Egito. Há menção de Igrejas no Norte da África, Gália, Germânia (norte da Europa), Trácia e Tessália. O grande crescimento, porém, veio entre 206 e 303. Sobre tal fenômeno escreveu Eusébio de Cesaréia:

*Quem poderia descrever aquelas grandes multidões de homens que foram convertidas a Cristo e à grande frequência nas casas de adoração? Não contente com as antigas construções, eles edificaram espaçosas Igrejas em todas as cidades.*

O historiador da Igreja, Adolf Von Harnack, calcula que em 303, metade da Ásia menor era formada por cristãos.

## IMPORTANTE RELATO DE EUSÉBIO DE CESARÉIA

Temos uma excelente página de Eusébio de Cesaréia, em que ele relata a expansão da Igreja nesse período:

Entre os que eram famosos neste tempo, achava-se também Codratos, sobre o qual uma tradição refere que sobressaía em carisma profético, juntamente com as filhas de Felipe. Também eram célebres então, além destes, muitos outros que tiveram o primeiro lugar na sucessão dos apóstolos. Estes magníficos discípulos de tão grandes homens edificavam sobre os fundamentos das Igrejas deixados anteriormente em cada lugar pelos apóstolos. Aumentavam mais e mais a pregação e semeavam por toda a extensão da terra habitada a semente salvadora do reino dos céus.

Efetivamente, muitos dos discípulos de então, tocados na alma pela palavra divina com um amor muito forte à filosofia, primeiramente cumpriam o mandamento do salvador repartindo seus bens entre os indigentes, e depois empreendiam viagem e realizavam trabalho de evangelistas, empenhando sua honra em pregar aos que ainda não haviam ouvido a palavra da fé e em transmitir por escrito os divinos Evangelhos.

Estes homens nada mais faziam que deitar os fundamentos da fé em alguns lugares estrangeiros e estabelecer outros como pastores, encarregando-os do cultivo dos recém-admitidos, e em seguida mudavam-se para outras regiões e outros povos com a graça e a cooperação de Deus, já que por meio deles continuavam realizando-se ainda então muitos e maravilhosos poderes do Espírito divino, de forma que, desde a primeira vez que os ouviam, multidões inteiras de pessoas recebiam em massa com ardor em suas almas a religião do Criador do universo.

Sendo-nos impossível enumerar pelo nome todos os que na primeira geração de apóstolos foram pastores e inclusive evangelistas nas Igrejas de todo o mundo, é natural que mencionemos por seus nomes e por escrito apenas aqueles dos quais se conserva a tradição até hoje graças a suas memórias da doutrina apostólica.

## CONSTANTINO

Com Constantino o Evangelho saiu de uma religião perseguida para se tornar a religião oficial do Império Romano. Conforme escreveu o historiador Will Durant:

Não existe nenhum drama na história do que a vista de um punhado de cristãos desprezados ou oprimidos por uma série de imperadores, suportando todas as provas com sublime tenacidade, multiplicando-se calmamente, construindo uma ordem enquanto seus inimigos geravam o caos, opondo a palavra à espada, a esperança à brutalidade e, afinal, derrotando o Estado mais poderoso que a história conhece [Roma]. César e Cristo tinha se defrontado na arena. E Cristo vencera... (DURANT, Will. César e Cristo, p. 510.)

Ou segundo as palavras de Edward Gibbon:

Enquanto este grande corpo [Império Romano] foi invadido pela violência aberta, ou minado pela lenta decadência, uma pura e humilde religião gentilmente se insinuava na mente dos homens, crescendo em silêncio e obscuridade, derivando novo vigor da oposição, e finalmente erigindo a *triumfante bandeira da cruz nas ruínas do Capitólio*. (GIBBON, Edward. Decline and Fall of Roman Empire, XV)

Até hoje há controvérsias sobre sua alegada conversão ao Evangelho. Permaneceu sumo pontífice da religião pagã por toda a sua vida, tendo sido batizado apenas por ocasião da hora de sua morte. O fato de ter feito do Evangelho a religião oficial do Império teve um efeito enorme sobre a História, evidenciando-se na atualidade o efeito que se faz sentir na união entre Igreja e Estado, que esteve ou está presente em vários segmentos do Evangelho. Sua interferência na questão ariana abriu um precedente sobre a interferência do Estado nas coisas espirituais que é difícil de ser ignorada ou apagada. Além disso, ao fundar a cidade de Constantinopla na Ásia Menor, Constantino permitiu a futura divisão do Império Romano do Oriente e do Ocidente, que mais tarde provocou a primeira ruptura no Evangelho. Um único corpo transformou-se em Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Ortodoxa Grega. A primeira predominou no Ocidente e formou nossa cultura. A segunda expandiu-se para o Oriente.

## CONVERSÕES ESTATAIS

Antes mesmo de Constantino, mas principalmente após ele, era comum que a conversão de um rei ou governante ao Evangelho significasse a conversão de todos os seus súditos. Essa atitude era tida como normal. Podemos dizer que a evangelização da Polinésia, ocorrida no século XIX, seguiu o mesmo princípio com relação aos líderes tribais.

## ARMÊNIA

Em 301, a Armênia se tornou o primeiro país oficialmente cristão do mundo, tomando-o como religião oficial de Estado, quando um número de comunidades cristãs começou a se estabelecer na região desde o ano 40. Havia várias comunidades pagãs antes do Evangelho, mas elas foram convertidas por influências de missionários cristãos. Tiridates III (ou Trdat, Dedrad, juntamente com Gregório, o Iluminador, foram os primeiros reguladores oficiais do Evangelho ao povo, conduzindo a conversão oficial do país, dez anos antes de Roma emitir sua tolerância aos cristãos por Galério, e 36 anos antes de Constantino I ser batizado.

## OS FRANCOS

Clóvis, rei dos francos, foi desafiado por sua esposa, Clotilde, a se converter ao Evangelho ortodoxo e deixar-se batizar. Em guerra com diversos povos, ele aceitou o desafio, caso fosse o rei vitorioso nas batalhas. De

fato, ele foi o rei vencedor e cumpriu sua promessa. Ao batizar-se, ele estimulou seu povo a fazer o mesmo. O resultado foi a cristianização dos francos, os quais viviam na região que atualmente conhecemos como França.

## MISSIONÁRIOS NO PERÍODO PÓS-APOSTÓLICO

Não podemos omitir o nome de grandes pregadores desse período, que demonstraram uma capacidade sobrenatural para expandir a Igreja. Notório foi o trabalho da chamada Igreja Celta ou Bretã, no meio da qual se levantaram grandes nomes do Evangelho primitivo.

Tertuliano escreveu:

*Aquelas regiões da Grã-Bretanha que eram invencíveis diante dos exércitos romanos foram conquistadas pelo Evangelho de Cristo.*

Gildas, o Sábio, um monge gaulês, escreveu por volta do ano 500:

*A Igreja está espalhada por toda a nação. Além disso espalhou-se também pela Irlanda e Escócia. Foi também uma Igreja erudita, tinha sua própria versão da Bíblia e seus próprio ritual.*

Alguns dos líderes missionários para a Europa foram: Columbano, Gall, Killian, Virgílio, Fridolin e Willibrord. Foram fundados 13 mosteiros na Irlanda e na Escócia, 12 na Inglaterra, 7 na França, 12 na Bretanha, 7 na Lorena, 10 na Alsácia, 16 na Bavária, 15 na Renânia, na Helvécia e na Alemanha. Também foram fundados muitos mosteiros na Turíngia e próximo ao Rio Reno, além de 6 na Itália.

Essa Igreja puramente Britânica manteve a sua independência de Roma até 1172, quando um sínodo a incluiu na Igreja Romanizada da Inglaterra.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Quais os dois eixos de expansão do cristianismo?
2. Quem disse “O sangue dos cristãos é semente”? O que ele quis dizer com isso?
3. Cite três missionários do período pós-apostólico?

## IGREJA MEDIEVAL

### ÚLFILAS

Ele foi chamado de Apóstolo dos Godos. Traduziu as Escrituras para o idioma gótico, tendo inventado um alfabeto para isso. Esse fato por si já demonstra a ação cultural do Evangelho entre os povos. Como bispo e manteve contato com a liderança de Bizâncio no tempo do Imperador Constantino. Um dos pontos controvertidos de seu trabalho missionário foi o fato de tê-lo feito em uma versão ariana. Alguns missiólogos pensam ter sido uma vantagem, uma vez que seria mais fácil para os povos bárbaros compreenderem. Rejeitada posteriormente, o arianismo dos bárbaros com o tempo foi suplantado pela ortodoxia. Entretanto, esta conversão não unificou os bárbaros e o Império Romano, na verdade, acirrou os ânimos. Somente no século VII, com Clóvis, um rei bárbaro aceitaria a conversão — inclusive de seu povo — ao catolicismo, o que também produziu uma aliança duradoura entre Igreja e Estado.

### PATRÍCIO

Um ex-escravo, que nem mesmo nascera na Irlanda, tornar-se-ia a mais eficiente testemunha cristã naquele país. Patrício, filho de pais cristãos, nasceu na Bretanha romana por volta do ano 390. Embora em seus primeiros anos de vida, esse menino não levasse fê tão a sério, ele começou a orar com fervor aos dezesseis anos, quando foi preso, escravizado e enviado para trabalhar como guardador de porcos em uma fazenda no norte da Irlanda. Procurando se libertar de sua escravidão, Patrício viajou cerca de 320 quilômetros a pé rumo à costa. Ali, o capitão de um navio, que transportava cães de caça, concordou em levá-lo como o responsável pelos cuidados desses animais. Patrício viajou para a França e, de lá, para um mosteiro no Mediterrâneo.

Quando voltou para sua terra natal, Patrício sonhou com as crianças irlandesas implorando para que ele levasse a elas o Evangelho. “Imploramos que você venha e caminhe entre nós mais uma vez”. Como achava que não tinha a compreensão adequada da fé, Patrício voltou para a França, a fim de estudar em um mosteiro. Por volta do ano 432, ele retornou à Irlanda.

Poucos anos antes, o monge britânico Paládio tentara converter os irlandeses, mas obtivera pouco sucesso. Os anos de escravidão de Patrício entre os irlandeses, aparentemente, o prepararam para ser um homem de coragem que compreendia aquele povo e sabia como lhes anunciar o Evangelho.

A lenda obscurece muitos dados acerca da vida de Patrício, mas a história de muitas vilas atesta seu ministério naquele contexto geográfico. Sabemos que o missionário Patrício converteu a maioria dos irlandeses ao Evangelho, estabelecendo aproximadamente 300 Igrejas e batizando cerca de 120 mil pessoas. Embora Patrício enfrentasse problemas com alguns chefes de tribos hostis e com os druidas — os defensores do velho paganismo —, “o povo comum o ouvia com alegria”. Não houve um mártir sequer no processo de conversão dos membros daquelas tribos contenciosas.

Valendo-se da natureza, que os habitantes daquela região já haviam adorado no passado, Patrício descreveu a Trindade comparando-a a um trevo. A compreensão dos irlandeses de que Patrício agia por Deus quando extirpou a falsa religião e estabeleceu a verdade entre o povo pode ser vista na lenda que diz que ele expulsou as cobras da Irlanda.

Depois de 30 anos de ministério altruísta, por volta do ano 460, Patrício faleceu, tendo nos deixado poucas coisas escritas, dentre as quais, podemos destacar o notável hino *I bind unto myself today* (vertido para o idioma português como “hoje constrangido”), conhecido como o “Brasão de Patrício”.

Muitos anos depois, os missionários da Igreja Ocidental chegaram à Irlanda e descobriram uma fé viva naquele lugar. Os sacerdotes e monges irlandeses eram estudiosos e missionários notáveis, e a Igreja causara profundo efeito sobre as pessoas comuns. O clero vivia de maneira simples e devota, muitas vezes em circunstâncias difíceis. Embora seus mosteiros fossem despreziosos, simples estruturas de pedra, o aprendizado e a arte (por exemplo, o extraordinário *Livro de Kells*) demonstravam a piedade extremamente viva dos monges. O fato é que esse estilo de vida piedoso alcançou o restante da Europa à medida que levaram a Palavra de Deus para fora de seu país.

A Igreja da Irlanda se desenvolveu à parte do sistema hierárquico de Roma, pois Patrício evangelizou a nação sem se basear na Igreja oficial. A Igreja irlandesa foi organizada ao redor de mosteiros, o que refletia o sistema tribal da nação. Sem o desejo de estabelecer uma burocracia eclesiástica, os abades irlandeses encorajaram seus monges a levar adiante o «verdadeiro negócio» da Igreja: pregar, estudar e ministrar aos pobres.

A Irlanda só se tornou católica por volta do ano 1100, quando o papa deu a Henrique II, rei da Inglaterra, a soberania sobre a Irlanda. Em sinal de admiração pela maneira como Patrício trabalhara na conversão dos irlandeses, a Igreja Católica o canonizou.

## COLUMBA

Columba foi o grande homem de seu tempo. Apesar de irlandês, foi o evangelizador da Escócia. Nasceu em uma família de cristãos, em 521, no norte da Irlanda — atualmente, o condado de Donegal. Estudou em escolas monásticas e em seu trabalho missionário estabeleceu vários mosteiros por toda a Irlanda. Era conhecido por sua erudição e piedade. Um homem de devoção e cultura.

Em 563, com doze amigos, Columba corajosamente lançou ao mar em uma *currach*, embarcação bastante popular na Irlanda. Eles se dirigiram a Iona, uma ilha na costa ocidental da Escócia. Quando ali chegaram, os treze homens levantaram habitações simples e uma Igreja de tábuas que foi usada como base para seus trabalhos missionários junto aos pictos, habitantes locais pertencentes a uma tribo escocesa das vizinhanças.

Columba recorreu a Brude, o chefe de Inverness, mas Brude não queria nada com os missionários. De acordo com as histórias que se contam, o chefe fechou os portões diante dos homens de Columba. Quando Columba fez o sinal da cruz, o portão se abriu e o chefe, apavorado, deu ouvidos à mensagem que eles traziam.

Os sacerdotes pagãos, os druidas, se opuseram aos missionários, mas não demorou muito para que os cristãos tivessem sucesso em evangelizar a Escócia e o norte da Inglaterra.

Columba continuou a viajar, mas, mesmo assim, também se tornou abade de um grande mosteiro em Iona. Após a sua morte, os abades dali mantiveram seu poder, tornando-se os mais elevados oficiais da Igreja da Escócia.

A partir de Iona, os evangelistas se espalharam também para o continente, e os novos mosteiros criados na Europa se voltavam para o mosteiro daquela ilha em busca de orientação. Como resultado, Iona ficou conhecida por sua erudição, piedade e evangelismo. Os vikingues atacaram repetidamente aquela comunidade, mas ela não sucumbiu. Nesse lugar estão enterrados 46 reis escoceses com o primeiro abade, embora os restos mortais de Columba tenham sido profanados diversas vezes pelas invasões vikingues.

Assim como aconteceu com os outros mosteiros durante a Reforma, o de Iona também foi destruído. Em 1900, um duque escocês doou as terras à Igreja da Escócia. E, após 38 anos, uma comunidade de clérigos e leigos foi formada na ilha, a qual recebe hoje o apoio de milhares de membros associados ao redor de todo o mundo.

Na condição de erudito dedicado, Columba copiou livros e escreveu algumas obras. Ao defender a importância dos estudos, ele influenciou os monges da Idade Média, os quais continuaram copiando manuscritos, enquanto a capacidade de ler e escrever declinava em toda a Europa.

Muitos historiadores notaram a grande influência que o Evangelho teve sobre a Escócia. Columba, como o primeiro grande evangelista da Escócia, pode ser contado entre as testemunhas que levaram os vários pregadores, missionários e escritores saídos daquela pequena porção de terra em direção a tantos outros povos.

## OS NESTORIANOS

Proveniente do conflito cristológico entre Nestor, bispo de Antioquia, e Cirilo, bispo de Alexandria, essa Igreja ficou conhecida como nestoriana e dominou, em grande parte, o contexto cristão desde a região da Mesopotâmia até a China.

Grande foi seu esforço missionário. Missionários estabeleceram dioceses na península arábica e no subcontinente indiano (os cristãos de São Tomé). Eles fizeram alguns avanços sobre o Egito, apesar de haver uma forte presença da heresia monofisista naquele contexto geográfico. Missionários foram também até a Ásia central e ali obtiveram significativos resultados ao converterem as tribos tártaras. Eles também se firmaram na China durante a dinastia Tang (618 - 907 d.C.). Uma fonte chinesa, conhecida como “estela nestoriana”, relata uma missão, sob auspícios de um pregador persa chamado Alopen, como tendo sido a origem do Evangelho nestoriano na China, em 635 d.C. Após a conquista muçulmana da Pérsia, completada em 644 d.C., a Igreja Persa se tornou uma comunidade dhimmi, protegida pelo Califado Rashidun. A Igreja e suas comunidades no exterior floresceram nesse período. No século X d.C., ela já tinha quinze sedes metropolitanas no território do califado e outras cinco em outros lugares, inclusive na Índia e na China.

Segundo o historiador John Stewart, a Igreja Nestoriana foi a “Igreja mais missionária que o mundo teve oportunidade de ver”. Eram homens de muita fé, poderosos nas Escrituras e sabiam de cor muitos textos das Sagradas Escrituras. Alguns conseguiram de fato memorizar o Novo Testamento inteiro.

Escolas foram estabelecidas para a educação de jovens, semelhantes aos institutos bíblicos modernos, as quais preparavam os jovens adultos para atividades evangelísticas de tempo integral.

O número de nestorianos chegou a 12 milhões em 250 dioceses

Calcula-se que, no século XIII, havia cerca de 72 patriarcas metropolitanos e 200 bispos somente na China. Tal dado estatístico nos leva à conclusão de que esse número representava 24% dos cristãos do mundo daquela época e 6 % da população mundial.

O líder supremo da Igreja Nestoriana, eleito em 1281, era um monge mongol.

A ação de imperadores como Gengis Khan e do islamismo terminou por dizimar o número de nestorianos.

Atualmente há somente cerca de 50.000 cristãos nestorianos.

## BONIFÁCIO

De maneira semelhante a Elias no monte Carmelo, Bonifácio, o missionário saxão da Inglaterra, posicionou-se contra o paganismo profundamente arraigado no coração da Alemanha. Ele tinha um machado em sua mão, e diante dele estava a enorme “árvore do trovão” (um carvalho), um marco local que os pagãos diziam ser consagrado ao deus do trovão, chamado Donar. Até mesmo alguns dos que haviam se convertido ao Evangelho, por meio da pregação de Bonifácio, adoravam secretamente aquela árvore.

Bonifácio denunciou aquela falsa adoração de maneira audaciosa.

Como representante do verdadeiro Deus dos cristãos, Bonifácio destruiu o santuário maligno, atingindo aquela árvore “sagrada” com seu machado e, surpreendentemente, a “árvore do trovão” caiu, causando um grande estrondo. Assim diz a lenda. Se os detalhes são verdadeiros ou não, eles retratam, de maneira razoável, a audácia de Bonifácio, sua fé e seu incansável desafio às falsas religiões.

A maior parte da Alemanha já havia sido exposta ao Evangelho, de uma maneira ou de outra, mas não havia ali nenhuma Igreja forte. No século IV, as tribos germânicas se apegaram ao arianismo e o misturaram às suas superstições. Algum tempo depois, os missionários celtas fizeram alguns convertidos, que não deram continuidade à missão, no sentido de organizar uma Igreja naquele contexto geográfico. O papa estava ansioso para que a Igreja estabelecesse sua presença naquela região.

Winfrid foi primeiramente à Turingia para reavivar uma Igreja que ali se encontrava enfraquecida. A seguir, ouvindo que seu velho inimigo Radbod morrera, retornou à Frísia. A autorização papal pôde ter dado a Winfrid maior autoridade sobre os governadores locais. Ele trabalhou em tal contexto por três anos e depois se mudou

para o sudeste, seguindo para Hesse.

Voltou a Roma em 723 e foi consagrado bispo, quando então recebeu um novo nome: Bonifácio. A ele também foi dada uma carta de apresentação para ser levada a Carlos Martelo, rei dos francos. A bravura de Carlos, como militar, era muito conhecida (mais tarde, ele expulsaria os muçulmanos da cidade de Tours). Sua assistência foi um grande apoio para Bonifácio.

Voltando para Hesse, Bonifácio continuou seus esforços para eliminar o paganismo e construir a Igreja. Foi nessa ocasião que ele, como se supõe, derrubou a árvore sagrada. Talvez, o fato responsável por impedir que os cidadãos atacassem Bonifácio tenha sido o temor a Carlos Martelo. Seja como for, o final da lenda é que o Evangelho se tornou a nova força a ser enfrentada na Alemanha. Se os deuses germânicos não podiam sequer manter uma árvore em pé, então teriam pouco a oferecer se fossem comparados ao Deus de Bonifácio.

Bonifácio atraiu vários missionários da Inglaterra — monges e freiras que estavam ansiosos para trabalhar ao lado dele. Com a ajuda deles, Bonifácio estabeleceu uma vigorosa organização eclesiástica por toda aquela região.

Ironicamente, seu protetor, Carlos Martelo, frustrava as tentativas de reforma da Igreja entre os francos. Carlos manteve a Igreja naquele local sob seu controle, apoderando-se de suas terras e vendendo propriedades da Igreja. Somente depois de sua morte, em 741, é que Bonifácio pôde assumir a Igreja franca.

Em 747, Bonifácio viajou mais uma vez para Roma, onde foi nomeado arcebispo de Mainz e líder espiritual de toda a Alemanha. Contudo, como ele já passava dos setenta anos, estava ansioso para concluir os negócios ainda em aberto. Depois de renunciar a seu arcebispado, em 753, voltou para a Frísia, onde começara seu trabalho missionário, chamando de volta alguns de seus primeiros convertidos — os quais haviam retornado às práticas do paganismo — e mudou-se mais uma vez, partindo então para regiões não alcançadas.

No domingo de Pentecoste de 755, em Dackum, perto do rio Borne, ele planejou um culto ao ar livre que serviria para uma pregação e para a confirmação de novos convertidos. Enquanto estava ao lado do rio, preparando-se para o culto, um grupo de arruaceiros caminhou em direção a Bonifácio. Várias pessoas se prepararam para lutar contra os baderneiros e expulsá-los de lá, mas Bonifácio gritou: «Meus filhos, parem com esse conflito [...] não tenham medo dos que matam o corpo, mas que não podem matar a alma [...] Recebam com firmeza este momentâneo sopro de morte para que vocês vivam e reinem com Cristo para sempre». Diz-se que ele morreu com os Evangelhos em suas mãos.

## INOVAÇÕES DE BONIFÁCIO

Muitas ações missionárias de Bonifácio foram inovadoras. Seu êxito se deu por diversas atitudes que são praticadas por missionários modernos. Entre essas características podemos citar:

- Falou a língua dos seus evangelizados
- Confrontou os deuses pagãos
- Educou e civilizou seus convertidos
- Fundou mosteiros que além de centros de formação acadêmica, ofereciam programas para ensinar agricultura, pastoreio e economia doméstica
- Trouxe freiras para ajudar na educação, introduzindo as mulheres no trabalho missionário.
- Enviava constantemente relatório e pedidos
- Debatia as estratégias missionárias e recebia constantemente pessoas, dinheiro e suprimentos de sua base de apoio.
- Estabeleceram orações intercessórias em fatos do trabalho missionário.

## ANSKAR E OS PAÍSES ESCANDINAVOS

A primeira tarefa consistia, portanto, na Europa difundir o Evangelho até aos seus próprios limites. A Escandinávia, porém, vivera durante séculos em um quase completo isolamento em relação ao resto do mundo.

Durante anos, os nórdicos permaneceram em suas terras distantes, lutando entre si. De repente, no século VII, começaram a expandir, tornando-se o terror no mundo civilizado e, em particular, do mundo cristão. A variedade das suas devastações é assustadora e a destruição por eles provocada quase não conheceu limites.

A Dinamarca encontrava-se em maior contato com a Alemanha e, conseqüentemente, com o mundo cristão. Seria naquele contexto geográfico, naturalmente, que o Evangelho teria suas primeiras incursões com êxito. Anskar conseguiu fundar um número razoável de Igrejas na Dinamarca, mas a urgência da evangelização não podia se manter e a vida da Igreja era incerta. Mas, em 1104, Lund – que corresponde atualmente à Suécia – que era então a principal cidade dos domínios dinamarqueses, foi elevada à categoria de sede arcebispal e um dinamarquês foi nomeado seu arcebispo. A Igreja dinamarquesa ganhava assim, sua estrutura própria, independente de qualquer prelado vizinho.

Tanto na Noruega, quanto na Dinamarca, o poder real desempenhou um papel importante na introdução da fé cristã. O primeiro herói importante da campanha da fé cristã, se tal nome lhe pode atribuir foi o vikingue espadachim Olaf Tryggvason (960 – 1000), que havia sido educado numa colônia escandinava na Rússia, onde iniciara sua carreira como guerreiro. Em 995, depois de seu batismo, Olaf votou à Noruega onde foi eleito rei de todo o país.

Logo após haver sido eleito, Olaf dedicou-se à tarefa de fazer do Evangelho a religião dos noruegueses. Olaf morreu no ano 1000. Sua obra, porém, foi continuada por outro Olaf: Que tinha por sobrenome Haraldsson (995-1030), conhecido posteriormente como “santo Olaf”, que fez com que o Evangelho passasse a exercer uma profunda e permanente influência no povo.

## CARLOS MAGNO

No mundo antigo, todo Estado tinha os seus deuses próprios, e o imperador romano era um deles. Ninguém separava a religião da política. Quando Constantino se converteu e levou o Evangelho ao império na condição de religião protegida, essa prática foi adotada pela Igreja.

Mesmo após a queda do império romano, muitas pessoas se apegaram à idéia de que deveria haver um império cristão. Mas quem seria o seu líder? Seria um líder espiritual, o papa, ou a autoridade deveria ficar nas mãos de um rei? Durante a Idade Média, os líderes buscariam as respostas para essas questões.

Carlos Magno assumiu o trono em 771 e em três décadas expandiu as fronteiras do seu reino. Foi considerado por alguns historiadores o criador do Santo Império Romano Germânico. Tendo sido coroado Imperador pelo Papa Leão III no ano 800. Esse ato teve profundo significado histórico.

Em primeiro lugar uniu de forma estreita Igreja e Estado. As conquistas de Carlos Magno foram consideradas conquistas cristãs, pois ele mesmo se intitulou um Imperador Cristão. Não há dúvida que muitos reinos por ele dominados foram cristianizados à força.

Também o ato de ser coroado pelo papa mais tarde foi interpretado como precedência do poder espiritual sobre o temporal. Se o Imperador foi coroado pelo papa, representante máximo da Igreja, significava que a Igreja estava acima do Império. Assim foi interpretado muitas vezes ao longo da história. Napoleão, em seu coroamento, tirou a coroa da mão de Papa e a pôs sobre sua própria cabeça, quebrando a tradição e dando uma nova interpretação ao poder político.

## CIRILO E METÓDIO

Metódio e Cirilo foram irmãos cujo trabalho missionário destacou-se na região da Bulgária. Sua evangelização dos povos eslavos merece destaque nos anais da história de Missões. Metódio, o mais velho, foi abade em um mosteiro grego. Cirilo havia sido professor de filosofia em Constantinopla e já estivera em missão entre os árabes. Em 860 eles se uniram para evangelizar os cazaes no nordeste do Mar negro.

Eles rapidamente aprenderam a língua nativa e traduziram as Escrituras, criando uma liturgia própria para

a Igreja Eslava. Esse ato produziu muita controvérsia. Esses assuntos eram vistos de forma dogmática e ter as Escrituras e a liturgia em língua e na forma da cultura eslava. Cirilo criou o alfabeto cirílico que até hoje é usado por alguns povos. Depois de argumentar com seus superiores eles conseguiram aprovação do clero e fizeram uma inovação na igreja. Essa inovação mais tarde terá efeito profundo na conversão do povo russo. Também dessa região por eles evangelizada surgiram grandes movimentos independentes como os hussitas e os morávios que tiveram grande impacto no história do cristianismo.

Esse fato é considerado inovador, uma vez que somente após a Reforma a ideia de ter as Escrituras e o culto na linguagem de um povo se tornou comum.

## CRISTIANIZAÇÃO DA RÚSSIA

Quando olhamos um mapa das religiões mundiais a região do leste europeu e da Rússia são identificadas como cristãs. Os que não conhecem a história da Igreja Ortodoxa Grega questionam a predominância do Cristianismo nessas terras. Na verdade, o cristianismo ortodoxo, fruto do cisma entre Constantinopla e Roma em 1054 predomina nesse espaço geográfico. Antes disso, o cristianismo eslavo, produzido por Cirilo e Metódio, penetrava na Rússia.

O governante que tornou isso realidade foi Vladimir (958 – 1015), neto da princesa Olga, de Kiev, que havia se convertido ao Cristianismo. Ele é considerado um santo pela Igreja Ortodoxa, por sua cristianização de Kiev.

Embora fosse homem de maus hábitos, com propósito de beneficiar seu povo ele manda procurar a religião mais adequada para o seu reino. Rejeitou o judaísmo e o islamismo devido às leis dietéticas. Os homens de Vladimir ficaram maravilhados ao assistir um culto na Igreja da Santa Verdade em Constantinopla. Assim eles narraram para Vladimir I sua impressão daquele culto:

“Não sabíamos se estávamos no céu ou na terra, pois certamente não existe tamanho esplendor ou beleza em qualquer lugar aqui na terra. Não somos capazes de descrever o que vimos. Sabemos apenas que Deus habita entre aqueles homens e que seu culto ultrapassa em muito a adoração de todos os outros lugares. É impossível esquecer aquela beleza”.

De acordo com a história, devido a essa beleza, Vladimir optou pela ortodoxia. É verdade que essa era a religião da nação vizinha, mais poderosa, rica e civilizada: o Império Bizantino. Quando a irmã do imperador bizantino, Basílio, foi-lhe oferecida em casamento, Vladimir aceitou, o que ajudou ainda mais a consolidar sua posição junto ao vizinho.<sup>3</sup>

Vladimir I foi batizado, casou-se com Ana e começou ele mesmo um trabalho missionário na região. Com a ajuda dos monges ele foi vagarosamente implantando o cristianismo em seu reino. No primeiro com alguma resistência, depois de forma acelerado, o povo foi abraçando a nova religião. Ele e seus sucessores foram instrumentos de conversão da Rússia.

Uma das provas de sua conversão foi o fato de ter abandonado suas cinco esposas para se casar com Ana. Destruiu seus ídolos, protegeu os mais carentes e viveu em paz com as nações vizinhas. Em sua morte doou aos pobres suas posses. Mais uma região da terra fora conquistada para o cristianismo através de sua vida, tendo um rei e monges como missionários.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Quem foi Cirilo e Metódio?
2. Quem foi Anskar?
3. O que levou Vladimir I a introduzir o cristianismo em seu reino?

**3 CURTIS, A. Kenneth, LANG J. Stephen e PETERSEN, Randy. Os 100 Acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo. Rio de Janeiro: CPAD, 1991, p. 82**

## MISSÕES CATÓLICAS

O catolicismo saiu na frente do grande movimento missionário da Idade Moderna. O principal motivo foi o fato de Espanha e Portugal terem sido as nações pioneiras na Era das Grandes Navegações. Como nações católicas, em uma época em que Estado e religião estavam intimamente ligados, era inevitável que as conquistas políticas e econômicas também resultassem em conquistas religiosas. As terras dominadas por essas nações foram cristianizadas. Onde chegava o colonizador, chegava o missionário católico.

Não podemos esquecer que esse foi o período da Reforma Protestante e da Contrarreforma católica. Um dos objetivos da Contrarreforma era impedir a entrada do protestantismo em suas terras. Com séculos de antecedência, a Igreja Católica lançou-se em sua empreitada missionária, antes que chegasse o grande século das missões protestantes.

### COMPANHIA DE JESUS (JESUÍTAS)

O fundador da Companhia de Jesus foi Inácio de Loyola. Tornou-se militar em 1517. Ferido em uma batalha em 1521, passou meses inválido na casa de seu pai, quando começou a ler livros católicos. Decidiu dedicar sua vida à conversão de muçulmanos na Terra Santa. Ao sair dali, livrou-se dos equipamentos militares e passou a viver como as ordens mendicantes. Ele teve visões de Maria e decidiu se dedicar a ela, seguindo o espírito das ordens cavaleirescas anteriores (templários e hospitalários)

Sua intenção era servir a Igreja Católica e o papa sem questionar. Obedecer como um cadáver. Sua principal obra foi *Exercícios Espirituais*.

A Companhia de Jesus foi fundada no contexto da Reforma Católica (também chamada de Contra-Reforma), os jesuítas fazem votos de obediência total à doutrina da Igreja Católica.

A Companhia de Jesus teve atuação de destaque na Reforma Católica, em parte devido à sua estrutura relativamente livre (sem os requerimentos da vida na comunidade nem do ofício sagrado), o que lhes permitiu uma certa flexibilidade de ação. Em algumas cidades alemãs os jesuítas tiveram relevante papel. Algumas cidades, como Munique e Bona, por exemplo, que inicialmente tiveram simpatia por Lutero, ao final permaneceram como baluartes católicos - em grande parte, graças ao empenho e vigor apostólico de padres jesuítas.

Dentre as suas características, podemos assinalar quatro:

- Foram a grande força missionária do catolicismo na América e Ásia.
- Para qualquer problema, a liderança católica sabia que não havia instituição mais habilitada, astuta e ousada que a Companhia de Jesus para intriga, propaganda ou até mesmo rebelião aberta.
- Os jesuítas estavam envolvidos com ações da Inquisição contra diversos grupos protestantes, fossem resíduo dos valdenses, anabatistas, calvinistas e mais tarde até mesmo dos irmãos morávios.
- Os jesuítas tomaram para si a tarefa de educar as gerações futuras. Isso se deu não apenas na América ou Ásia, durante a catequização. Inclusive na Europa, os jesuítas procuravam incutir nas crianças e jovens os princípios de obediência ao papado e à Igreja Católica.

Sua influência tornou-se tão evidente que, com o passar do tempo, que eles passaram a constituir “um Estado dentro do Estado”. Por esse motivo, foram expulsos de diversos lugares e, por fim, reduzidos a quase nada. No Brasil, sua expulsão se deu por meio do Marquês de Pombal.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Qual o principal grupo envolvido nas missões católicas do século XVI?
2. Que regiões foram alcançadas pelas missões católicas?
3. Por que razão a ordem jesuíta foi extinta?

## MISSÕES PROTESTANTES

### **OS PRIMÓRDIOS DO PROTESTANTISMO**

Até 1648, a atividade missionária da Igreja Protestante foi quase nula, pois sua luta era pela sobrevivência. Mesmo depois disso, a sua ação nesse sentido ainda foi inexpressiva. Umas poucas tentativas missionárias foram feitas pelos calvinistas no Brasil, mesmo assim de caráter mais colonial do que missionário. Também os pietistas começaram a se preocupar com Missões, todavia, ainda de forma bastante limitada. Seriam os irmãos morávios que iriam mudar esse quadro.

Em seus primórdios não podemos identificar o protestantismo como uma religião missionária. Séculos de união entre Igreja e Estado serviram para abafar o ardor missionário da Igreja. A mentalidade de dominação política imperava. Se analisarmos com cuidado, até mesmo a ação missionária católica através dos jesuítas nada mais foi do que um sentimento imperialista. As primeiras nações colonizadoras, Espanha e Portugal, eram fortemente católicas. A propagação da fé só tinha sentido dentro de um contexto de conquista militar e política. Não podemos ignorar que boa parte do avanço cristão se deu dessa forma.

Embora a Igreja Protestante tenha feito algumas incursões missionárias aqui e ali, com tentativas ora frustradas, ora vitoriosas, nem sempre eram fruto de uma consciência missionária. Às vezes não passava de um crescimento inevitável onde avanço colonizar e mesmo perseguição foram os motivadores. Somente o fim da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) possibilitariam uma melhor reflexão da Igreja e seu papel. E então, os protestantes começariam a obra missionária que marcou nosso tempo.

### **O MOVIMENTO MORÁVIO**

Impossível narrar a história das Missões mundiais e omitir o nome da Igreja Morávia, um grupo nascido da visão do Conde Nicolaus Von Zinzendorf, que primeiramente reunindo cristãos de confissões distintas, conduziu-os, após um avivamento, a pregar o Evangelho às nações. O trabalho realizado pelos irmãos morávios não tinha precedente e foi a maior expressão missionária protestante, influenciando profundamente a história de Missões desde então.

Era apenas uma cerimônia de confirmação de duas meninas. Os irmãos morávios que viviam nas terras do conde Nicolaus Von Zinzendorf estavam se encontrando como de costume, em 13 de agosto de 1727. O entusiasmo espiritual, porém, já fervilhava há várias semanas. Houve vigílias de oração, confissão de pecados, estudo bíblico sincero e reinava um sentimento de expectativa.

Parece que tudo que fervilhava eclodiu naquele dia. Depois que a bênção da confirmação foi pronunciada sobre as duas meninas, a Igreja foi tomada por grande emoção. Alguns choravam, outros cantavam, muitos oravam. Não havia dúvida entre eles sobre o que estava a acontecer: estavam sendo visitados pelo Espírito Santo de Deus. Estabeleceram um «corpo» ali em Herrnhut, e passaram a ser também um “em espírito”.

Durante o verão de 1727, as diferenças insignificantes foram desaparecendo. A comunidade tornou-se verdadeiramente unida, cujo objetivo comum foi confirmado pelo culto de 13 de agosto.

No ardor do entusiasmo espiritual, foi estabelecida uma vigília de oração de 24 horas por dia. Essa atividade perdurou por cerca de um século! Outras vias para o serviço cristão eram exploradas. Contatos com outros irmãos morávios por toda a Europa foram estabelecidos, o que os levou a desenvolver um intrincado sistema de discipulado e de correspondência. Líderes eram treinados para visitar outros grupos e para partilhar com eles o que acontecia em Herrnhut.

Em 1732, os irmãos morávios se dedicaram ao trabalho de Missões no exterior, enviando Leonard Dober e David Nitschmann para as índias Ocidentais. No ano seguinte, três missionários dentre os irmãos morávios foram para a Groenlândia. Em 1734, outros foram para a Lapônia e Geórgia, além de dezessete voluntários que se juntaram a Dober, em St. Thomas. No ano de 1742, mais de setenta irmãos morávios haviam deixado a comunidade de Herrnhut, composta de cerca de seiscentas pessoas, para trabalhar nos campos missionários, incluindo o Suriname, a África do Sul, a Guiana, a Argélia, o Ceilão (atual Sri Lanka) e a Romênia.

Enquanto isso, Zinzendorf tentava estabelecer uma base legal para a Igreja Morávia na Saxônia. Em suas pesquisas, ele descobriu uma antiga constituição para a *Unitas Fratrum*, a Igreja morávia original. Tal descoberta podia atestar que os irmãos morávios possuíam tantos precedentes históricos quanto os luteranos e que, portanto, deveriam ser reconhecidos. Entretanto, os inimigos de Zinzendorf o expulsaram da Saxônia, em 1736. Esse fato deu início a um período de viagens realizadas pelo conde e por outros líderes dentre os irmãos morávios. Sua jornada os levou à América, onde estabeleceram uma base para a obra missionária entre os índios em Bethlehem, Pensilvânia. Mais tarde, a atividade missionária dos irmãos morávios centralizou-se em Londres.

Em 1760, às vésperas da morte do conde, 226 missionários já haviam sido enviados pelos irmãos morávios e mais de três mil convertidos tinham sido batizados. Quando se aproximava de sua morte, Zinzendorf fez o seguinte comentário a um colega: «Que formidável caravana de nossa Igreja já se forma ao lado do Cordeiro!». Tal comentário se torna ainda mais apropriado a ser proferido nos dias atuais.

A Igreja dos irmãos morávios continua ativa hoje, mas seu legado é visto também em outras denominações. John Weslev foi grandemente influenciado pelos irmãos morávios e incorporou algumas de suas preocupações ao movimento metodista. William Carey, muitas vezes considerado o pai das Missões protestantes modernas, estava, na verdade, a seguir os passos dos missionários entre os irmãos morávios. «Vejam o que os irmãos morávios fizeram», assim ele comentou, em determinada ocasião. «Será que não poderíamos seguir seu exemplo e, em obediência a nosso Mestre Celestial, ir ao mundo e pregar o Evangelho aos incrédulos?».

## O SÉCULO DAS MISSÕES PROTESTANTES

Foi a partir do século XIX, que o protestantismo teve seu grande impulso missionário, transformando o Evangelho em uma religião mundial. Definitivamente a Igreja Protestante acordou para Missões e começou um trabalho que ainda não concluiu. A aquisição de uma consciência missionária pode ter tardado para chegar, mas instalou-se definitivamente, até tornar-se parte da sua própria natureza. Quem olhasse para a história do protestantismo em seus três primeiros séculos, jamais poderia imaginar sua expansão nos próximos dois séculos.

Não podemos ignorar a importância dos avivamentos ocorridos durante o século XVII, na Inglaterra e nos Estados Unidos da América. O vigor espiritual resultante desses avivamentos seria indispensável para a tarefa que seria realizada no século seguinte. Além do avivamento entre os irmãos morávios, o grande avivamento norte-americano e o avivamento metodista funcionaram como força propulsora. Eles foram responsáveis por um crescimento quantitativo e qualitativo da Igreja. Bastou que a visão missionária fosse sistematizada e exposta de modo claro, para que logo a Igreja Protestante encontrasse a sua razão de ser.

## AS QUATRO ONDAS DA EXPANSÃO MISSIONÁRIA PROTESTANTE

Depois das primeiras experiências missionárias um tanto tímidas (com exceção dos moravianos) teve início um período de expansão sem igual. Se a presença protestante hoje está nos cinco continentes e nos rincões mais distantes da terra, tudo isso teve início nesse período.

### A PRIMEIRA ONDA: MISSÕES DENOMINACIONAIS AOS LITORAIS DOS CONTINENTES (1792 – 1865)

O grande nome desse período foi William Carey considerado o pai das Missões modernas. Por causa de sua ousadia inúmeras Sociedades Missionárias foram fundadas.

William Carey era um aprendiz de sapateiro. Em sua oficina, ele tinha o mapa da Índia diante de seus olhos. Ele enxergou os indianos com os olhos de Deus e propôs em seu coração levar a eles a Palavra da salvação. Ao compartilhar sua visão com sua Igreja, seu pastor respondeu: “Filho, quando Deus quiser salvar os pagãos, assim ele o fará, sem a sua ajuda e sem a nossa”. Graças a Deus, essas palavras não fizeram o menor efeito sobre o jovem William! Seu livreto, com um título excessivamente longo, embora soe óbvio atualmente, foi revolucionário em seus dias: *Inquirição quanto às obrigações dos cristãos usarem meios para a conversão dos pagãos*.

William Carey partiu para a Índia, onde traduziu as Escrituras para mais de trinta idiomas e começou o moderno movimento missionário que se intensificou por todo o século XIX, e graças a sua iniciativa, o Evangelho, segundo a compreensão evangélico-protestante, tornou-se uma das expressões mais fortes do Evangelho mundial.

### ***A SEGUNDA ONDA: MISSÕES INTERDENOMINACIONAIS AO INTERIOR DOS CONTINENTES (1865 – 1910)***

O grande nome desse período foi Hudson Taylor com sua Missão para o Interior da China.

Quando Mao-Tse-Tung tomou o poder na China, prometeu acabar com a religião em 10 anos. Naquela ocasião, a população cristã chinesa girava em torno de 800.000 pessoas. Hoje, 50 anos após a chamada “Revolução Cultural”, a estimativa é que existam aproximadamente 150 milhões de chineses a professarem a fé cristã, um fenômeno religioso totalmente digno de destaque. A Igreja na China não apenas sobreviveu, mas cresceu de um modo notável, e a constância na fé dos chineses, de fato, impressionou o mundo. Muitas pessoas contribuíram para que esse dado estatístico pudesse ser atingido. Muitos missionários estrangeiros dedicaram suas vidas, trabalhando e orando naquela nação, de modo que ali eles pudessem semear líderes chineses, os quais continuariam a desenvolver as suas obras missionárias.

Caberia aqui uma nota sobre Hudson Taylor, o homem que, por meio de sua visão, contribuiu de forma especial para que se formasse o quadro atual de Missões. De certo modo, ele foi um missionário à frente do seu tempo, pois escandalizou seus contemporâneos ao adotar o modo de se vestir dos chineses e alterou também seu cabelo, procurando estabelecer um tipo de aculturação, *práxis* obviamente desconhecida nas estratégias missionárias adotadas em sua época.

Todavia, foi a fundação da *Missão para o Interior da China* que representou uma visão especial do trabalho. Sua insistência era para que as Missões trabalhassem não apenas no litoral do país, como era feito há muito tempo, mas comessem a visar ao interior. E ele sabia que essa realidade missionária não dizia respeito somente à China. As Missões em toda a África e Ásia, bem como no Pacífico, se concentravam no litoral. A pergunta geral era: “Para que alguém se embrenharia nos continentes, se o trabalho de evangelização nos litorais ainda não foi concluído?” Tal “justificativa” parecia ser “muito forte” e serviu de base para paralisar esforços missionários mais abrangentes.

Todavia, devido à insistência de Hudson Taylor, esse conceito tem sido alterado. Logo surgiram novas agências missionárias com ênfase de infiltração nas regiões interiores: Missão para o Interior do Sudão, Missão do Interior da África, Missão ao Interior Africano, União Missionária às Regiões Distantes e outras que refletiam essa preocupação de penetrar no continente. Não só a China, mas a África e outras regiões são devedoras à visão de Taylor.

### **MOVIMENTO ESTUDANTIL VOLUNTÁRIO**

Isso aconteceu em uma das conferências de verão de Dwight L. Moody. O grande preletor convidou os estudantes universitários a comparecer à Conferência do Monte Hermom em Northfield, Massachusetts, para um período de um mês de estudo bíblico e de comunhão. Em julho de 1886, 151 estudantes compareceram.

Nas duas primeiras semanas, foi uma conferência bastante comum. Nada foi dito com relação às Missões. O estudo bíblico fazia parte das atividades diárias. Porém, havia um estudante de Princeton que orava pelas necessidades do mundo. Ele sentiu que Deus usaria aquela reunião para iniciar um movimento de missionários.

Aquele estudante estava certo.

Ele chamou 21 estudantes, os quais tinham o mesmo sentimento, para que orassem com ele. Eles oraram para que o anseio por missões invadisse a conferência. Em 16 de julho, o orador A. T. Pierson fez um impactante desafio missionário: “Todos devem ir, e devem ir a todos”. Representantes de dez diferentes países e nacionalidades falaram brevemente, relatando as necessidades de suas nações. No restante da semana de conferências, muitos estudantes decidiram dedicar sua vida à obra missionária. No final, uma centena deles havia assumido esse compromisso.

No último dia da conferência, os alunos começaram a avaliar formas de manter vivo esse ímpeto missionário e de espalhá-lo. Eles indicaram Robert P. Wilder para viajar a várias universidades durante todo o ano, falando sobre o que acontecera em Monte Hermom, bem como para dar início a grupos de estudantes comprometidos com Missões. No ano seguinte, Wilder e um colega visitaram 167 instituições e, como resultado, 2 200 estudantes se comprometeram com o trabalho nos campos missionários.

Em 1888, entretanto, esse espírito de Missões se esvaecia. O movimento precisava então de liderança e organização. Em uma reunião na Escola Monte Hermom, o grupo principal, composto por aproximadamente cinquenta pessoas, decidiu indicar um triunvirato de líderes: Wilder seria representante da Aliança Missionária Interseminários; Nettie Dunn, da Associação Cristã de Moças, e John R. Mott, da Associação Cristã de Moços. Mott se tornaria uma grande referência, pois transformou um movimento estudantil em uma enorme força de atividade ecumênica e evangelística.

Mott acabara de se formar na Universidade Cornell, onde era bastante ativo na liderança da ACM. Tinha um grande anelo para ganhar almas, de modo que levou muito a sério seu papel no recém-formado Movimento Estudantil Voluntário (MEV). Comunicação, publicidade e organização eram áreas em que Mott se destacava. Ele fazia questão de esclarecer às sociedades missionárias que o MEV não competia com elas, mas que, ao invés disso, fornecia-lhes material humano. Estudantes, nas mais diversas faculdades, cujos corações estavam voltados para Missões, organizavam-se em «grupos» e se encontravam regularmente para oração e encorajamento. Convenções de estudantes voluntários aconteciam a cada quatro anos. Mott e outros líderes viajavam bastante, tendo como principais objetivos treinar e enviar novos missionários. O lema dessa organização, proclamado em alto e bom som, era: «A evangelização do mundo nesta geração». Mott escreveu um livro, cujo título era exatamente o lema da organização MEV. Em 1914, o MEV já se tornaria responsável por ter enviado um número estimado de 5 mil estudantes para os campos missionários.

Além desses números, o movimento foi responsável pelo novo entusiasmo missionário mundial. Outras organizações surgiram a partir dele. Em 1895, Mott lançou a Federação Cristã Estudantil Mundial e tornou-se seu primeiro-secretário geral. O Movimento Missionário Leigo nasceu em uma das conferências do MEV em 1906, levantando entre os leigos o apoio para as Missões. Mott também foi uma figura de grande importância na Conferência Missionária Internacional de Edimburgo, em 1910, servindo de base, posteriormente, para a formação do Concílio Mundial de Igrejas.

Mott tornou-se mundialmente conhecido e exerceu grande influência. O presidente Wilson lhe ofereceu a oportunidade de ser embaixador na China, mas ele recusou. A Universidade de Princeton considerava a possibilidade de Mott se tornar o seu reitor, mas ele também recusou. Ele chegou até mesmo a ter a oportunidade de se tornar secretário de Estado, porém, mais uma vez, Mott não aceitou. Ele era um homem com uma missão: “fazer Missões”.

Após a Primeira Guerra Mundial, o entusiasmo missionário desvaneceu nos EUA. Entretanto, os missionários inspirados pelo MEV, obviamente, serviram por muitos anos. O Movimento Estudantil Voluntário fez o que William Carey fizera um século antes: despertou o interesse por Missões em um momento muito importante.

### ***A TERCEIRA ONDA: MISSÕES EVANGÉLICAS AOS PAÍSES DO MUNDO (1910 – 1966)***

A Segunda Onda terminou com a Conferência Missionária Mundial de Edinburg, dando início à Terceira Onda. A verdade é que, nesse período, o fervor missionário passa da Europa para os Estados Unidos. O número

de missionários envolvidos com Missões evangélicas cresceu continuamente após a Primeira e Segunda Mundiais, apesar do clima hostil proveniente das Igrejas – social, econômica e politicamente falando. Durante esse período, quase todas as nações do mundo foram alcançadas ou marcadas para serem alcançadas. Mesmo assim, o crescimento da Igreja no mundo não ocidental foi apenas moderado.

A transformação veio após a Segunda Guerra Mundial. Um dos mais importantes agentes humanos em tal contexto foi o evangelista Billy Graham. Sua integridade cristã serviu de apoio para uma apresentação direta e séria das “boas novas” a muitas nações do mundo.

## A QUARTA ONDA: MISSÕES GLOBAIS PARA OS POVOS DO MUNDO (1966 – ATÉ O PRESENTE)

A Quarta Onda ainda está a operar de um modo eficaz. Suas características são: ênfase em povos, em vez de países, e uma globalização da força missionária, com uma participação crescente de missionários asiáticos, latino-americanos e africanos. Durante esse período, o centro de gravidade do protestantismo, aliando-se ao crescente movimento dos evangélicos, afastou-se decisivamente do mundo ocidental. Podemos dizer que, nos dias atuais, não há praticamente nenhum país, e pouquíssimos são os povos principais, sem nenhum esforço de implantação de Igrejas. Podemos citar William Cameron Townsend como o grande visionário desse período.

William Cameron Townsend (9 de julho de 1896 – 23 de abril de 1982) foi um importante missionário cristão, cujo ministério começou no início do século XX. As organizações fundadas por ele, *Wycliffe Bible Translators* e *Summer Institute of Linguistics (SIL International)*, permanecem ativas e têm como foco a tradução da Bíblia para línguas minoritárias e a alfabetização de seus falantes.

## RESUMO DO TRABALHO MISSIONÁRIO

**China:** Hudson Taylor foi o fundador da Missão para o Interior da China. Sua visão de adentrar no país possibilitou um milagre – a China hoje é a Segunda maior população evangélica do mundo, com cerca de 70 a 80 milhões de cristãos, apesar de todas as tentativas ao longo da história de erradicar o Evangelho.

**Índia:** O primeiro missionário foi o próprio William Carey, um ajudante de sapateiro inglês que teve como objetivo maior de sua vida pregar o Evangelho na Índia. Sua ação estimulou o evangelismo mundial. A Índia também contou com outro grande homem – Alexandre Duff – que foi um dos maiores incentivadores às Missões indianas.

**África:** David Livingstone foi o grande herói da África. Na Inglaterra, é um dos túmulos mais visitados. Entrou pelo interior do Continente Negro, pregando o Evangelho, lutando contra o tráfico dos escravos e desbravando terras. Sem dúvida alguma, seu trabalho foi fundamental para o conhecimento da África.

**Oceania:** Centenas de homens e mulheres dedicaram as suas vidas neste continente selvagem. Muitos morreram devorados pelos canibais. As ilhas da polinésia e micronésia tornaram-se praticamente evangélicas. Muitas ilhas possuem uma alta densidade de crentes. De modo algum, o sangue derramado em prol de Missões nesse continente não foi em vão.

## MISSÕES ESPECIALIZADAS

No século XX, as Missões passaram por uma especialização. O missionário do século XIX era, antes de tudo, um evangelista. Os missionários do século XX começaram a exercer outras funções, as quais tornavam sua missão mais eficaz, ampliando assim o seu campo de atuação. Essa mudança possibilitou uma ingressão e um alcance muito maior para a pregação do Evangelho.

## MISSÕES MÉDICAS

Desde o início das Missões protestantes, o uso da medicina teve uma importância imensa. Todavia, foi no final do século XIX e começo do século XX, que as Missões médicas se tornaram uma especialidade distinta em seu próprio direito. Por volta de 1925, mais de 2.000 médicos e enfermeiras dos EUA e Europa estavam a exercer suas atividades profissionais no mundo. Hospitais e clínicas dirigidos pelas mais diversas agências missionárias mundiais expandiram-se de um modo muito significativo. As Missões médicas missionárias foram, no século XX, o maior trabalho missionário que o mundo já conheceu.

Entre os mais famosos médicos e enfermeiras missionários, podemos citar Albert Schweitzer, Clara Swain, Sara E. M. McKechnie, Wilfred Grenfell, Ida Scudder, Jessie e Leo Halliwell e Carl Becker. Eles levaram o que havia de mais avançado da medicina do “primeiro mundo” para o que, na época, se chamava “terceiro mundo”.

## TRADUÇÃO LINGUÍSTICA

Como vimos, com William Cameron Townsend, a tradução bíblica começou a ser vista como uma necessidade emergencial para o cumprimento da “grande comissão”. Não bastava apenas pregar o Evangelho, era preciso também traduzir a Palavra de Deus para os povos isolados étnica, cultural e linguisticamente.

Obviamente, não era a primeira vez a ocorrer na história que pessoas estivessem envolvidas com a tradução das Sagradas Escrituras. Nos primeiro e segundos séculos de nossa era, de um modo geral, muitos trechos das Escrituras já haviam sido traduzidas para as línguas locais. Todavia, foi o movimento missionário moderno que mudou todo o caráter da tradução bíblica. Esse trabalho deixou de ser feito por eruditos nos mosteiros ou bibliotecas antigas e passou a ser feito por missionários, através do mundo inteiro, os quais executavam sua tarefa em cabanas de palha com a ajuda de informantes que desconheciam sistemas de transcrições fonéticas de idiomas ágrafos específicos. O trabalho de tradução missionária valeu-se de elementos da ciência linguística. Com o passar do tempo, o trabalho missionário foi se tornando um ministério cada vez mais especializado. Em tal contexto, surgiram então organizações voltadas para esse tipo de ofício na área de tradução da Bíblia. Dentre elas, podemos citar o *Instituto Linguístico de Verão e Associação Wycliffe para Tradução da Bíblia*. Posteriormente, outras organizações foram se somando a esse tipo de atividade, tais como: a *Ação Novas Tribos e Missão dos Campos Não Evangelizados*. Entre os nomes de missionários linguistas, podemos citar, além do próprio Townsend: Kenneth Pike, Marianna Slocum e Rachel Saint.

## RÁDIO E GRAVAÇÕES

O rádio havia sido inventado há apenas dois meses. A empresa Westinghouse, em Pittsburgh, foi a pioneira na utilização desse meio de comunicação, quando anunciou os resultados das eleições de 1920, em uma emissora que utilizava o prefixo KDKA. Os primeiros ouvintes usavam aparelhos rudimentares, montados em casa, mas naquele contexto, a Westinghouse estava a vender um grande número de aparelhos de rádio já montados — e os compradores precisavam ter programas para ouvir. Diante da busca frenética por programas, aquela estação de rádio decidiu transmitir o culto de uma Igreja.

Um dos engenheiros da Westinghouse era membro do coro da Igreja Episcopal do Calvário, em Pittsburgh. Desse modo, foram feitos acertos para transmitir um culto daquela Igreja no primeiro domingo de 1921. O ministro-principal, bastante cético, deixou o culto a cargo de seu ministro auxiliar, Lewis B. Whittemore. Dois engenheiros da KDKA — um católico e um judeu — operaram o equipamento. Eles vestiram as mesmas becas do coro para que sua presença na plataforma não distraísse a congregação. A resposta à transmissão foi tão positiva, que o culto se tornou um programa regular da KDKA.

Assim como ocorreu com muitos outros avanços tecnológicos, muitos cristãos evangélicos temiam a utilização do rádio. Além do mais, Satanás não era o “o príncipe das potestades do ar”? A maioria dos pregadores

pioneiros do rádio enfrentou mais oposição vinda da própria Igreja do que da sociedade secular.

Na cidade de Omaha, no Estado norte-americano de Nebraska, a rádio WOAW (mais tarde conhecida por “wow”) começou a transmitir em abril de 1923. A estação foi desprezada por diversos pregadores, até que pediram a R. R. Brown, ministro da Aliança Cristã Missionária, recém chegado àquela cidade, que assumisse a programação da Rádio. Brown pediu conselho a um amigo e este lhe disse que estava orando para que Deus “concedesse autoridade” sobre essa nova (e “potencialmente mundana”) estação de rádio. Seria Brown aquele que exerceria essa autoridade?

Brown concordou em fazer apenas o primeiro programa, mas ao deixar o estúdio depois da transmissão, um homem se encontrou com ele, afirmando que fora convencido pelo Espírito Santo e que se convertera ao ouvir a transmissão do programa. Brown gritou: “Aleluia! A unção pode ser transmitida!”.

Não tardou que outros comessem a ver o potencial missionário do rádio. O Dr. Walter A. Maier, que inaugurou a “Hora Luterana”, em 1930, deu início à difusão radiofônica e, nos anos 60, passou a se valer do uso de centenas de estações de rádio no mundo todo. Foi, porém, Clarence Jones, mais do que qualquer outro indivíduo, quem passou a adotar mais consistentemente a rádio missionária. Ao verem o seu sucesso com a *Heralding Christ Jesus Blessings (HCJB)*, outras organizações de radiodifusões missionárias independentes surgiram, sendo as duas maiores a *Far East Broadcasting Company* (Companhia de Radiodifusão do Extremo Oriente) e a *Trans World Radio* (Rádio Trans Mundial). Desde então, esse tem sido um veículo fundamental para fazer o Evangelho adentrar em contextos geográficos onde ainda não havia a obra missionária.

## AVIAÇÃO MISSIONÁRIA

Não podemos esquecer a aviação missionária como parte dessa especialização. Talvez o grupo mais expressivo nessa área se a Asas do Socorro. Fundada em 1944 na Califórnia seguindo o modelo de outras já existentes, sua atividade se tornou indispensável para o avanço das Missões. Levando pessoas, remédios e as Escrituras para lugares distantes da América Latina, esse tipo de atividade missionária adquiriu importância vital.

Muitas Missões tiveram as suas atividades ampliadas incomparavelmente ao se utilizarem do avião para realização de seus projetos. Só para citar um exemplo temos a Missão para o Ártico e a Cruzada Evangélica Esquimó que impulsionadas por esse tal tecnologia puderam chegar a regiões distantes de forma muito mais rápida e segura.

## O EVANGELHO NA AMÉRICA LATINA

A atividade missionária para a América Latina foi tardia para os protestantes. A principal razão para esse fenômeno tardio é que esse continente era visto como “cristão”. Diante de países “pagãos”, tais como, a China e a Índia, o conhecimento da Bíblia e do Evangelho na América do Sul era “muito superior”. Sendo assim, demorou razoavelmente, até que a falta de conhecimento do verdadeiro Evangelho fosse também percebida nos países pertencentes à América Latina e um intenso trabalho missionário passasse então a ser realizado.

## MÉXICO

Entre os anos de 1860 e 1864, registrou-se um movimento na capital da República do México em favor do Evangelho, do qual resultou a formação de vários núcleos inteiramente de caráter nacional, formados por pessoas que repudiavam as doutrinas estranhas praticadas pela Igreja de Roma e aceitavam apenas as doutrinas bíblicas contidas nas Sagradas Escrituras.. Em tais núcleos havia também padres convertidos, entre os quais se contavam o padre Palácios e o ilustre presbítero Manoel Águas, famoso por sua resposta dada ao bispo Lavastida. Arcádio Morales, que mais tarde se tornaria o dirigente do presbiterianismo no México, o qual relata a sua própria con-

versão, em 1869, quando assistiu a um culto protestante dirigido por Sóstenes Juarez.

Na fronteira mexicana com os Estados Unidos, dedicada à evangelização, visitando a cidade de Monterrey, trabalhou Melinda Rankin, que desde 1855 desenvolvera intensa atividade entre os mexicanos residentes na cidade de Brownsville, Texas, e em outras cidades do mesmo estado. Igualmente, Tiago Kickey ali desenvolveu atividades evangelísticas, levando uma remessa de Bíblias até Monterrey, em cuja cidade organizou uma congregação batista, em 1864, da qual foi pastor T. W. Westrup. A Junta Americana de Missões Domésticas iniciou suas atividades no ano de 1870.

## GUATEMALA

Na Guatemala, os primeiros esforços na obra de evangelização missionária foram realizados em meados do século XIX., Essa primeira tentativa, porém, em razão das perseguições e da intransigência dos romanistas, não surtiu efeito. Somente em 1884, foi possível estabelecer definitivamente a obra missionária na Guatemala, sendo os presbiterianos os responsáveis por essa gloriosa iniciativa. O Evangelho lançou raízes em tal República, e muitas congregações ali se estabeleceram e floresceram.

Em 1890, organizou-se na cidade de Dallas, Texas, a *Sociedade Missionária para a América Central*, a fim de levar o Evangelho às várias Repúblicas de América Central. Essa Sociedade realizou intensa obra de evangelização e seus missionários adentraram em todos os contextos geográficos, tendo em vista anunciar as “boas novas”.

Há trabalhos importantes sobre as Missões realizadas nas Repúblicas de Nicarágua e El Salvador, os quais foram feitos por crentes pertencentes às denominações Batista e Assembleias de Deus.

Outro trabalho digno de destaque é a chamada *Campanha Evangélica na América Latina*, orientada pelo consagrado missionário Henrique Strachan, que tinha como centro de atividades a cidade de San José, em Costa Rica. Na mesma cidade há dois magníficos institutos, um para homens e outro para mulheres, além de outros de beneficência.

## CHILE

No ano de 1845, chegou à cidade de Valparaíso, Chile, Daniel Trumbull, o qual se limitou a pregar o Evangelho a pessoas de fala inglesa. Contudo, aprendeu depois a falar castelhano e fundou um jornal que se chamava “O Vizinho”, e através de suas páginas, iniciou uma campanha de esclarecimento, refutando os erros romanistas. Esse trabalho custou-lhe a perseguição do clero romano. Os evangélicos chilenos, em virtude de sua fé, foram muito perseguidos no Chile. A pastoral do arcebispo Valdivieso, em 1858, proibia, sob severas penas canônicas, a leitura de livros distribuídos pelos protestantes. Apesar das perseguições e dos atentados por parte do clero e da população, o trabalho de evangelização progrediu.

O missionário Gilbert chegou a Santiago, capital do Chile, e assumiu a responsabilidade do trabalho de Missões em tal país. Em tal cidade, o missionário era alvo de insultos constantes e de perseguições; tanto ele, como os novos convertidos, deveriam suportar o vitupério por causa da Cruz de Cristo. No ano de 1866, Alexandre Merwim chegou ao Chile para reforçar o pequeno grupo de obreiros. Quando Lúcio C. Smith inaugurou, em Santiago, um novo local de cultos, os evangélicos sofreram agressões, insultos, saques e queimas de seus móveis e Bíblias.

Os presbiterianos e os metodistas, durante muitos anos, mantiveram e sustentaram o trabalho. Um obreiro incansável, que conseguiu ver muitas almas convertidas a Cristo, foi De Bon, um sacerdote católico romano convertido ao Evangelho. José Torregrosa, espanhol, que antes estivera na Argentina, chegou a Valparaíso em 1896, fez um trabalho eficiente nessa cidade e, posteriormente, na cidade de Santiago.

## BOLÍVIA

Na Bolívia, país que permaneceu fechado à pregação do Evangelho durante muitos anos, os colportores da

*Sociedade Bíblica Americana* prepararam o caminho para os pregadores. Os abnegados colportores conseguiram distribuir, na Bolívia, a Bíblia Sagrada, apesar das ameaças e das perseguições. Eles escalaram a Cordilheira dos Andes e adentraram em lugares mais longínquos, levando destemidamente o precioso tesouro, a Palavra de Deus.

O colportor José Mongiardino foi assassinado em 16 de julho de 1876. Os esforços de todos esses servos de Deus não foram em vão. Os dias da liberdade chegaram a esse país. Atualmente, os batistas e os metodistas mantêm trabalhos significativos nas principais cidades da Bolívia. Uma sociedade para evangelizar os índios foi organizada ultimamente, e os missionários estão em constantes atividades, anunciando a Palavra de Deus aos índios que vivem nos lugares mais distantes.

## PERU

No Peru, como aconteceu em outros lugares, os primeiros missionários e colportores tiveram de sofrer intensas perseguições. A história do missionário Francisco Penzoti é bem conhecida. Penzoti converteu-se em Montevidéu, Uruguai, no ano de 1876, pelo contacto com o Dr. Thompson, e pela leitura do Evangelho de João. Francisco Penzoti iniciou suas atividades em Montevidéu e na Colônia Valdense. Sentindo vocação para o trabalho de colportagem, iniciou uma campanha de propaganda que não tem paralelo na América Latina. Impulsionado por esse poderoso ideal, cruzou os Andes, chegou ao Peru e começou a pregar nos lares dos peruanos. Apesar da oposição, o trabalho de propaganda avançava constantemente. Por essa razão, o clero romano e seus aliados recorreram a meios violentos e conseguiram encarcerar Penzoti, o qual esteve preso na cidade de Collao, 26 de julho de 1890 a 28 de março de 1891. Os homens liberais do Peru iniciaram, então, a defesa de Penzoti e conseguiram pô-lo em liberdade. Alguns anos depois, foi nomeado agente geral da *Sociedade Bíblica Americana* em Buenos Aires.

## ARGENTINA

Na Argentina, a primeira pregação do Evangelho realizou-se em lares particulares de famílias inglesas, em Buenos Aires, e a pregação era ministrada também em inglês. Isso aconteceu em 1823. Posteriormente, a pregação em castelhano também passou a ser ministrada. À Igreja Metodista Episcopal cabe a honra de haver sido a pioneira a proclamar o Evangelho em língua castelhana, no Rio da Prata.

Desde 1836, tiveram ali os metodistas alguns representantes que trabalhavam entre as pessoas que falavam inglês. No ano de 1856, chegou a Buenos Aires o missionário Guilherme Goodfellow, com o propósito de iniciar o trabalho em castelhano. Contudo, ele realizou uma série de reuniões para ingleses e teve a alegria de ver muitos jovens ingleses convertidos, entre os quais estava João F. Thompson, que tinha apenas quinze anos de idade, e no qual descobriu o futuro “apóstolo” da causa de Cristo naquelas terras. Thompson nasceu na Escócia, em 1843, e foi com seus pais para Buenos Aires, quando tinha apenas oito anos de idade. Após a sua conversão, foi estudar na América do Norte, de onde regressou a Buenos Aires, em 1866.

O primeiro culto em castelhano realizou-se a 25 de maio de 1867, em um templo que os metodistas possuíam na Rua Cangallo.

## URUGUAI

Na República do Uruguai está havendo razoável espaço para a obra de evangelização, como também está a haver para as equipes educacionais. Uma nota digna de destaque na obra missionária em tal país: a ação da mocidade. Esse país caminha na vanguarda dos países sul-americanos, no que diz respeito à organização da juventude evangélica, e é de se esperar que sua influência se desenvolva em bom sentido, a fim de que possa servir de modelo e inspiração para as demais repúblicas na América Latina.

## MISSÕES PARA O BRASIL

Mesmo sendo descrito como o “Grande Século das Missões Protestantes”, no Brasil ele foi apenas o início de um árduo trabalho. Com quase quatro séculos de hegemonia católica e inserido em uma estrutura religiosa estatal, não seria fácil introduzir em nosso país a genuína mensagem do Evangelho. Ainda assim, alguns acontecimentos colaboraram para isso. A terra foi arada e, posteriormente, estaria apta para uma melhor sementeira – e a tão desejada e esperada grande colheita.

## AS PRIMEIRAS TENTATIVAS

A ação missionária no Brasil teve o seu início em 1855, exatamente 355 anos após o seu descobrimento. Os missionários eram, geralmente, anglo-americanos, sendo a maioria proveniente dos EUA. Os congregacionais foram os pioneiros, depois vieram os presbiterianos, os metodistas, os batistas e, por fim, os episcopais, em 1889.

Em geral, eram homens dedicados à obra missionária, piedosos e com boa cultura teológica. Alguns podem ser descritos como “bivocacionados”, sendo missionários e médicos, missionários e educadores, missionários e agrônomos, missionários e escritores. Fundaram Igrejas, escolas, hospitais, seminários, institutos bíblicos, clínicas, jornais e editoras. Distribuíram a Bíblia para povo brasileiro, lutaram em favor da liberdade religiosa no país e fizeram com que a Igreja passasse a reconhecer e respeitar as diversidades.

Não há estatísticas abrangentes do número de missionários que vieram para cá. Sabe-se que somente a Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos enviou para o Brasil 65 missionários, dentre os quais, 47 eram casados e dezoito solteiros. Entre os solteiros havia 5 homens e 13 mulheres.

Essa é apenas uma amostragem dos primórdios do esforço missionário no Brasil, nos quais normalmente se omite o nome de Robert Reid Kalley, um missionário congregacional que chegou ao Rio de Janeiro em 1855. Devido ao seu alto nível cultural e econômico, teve acesso à elite brasileira nos tempos do Império, batizando inclusive membros da nobreza. O próprio Imperador D. Pedro II chegou a frequentar a casa de Kalley. No mesmo ano em que chegaram ao Rio, fundaram uma escola dominical que funcionava em sua luxuosa casa. Tendo chegado ao Brasil, trouxe consigo alguns irmãos que ele havia conquistado para Cristo na Ilha da Madeira, os quais ajudaram principalmente no trabalho de colportagem (venda de Bíblias), muito comum nesses primeiros tempos de evangelização. Embora fosse um congregacional de origem presbiteriana, Robert Reid Kalley era adverso a “denominacionalismos” e fórmulas rígidas de credos. A Igreja Evangélica Fluminense, por ele fundada, veio a ser a matriz da União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil.

Depois vieram os presbiterianos, os batistas, os metodistas e, por fim, os pentecostais da Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e outras denominações pentecostais. Em pouco tempo, o país seria o receptor das principais denominações evangélicas mundiais. Até que nele passasse a haver espaço para o surgimento de Igrejas autóctones que continuariam a desenvolver a obra de evangelização e trabalhos missionários.

## CINCO MOVIMENTOS DE EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL

Desde o Pacto de Lausanne em 1974, tendo como objetivo completar a tarefa de evangelização mundial, diversas organizações e movimentos foram surgindo, tendo como foco concluir o propósito da Grande Comissão. David Barret e Jim Reapsome publicaram seu famoso livro Setecentos Planos para Evangelizar o Mundo. Em tal obra literária, os autores procuraram apresentar um quadro geral da ação da Igreja para levar o Evangelho a cada pessoa do globo terrestre. Nos últimos anos, esse número aumentou chegando a 1290 planos (isso até 1998).

Dentre todos os seus planos, vamos destacar pelo menos cinco:

1. Agências de Rádio e a Visão O mundo até 2.000.

Em 1985 um grupo de Missões de Rádio assumiu um compromisso entre si:

“Nós nos comprometemos a dar a cada homem, mulher e criança da terra, a oportunidade de ligar o rádio e ouvir o Evangelho de Jesus Cristo em um idioma que possa entender. Dessa maneira podem se tornar seguidores de Cristo e membros responsáveis de Sua Igreja. Pretendemos completar esta tarefa até o ano 2000.”<sup>4</sup>

## 2. A Cruzada Estudantil e o filme “Jesus”:

O impacto deste filme, baseado na vida de Jesus, conforme descrito por Lucas, é um dos milagres da mídia de todos os tempos. O filme foi a visão do Dr. Bill Bright, fundador da Cruzada em 1950. Ele viu nesse filme uma poderosa ferramenta para trazer a mensagem do Evangelho viva apresentando um filme usando som e imagem para proclamar a mensagem de Cristo.

Atualmente, estima-se que cerca de 900 milhões de pessoas já tenham assistido ao filme. Como resultado, possivelmente 46 milhões se comprometeram, de alguma forma, com o seguir a Cristo. Vários países, tais como, a Rússia, ex-comunista, e a Indonésia muçulmana já apresentaram o referido filme em suas redes nacionais de televisão.

## 3. Tradutores e objetivos de tradução para o AD 2000:

Segundo a lista do Projeto Josué, há 559 línguas, nas quais as Sagradas Escrituras ainda não foram traduzidas. O principal objetivo é: os povos que falam esses idiomas possam ter, pelo menos, uma porção das Escrituras em seus próprios idiomas.

Um fórum de agências envolvidas na tradução da Bíblia traçou os objetivos para o ano 2000, os quais são também de grande importância para a evangelização do mundo. Essas 13 ou mais agências estão trabalhando para que, nos próximos anos, os seguintes alvos sejam atingidos:

- Todas as línguas restantes, faladas por mais de 5 milhões de pessoas no mundo, terão a tradução completa da Bíblia em seu idioma.
- O Novo Testamento seria traduzido, por mais de 500 mil pessoas, em cada língua falada no mundo todo.
- Haveria partes das Escrituras traduzidas, por mais de 250 mil pessoas, para cada língua falada em todo o mundo.
- O trabalho de tradução – para todos os idiomas falados em todo o mundo – será iniciado por mais de 100.000 pessoas.

Dessa forma o trabalho de tradução das Escrituras foi acelerado.

## 4. A Visão DAWN (Discipuling a Whole Nation – Discipulando uma Nação Inteira):

Essa foi a visão de Jim Montgomery, um missionário muito atuante nas Filipinas. O caminho para se fazer essa tarefa seria a multiplicação de Igrejas em cada comunidade. A visão foi iniciada em 1974, nas Filipinas, e o foco era atingir uma Igreja para cada 1000 filipinos até o ano 2000. Isso significava multiplicar o número de Igrejas de 5.000 para 50.000 em 25 anos. O entusiasmo das Igrejas resultou em um crescimento dramático do número de congregações.

**4 JOHNSTONE, Patrick. *A Igreja é Maior do que Você Pensa. Monte Verde: Missão Horizontes, 1998, p. 215***

Por fim, a visão DAWN tornou-se um movimento global. O conceito foi desenvolvido e exportado para o mundo todo. O resultado foi uma meta de fundar 3 milhões de Igrejas.

#### 5. Movimento AD2000 e Além:

Este movimento surgiu em 1988, por meio de Thomas Wang, na época diretor do Movimento Lausanne para Evangelização Mundial. As metas do movimento eram muito simples e desafiadoras: “uma Igreja para cada povo e o Evangelho para cada pessoa até o ano 2000”. O Movimento AD2000 se transformou num pequeno guarda-chuva para juntar 10 caminhos ou redes que estavam unindo outros grandes movimentos e redes evangélicas de existência global, regional, nacional e visões ministeriais numa equipe integrada.

### A JANELA 10/40

Não poderíamos terminar a nossa ponderação sobre Missões sem mencionar a chamada Janela 10/40.

A Janela 10/40 é uma faixa de terra que vai do oeste da África até a Ásia. Subindo, a partir da Linha do Equador, ela fica entre os graus 10 e 40, formando um retângulo.

Nessa região vive o maior número de povos ainda não evangelizados do planeta Terra, contendo, aproximadamente, 3,2 bilhões de pessoas em 62 países. É ali que estão algumas megalópoles a atualidade, ou seja, cidades com uma grande concentração urbana, tais como: Tóquio (Japão), Calcutá (Índia), Bagdá (Iraque), Bancoc (Tailândia), dentre outras cidades. De cada 10 pobres da Terra, 8 vivem nessa região, e somente 8% dos missionários trabalham entre os povos que ali habitam. É nessa faixa que se concentram os adeptos das três maiores religiões não cristãs do mundo: islamismo, hinduísmo e budismo.

Na maioria dos países dessa região, há falta de receptividade aos cristãos e, em especial, aos missionários que ali atuam. A liberdade religiosa, quando existe, é frágil. Há necessidade de missionários, líderes, pastores e escolas de treinamentos para os poucos cristãos ali existentes. Os crentes precisam ser despertados para uma vida de compromisso com Deus. Há poucos obreiros atuando nos países pertencentes à Janela 10/40 devido à política de restrições quanto à entrada de missionários. A necessidade de tradução da Bíblia em tal contexto geográfico é enorme. Os crentes sofrem perseguição e correm risco de vida. A saúde e proteção dos missionários precisam estar constantemente presentes com alvos de orações em suas e nossas vidas.

## CONCLUSÃO

A Igreja tem entendido que, embora ela não tenha terminado sua missão e, de certo ponto de vista, muita coisa ainda precise ser feita, ela nunca esteve tão próxima de concluir a sua tarefa. Atualmente ela dispõe de ferramentas, das quais jamais ela já dispôs em toda a sua história: “ferramentas que facilitam tanto a captação de informações, quanto a propagação do Evangelho”. Grandes conferências missionárias, em níveis nacional e internacional, têm procurado uma conexão de forças, tendo em vista concluir a Grande Comissão.

É muito difícil definir os contornos do atual movimento missionário mundial. Em história, o passado sempre é mais acessível e compreensível que o presente.

Há muitos especialistas em Missões que têm percebido que o bastão da obra missionária foi deslocado das nações do chamado “primeiro mundo”, e agora ele se encontra nas mãos das nações pertencentes ao hemisfério sul. A nova edição da Conferência de Edinburgo (ocorrida em 1910) foi realizada no Japão (em 2010) e contou com a presença maciça das nações localizadas abaixo da linha do Equador.

Alguns anseiam por um avivamento global que possibilite a Igreja de Cristo concluir a sua tarefa. Alguns chegam até a anunciá-lo. Embora nem sempre tenhamos diante dos nossos olhos a ação missionária da Igreja atual, com certeza, ela está caminhando, ou pelo menos desejando, chegar ao término de sua jornada nesta terra.

## BIBLIOGRAFIA

- BOYER, Orlando. *Heróis da Fé*. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- CAIRNS, Earle E. *O Evangelho Através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- CÉSAR, Elben M. *História da Evangelização no Brasil*. São Paulo: Ultimato, 2000.
- CESARÉIA, Eusébio. *História Eclesiástica*. São Paulo: Novo Século, 2002.
- CHAMPLIN, Russell Norman & BENTES, João Marques. *Enciclopédia de Bíblia Teologia Filosofia*. São Paulo: Editora Candeia.
- CURTIS, A. Kenneth, LANG J. Stephen e PETERSEN, Randy. Os 100 Acontecimentos mais importantes da história do Cristianismo. Rio de Janeiro: CPAD, 1991, p. 82
- GEORGE, Timothy. Fiel Testemunha – *Vida e obra de William Carey*. São Paulo: Vida Nova, 199.
- GIBBON, Edward. *Decline and Fall Roman Empire Vol I*. London: Encyclopedia Britannica, 1952.
- HURLBUT, Jessé Lyman. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida, 1996.
- JENKINS, Philip. *A Próxima Cristandade*. São Paulo: Record, 2004.
- JOHNSTONE, Patrick. *A Igreja é Maior do que Você Pensa*. Monte Verde: Missão Horizontes, 1998.
- JOHNSTONE, Patrick. *Intercessão Mundial*. Contagem: WEC Internacional, 1994.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. *Missões e Antropologia*. Goiânia: CETEO, 2004.
- REILY, Duncan Alexander. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 2003.
- RICHARDSON, Don. *O Fator Melquisedeque*. São Paulo: Vida Nova, 1991.
- STRONG, Augustus H. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003.
- TUCKER, Ruth A. *Até os Confins da Terra*. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- WALKER, John. *A História que Não Foi Contada*. São Paulo: Worship Produções, s.d.
- WINTER, Ralph, HAWTHORNE, Steve & BRADFORD, Kevin. *Perspectivas no Movimento Cristão Mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2011.



# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### QUESTÕES DE HISTÓRIA DE MISSÕES

1. Que livro bíblico conta a história das primeiras missões cristãs?
2. Quais os 5 motivos para a rápida expansão do cristianismo, conforme o historiador Edward Gibbon?
3. Qual o significado de “eixo ocidental” e “eixo oriental” de expansão do cristianismo?
4. O que foram as “conversões estatais” ao cristianismo?
5. Quem eram os nestorianos?
6. Qual o papel de Carlos Magno na expansão e consolidação do Cristianismo?
7. Como foi a cristianização da Rússia?
8. Quem eram os jesuítas?
9. O que foi o movimento morávio e qual sua importância para as missões?
10. Segundo os estudiosos, quais as “quatro ondas” de missões protestantes?
11. Relacione quatro planos de evangelização mundial.

#### **CARO(a) ALUNO(a):**

- Responda cada QUESTÃO acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar via e-mail.
- Tanto via correio ou via e-mail, envie-nos as 5 Avaliações desse Módulo todas juntas, de acordo com as Regras Gerais (p.6):

**Via Correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02046-010 - SÃO PAULO/SP**

**Via E-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)**

- Em caso de dúvidas ligue para o nosso SAA - Serviço de Atendimento ao Aluno.





# PEDAGOGIA GERAL



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>87</b>
<b>DEFINIÇÃO DO TERMO</b> .....	<b>89</b>
<b>1. HISTÓRIA DA PEDAGOGIA</b> .....	<b>90</b>
1.1 PERÍODO ORIENTAL.....	<b>90</b>
1.2 PERÍODO GREGO.....	<b>91</b>
1.3 PERÍODO ROMANO.....	<b>93</b>
1.4 PERÍODO MEDIEVAL.....	<b>94</b>
1.5 PERÍODO DO RENASCIMENTO.....	<b>95</b>
1.6 PERÍODO MODERNO.....	<b>95</b>
<b>2. MÉTODOS E TEORIAS PEDAGÓGICAS</b> .....	<b>97</b>
2.1 PIAGET E O CONSTRUTIVISMO.....	<b>97</b>
2.2 MONTESSORI.....	<b>98</b>
2.3 FREINET.....	<b>98</b>
2.4 WALDORF.....	<b>98</b>
2.5 VIGOTSKY.....	<b>99</b>
<b>3. PRÁTICA PEDAGÓGICA</b> .....	<b>100</b>
3.1 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA ATUALIDADE.....	<b>100</b>
<b>4. OBJETOS DE ESTUDO DA PEDAGOGIA</b> .....	<b>103</b>
4.1 A EDUCAÇÃO.....	<b>103</b>
4.2 O ENSINO.....	<b>104</b>
4.3 A INSTRUÇÃO.....	<b>105</b>
<b>5. O PAPEL DO PEDAGOGO</b> .....	<b>107</b>
<b>6.A PEDAGOGIA NO BRASIL</b> .....	<b>108</b>
6.1 PAULO FREIRE.....	<b>109</b>
<b>7. PEDAGOGIA CRISTÃ</b> .....	<b>110</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>114</b>



## INTRODUÇÃO

O termo pedagogia, do grego antigo *paidagógos*, era inicialmente composto por *paidos* (“criança”) e *gogía* (“conduzir” ou “acompanhar”). Outrora, o conceito fazia, portanto referência ao escravo que levava os meninos à escola.

Atualmente, a pedagogia é considerada como sendo o conjunto de saberes que compete à educação enquanto fenômeno tipicamente social e especificamente humano. Trata-se de uma ciência aplicada de caráter psicossocial, cujo objeto de estudo é a educação. A pedagogia recebe influências de diversas ciências, como a psicologia, a sociologia, a antropologia, a filosofia, a história e a medicina, entre outras.

Em todo o caso, convém destacar que há autores para os quais a pedagogia não é nenhuma ciência, mas antes um saber ou uma arte.

A pedagogia pode ser categorizada segundo vários critérios. A tendência é falar-se em pedagogia geral (relacionada com questões universais e globais da investigação e da ação sobre a educação) ou em pedagogias específicas (que têm sistematizado um diferente corpo do conhecimento em função de diversas realidades históricas vividas). Também há que distinguir a pedagogia tradicional da pedagogia contemporânea.

É importante distinguir a pedagogia como sendo a ciência que estuda a educação e a didática como sendo a disciplina ou o conjunto de técnicas que facilitam a aprendizagem. Como tal, pode-se dizer que a didática é apenas uma disciplina dentro da pedagogia.

A pedagogia também tem sido relacionada com a andragogia, a disciplina educativa que se encarrega de instruir e educar permanentemente o homem em qualquer período do seu desenvolvimento e em função da sua vida cultural e social.



## DEFINIÇÃO DO TERMO

A palavra Pedagogia tem origem na Grécia antiga, *paidagwgh* (*paidagogue*); “*paidós*” (criança) e “*agogé*” (condução). No decurso da história do Ocidente, a Pedagogia firmou-se como correlato da educação é a ciência do ensino. Entretanto, a prática educativa é um fato social, cuja origem está ligada à da própria humanidade. A compreensão do fenômeno educativo e sua intervenção intencional fez surgir um saber específico que modernamente associa-se ao termo pedagogia. Assim, a indissociabilidade entre a prática educativa e a sua teorização elevou o saber pedagógico ao nível científico. Com este caráter, o pedagogo passa a ser, de fato e de direito, investido de uma função reflexiva, investigativa e, portanto, científica do processo educativo. Autoridade que não pode ser delegada a outro profissional, pois o seu campo de estudos possui uma identidade e uma problemática própria. A história levou séculos para conferir o status de cientificidade à atividade dos pedagogos apesar de a problemática pedagógica estar presente em todas as etapas históricas a partir da Antiguidade.

O termo pedagogo, como é patente, surgiu na Grécia Clássica, da palavra *paidagwgov* (*paidogogos*), cujo significado etimológico é *preceptor*, mestre, guia, aquele que conduz; era o escravo que conduzia os meninos até o *paedagwgium* (*paedagogium*). No entanto, o termo pedagogia, designante de um fazer escravo na Hélade, somente generalizou-se na acepção de elaboração consciente do processo educativo a partir do século XVIII, na Europa Ocidental.

Atualmente, denomina-se pedagogo o profissional cuja formação é a Pedagogia, que no Brasil é uma graduação e que, por parte do MEC - Ministério da Educação e Cultura é um curso que cuida dos assuntos relacionados à Educação por excelência, portanto se trata de uma Licenciatura, cuja grade horário-curricular atual estipulada pelo MEC confere ao pedagogo, de uma só vez, as habilitações em educação infantil, ensino fundamental, educação de jovens e adultos, coordenação educacional, gestão escolar, orientação pedagógica, pedagogia social e supervisão educacional, sendo que o pedagogo também pode, em falta de professores, lecionar as disciplinas que fazem parte do Ensino Fundamental e Médio, além se dedicar à área técnica e científica da Educação, como por exemplo, prestar assessoria educacional. Devido a sua abrangência, a Pedagogia engloba diversas disciplinas, que podem ser reunidas em três grupos básicos: disciplinas filosóficas, disciplinas científicas e disciplinas técnico-pedagógicas.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. O que é e em que época começa a se desenvolver o Sofismo?
2. Sócrates pode ser considerado um sofista?
3. É correta a informação de que os sofistas eram educadores profissionais?
4. É possível, segundo o diálogo platônico, aprender uma disciplina sozinho?
5. A educação tem suas bases no sofismo ateniense? Por quê?
6. Em que consistia a Maiêutica de Sócrates e de que maneira ela poder ser utilizada no sistema pedagógico contemporâneo?
7. De que maneira o iluminismo contribuiu para a estruturação das ciências e, especialmente, das práticas pedagógicas?
8. O que era a pedagogia do cidadão de Rousseau?
9. Quais são as três idades apresentadas por Émile Durkheim?
10. Quem é o patrono da educação brasileira e por quê?

# 1 HISTÓRIA DA PEDAGOGIA

## 1.1 PERÍODO ORIENTAL

### *CHINA*

Nas civilizações orientais a educação era tradicional: dividida em classes, opondo cultura e trabalho, organizada em escolas fechadas e separadas para a classe dirigente. O conhecimento da escrita era restrito a devido ao seu caráter esotérico. As preocupações com educação apareceram nos livros sagrados, que ofereceram regras ideais de conduta e enquadramento das pessoas nos rígidos sistemas religiosos. Nesse período surgiu o dualismo escolar, que destina um tipo de ensino para o povo e outro para os filhos dos funcionários, ou seja, grande parte da comunidade foi excluída da escola e restringida à educação familiar informal.

### *EGITO*

As escolas funcionavam como templos e em algumas casas foram freqüentadas por pouco mais de vinte alunos. A aprendizagem se fazia por transcrições de hinos, livros sagrados, acompanhada de exortações morais e de coerções físicas. Ao lado da escrita, ensinava-se também aritmética, com sistemas de cálculo, complicados problemas de geometria associados à agrimensura, conhecimentos de botânica, zoologia, mineralogia e geografia.

O primeiro instrumento do sacerdote-intelectual é a escrita, que no Egito era hieroglífica (relacionada com o caráter pictográfico das origens e depois estilizada em ideogramas ligados por homofonia e por polifonia, em seguida por contrações e junções, até atingir um cursivo chamado hierático e de uso cotidiano, mais simples, e finalmente o demótico, que era uma forma ainda mais abreviada e se escrevia sobre folha de papiro com um cálambo embebido em carbono).

Ao lado da educação escolar, havia a familiar (atribuída primeira à mãe, depois ao pai) e a “dos ofícios”, que se fazia nas oficinas artesanais e que atingia a maior parte da população. Este aprendizado não tinha nenhuma necessidade de “processo institucionalizado de instrução” e “são os pais ou os parentes artesãos que ensinavam a arte aos filhos”, através do observar para depois reproduzir o processo observado. Os populares eram também excluídos da ginástica e da música, reservadas apenas a casta guerreira e colocadas como adestramento para guerra.

### *BABILÔNIA*

A cultura da poderosa classe sacerdotal destaca-se, bem como a extrema dificuldade que a escrita cuneiforme oferece aos escribas, incumbidos de ler e copiar textos religiosos.

Na civilização babilônica, tiveram um papel essencial o templo e as técnicas. O templo era o verdadeiro centro social dessa civilização, o lugar onde se condensa a tradição e onde organizam as competências técnicas, sobretudo as mais altas e complexas, como escrever, contar, medir, que dão vida à literatura, à matemática, à geometria, às quais se acrescenta a astronomia que estuda o céu para fins, sobretudo práticos (elaborar um calendário).

Os sacerdotes (verdadeira casta de poder, que levava uma vida separada e se dedicava a atividades diferentes dos outros homens, ligadas aos rituais e à cultura), eram os depositários da palavra, os conhecedores da técnica da leitura e da escrita. A experiência escolar formava o escriba e ocorria em ambientes aparelhados para escrever sobre tabuletas de argila, sob o controle de um mestre (dubsar), pelo uso de silabários e segundo uma rígida disciplina.

## **FENÍCIOS**

Os fenícios eram povos de origem semita. Por volta de 3000 a.C., estabeleceram-se numa estreita faixa de terra com cerca de 35 km de largura, situada entre as montanhas do Líbano e o mar Mediterrâneo. Com 200 km de extensão, corresponde a maior parte do litoral do atual Líbano e uma pequena parte da Síria.

Quanto à cultura, fundamental foi o desenvolvimento dos conhecimentos técnicos (de cálculo, de escrita, mas também ligados aos problemas da navegação). A descoberta mais significativa desse povo foi a do alfabeto, com 22 consoantes (sem as vogais), do qual derivam o alfabeto grego e depois os europeus, e que aconteceu pela necessidade de simplificar e acelerar a comunicação.

A primeira produção do alfabeto ocorreu em Biblos (um dos centros da Fenícia), que deu, aliás, nome ao livro (biblos em grego), pelas indústrias de papiro que ali se encontravam. Quanto aos processos educativos, são aqueles típicos das sociedades pré-gregas, influenciados pelos modelos dos grandes impérios e pelas sociedades sem escrita em que predomina a sacralização dos saberes e a organização pragmática das técnicas, e tais processos se desenvolvem, sobretudo na família, no santuário ou nas oficinas artesanais. Os processos de formação coletiva são confiados ao “bardo”, ao “profeta”, ao “sábio”, três figuras-guias das comunidades pré-literárias e que desenvolvem uma ação de transmissão de saberes, de memória histórica e de “educadores de massa”.

## **1.2 PERÍODO GREGO**

Neste período as crianças viviam a primeira infância em família, assistidas pelas mulheres e submetidas à autoridade do pai, que poderia reconhecê-las ou abandoná-las, que escolhia seu papel social e era seu tutor legal. A infância não era valorizada em toda a cultura antiga: era uma idade de passagem, ameaçada por doenças, incerta nos seus sucessos; sobre ela, portanto, se fazia um mínimo investimento afetivo. A criança crescia em casa, controlada pelo “medo do pai”, atemorizada por figuras míticas semelhantes às bruxas, gratificada com brinquedos (bonecas) e entretida com jogos (bolas, aros, armas rudimentares), mas sempre era colocada à margem da vida social. Ou então, era submetida à violência, a estupro, a trabalho, até a sacrifícios rituais. O menino – em toda a Antiguidade e na Grécia também – era um “marginal” e como tal era violentado e explorado sob vários aspectos, mesmo se gradualmente – a partir dos sete anos, em geral – era inserido em instituições públicas e sociais que lhe concediam uma identidade e lhe indicavam uma função. A menina não recebia qualquer educação formal, mas aprendia os ofícios domésticos e os trabalhos manuais com a mãe.

A educação grega era centrada na formação integral do indivíduo. Quando não existia a escrita, a educação era ministrada pela própria família, conforme a tradição religiosa. A transmissão da cultura grega se dava também, através das inúmeras atividades coletivas (festivais, banquetes, reuniões). A escola ainda permanecia elitizada, atendendo aos jovens de famílias tradicionais da antiga nobreza ou dos comerciantes enriquecidos. O ensino das letras e dos cálculos demorou um pouco mais para se difundir, já que nas escolas a formação era mais esportiva que intelectual.

### ***Esparta e Atenas: dois modelos educativos***

Esparta e Atenas deram vida a dois ideais de educação: um baseado no conformismo e no estatismo, outro na concepção, outro na concepção de Paidéia, de formação humana livre e nutrida de experiências diversas, sociais, alimentaram durante séculos o debate pedagógico, sublinhando a riqueza e fecundidade ora de um, ora de outro modelo.

Foi o mítico Licurgo quem ditou as regras políticas de Esparta e delineou seu sistema educativo, conforme o testemunho de Plutarco. As crianças do sexo masculino, a partir dos sete anos, eram retiradas da família e inseridas em escolas-ginásios onde recebiam, até os 16 anos, uma formação de tipo militar, que devia favorecer a aquisição da força e da coragem. O cidadão-guerreiro é formado pelo adestramento no uso das armas, reunido em equipes sob o controle de jovens guerreiros e, depois, de um superintendente geral (paidonomos). Levava-se

uma vida comum, favoreciam-se os vínculos de amizade, valorizava-se em particular a obediência. Quanto à cultura – ler, escrever –, pouco espaço era dado a ela na formação do espartano – “o estritamente necessário”, diz Plutarco –, embora fizessem aprender de memória Homero e Hesíodo ou o poeta Tirteo.

Já em Atenas, após a adoção do alfabeto iônico, totalmente fonético, que se tornou comum a toda Grécia, teve um esplêndido florescimento em todos os campos: da poesia ao teatro, da história à filosofia. No século V, Atenas exercia um influxo sobre toda a Grécia: tinha necessidade de uma burocracia culta, que conhecesse a escrita. Esta se difundiu a todo o povo e os cidadãos livres adquiriram o hábito de dedicar-se à oratória, à filosofia, à literatura, desprezando o trabalho manual e comercial. Todo o povo escrevia como atesta a prática do ostracismo. Afirmou-se um ideal de formação mais culto e civil, ligado à eloquência e à beleza, desinteressado e universal, capaz de atingir os aspectos mais próprios e profundos da humanidade de cada indivíduo e destinado a educar justamente este aspecto de humanidade, que em particular a filosofia e as letras conseguem nele fazer emergir e amadurecer. Assim, a educação assumia em Atenas um papel-chave e complexo, tornava-se matéria de debate, tendia a universalizar-se, superando os limites da polis. Numa primeira etapa, a educação era dada aos rapazes que freqüentavam a escola e a palestra, onde eram instruídos através da leitura, da escrita, da música e da educação física, sob a direção de três instrutores: o *grammatistes* (mestre), o *kitharistes* (professor de música), o *paidotribes* (professor de gramática). O rapaz era depois acompanhado por um escravo que o controlava e guiava: o *paidagogos*. Depois de aprender o alfabeto e a escrita, usando tabuinhas de madeira cobertas de cera, liam-se versos ricos de ensinamentos, narrativas, discursos, elogios de homens famosos, depois os poetas líricos” que eram cantados. O cuidado com o corpo era muito valorizado, para torná-lo sadio, forte e belo, realizado no *gymnasia*. Aos 18 anos, o jovem era “efebo” \*no auge da adolescência), inscrevia-se no próprio demo (ou circunscrição), com uma cerimônia entrava na vida de cidadão e depois prestava serviço militar por dois anos.

A particularidade da educação ateniense é indicada pela idéia harmônica de formação que inspira ao processo educativo e o lugar que nela ocupa a cultura literária e musical, desprovida de valor prático, mas de grande importância espiritual, ligada ao crescimento da personalidade e humanidade do jovem.

### ***Paidéia: o seu nascimento***

A partir do século V a. C., exige-se algo mais da educação. Para além de formar o homem, a educação deve ainda formar o cidadão. A antiga educação, baseada na ginástica, na música e na gramática deixa de ser suficiente.

Surge então o modelo ideal de educação grega, que aparece como Paidéia\*, que tem como objetivo geral construir o homem como homem e cidadão. Platão define Paidéia da seguinte maneira “(...) a essência de toda a verdadeira educação ou Paidéia é a que dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento”.

A noção de Paidéia se afirma de modo orgânico e independente na época dos sofistas e de Sócrates e assinala a passagem explícita – da educação para a Pedagogia, de uma dimensão teórica, que se delineia segundo as características universais e necessárias da filosofia. Nasce a Pedagogia como saber autônomo, sistemático, rigoroso; nasce o pensamento da educação como episteme\*, e não mais como éthos\* e como práxis\* apenas.

\*Paidéia: nas suas origens e na sua acepção comum, indica o tipo de formação da criança (pais), mais idôneo a fazê-lo crescer e tornar-se homem, assume pouco a pouco nos filósofos o significado de formação, de perfeição espiritual, ou seja, de formação do homem no seu mais alto valor. Portanto, podemos dizer que a Paidéia, entendida ao modo grego, é a formação da perfeição humana.

### ***Helenismo e a Educação***

Trata-se de uma época que se delineia uma cultura cada vez mais científica, mais especializada, mais articulada em formas diferenciadas entre si tanto pelos objetos quanto pelos métodos: é a época em que se desenvolve a ciência física em formas quase experimentais, em que apresentam a filosofia e a historiografia em formas amadurecidas, em que cresce a astronomia tanto quanto a geometria e a matemática, como também a botânica, a

zoologia, a gramática, dando vida a uma enciclopédia bastante complexa do saber.

Nesta época desenvolvem-se alguns centros de cultura: Rodas, Pérgamo, Alexandria; Alexandria em particular – fundada por Alexandre Magno em 932 a. C. no Egito -, com a biblioteca e o museu, afirma-se como o centro de toda cultura helenística, literária, filosófica e científica.

A Paidéia no período helenístico pode ser compreendida como uma orientação de vida, ou seja, apresentava-se como um conjunto de orientações seguras, que indicavam o caminho da felicidade. Os “novos” educadores, além de ensinar o homem a especular em torna da verdade, buscavam enfatizar que era preciso aprender a viver de forma virtuosa. A vivência das virtudes era a garantia de uma vida feliz, por isso, a transmissão e a prática dos valores tornou-se o conteúdo primordial das escolas nesse período.

### 1.3 PERÍODO ROMANO

O texto - base da educação romana, como atesta Cícero, foi por muito tempo o das Doze tábuas, fixado em 451 a.C., no bronze e exposto publicamente no fórum, para que todos pudessem vê-lo. Nelas, sublinhava-se o valor da tradição (o espírito, os costumes, a disciplina dos pais) e delineava-se um código civil, baseado na pátria potestas e caracterizado por formas de relação social típicas de uma sociedade agrícola atrasada. Como modelo educativo, as tábuas fixavam a dignidade, a coragem, a firmeza como valores máximos, ao lado, porém, da pietas e da parcimônia.

A educação na Roma arcaica teve, sobretudo, caráter prático, familiar e civil, destinada a formar em particular o civis romanus, superior aos outros povos pela consciência do direito como fundamento da própria “romanidade”. Os civis romanus era, porém, formado antes de tudo em família pelo papel central do pai, mas também da mãe, por sua vez menos submissa e menos marginal na vida da família em comparação com a Grécia. A mulher em Roma era valorizada como mater famílias, portanto reconhecida como sujeito educativo, que controlava a educação dos filhos, confiando-os a pedagogos e mestres. Diferente, entretanto, é o papel do pai, cuja auctoritas, destinada a formar o futuro cidadão, é colocada no centro da vida familiar e por ele exercida com dureza, abarcando cada aspecto da vida do filho (desde a moral até os estudos, as letras, a vida social). Para as mulheres, porém, a educação era voltada a preparar seu papel de esposas e mães, mesmo se depois, gradativamente, a mulher tenha conquistado maior autonomia na sociedade romana. O ideal romano da mulher, fiel e operosa, atribui a ela, porém, um papel familiar e educativo.

Foi a partir do século II a. C. que em Roma também se foram organizando escolas segundo o modelo grego, destinadas a dar uma formação gramatical e retórica, ligada à língua grega. Só no século I a. C. é que foi fundada uma escola de retórica latina, que reconhecia total dignidade à literatura e à língua dos romanos. Pouco tempo depois, o espírito prático, próprio da cultura romana, levou a uma sistemática organização das escolas, divididas por graus e providas de instrumentos didáticos específicos (manuais). Quanto aos graus, as escolas eram divididas em: 1. elementares (ou do litterator ou ludus, dirigidas pelo ludi magister e destinadas a dar a alfabetização primária: ler, escrever e, freqüentemente, também calcular; tal escola funcionava em locais alugados ou na casa dos ricos; as crianças dirigiam-se para lá acompanhadas do paedagogus, escreviam com o estilete sobre tabuletas de cera, aprendiam as letras do alfabeto e sua combinação, calculavam usando os dedos ou pedrinhas – calculi -, passavam boa parte do dia na escola e eram submetidas à rígida disciplina do magister, que não excluía as punições físicas); 2. secundárias ou de gramática (nas quais se aprendia a cultura nas suas diversas formas: desde a música até a geometria, a astronomia, a literatura e a oratória; embora predominasse depois o ensino literário na sua forma gramatical e filosófica, exercido sobre textos gregos e latinos, através da lectio, da enarratio, da emendatio e do iudicium); 3. escolas de retórica – política, forense, filosófica etc. – e elaboravam –se as suasoriae ou discursos sobre exemplos morais e as controversiae ou debates sobre problemas reais ou fictícios). Embora mais limitada em comparação à educação grega (eram escassas a gramática, a música, e também a ciência e a filosofia), mais utilitária, a formação escolar romana mantém bem no centro este princípio retórico e a tradição

das artes liberais, resumidas no valor atribuído à palavra.

Existiam também, escolas para os grupos inferiores e subalternos, embora menos organizadas e institucionalizadas. Eram escolas técnicas e profissionalizantes, ligadas a os ofícios e às práticas de aprendizado das diversas artes. As técnicas eram ligadas num primeiro momento, ao exército e à agricultura, depois ao artesanato, e por fim ao artesanato de luxo.

## 1.4 PERÍODO MEDIEVAL

No período medieval a educação era desenvolvida em estreita simbiose com a Igreja, com a fé cristã e com as instituições eclesiásticas que – enquanto acolhiam os oradores (os especialistas da palavra, os sábios, os cultos, distintos dos bellatores e dos laboratores) – eram as únicas delegadas (com as corporações no plano profissional) a educar, a formar, a conformar. Da Igreja partiram os modelos educativos e as práticas de formação, organizavam-se as instituições ad hoc e programavam-se as intervenções, como também nela se discutiam tanto as práticas como os modelos. Práticas e modelos para o povo, práticas e modelos para as classes altas, uma vez que era típico também da Idade Média o dualismo social das teorias e das práxis educativas, como tinha sido no mundo antigo.

Também a escola, como nós conhecemos, é um produto da Idade Média. A sua estrutura ligada à presença de um professor que ensina a muitos alunos de diversas procedências e que deve responder pela sua atividade à Igreja ou a outro poder (seja ele local ou não); as suas práticas ligadas à lectio e aos auctores, a discussão, ao exercício, ao comentário, à arguição etc.; as suas práxis disciplinares (prêmios e castigos) e avaliativas vêm daquela época e da organização dos estudos nas escolas monásticas e nas catedrais e, sobretudo nas universidades. Vêm de lá também alguns conteúdos culturais da escola moderna e até mesmo da contemporânea: o papel do latim; o ensino gramatical e retórico da língua; a imagem da filosofia, como lógica e metafísica.

### *Escolas Paroquiais*

As primeiras remontam ao século II. Limitavam-se à formação de eclesiásticos, sendo o ensino ministrado por qualquer sacerdote encarregado de uma paróquia, que recebia em sua própria casa os jovens rapazes. À medida que a nova religião se desenvolvia, passava-se das casas privadas às primeiras igrejas nas quais o altar substituiu a tribuna. O ensino era reduzido aos salmos, às lições das Escrituras, seguindo uma educação estritamente cristã.

### *Escolas Monásticas*

Visavam inicialmente, apenas à formação de futuros monges. Funcionando de início apenas em regime de internato, estas escolas abriram mais tarde escolas externas com o propósito da formação de leigos cultos (filhos dos Reis e os servidores também). O programa de ensino era de início, muito elementar - aprender a ler escrever, conhecer a bíblia (se possível de cor), canto e um pouco de aritmética – foi-se enriquecendo de forma a incluir o ensino do latim, gramática, retórica e dialética.

### *Escolas Palatinas*

Carlos Magno fundou ainda, junto da sua corte e no seu próprio palácio, a chamada Escola Palatina. Para apoio do seu plano de desenvolvimento escolar, Carlos Magno chamou o monge inglês Alcuíno. É sob a sua inspiração que, a partir do ano 787, foram emanados o decreto capitular para a organização das escolas. Estes incluíam as sete artes liberais, repartidas no trivium e no quadrivium. O trivium abraçava as disciplinas formais: gramática, retórica, dialética, esta última desenvolvendo-se, mais tarde, na filosofia; o quadrivium abraçava as disciplinas reais: aritmética, geometria, astronomia, música, e, mais tarde, a medicina.

***Escolas Catedrais***

As Escolas Catedrais (escolas urbanas), saídas das antigas escolas monásticas (que alargaram o âmbito dos seus estudos), tomaram a dianteira em relação às escolas dos mosteiros. Instituídas no século XI por determinação do Concílio de Roma (1079), passam, a partir do século XII (Concílio de Latrão, 1179), a ser mantidas através da criação de benefícios para a remuneração dos mestres, prosperando nesse mesmo século. A atividade intelectual abre-se ao exterior, ainda que de forma lenta, absorvendo elementos das culturas judaica, árabe e persa, redescobrimo os autores clássicos, como Aristóteles e, em menor escala, Platão.

***Universidades***

Supõe-se que a primeira universidade europeia tenha sido na cidade italiana de Salerno, cujo centro de estudos remonta ao século XI. Além desta, antes de 1250, formaram-se no Ocidente a primeira geração de universidades medievais. São designadas de espontâneas porque nascem do desenvolvimento de escolas preexistentes. As universidades de Bolonha e de Paris estão entre as mais antigas. Outros exemplos são a Universidade de Oxford e a de Montpellier. Mais tarde, é a vez da constituição de universidades por iniciativa papal ou real. Exemplo desta última é a Universidade de Coimbra, fundada em 1290.

Originalmente, estas instituições eram chamadas de *studium generale*, agregando mestres e discípulos dedicados ao ensino superior de algum ramo do saber (medicina, direito, teologia). Porém, com a efervescência cultural e urbana da Baixa Idade Média, logo se passou a fazer referência ao estudo universal do saber, ao conjunto das ciências, sendo o nome *studium generale* substituído por *universitas*.

**1.5 PERÍODO DO RENASCIMENTO**

O Renascimento começou na Itália, no século XIV, e difundiu-se por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI. Foi um período da história europeia marcado por um renovado interesse pelo passado greco-romano clássico, especialmente pela sua arte.

Para se lançar ao conhecimento do mundo e às coisas do homem, o movimento renascentista elegia a razão como a principal forma pela qual o conhecimento seria alcançado.

O renascimento deu grande privilégio à matemática e às ciências da natureza. A exatidão do cálculo chegou até mesmo a influenciar o projeto estético dos artistas desse período. Desenvolvendo novas técnicas de proporção e perspectiva, a pintura e a escultura renascentista pretendiam se aproximar ao máximo da realidade. Em consequência disso, a riqueza de detalhes e a reprodução fiel do corpo humano formavam alguns dos elementos correntes nas obras do Renascimento.

O Humanismo\* representou tendência semelhante no campo da ciência. O renascimento confrontou importantes conceitos elaborados pelo pensamento medieval. No campo da astronomia, a teoria heliocêntrica, onde o Sol ocupa o centro do Universo, se contrapunha à antiga idéia cristã que defendia que a Terra se encontrava no centro do cosmos. Novos estudos de anatomia também ampliaram as noções do saber médico dessa época.

Os humanistas eram homens letrados profissionais, normalmente provenientes da burguesia ou do clero que, por meio de suas obras, exerceram grande influência sobre toda a sociedade; rejeitavam os valores e a maneira de ser da Idade Média e foram responsáveis por conduzir modificações nos métodos de ensino, desenvolvendo a análise e a crítica na investigação científica.

**1.6 PERÍODO MODERNO**

Duas instituições educativas, em particular, sofreram uma profunda redefinição e reorganização na Modernidade: a família e a escola, que se tornaram cada vez mais centrais na experiência formativa dos indivíduos e na própria reprodução (cultural, ideológica e profissional) da sociedade. As duas instituições chegaram a cobrir todo o arco da infância – adolescência, como “locais” destinados à formação das jovens gerações, segundo um

modelo socialmente aprovado e definido.

A família, objeto de uma retomada como núcleo de afetos e animada pelo “sentimento da infância”, que fazia cada vez mais da criança o centro-motor da vida familiar, elaborava um sistema de cuidados e de controles da mesma criança, que tendiam a conformá-la a um ideal, mas também a valorizá-la como mito, um mito de espontaneidade e de inocência, embora às vezes obscurecido por crueldade, agressividade etc. Os pais não se contentavam mais em apenas pôr filhos no mundo. A moral da época impõe que se dê a todos os filhos, não só ao primogênito, e no fim dos anos seiscentos também as filhas, uma preparação para a vida. A tarefa de assegurar tal afirmação é atribuída à escola.

Ao lado da família, à escola: uma escola que instruíra e que formava que ensinava conhecimentos, mas também comportamentos, que se articulava em torno da didática, da racionalização da aprendizagem dos diversos saberes, e em torno da disciplina, da conformação programada e das práticas repressivas (constritivas, mas por isso produtoras de novos comportamentos). Mas, sobretudo, uma escola que reorganizava suas próprias finalidades e seus meios específicos. Uma escola não mais sem graduação na qual se ensinavam as mesmas coisas a todos e segundo processos de tipo adulto, não mais caracterizada pela “promiscuidade das diversas idades” e, portanto, por uma forte incapacidade educativa, por uma rebeldia endêmica por causa da ação dos maiores sobre os menores e, ainda, marcadas pela “liberdade dos estudantes”, sem disciplina interna e externa. Com a instituição do colégio (no século XVI), porém, teve início um processo de reorganização disciplinar da escola e de racionalização e controle de ensino, através da elaboração de métodos de ensino/educação – o mais célebre foi a Ratio studiorum dos jesuítas – que fixavam um programa minucioso de estudo e de comportamento, o qual tinha ao centro a disciplina, o internato e as “classes de idade”, além da graduação do ensino/aprendizagem.

Também é dessa época a descoberta da disciplina: uma disciplina constante e orgânica, muito diferente da violência e autoridade não respeitada. A disciplina escolar teve raízes na disciplina religiosa; era menos instrumento de exercício que de aperfeiçoamento moral e espiritual, era buscada pela sua eficácia, como condição necessária do trabalho em comum, mas também por seu valor próprio de edificação. Enfim, a escola ritualizava o momento do exame atribuindo-lhe o papel crucial no trabalho escolar. O exame era o momento em que o sujeito era submetido ao controle máximo, mas de modo impessoal: mediante o controle do seu saber. Na realidade, o exame agia, sobretudo como instrumento disciplinar, de controle do sujeito, como instrumento de conformação.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. O que é e de que forma a Filosofia pode auxiliar nos processos educativos?
2. Segundo Marc Bru, é possível aplicar referências e trabalhos filosóficos a cada uma das diversas facetas da pedagogia. Quais filósofos podem ser citados como auxiliares na compreensão da aprendizagem e por quê?
3. O que é o Construtivismo?
4. Você considera o Construtivismo um modelo compatível com a realidade educacional da sociedade contemporânea? Por quê?
5. Sociologia, Filosofia e Psicologia são campos de pesquisa compatíveis, se relacionam? Explique.
6. Quais sociólogos podem ser citados como exemplo em educação?
7. De que maneira a situação socioeconômica pode influenciar no processo de aprendizagem?
8. É correta a análise feita por Bordieu de que a escola não se restringe a um papel de reprodução? Por quê?
9. Qual é a importância da Psicologia na Educação?
10. O que é, segundo Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal?

## 2 | MÉTODOS E TEORIAS PEDAGÓGICAS

Quando uma escola se diz partidária deste método ou daquela teoria, é preciso distinguir as diferenças entre ambos. Existem teorias da aprendizagem, ou seja, hipóteses e modelos de como o ser humano aprende, e métodos pedagógicos, isto é, maneiras de proceder nesta e naquela situação.

Dentre os utilizados no Brasil destacam-se os de Piaget, Freinet, Montessori e Waldorf. Mais recentemente as idéias do norte-americano Howard Gardner (inteligências múltiplas) começaram a ser difundidas. São propostas alternativas ao sistema pedagógico tradicional, que é baseado na memorização de conteúdos.

### 2.1 PIAGET E O CONSTRUTIVISMO

Sir Jean William Fritz Piaget (Neuchâtel, 9 de agosto de 1896 - Genebra, 16 de setembro de 1980) foi um epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Defendeu uma abordagem interdisciplinar para a investigação epistemológica e fundou a Epistemologia Genética, teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

Estudou inicialmente biologia na Universidade de Neuchâtel onde concluiu seu doutorado, e posteriormente se dedicou à área de Psicologia, Epistemologia e Educação. Foi professor de psicologia na Universidade de Genebra de 1929 a 1954, e tornou-se mundialmente reconhecido pela sua revolução epistemológica. Durante sua vida Piaget escreveu mais de cinquenta livros e diversas centenas de artigos.

Sua teoria chamada de Epistemologia Genética ou Teoria Psicogenética é a mais conhecida concepção construtivista da formação da inteligência.

Jean Piaget, em sua teoria, explica como o indivíduo, desde o seu nascimento, constrói o conhecimento.

Quando a escola se utiliza deste método pedagógico, ela em vez de apontar o erro e fornecer a resposta correta, cabe ao professor questionar a resposta dada pela criança de maneira que ela perceba as limitações de sua resposta. Sendo assim a criança, tem a sua verdade, ela acha o que quer, o professor é um mero questionador de respostas.

Neste método, eles acreditam que, é fundamental “permitir” que a criança desenvolva suas próprias teorias e hipóteses a respeito da escrita e da linguagem. Não acreditam que os alunos aprendam com a repetição e desprezam o poder da memorização o que de fato nos faz ter uma boa formação mental.

Segundo Piaget, “cada vez que ensinamos prematuramente a uma criança algo que ela poderia ter descoberto por si mesma, esta criança foi impedida de inventar e conseqüentemente de entender completamente.”

Sabemos que uma criança não consegue por si só compreender completamente o fato e sim compreender o certo do errado, o bom do mau; do resto precisa de um adulto (no caso o professor) para fazê-la compreender completamente, ensinando a verdade e não subjugando as suas descobertas, que nem sempre são corretas.

Se um professor não é capaz de ensinar a verdade que não é sujeita a variações nem a dependência de contextos, ele se coloca abaixo do aluno e vira um simples mediador da aprendizagem.

De fato é o que vemos hoje nas escolas, por isso nossos alunos perdem o interesse nos estudos e a cada ano vemos um maior índice de dificuldades escolares (Dislexias entre outros). Para alguns pais é importante valorizar a liberdade, o individualismo, o indivíduo como um todo; porém isto cansa e na verdade os desvaloriza. A criança busca segurança busca um professor que lhe de limites, e que lhe mostre a verdade; que a cada descoberta lhe faça compreender a verdade do fato, que lhe faça raciocinar e aprender.

Professores assim hoje em dia são difíceis encontrar, porém não podemos perder as esperanças de que eles existam, não podemos perder as esperanças de que colégios tradicionais voltem a ensinar as crianças através do método tradicional.

## 2.2 MONTESSORI

Um dos métodos mais populares, mas que também e contra o método tradicional é o método inventado por Montessori. Criado inicialmente para crianças portadoras de deficiências e depois adaptado para crianças não portadoras de deficiências; partindo do princípio de que o método desenvolvia a inteligência, hoje além de uma técnica ele é um sistema de educação.

Concentra-se basicamente em materiais que estimulam os sentidos (audição, tato, visão...), acreditam que a educação dos sentidos é essencial para as crianças e buscam o equilíbrio dos sentidos para que a criança possa se desenvolver no espaço a sua volta.

Um método que acha que se deva desenvolver mais o equilíbrio dos sentidos de uma criança irá transformá-las em adultos puramente sentimentais, destruirão a razão, destruirão a vontade para o conhecimento científico e formarão indivíduos espiritualistas e sentimentalistas.

Montessori acredita que a criança, mais uma vez é capaz de crescer por si mesmo e de aprender naturalmente explorando o mundo, vejam que contradição: se o método foi criado para crianças portadoras de deficiências, com elas poderiam crescer por si só, naturalmente explorando o mundo; se as crianças não portadoras de deficiências não conseguem crescer por si só imaginem as com deficiência.

Neste método o professor também é apenas um mediador das atividades propostas, deixa-se que a criança aprenda naturalmente, explorando os objetos sem o propósito fundamental da atividade.

Segundo Montessori “Eu estudo minhas crianças e elas me ensinaram a ensiná-las”.

O pensamento naturalista que entrega a criança à sua própria iniciativa e que, em vez de levar à liberdade dos filhos de Deus, leva à escravidão das paixões. É um erro extraordinariamente perigoso, pensar que a criança será boa se lhe permitir crescer de uma maneira natural. Na realidade acaba por ser um autêntico selvagem.

## 2.3 FREINET

Este método procura estimular a capacidade de criação e expressão, longe das restrições impostas pela escola tradicional, criando crianças sem limite e egoístas.

Nasceu da observação da grande separação existente entre o dia a dia e a escola e do fato de eles acharem que a criança demonstra mais interesse pelo meio social do que pelos estudos.

Freinet costumava sair com as crianças para passeios e ao voltar, cada uma contava a sua visão da experiência, em vez, de se preocupar com a perfeição e correção, dava grande estímulo ao individualismo, ao subjetivismo do aluno.

Neste método o professor não precisa de formação, os alunos aprendem pela experiência de vida, pela experiência social. Imaginem como estas crianças saem da escola.

## 2.4 WALDORF

Criado na Alemanha por Rudolf Steiner foi aplicado pela primeira vez em 1919 com filhos de operários da fábrica Waldorf Astoria.

Para a escola Waldorf cada idade tem suas necessidades, no primeiro período aprende-se por imitação de maneira eficiente, mas pouco consciente. Dos 7 aos 14 anos a criança é educada por meio de uma vida de sentimentos, emoções e vivência. Dos 14 ao 21 anos educa-se para aprender a lidar com o mundo com ênfase na ética.

Imaginem destruí-las dos 7 aos 14, para depois chegar até os 21 anos para saber lidar com o mundo. Como estas crianças serão capazes de lidar com o mundo se foram destruídas com vivências e sentimentalismo, se

esquecem de que devem proporcionar um equilíbrio entre os sentimentos e a razão, para se formar crianças, adolescentes e adultos que assim possam lidar com o mundo.

## 2.5 VIGOTSKY

A psicologia sócio-histórica, que tem como base a teoria de Vygotsky, concebe o desenvolvimento humano a partir das relações sociais que a pessoa estabelece no decorrer da vida. Nesse referencial, o processo de ensino-aprendizagem também se constitui dentro de interações que vão se dando nos diversos contextos sociais.

A sala de aula deve ser considerada um lugar privilegiado de sistematização do conhecimento e o professor, um articulador na construção do saber. Com base nesses pressupostos teóricos, essa aula sistematiza alguns pontos da teoria e indica suas implicações para o seu trabalho na sala de aula.

A base do desenvolvimento psicológico para Vygotsky está na transmissão dos valores e significados culturais, construídos historicamente (por isso, sua teoria é sócio-histórica) e sua questão central era:

“Como os indivíduos pertencentes a uma determinada cultura chegam a controlar o sistema de signos correspondentes e como estes chegam a ser internalizados”.

Você quer saber as respostas de Vygotsky a essa pergunta? Esta aula vai lhe ajudar a conhecê-las...

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. O que é e de que forma a Filosofia pode auxiliar nos processos educativos?
2. Segundo Marc Bru, é possível aplicar referências e trabalhos filosóficos a cada uma das diversas facetas da pedagogia. Quais filósofos podem ser citados como auxiliares na compreensão da aprendizagem e por quê?
3. O que é o Construtivismo?
4. Você considera o Construtivismo um modelo compatível com a realidade educacional da sociedade contemporânea? Por quê?
5. Sociologia, Filosofia e Psicologia são campos de pesquisa compatíveis, se relacionam? Explique.
6. Quais sociólogos podem ser citados como exemplo em educação?
7. De que maneira a situação socioeconômica pode influenciar no processo de aprendizagem?
8. É correta a análise feita por Bordieu de que a escola não se restringe a um papel de reprodução? Por quê?
9. Qual é a importância da Psicologia na Educação?
10. O que é, segundo Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal?

# 3 | PRÁTICA PEDAGÓGICA

As relevantes modificações sofridas por nossa sociedade no decorrer do tempo, dentre elas o desenvolvimento tecnológico e o aprimoramento de novas maneiras de pensamento sobre o saber e sobre o processo pedagógico, têm refletido principalmente nas ações dos alunos no contexto escolar, o que tem se tornado ponto de dificuldade e insegurança entre professores e agentes escolares resultando em forma de comprometimento do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, faz-se necessário à busca de uma nova reflexão no processo educativo, onde o agente escolar passe a vivenciar essas transformações de forma a beneficiar suas ações podendo buscar novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo ensino-aprendizagem com seu aluno, sem com isso ser colocado como mero expectador dos avanços estruturais de nossa sociedade, mas um instrumento de enfoque motivador desse processo.

A sociedade atual se vê confrontada com o desenvolvimento acelerado que ocorre a sua volta, onde o desenvolvimento e as descobertas ocorrem em frações de segundos, ocasionando um certo desgaste e comprometimento das ações voltadas para o aprimoramento do ensino, colocando a sala de aula como um ambiente de pouca relevância para a consolidação do conhecimento, enfatizando a vivência social o requisito primordial para a busca de aprendizado. Diante do exposto, é facilmente observado que a busca pelo conhecimento não tem sido o foco de interesse principal da sociedade, pois a atualização das informações tem ocorrido de forma acessível a todos os segmentos satisfazendo de uma forma geral aos interesses daqueles que as buscam. Dessa forma, a escola nesse contexto tem alternativa rever suas ações e o seu papel no aprimoramento da sua prática educativa, sendo que, uma análise sobre seus conceitos didático-metodológicos precisa ser feita, de forma a adequar sua postura pedagógica ao momento atual e principalmente colocar-se na posição de organização principal e mais importante na evolução dos princípios fundamentais de uma sociedade, cumprindo assim sua função transformadora e idealizadora de conhecimentos científicos-filosóficos pautando o resultado de suas ações em saber concreto.

## 3.1 A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA ATUALIDADE

O processo educacional sempre foi alvo de constantes discussões e apontamentos que motivaram sua evolução em vários aspectos, principalmente no que tange a condução de metodologias de ensino por nossos educadores e a valorização do contexto escolar formador para nossos alunos. Nesse aspecto Gadotti, pesquisador desse processo afirma que, enraizada na sociedade de classes escravista da Idade Antiga, destinada a uma pequena minoria, a educação tradicional iniciou seu declínio já no movimento renascentista, mas ela sobrevive até hoje, apesar da extensão média da escolaridade trazida pela educação burguesa. A educação nova, que surge de forma mais clara a partir da obra de Rousseau, desenvolveu-se nesses últimos dois séculos e trouxe consigo numerosas conquistas, sobretudo no campo das ciências da educação e das metodologias de ensino. O conceito de “aprender fazendo” de John Dewey e as técnicas de Freinet, por exemplo, são aquisições definitivas na história da pedagogia. Tanto a concepção tradicional de educação quanto a nova, amplamente consolidadas, terão um lugar garantido na educação do futuro. (GADOTTI, 2000).

Diante de inúmeras transformações sociais, onde informações e descobertas acontecem em frações de segundo, o processo de desenvolvimento da escola entra na pauta como um dos mais importantes aspectos a serem discutidos neste processo, pois é nela que são promovidas as mais importantes formulações teóricas sobre o desenvolvimento cultural e social de todas as nações, dessa forma, a pesquisa educacional acaba tomando um lugar central na busca de perspectivas que possibilitem uma nova prática educacional, envolvendo principalmente os

agentes que conduzem o ambiente escolar, transformando o ensino em parte integrante ou principal na motivação dessas transformações.

Com as constantes modificações sofridas por nossa sociedade no decorrer do tempo, dentre elas o desenvolvimento de tecnologias e o aprimoramento de um modo de pensar menos autoritário e menos regrado, os agentes educacionais e a escola de uma maneira geral, vêm vivenciando um processo de mudança que tem refletido principalmente nas ações de seus alunos e na materialização destas no contexto escolar, fato que tem se tornado ponto de dificuldade e insegurança entre professores e agentes escolares de forma geral, configurando em forma de comprometimento do processo ensino-aprendizagem, sobre isso, Gadotti afirma que, neste começo de um novo milênio, a educação apresenta-se numa dupla encruzilhada: de um lado, o desempenho do sistema escolar não tem dado conta da universalização da educação básica de qualidade; de outro, as novas matrizes teóricas não apresentam ainda a consistência global necessária para indicar caminhos realmente seguros numa época de profundas e rápidas transformações. (GADOTTI, M. 2000)

A escola contemporânea sofre com o desenvolvimento acelerado que ocorre a sua volta, onde as informações são atualizadas em frações de segundos, ocasionando de certa forma, o desgaste e o comprometimento das ações voltadas para o aprimoramento do ensino, fazendo com que a sala de aula se torne um ambiente de pouca relevância para a consolidação do conhecimento, tornando a vivência social o requisito primordial para a busca de aprendizado, sobre essa escola, Amélia Hamze afirma em seu artigo “O Professor e o Mundo Contemporâneo”, que: Como educadores não devemos identificar o termo informação como conhecimento, pois, embora andem juntos, não são palavras sinônimas. Informações são fatos, expressão, opinião, que chegam as pessoas por ilimitados meios sem que se saiba os efeitos que acarretam. Conhecimento é a compreensão da procedência da informação, da sua dinâmica própria, e das conseqüências que dela advém, exigindo para isso um certo grau de racionalidade. A apropriação do conhecimento, é feita através da construção de conceitos, que possibilitam a leitura crítica da informação, processo necessário para absorção da liberdade e autonomia mental. (HAMZE, A .2004)

É perceptível que o saber científico e a busca pelo conhecimento, tem fugido do interesse da sociedade em geral, pois a atualização das informações tem ocorrido de forma acessível a todos os segmentos satisfazendo de uma forma geral aos interesses daqueles que as buscam. A escola nesse contexto tem por opção repensar suas ações e o seu papel no aprimoramento do saber, e para isso, uma reflexão sobre seus conceitos didático-metodológicos precisa ser feita, de forma a adequar-se ao momento atual e principalmente colocar-se na postura de organização principal e mais importante na evolução dos princípios fundamentais de uma sociedade, Dowbor, sobre essa temática diz que, ...será preciso trabalhar em dois tempos: o tempo do passado e o tempo do futuro. Fazer tudo hoje para superar as condições do atraso e, ao mesmo tempo, criar as condições para aproveitar amanhã as possibilidades das novas tecnologias. (DOWBOR, L. 1998).

Gadotti, sobre o assunto afirma que seja qual for à perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural.

Dessa Forma, a prática pedagógica dos agentes educacionais no momento atual, bem como a condução do processo ensino-aprendizagem na sociedade contemporânea, precisa ter como primícia a necessidade de uma reformulação pedagógica que priorize uma prática formadora para o desenvolvimento, onde a escola deixe de ser vista como uma obrigação a ser cumprida pelo aluno, e se torne uma fonte de efetivação de seu conhecimento intelectual que o motivará a participar do processo de desenvolvimento social, não como mero receptor de informações, mas como idealizador de práticas que favoreçam esse processo,

Na sociedade da informação, a escola deve servir de bússola para navegar nesse mar do conhecimento, superando a visão utilitarista de só oferecer informações “úteis” para a competitividade, para obter resultados. Deve oferecer uma formação geral na direção de uma educação integral. O que significa servir de bússola? Significa orientar criticamente, sobretudo as crianças e jovens, na busca de uma informação que os faça crescer e não embrutecer. (GADOTTI, M. 2000)

Segundo Ladislau Dowbor (1998:259), a escola deixará de ser “lecionadora” para ser “gestora do conhecimento”. Prossegue dizendo que pela primeira vez a educação tem a possibilidade de ser determinante sobre o desenvolvimento. A educação tornou-se estratégica para o desenvolvimento, mas, para isso, não basta “modernizá-la”, como querem alguns. Será preciso transformá-la profundamente.

O professor nesse contexto deve ter em mente a necessidade de se colocar em uma postura norteadora do processo ensino-aprendizagem, levando em consideração que sua prática pedagógica em sala de aula tem papel fundamental no desenvolvimento intelectual de seu aluno, podendo ele ser o foco de crescimento ou de introspecção do mesmo quando da sua aplicação metodológica na condução da aprendizagem. Sobre essa prática, Gadotti (2000:9) afirma que “nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos”.

Ele afirma ainda que: Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Diante dos falsos pregadores da palavra, dos marketeiros, eles são os verdadeiros “amantes da sabedoria”, os filósofos de que nos falava Sócrates. Eles fazem fluir o saber (não o dado, a informação e o puro conhecimento), porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, juntos, um mundo mais justo, mas produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis. (GADOTTI, M. 2000)

Hamze (2004:1) em seu artigo “O Professor e o Mundo Contemporâneo” considera que Os novos tempos exigem um padrão educacional que esteja voltado para o desenvolvimento de um conjunto de competências e de habilidades essenciais, a fim de que os alunos possam fundamentalmente compreender e refletir sobre a realidade, participando e agindo no contexto de uma sociedade comprometida com o futuro.

Assim, faz-se necessário à busca de uma nova reflexão no processo educativo, onde o agente escolar passe a vivenciar essas transformações de forma a beneficiar suas ações podendo buscar novas formas didáticas e metodológicas de promoção do processo ensino-aprendizagem com seu aluno, sem com isso ser colocado como mero expectador dos avanços estruturais de nossa sociedade, mas um instrumento de enfoque motivador desse processo.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Qual é a conceituação cognitiva da prática pedagógica?
2. Para os humanistas o que deve ser priorizado e por quê?
3. Há uma definição concreta do que vem a ser a prática pedagógica?
4. De que maneira a filosofia cognitivista contribui para o desenvolvimento cognitivo do aluno?
5. O que são aprendizagens psicomotoras?
6. Como ocorre a formação da prática pedagógica?
7. Qual é a principal mensagem do filme Tempos Modernos e de que maneira ele pode ser usado como um recurso pedagógico?
8. Os recursos eletrônicos são necessários à aprendizagem?
9. Qual é, segundo McLUHAN, a função da escola?
10. Imagens, como de pinturas, fotografias, são recursos pedagógicos? Explique.

# 4

## OBJETOS DE ESTUDO DA PEDAGOGIA

Com o filósofo alemão Johann Friedrich Herbart (1776-1841), a pedagogia foi formulada pela primeira vez como uma ciência, sobriamente organizada, abrangente e sistemática, com fins claros e meios definidos.

A pedagogia como todas as ciências autônomas possui um objeto específico de estudo: o objeto de estudo da história é o passado, da teologia é a pessoa de Deus, da arqueologia são os vestígios antigos e o da pedagogia é a educação, o ensino e a instrução, veremos a seguir cada uma delas.

### 4.1 A EDUCAÇÃO

Desde a época de Platão, o termo educação foi centro dos debates. Para ele era dar ao corpo e a alma toda beleza e perfeição que seja possível. Émile Durkheim a considerava a preparação para a vida. Para Pestalozzi, a educação do ser humano deve responder às necessidades de seu destino e às leis de sua natureza. Para José Martí, é depositar em cada homem toda a obra da humanidade vivida, é preparar o ser humano para a vida.

Segundo o ICCP (1988) se entende por educação o conjunto de influências que exerce a sociedade sobre o indivíduo. Isso implica que o ser humano se educa durante toda a vida.

“A educação consiste, ante todo, em um fenômeno social historicamente condicionado e com um marcado caráter classista. Através da educação se garantirá a transmissão de experiências de uma geração à outra”. (ICCP, 1988, p.31)

Segundo Lênin, V (ICCP, 1988), a educação é uma categoria geral e eterna, pois é parte inerente da sociedade desde seu surgimento. Também, a educação constitui um elo essencial no sucessivo desenvolvimento dessa sociedade, a ponto de não conceber progresso histórico-social sem sua presença.

Para Martins, J (1990) a educação é um processo de ação da sociedade sobre o educando, visando entregá-lo segundo seus padrões sociais, econômicos, políticos, e seus interesses. Reconhece-se aqui a necessária preparação para a vida, já referida em outras definições e que só se logra a através de convicções fortes e bem definidas de acordo com esses padrões. Por isso é tão importante, mas que uma definição o mais precisa possível, a caracterização deste objeto de estudo e pesquisa da Pedagogia.

Para uns, Educação é processo, para outros é categoria, ou fenômeno social, ou preparação, ou conjunto de influências, e muitos conceitos mais. Ainda seguindo a linha de pensamento de J. Martins, se concorda que:

A educação tem os seguintes caracteres:

- É fato histórico, pois se realiza no tempo;
- É um processo que se preocupa com a formação do homem em sua plenitude;
- Busca a integração dos membros de uma sociedade ao modelo social vigente;
- Simultaneamente, busca a transformação da sociedade em benefício de seus membros;
- É um fenômeno cultural, pois transmite a cultura de um contexto de forma global;
- Direciona o educando para a autoconsciência;
- É ao mesmo tempo, conservadora e inovadora. (MARTINS, J, 1990, p.23)

Deve-se analisar que a educação, mais que processo, mais que conjunto de influências, e outras, é uma atividade. Como toda atividade tem orientação, por tanto pode ser planejada. É processo, pois está constituída por ações e operações que devem ser executadas no tempo e no espaço concreto. É resultado que expressa ou manifesta uma cultura, como fato sócio-histórico.

Mas, o que é educação? A definição a seguir não pretende ser exaustiva, nem focalizada nessa palavra desde a perspectiva da lingüística textual, onde claramente, o significado sempre estará dependendo de seu contexto. Aqui só se esta definindo a categoria geral e eterna, como objeto de estudo e pesquisa da Pedagogia.

Portanto, a Educação é uma atividade social, política e econômica, que se manifesta de diversas formas e que seu sistema de ações e operações exercem influências na formação de convicções para o desenvolvimento humano do ser social e do ser individual.

Neste último aspecto vale destacar que o ser humano que se pretende construir, desde a óptica como ser social deve ser “Desenvolvido simultaneamente nos planos, físico e intelectual, que tem consciência clara de suas possibilidades e limitações. Um homem munido de uma cultura que lhe permita conhecer, compreender e refletir sobre o mundo”. (MARTINS, J 1990, p. 22)

Isso significa que a educação pode ser direcionada, considerando a expressão social que deve refletir na consciência de cada pessoa. Por outro lado, se deve também trabalhar, nessas influências que exerce a sociedade e o estado na formação humana do ser individual, onde: “O homem independente, mas não isolado, que conhecendo suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais, e senhor de uma visão crítica da realidade, seja capaz de atuar de forma eficaz e eficiente nessa realidade”. (MARTINS, J 1990, p. 22)

Resumindo, a educação, como fenômeno inerente à sociedade, é orientação, é processo e expressão de uma cultura sócio-política. Pois como atividade, está constituída por esses aspectos. Por outro lado, sabe-se que o ser humano se realiza culturalmente em tempo e espaço, e que a complexidade dos fenômenos sociais e a quantidade de cultura emanada de muitas gerações, precisam ser otimizadas no tempo. Por isso, e em busca de seu aperfeiçoamento social e individual, surge o processo pedagógico, que não deve confundir-se com o processo docente, com educação, ou com o processo educativo.

O processo pedagógico, como aspecto consciente dentro do planejamento educacional, surge a partir das mudanças sofridas pela sociedade e com o objetivo de construir determinado protótipo de ser humano. Por isso, um dos meios importante para influir na construção desse novo ser, é através do adequado planejamento educacional. Os programas, planos, e projetos, resultado dessas atividades de gestão educativa, sejam introduzidos e generalizados como forma ideal para orientar, executar e controlar o trabalho educativo.

## 4.2 O ENSINO

Antes de entrar-se na definição do objeto de estudo e pesquisa da Didática, lembre-se das palavras de J. Martins (1990, p. 23) quando expressou que “desde seu surgimento a palavra didática, significou a ciência de ensinar”. Pode ser questionado o termo ciência, mas a idéia fica clara que o objeto é o ensino. Não se deve esquecer que na época que se utiliza o termo, ciência era só as áreas de conhecimentos da natureza. O termo “art” era utilizado para as atividades das atuais e reconhecidas áreas das ciências sociais. Mas, então por que, ainda hoje, é questionada a utilização do termo: ensino, substituindo-o por ensino-aprendizagem? Seria interessante considerar a seguinte analogia que ajudará a entender o ensino, como objeto e não o ensino como categoria, termo ou uma simples palavra.

Quando alguém denomina um homem de pai, utilizando o termo de pai com a significação de pai biológico, é porque esse ser humano masculino, tem, como mínimo um filho. Portanto, qualquer homem não é pai, só aquele que gerou um descendente. Algo parecido, salvando a analogia, sucede com a palavra ensino. Se um determinado professor realiza uma atividade que não gere uma “aprendizagem” objetivada, essa atividade não pode ser denominada de ensino. Por tanto, se não é lógico utilizar a palavra composta pai-filho, para designar um ser humano masculino que gerou um descendente dele, também é ilógico supor que a palavra composta “ensino-

-aprendizagem”, substitua o objeto: ensino.

Segundo Baranov, S.P. et al (1989, p. 75) o ensino é “um processo bilateral de ensino e aprendizagem”. Daí, que seja axiomático explicitar que não existe ensino sem “aprendizagem”. Seu posicionamento sempre foi muito claro, quando estabeleciam entre ensino e aprendizagem, uma unidade dialética.

Para Neuner, G. et al (1981, p. 254) “a linha fundamental do processo de ensino é a transmissão e apropriação de um sólido sistema de conhecimentos e capacidades duradouras e aplicáveis.” Destaca-se, por um lado, neste conceito a menção de “um sólido sistema de conhecimento”, e por outro lado, as “capacidades duradouras e aplicáveis”. No primeiro caso, referindo-se ao processo de instrução que procura atingir a superação dos discentes e o segundo caso ao treinamento, como forma de desenvolver as capacidades.

O ICCP (1988, p. 31) define “o ensino como o processo de organização da atividade cognoscitiva” processo que se manifesta de uma forma bilateral: a aprendizagem, como assimilação do material estudado ou atividade do aluno, e o ensino como direção deste processo ou atividade do professor.

Considerando estas idéias, fica claro que não é preciso a utilização da composição léxica “ensino-aprendizagem” para destacar a importância da “aprendizagem” neste processo, pois ela é inerente ao ensino. A palavra aprendizagem neste contexto, não esta sendo utilizada desde a perspectiva terminológica que distinguiria semanticamente os termos: aprendizagem, aprendizado e aprendizagem.

Portanto, o ensino, como objeto de estudo e pesquisa da Didática, é uma atividade direcionada por docentes à formação qualificada dos discentes. Por isso, na implementação do ensino se dão a instrução e o treinamento, como formas de manifestar-se, concretamente, este processo na realidade objetiva.

Diferenciando Educação, de Ensino, seria interessante refletir com as palavras de J.M. Guyau, quando diz que “educar a um homem não é ensinar alguma coisa que não sabia, senão fazer dele o homem que não existia.” (GUYAU, J apud. ISÓIS, J. 1976, p. 14)

### 4.3 A INSTRUÇÃO

Este é um termo que tem sido utilizado indistintamente para se referir ao que se define como educação, e também tem sido empregado com a denotação dada aqui de ensino. Isso traz consigo um grande dilema. Suma-se a essa ambigüidade do termo, o fato de erros de tradução de um idioma a outro. Mas como o objetivo não é fazer a história das denotações desta palavra, se passa a delimitar sua concepção neste trabalho.

Segundo Baranov, S.P. et al. (1989, p. 22) “a instrução constitui o aspecto da educação que compreende o sistema de valores científicos culturais, acumulados pela humanidade”. Nesta perspectiva nota-se a coincidência com o próprio termo de educação. A instrução, não é diretamente um aspecto da educação, mas bem, deve ser considerado como um elemento que aperfeiçoa o processo educativo, o que é diferente. A instrução não é inerente à educação, através da instrução pode-se desenvolver a educação. Se estes autores estiveram certos, não existiriam pessoas bem instruídas, pessoas já formadas, más educadas. Ou também, não existiriam analfabetos, sem alguma instrução, com uma boa educação.

É muito mais preciso, desde a óptica deste trabalho, o conceito de instrução valorado pelos alemães Neuner, G, et al. (1981, p. 112) enfatizando que na literatura pedagógica o conceito de instrução se emprega, na maioria das vezes, com a significação de ministrar e assimilar conhecimentos e habilidades, com a formação de interesses cognoscitivos e talentos, e com a preparação para as atividades profissional.

O ICCP (1988), também valora a instrução com essa mesma perspectiva profissionalizante quando expressa que: “O conceito expressa o resultado da assimilação de conhecimentos, hábitos, e habilidades; se caracteriza pelo nível de desenvolvimento do intelecto e das capacidades criadoras do homem. A instrução pressupõe determinado nível de preparação do individuo para sua participação numa ou outra esfera da atividade social”. (ICCP, 1988, p. 32)

Portanto, a instrução não forma parte do conceito de educação, nem existe uma denominada lei de unidade da instrução e a educação. A instrução, como manifestação concreta do ensino, é uma ação didática que desenvolve

o intelecto e a criatividade dos seres humanos com conhecimentos e habilidades que os prepara para desenvolver atividades sócio-culturais.

Como se colocou na introdução deste trabalho é possível que uma das causas pela qual a Didática seja considerada uma disciplina da Pedagogia consiste na falsa concepção de que a educação leva implícita dentro de si o processo de ensino. Por tanto, como se expresse anteriormente que na língua científica não admite a sinonímia, Educação, Ensino e Instrução designam realidades diferentes. A Educação se centra na formação do ser humano, especificamente na construção da personalidade, enquanto o Ensino reflete o processo de otimização da aprendizagem, a qual ajuda na formação do ser humano, mas não o define. Já a Instrução é uma forma de manifestar se o ensino, onde se focaliza os aspectos de conhecimentos e saberes da realidade objetiva e subjetiva.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Cite duas definições para Educação.
2. De que maneira Martins entende a Educação como um fenômeno cultural?
3. A educação pode ser entendida com um mecanismo de transformação da sociedade? Explique.
4. O que é o Relatório Jacques Dellors?
5. Faça uma síntese dos quatro pilares da educação.
6. Em que sentido o conhecimento pode ser entendido como um patrimônio da humanidade?
7. Qual dos pilares é considerado um “grande desafio à sociedade” e por quê?
8. De que maneira o quarto pilar integra os três anteriores?
9. Quais oportunidades podem ser criadas pelos educadores por meio das quais o indivíduo possa aprender a se conhecer?
10. Há alguma diferença entre ensino e aprendizagem? Qual?

# 5 | O PAPEL DO PEDAGOGO

Pedagogo é o profissional da educação que se converte em formador de homens, em diferentes espaços de educação e diferentes práticas educativas, de forma crítica, criativa e transformadora. Domina a forma de organização dos conteúdos de modo a torná-los assimiláveis pelas crianças, pelos jovens e pelos adultos - possibilita o acesso à formação cultural em suas especificidades “Entretanto, vocês irão exercer a profissão de pedagogos em situações determinadas, dotadas de características específicas, tais como as empresas, órgãos públicos, sindicatos, partidos, movimentos sociais, etc., mas, principalmente, escolas”.

”Pedagogo é aquele que possibilita o acesso à cultura, organizando o processo de formação cultural. É, pois, aquele que domina as formas, os procedimentos, os métodos através dos quais se chega ao domínio do patrimônio cultural acumulado pela humanidade. (...) A palavra pedagogia traz sempre ressonâncias metodológicas, isto é, de caminho através do qual se chega a determinado lugar. Aliás, isto já está presente na etimologia da palavra: conduzir (por um caminho) até determinado lugar.

Assim: “Empenhem-se no domínio das formas que possam garantir às camadas populares o ingresso na cultura letrada, vale dizer, apropriação dos conhecimentos sistematizados. E, no interior das escolas, lembrem-se sempre de que o papel próprio de vocês será provê-las de organização tal que cada criança, cada educando, em especial aquele das camadas trabalhadoras, não veja frustrada a sua aspiração de assimilar os conhecimentos metódicos incorporando-os como instrumento irreversível a partir do qual será possível conferir uma nova qualidade às suas lutas no seio da sociedade”. (SAVIANI, 1985)

Segundo Libâneo: “Pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação ativa de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação histórica. Em outras palavras, pedagogo é um profissional que lida com fatos, estruturas, contextos, situações, referentes à prática educativa em suas várias modalidades e manifestações.”

“A atuação do pedagogo escolar é imprescindível na ajuda aos professores no aprimoramento do seu desempenho na sala de aula (conteúdos, métodos, técnicas, formas de organização da classe), na análise e compreensão das situações de ensino com base nos conhecimentos teóricos, ou seja, na vinculação entre as áreas do conhecimento pedagógico e o trabalho de sala de aula.” (LIBÂNEO, 1996).

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Em que consiste a educação cristã?
2. De que maneira a igreja evangélica brasileira utiliza a educação cristã?
3. O subjetivismo espiritual é um prejuízo ou um benefício ao Evangelho?
4. Cite algumas características da educação cristã.
5. Para o quê o educador cristão deve atentar, segundo Santos?
6. Cite algumas diferenças entre a educação cristã e a secular.
7. O ensino religioso possui é parte da educação cristã?
8. Não seria o ensino teológico também parte da educação cristã? Por quê?
9. Quais são os pontos fundamentais da educação cristã, descritos por Santos?
10. Qual é a posição divina sobre o ensino e o aprendizado e de que maneira funciona a perspectiva redentiva?

# 6 | A PEDAGOGIA NO BRASIL

O Brasil não tem uma Pedagogia. Tem várias, sobrepostas, muitas vezes sem conexão umas com as outras. A história da Pedagogia brasileira é uma espécie de colagem de modelos importados, que resulta em um quadro sem sequência bem definida.

Não existe uma pedagogia “pura”, ou seja sem influência de outras pedagogias ou do contexto social em que se desenvolve.

## **PEDAGOGIA TRADICIONAL**

É uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define com a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria.

### *Metodologia*

Conteúdos expostos de forma oral e, em seqüência pré-determinada e fixa.

Enfatiza-se a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. (Grande) Aprendizagem de grande quantidade de conteúdos. O qual é chamado de “enciclopedismo”.

### *Professor*

Autoridade máxima, o guia do processo educativo, que organiza os conteúdos e as estratégias de ensino. Na sala de aula, tende a ficar de frente, falando para alunos sentados em filas.

## **PEDAGOGIA RENOVADA**

Surge no final do século na Europa e nos EUA, em oposição à pedagogia tradicional. No Brasil estabelece-se a partir da década de 1920 e principalmente, de 30. Apesar de envolver várias correntes, a chamada Escola Nova se caracteriza por colocar o Aluno no centro da atividade escolar (e não o professor, nem o conteúdo).

### *Metodologia*

Destaca o princípio da aprendizagem por descoberta e estabelece que essa aprendizagem deve partir do interesse e da atividade de experimentação dos alunos. No extremo, pode moldar toda a atividade da escola em torno da vontade do aluno, e perder de vista o papel de transmissão de conhecimento – o que caracterizou as chamadas “escolas alternativas” no Brasil, nos anos 70 e 80.

### *O professor*

É visto como facilitador no processo de busca do conhecimento pelo aluno; organiza e coordena situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos. Na sala de aula, tende a ficar circulando entre grupos de alunos que trabalham independentemente.

## **PEDAGOGIA TECNICISTA**

Proliferou no Brasil nos anos 60 e 70, inspirada nas teorias behavioristas de aprendizagem. A idéia é que, a partir do conhecimento da forma como o ser humano aprende, é possível desenvolver técnicas para o ensino de

cada conteúdo. É com esse tipo de pensamento que ganha destaque, por exemplo, o uso de Cartilhas na alfabetização.

#### *Metodologia*

Envolve o que costuma se denominar “tecnologia programada de ensino”. A aprendizagem de um determinado conteúdo passa por uma seqüência rigidamente pré-programada de atividades oferecidas pelo professor e realizadas mecanicamente pelo aluno.

#### *O professor*

É um especialista na aplicação de manuais que estabelecem o programa de aprendizagem do aluno. Deve auxiliar os alunos a executarem as tarefas pré-concebidas.

### **PEDAGOGIA SOCIAL E POLÍTICA**

É marcada principalmente por preocupações sociais e políticas, de origem marxista. Aparece no Brasil no final da década de 50 e início dos anos 60, relacionada aos movimentos de Educação Popular. Fica suspensa a partir de 1964, pelo regime militar, e é retomada no final dos 70 e início dos 80.

#### *Metodologia*

Pode-se dividir essa abordagem em “pedagogia libertadora” e “pedagogia crítico-social dos conteúdos”. Na primeira, a atividade escolar pauta-se basicamente em discussões de temas sociais e políticos e de ações possíveis sobre a realidade social imediata. Na segunda, retoma-se a importância dos conteúdos, cujo conhecimento é importante para que os alunos possam interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe.

#### *O professor*

É um coordenador de atividades que organiza e atua conjuntamente com os alunos.

## **6.1 PAULO FREIRE**

Paulo Freire (1921-1997) foi o mais célebre educador brasileiro, com atuação e reconhecimento internacionais. Conhecido principalmente pelo método de alfabetização de adultos que leva seu nome, ele desenvolveu um pensamento pedagógico assumidamente político. Para Freire, o objetivo maior da educação é conscientizar o aluno. Isso significa, em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levá-las a entender sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação. O principal livro de Freire se intitula justamente *Pedagogia do Oprimido* e os conceitos nele contidos baseiam boa parte do conjunto de sua obra.

Ao propor uma prática de sala de aula que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, Freire condenava o ensino oferecido pela ampla maioria das escolas (isto é, as “escolas burguesas”), que ele qualificou de educação bancária. Nela, segundo Freire, o professor age como quem deposita conhecimento num aluno apenas receptivo, dócil. Em outras palavras, o saber é visto como uma doação dos que se julgam seus detentores. Trata-se, para Freire, de uma escola alienante, mas não menos ideologizada do que a que ele propunha para despertar a consciência dos oprimidos. “Sua tônica fundamentalmente reside em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade”, escreveu o educador. Ele dizia que, enquanto a escola conservadora procura acomodar os alunos ao mundo existente, a educação que defendia tinha a intenção de inquietá-los.

# 7 | PEDAGOGIA CRISTÃ

É comum no contexto da Igreja Brasileira certa displicência concernente ao ensino. Essa negligência é decorrente de um “pragmatismo espiritual”, que define as experiências pessoais como finalidade da fé. Exclui-se a importância da razão no âmbito evangélico em detrimento de experiências pessoais. Essas experiências pessoais é o que acaba norteando a forma de viver o cristianismo da maioria.

Esse subjetivismo espiritual acaba por trazer muitos prejuízos à fé cristã, isso porque as experiências pessoais que temos com Deus são personalizadas e não são aferidores da verdade. É preciso entender que esse subjetivismo serve para edificação da própria pessoa, mas não é uma assertiva do que é verdade em Cristo.

A Fé cristã é uma fé objetiva, não subjetiva. Nossa fé esta baseada em uma verdade absoluta e não relativa; as experiências pessoais são relativas, pois os acontecimentos da história de determinada pessoa, não são obrigatoriamente cumpridos em outro. Portanto precisamos alicerçar nossa fé em algo sólido e duradouro, essa solidez encontra-se na Palavra de Deus (Lc 21;33).

Eis diante desse quadro a necessidade do ensino cristão, o ensino de forma genuína e responsável das verdades de Deus.

Hoje em dia o ensino cristão é ministrado em seminários, institutos teológicos, faculdades de teologia, ou nas próprias igrejas através de palestras, escolas bíblicas e intensivos. Sabemos que muitas pessoas quando começam ler a Bíblia tem grande dificuldade em entender e isso devido a alguns fatores:

1º A displicência pela educação no Brasil.

2º A Falta de leitura dos brasileiros.

3º Problemas decorrentes de interpretação como:

- a) O abismo cultural entre o mundo antigo e o mundo moderno.
- b) O abismo lingüístico. A Bíblia foi escrita em dois idiomas antigos não mais existentes; Antigo Testamento hebraico antigo, Novo Testamento Grego Koiné
- c) O abismo filosófico entre as sociedades antigas e modernas.

4º O preconceito existente em muitas igrejas concernente a teologia.

Estes são alguns problemas, ou barreiras existentes para a perfeita compreensão das Escrituras.

A Pedagogia Cristã procura métodos eficazes para aplicar o ensino cristão de forma compreensiva; trazer a realidade bíblica para os dias hodiernos. É necessário que o educador cristão, assim como as instituições, elaborem estratégias para que o distante se torne próximo.

O escritor Howard Hendricks, renomado professor Norte Americano expõe em seu livro “ensinando para transformar vidas”, sete leis para o aprendizado. Citaremos um resumo de cada capítulo:

## Capítulo 1: A Lei do Professor

O professor Howard Hendricks explora as verdadeiras raízes que fazem de um professor, um bom professor. Ele acentua a necessidade de crescimento pessoal constante, de interesse profundo pela vida e pela Palavra de

Deus, de um conhecimento de causa poderoso e profundo nas questões que se deseja ensinar aos outros e na ligação entre o crescimento físico, mental, social com o crescimento espiritual que é tão almejado pelas pessoas que desejam fazer o melhor para Deus no ministério profissional ou mesmo leigo para o qual Deus os tem chamado. O professor Hendricks diz que todo professor deve se manter consciente de que, antes de ser um professor propriamente dito, é um aluno na escola da verdade e da vida e nos exorta a sermos pessoas que estão sempre dispostas, através de uma atitude humilde, a aprender e então nos tornaremos “professores” eficientes e que farão diferença relevante na vida de seus “alunos”. Para que esse relacionamento de educação (direta ou indireta) redunde em transformação e faça a diferença na vida de outras pessoas é imprescindível que a própria vida do professor tenha sido transformada pelo contato com o Senhor Jesus Cristo, que é o legítimo professor dos seres humanos em todas as áreas múltiplas que abrangem a existência humana. Essas verdades expressas de forma lúcida, leve e bem humorada devem nos levar à introspecção e avaliação profunda e sincera. Todos somos professores em algum sentido e através de nossas “aulas” estamos ensinando as pessoas quais são nossos verdadeiros interesses e prioridades e por nosso exemplo estamos fazendo discípulos que, a partir de nosso exemplo, podem seguir o bem ou o mal, a verdade ou a mentira, o pecado ou a Lei de Deus, Satanás ou Jesus Cristo.

### **Capítulo 2: A Lei do Ensino**

Neste capítulo o autor trata de como o ensino deve ser um processo que pode ser desencadeado pelo professor, mas que não será efetivo ou satisfatório em seu grau mais elevado, sem transformar o aluno numa pessoa interessada em desenvolver seu próprio conhecimento e que se empenhe nessa tarefa da forma mais autônoma quanto possível. O professor deve, nesse contexto, estimular de forma sábia aos alunos e imprimir neles o amor pelo aprender e o que o aluno fará depois da aula é mais importante do que o professor faz na aula. Devemos como professores, ser estimuladores e motivadores do processo e servir como fonte de autoridade, conhecimento e fornecimento de diretrizes para o estudo na área em que o aluno está afora estudando. Ensinar é mais que uma técnica ou ciência, apesar de carregar elementos técnicos e científicos, mas é uma arte e como tal deve ser encarada. Howard trata também da presença da tensão e da frustração como partes inerentes do processo saudável do aprendizado. Essas características, tidas como negativas por grande número de pessoas podem ser gatilhos que levem um aluno a aprender de forma intensa, extensa e efetiva coisas que jamais aprenderia de outra forma. Nesse processo de ensino, um dos desafios mais centrais (senão o mais central definitivamente) é a tarefa de ensinar as pessoas a pensar. Para isso o professor deve ser ele mesmo um bom pensador e trabalharmos com inteligência para estimular que seus alunos assim também o sejam.

### **Capítulo 3: A Lei da Atividade**

Hendricks nesse capítulo chama a atenção para a necessidade de se tornar a aprendizagem efetiva, transformadora e impactante. Isso, segundo ele, só pode acontecer em resultado de se envolver o aluno nesse processo e fazer com que o mesmo aprenda coisas que façam sentido para ele e lhe sejam relevantes e que pratique as coisas que aprende de forma a se tornar uma pessoa diferente do que era antes de possuir o conhecimento teórico e prático. Quanto maior for o envolvimento do aluno nesse processo maior será o volume de coisas aprendidas e o processo todo deve ser guiado com vistas à objetivos específicos e bem delimitados e consistentes, que sejam adequadamente programados e executados e que sejam efetivos no transformar a vida dos alunos. Devemos nos afastar de conceitos pobres e errôneos sobre o aprendizado e entender que só o exercício adequadamente orientado (e depois praticado) leva ao aperfeiçoamento que desejamos e devemos entender também que somente uma experiência adequadamente avaliada pode servir de direção e guia (mestre) para nos levar aos nossos objetivos. É fazendo as coisas certas que aprendemos a fazer as coisas certas e isso é uma verdade que deve moldar nossos métodos educacionais. Howard enfatiza a necessidade da prática para uma aprendizagem eficaz e estabelece várias diretrizes que podem tornar as atividades com objetos didáticos mais atraentes ou eficientes ao ajudar os alunos a fixar e adquirir os conteúdos relevantes à sua área de especialização (estudo). Essas atividades devem ser sempre realizadas com o foco em envolver o aluno no processo de sua aprendizagem para tirar o máximo dessa experiência.

### Capítulo 4: A Lei da Comunicação

A comunicação é, neste capítulo, analisada de um ponto de vista abrangente ainda que simples. Hendricks declara que a comunicação não é um processo tão fácil de ser entendido e aplicado satisfatoriamente por nós, mesmo com todas as nossas boas intenções e diante disso devemos orar mais, estudar mais e se esforçar mais para que nossa comunicação seja poderosa e digna da mensagem que está por detrás dela. Para que a comunicação seja eficiente, temos que estabelecer pontos em comum com aqueles que ouvem ou recebem nossa mensagem de alguma forma. Quanto mais próximos estivermos ou conseguirmos chegar da realidade de alguém mais potencialmente positiva será nossa comunicação, e isso deve envolver a derrubada de barreiras raciais, religiosas, sociais, sexuais, morais e etc. A comunicação envolve realidades profundas da natureza humana como: Intelecto (pensamento); Emoção (sentimento); e Vontade (ação). Quanto melhor eu conhecer algo e quanto mais intensamente eu sentir e praticar esse algo, mais poderosa será minha comunicação desse algo. Não se deve transmitir uma verdade apenas intelectualmente, nem se deve superestimar o poder das palavras (mesmo as palavras positivas e verdadeiras a princípio). Devemos ser o que pregamos e devemos pregar o que somos e assim a comunicação será realizada num âmbito muito mais profundo que o âmbito das palavras e isso é essencial uma vez que as pessoas só captam 7% da comunicação que as transmitimos através de palavras, os outros 93% são resultado de outras formas de expressão de nossas mensagens.

### Capítulo 5: A Lei do coração

Hendricks aborda conceitos interessantes nesse capítulo que giram em torno do fato que para que um processo de ensino-aprendizagem seja eficaz, eficiente e efetivo, a comunicação deve existir de coração para coração (dentro do conceito bíblico de coração, que segundo o autor envolve o intelecto, a emoção e a vontade) e não apenas de uma mente para outra mente. O professor Howard revela que aquele que ensina deve ter boa credibilidade diante de seus alunos e deve conquistá-la honestamente mesmo que isso envolva “muito suor”. Depois ele enfatiza a necessidade de o professor saber despertar os sentimentos de seus alunos para criar atitudes saudáveis no processo da educação como um todo e demonstra também que o conteúdo do ensino é de vital importância no processo e jamais deve ser relegado a um segundo plano, de maneira nenhuma. Ele sublinha esse último ponto ao lembrar a importância que Deus dá ao conteúdo da revelação. Como resultado dessas três características citadas, o aluno é conquistado pelo caráter do professor e lhe confere credibilidade, é animado emocionalmente a se envolver com o processo de aprendizagem pela ligação emocional que desenvolve como o professor que lhe conquista a confiança e por fim o conteúdo gera a percepção do aluno e agora o aluno estará apto a um dia reiniciar o processo de ensino-aprendizado do outro lado da questão, ao ensinar ele mesmo o que lhe foi transmitido por um professor. Para que isso se torne uma realidade vibrante e saudável é importante que professor e aluno tenham um bom relacionamento e as iniciativas mais ousadas para que isso ocorra devem partir do professor movido pelo amor cristão e genuíno interesse.

### Capítulo 6: A Lei da Motivação

Howard Hendricks nesse capítulo enfatiza a questão da motivação como parte imprescindível do processo de ensino-aprendizagem e revela que geralmente a motivação surge da curiosidade, do senso de propriedade, de utilidade, de atender as necessidades, desafios, reconhecimento social e aceitação por parte de outros. O professor Hendricks diz que o aprendizado só será efetivo se o aluno se achar corretamente motivado para o processo de aprender. A motivação ocorre em dois níveis: um exterior, ou extrínseco e um interior ou intrínseco. O objetivo do processo de aprendizado e do trabalho do professor é segundo Hendricks, ativar a motivação interior do aluno através da motivação exterior. Os alunos devem fazer as coisas não por obrigação, mas por vontade própria e sincera. Para se estruturar corretamente o processo todo é necessário que o professor exponha a matéria ou assunto que quer que os alunos conheçam, entendam e pratiquem. Depois o professor deve demonstrar aos alunos essa verdade ou esse assunto, no terceiro e quarto estágios os alunos devem por em prática o assunto, primeiro em um

ambiente controlado e depois na realidade, tanto quanto for possível. O processo deve envolver o aluno de modo que ele possa dar opiniões e idéias a serem discutidas ou mesmo implementadas na execução ou elaboração das tarefas e projetos de aprendizado. A motivação, entretanto, deve ser sempre correta e bíblica, pois de outra forma pode se tornar uma maldição em vez de benção.

### **Capítulo 7: A Lei da Preparação prévia**

A preparação prévia por parte de professores e alunos é destacada por Hendricks como uma das leis que promoverão se obedecidas, educação satisfatória e efetiva. Nesse caso é importante que o professor sempre esteja em dia com a preparação cuidadosa, criativa, relevante e instigante de suas aulas e para que o aluno se prepare previamente para as aulas é importante que seu interesse seja despertado de forma sadia, envolvente e profunda a tal ponto de este se preparar já com antecedência para as aulas que serão ministradas. Essa lei e a base do que conhecemos como Lição de casa e apesar de não ser fácil estimular as pessoas que estudem dessa maneira, especialmente coisas que elas não são obrigadas a estudar, é sempre um desafio em nossa área de atuação na obra do Senhor. Devemos nos esforçar para estimular o estudo prévio dos conteúdos, tanto quanto possível e isso pode resultar em uma transformação maravilhosa na vida de um aluno que se dispôr a fazer dessa forma.

Como vimos, estas são algumas regrinhas que precisam ser observadas com bastante atenção, pois se trata de conselhos efetivos e que fará com que o ensino seja prazeroso, compreensível e abençoado.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J.** *As intencionalidades como diretrizes da prática pedagógicas*. Em *Pedagogia Universitária* São Paulo: Papyrus, 2002.
- BARANOV, S.P.** et al. *Pedagogía*. La Habana: Pueblo y Educación, 1989.
- DOWBOR, L.** *A reprodução Social*. São Paulo: Vozes, 1998.
- FERNANDES, Alicia.** *O Saber em Jogo*, Porto Alegre, Artmed, 2001.
- FREIRE, Paulo.** *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 43.
- GADOTTI, M.** *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.
- HAYDT, R.** *Curso de didática Geral*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1997.
- HENDRICKS, Howard.** *Ensinando Para Transformar Vidas*. São Paulo: Ed Betânia, 1991.
- HOFF, S.** *Fundamentos filosóficos dos livros didáticos elaborados por Ratke, no século XVII*. Em *Revista Brasileira de Educação* pág. 147. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a12.pdf>.
- ICCP.** *Pedagogía*. La Habana: Pueblo y Educación, 1988.
- ISÓIS, J.** *Pedagogia Rimada*. Ciudad de México: NGMPM, 1976.
- LIBÃNEO, José Carlos.** et al. *Pedagogia, ciência da educação?* 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOBATO, M.** *História do Mundo para Crianças*. São Paulo, Brasiliense, 1972.
- LUAIZA, B.A.** *Pedagogia e Didática: duas ciências autônomas*. Imperatriz: BeniRos, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Didática Universitária*. Imperatriz: BeniRos, 2008.
- LUCKESI, Cipriano Carlos,** *Avaliação da aprendizagem escolar*, São Paulo, Cortez Editora, 1996
- MARTINS, J** *Didática Geral*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1990
- NASSIF, R.** *Pedagogia General*. Buenos Aires: Kapelusz, 1958.
- NEUNER, G.** et al, *Pedagogía*. La Habana: libros para la educación, 1981.
- PILETTI, Claudino.** *Didática Geral*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÃO DE PEDAGOGIA GERAL

- 1) Como funcionava a educação nas sociedades antigas orientais?
- 2) Quem ditou as regras políticas de Esparta e delineou seu sistema educativo?
- 3) Onde e em que época foi fundado o modelo de escola como conhecemos hoje?
- 4) Explique em poucas palavras a concepção construtivista da formação da inteligência.
- 5) Qual a proposta do método psicológico de Freinet?
- 6) As discussões referentes aos processos educacionais sempre tiveram uma finalidade principal. Qual seria esta?
- 7) Qual o objeto de estudo da pedagogia?
- 8) Cite algumas características da educação.
- 9) Cite as características da pedagogia brasileira.
- 10) O que busca a pedagogia cristã?

#### **CARO(a) ALUNO(a):**

- Responda cada QUESTÃO acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar via e-mail.
- Tanto via correio ou via e-mail, envie-nos as 5 Avaliações desse Módulo todas juntas, de acordo com as Regras Gerais (p.6):

**Via Correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02046-010 - SÃO PAULO/SP**

**Via E-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)**

- Em caso de dúvidas ligue para o nosso SAA - Serviço de Atendimento ao Aluno.





# RELIGIÕES COMPARADAS



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	121
<b>1. CRISTIANISMO</b> .....	122
<b>2. RELIGIÕES</b> .....	125
ISLAMISMO.....	125
FÉ MUNDIAL BAHÁÍ.....	126
BUDISMO.....	128
HINDUÍSMO.....	129
JUDAÍSMO.....	130
<b>3. SEITAS SECRETAS</b> .....	131
ORDEM ROSA CRUZ.....	131
<b>4. PSEUDOCRISTÃS</b> .....	133
MORMONISMO.....	133
TESTEMUNHAS DE JEOVÁ.....	134
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA.....	136
<b>5. ESPÍRITAS</b> .....	138
ESPIRITISMO KARDECISTA.....	140
LBV.....	142
<b>6. ORIENTAIS</b> .....	142
HARE KRISHNA.....	144
MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL.....	145
IGREJA DA UNIFICAÇÃO.....	145
<b>7. UNICISTAS</b> .....	147
IGREJA LOCAL.....	149
<b>8. NOVA ERA</b> .....	151



## INTRODUÇÃO

Este volume busca oferecer ao leitor informações comparadas e concisas acerca de várias religiões e seitas. Ordenadas de acordo com suas particularidades, não serão analisadas todas as religiões, mas somente algumas delas que tem sua presença atuante em nossa pátria.

A linguagem do livro procura ser breve, haja vista que o leitor já obteve contato com estes grupos no volume 4 desta coleção. Cada estudo é didaticamente estruturado de maneira a facilitar, também, a utilização do livro em preleções e estudos bíblicos em grupo nas casas, igrejas, seminários, faculdades etc.

Apresentamos nesse compêndio um resumo das principais doutrinas do Cristianismo bíblico de forma clara e compacta ordenados pelos setores da história e doutrina sistemática. Nossa intenção é que esta disciplina possibilite consultas comparadas.

Focalizaremos primeiramente a concepção bíblica do Cristianismo, a qual entendemos ser a única e verdadeira doutrina deixada por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e a partir dessa concepção passaremos a comparar os mesmos temas com outros grupos que dizem ser cristão.

Os constantes conflitos com os falsos mestres e seus ensinamentos, a luta pela pureza da fé e a defesa das doutrinas bíblicas eram as marcas indelévels da igreja primitiva. O combate às falsas doutrinas ocupa um terço do Novo Testamento. Tanto Jesus Cristo com seus apóstolos trabalharam incansavelmente contra as heresias de seu tempo. Não há um livro no Novo Testamento que não revele esse combate. Portanto, é tarefa de todo cristão “batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Judas 3) e perseverar na graça de Deus (Atos 13.43).

A luta da igreja primitiva para a preservação da verdade não cessou, até o dia hoje, a noiva do Cordeiro sofre ataques advindos das mais variadas fontes, cujo objetivo principal é distorcer a verdade do evangelho de Jesus Cristo conforme foi ensinado pelos apóstolos.

Em sua carta aos Efésios, o apóstolo Paulo refere-se às “ciladas do diabo” (6.11), este termo significa astúcia, engenho e engano. Esta palavra (*methodeias*, no grego) era usada em relação a um animal selvagem que perseguia astuciosamente a sua presa e pulava inesperadamente sobre ela. Da mesma forma, as seitas, por meio de suas mentiras camufladas de verdade, conduzem milhares de pessoas ao caminho da perdição.

Como seguidores de Cristo e, portanto, soldados da infantaria de seu exército, enfrentamos esses mesmos ataques mortais. Mantenha-nos firmes, a fim de vencermos, ou seremos derrotados e nossas vidas espirituais tornar-se-ão ineficazes no combate da fé.

Não basta, contudo, somente conhecer as Escrituras. Mais do que isso, impõe-se respeitá-la, forjando-se, no espírito daqueles que serão cidadãos dos céus, a consciência de sua inquestionável superioridade.

É por esta razão que a Igreja, mais do que qualquer outro órgão público, não pode renunciar ao exercício de sua responsabilidade de defender a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos (Judas 3), pois se a mesma falhar no desempenho dessa gravíssima atribuição que lhe foi outorgada, sua legitimidade para representar o Reino dos céus estará profundamente comprometido.

Submetemos, portanto, esta obra aos servos de Deus, com a esperança de poder auxiliar nos estudos e na defesa do Cristianismo e aguardamos sugestões, observações e críticas que possibilitem o aperfeiçoamento deste compêndio.

# 1 | CRISTIANISMO

O nome Cristianismo tem origem na pessoa do pregador itinerante judeu Jesus Cristo. Seu nascimento, vida, obra, morte e ressurreição estão relatados nos Escritos do Novo Testamento, na Bíblia Sagrada.

Alguns escritores podem brincar com a idéia fantasiosa de um mito de Cristo, mas não podem fazê-lo com base em dados históricos. Os documentos do Novo Testamento são tão confiáveis e oferecem uma descrição fidedigna de Jesus.

Nenhum dos grandes líderes religiosos, nem Moisés, nem Paulo, nem Buda, nem Maomé, nem Confúcio, nem Krishina, nem qualquer outro fez a afirmação que somente Jesus Cristo fez: declarou sua divindade. Ele foi o único indivíduo que convenceu seus seguidores de que era Deus. Portanto, saber quem era Cristo é algo tão importante quanto o que ele fez.

## FUNDADOR:

Jesus Cristo. Fundado por volta dos anos 30-33 d.C na Judéia, região da Palestina (atual Israel). Jesus é a pessoa central da história e principalmente do cristianismo. Ele é a expressão mais profunda da revelação de Deus. Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. Ele é a mais precisa e preciosa expressão do ser de Deus. Em Jesus pode ser encontrado a expressão do amor eterno, abnegado e sacrificial de Deus. Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem.

Jesus não trouxe ao mundo uma nova doutrina filosófica, nem um projeto de reformas sociais, tampouco a consciência dos mistérios do além. Jesus transformou pela raiz a própria relação do homem com Deus, mostrando explicitamente a todos a face de Deus, que antes mal se podia vislumbrar.

Ele é o mestre dos mestres, inigualável, ímpar pela natureza de seu ensino, pela riqueza de sua doutrina e pela excelência dos seus métodos. Ele fundou uma igreja que o tem adorado por 2000 mil anos.

## ESCRITURAS:

Para os cristãos, a Bíblia Sagrada, composta pelo Antigo Testamento e o Novo Testamento é a única regra de fé e de prática. A palavra “bíblia” provém do grego *Biblos* que significa “livro”, e de seu diminutivo, *biblion*, “um pequeno livro”. Assim, os gregos chamavam um pequeno livro de *biblion* e os romanos de *liber*, de onde vem a nossa palavra “livro”.

A Bíblia não é apenas um livro no sentido comum do termo, mas um conjunto de seleções de uma biblioteca de escritos religiosos e nacionalistas produzidos ao longo de um período de cerca de mil anos. A Bíblia é uma pequena biblioteca. Ela foi escrita originalmente em hebraico e aramaico (Antigo Testamento) e grego (Novo Testamento).

A Bíblia também é chamada de “**Escritura**” palavra derivada do latim “*scriptura*” (Marcos 12.10; 15.28; Lucas 4.21; João 2.22; 7.38; 10.35; Romanos 4.3; Gálatas 4.30; 2 Pedro 1.20) e de “**Escrituras**” (Mateus 22.29; Marcos 12.24; Lucas 24.27; João 5.39; Atos 17.11; Romanos 1.2; 1 Coríntios 15.3-4; 2 Timóteo 3.15; 2 Pedro 3.16). Esses termos significam “escritos sagrados”. O apóstolo Paulo usou “**Sagradas Escrituras**” (Romanos 1.2), “**sagradas letras**” (2 Timóteo 3.15) e “**oráculos de Deus**” (Romanos 3.2). Um dos nomes mais descritivos satisfatórios é “**Palavra de Deus**” (Marcos 7.13; Romanos 10.17; 2 Coríntios 2.17; 1 Tessalonicenses 2.13; Hebreus 4.12).

**DEUS:**

O cristianismo é monoteísta, ou seja, admite a existência de somente um Deus, porém esse único Deus é trino (um só Deus em três pessoas distintas, e não três deuses): Pai, Filho e Espírito Santo. O vocábulo “trindade” é meramente uma tentativa teológica de definir, em termos mais ou menos compreensíveis, a substância de Deus. A grande realidade é que ninguém, realmente, pode compreender alguma coisa de Deus salvo o que Ele desejou nos revelar. O conhecimento humano é demasiadamente limitado, o que torna impossível para os homens compreender realmente a essência e manifestações de Deus.

A doutrina trinitariana afirma que o Pai é Deus, e que o Filho não é menos Deus que o Pai, e o mesmo com respeito ao Espírito Santo. Além das Escrituras demonstrarem que as três pessoas são distintas, o testemunho abundante que as Escrituras fornecem é que cada pessoa também é plenamente Deus.

Frequentemente, o título Deus indica a primeira pessoa, Deus Pai. Ele é um Ser espiritual sem corpo físico, que criou o universo do nada, eterno, santo, amoroso e perfeito.

**JESUS:**

Jesus é Deus, a segunda pessoa da Trindade. Ele sempre existiu como Deus Filho e não foi criado. É plenamente Deus e plenamente homem (duas naturezas unidas e não amalgamadas). Como segunda pessoa da Trindade, é igual a Deus Pai e Deus Espírito Santo. Para se tornar humano, foi gerado pelo Espírito Santo e nasceu da virgem Maria. Jesus é o único caminho para ir ao Pai, à salvação e à vida eterna. Ele morreu numa cruz, de acordo com o plano de Deus, como um sacrifício completo e expiou os nossos pecados. Ressuscitou dentre os mortos três dias após sua morte, fisicamente imortal. Durante os 40 dias seguintes foi visto por mais de 500 testemunhas oculares. Suas feridas foram tocadas e ele comeu diante dos discípulos. Ascendeu fisicamente aos céus. Jesus regressará outra vez, visível e fisicamente, no fim dos tempos para estabelecer o reino de Deus e julgar o mundo.

**ESPÍRITO SANTO:**

Pelos atributos que lhe são conferidos, o Espírito Santo faz parte da Trindade santa, sendo co-igual a Deus Pai e a Deus Filho. Ele é eterno, onipotente, onisciente e onipresente (Mateus 28.19). O Espírito Santo é uma pessoa, e não uma força ou um campo de energia. Ele consola, repreende, convence, guia, ensina e se entristece. Ele não é o Pai, nem o Filho, Jesus Cristo.

Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele (Romanos 8.9). Se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus (João 3.5). Todo salvo é regenerado pelo Espírito, habitado pelo Espírito, selado pelo Espírito e batizado pelo Espírito no corpo de Cristo. Porém, nem todos os que têm o Espírito Santo estão cheios do Espírito. Uma coisa é ser habitado pelo Espírito, outra é ser cheio do Espírito. Uma coisa é ter o Espírito residente, outra é ter o Espírito presidente.

**SALVAÇÃO:**

Não há salvação sem Cristo. Nenhuma religião que não esteja centrada na pessoa de Jesus Cristo pode salvar, nenhuma religião pode nos reconciliar com Deus. O plano de salvação realizado por Jesus Cristo é a boa nova para todo pecador. Todos precisam dessa boa nova, e o melhor, qualquer um pode ser transformado e abençoado por elas. O plano da salvação de Deus é tão simples que o menor dentre os filhos dos homens pode entendê-lo o bastante para experimentar se poder transformador. Esse plano redentor alcança a todos, de modo que “ninguém é tão pecador, tão analfabeto, tão velho, tão cercado de hábitos pecaminosos ou poderes demoníacos que não possa ter essa salvação. Nada na vida de uma pessoa pode ser tão terrível e ninguém foi tão longe no pecado que

não possa voltar a Deus e ser perdoado através de Jesus”.<sup>1</sup>

A Salvação vem de Deus e não do homem, é resultado da graça de Deus e não da obra humana. É recebida pela fé e não por mérito. Deus mesmo é a fonte, o meio e o fim da nossa salvação. Dele, por meio dele e para ele são todas as coisas.

Trindade Santa estava desde o principio envolvida na salvação do homem, de modo que podemos afirmar que: O Pai elaborou nossa salvação antes dos tempos eternos; o Filho a consumou na cruz e o Espírito Santo a aplica eficazmente em nossos corações

### **MORTE:**

Depois da morte, todas as pessoas esperam o Juízo Final. As pessoas salvas e as perdidas ressuscitarão. Os salvos viverão com Jesus no paraíso, os perdidos, porém, sofrerão o tormento, a separação eterna de Deus no lago de fogo e enxofre (gr. *geena*). A ressurreição corporal de Jesus garante aos crentes que eles também terão corpos imortais. Jesus, nosso Senhor e Deus, quando fala desta nossa atual vida terrestre, costuma atribuir-lhe um valor decisivo para toda a existência posterior à morte. Nosso Senhor insiste, e muito, na importância culminante da hora da morte, advertindo-nos freqüentemente de estarmos prontos e preparados para prestarmos contas da nossa vida ao Juiz Divino, prometendo aos justos recompensa imediata depois do desenlace e contestando abertamente a possibilidade de arrependimento e perdão, passados os umbrais da eternidade. Jesus jamais deixou qualquer possibilidade de reencarnar. Ele foi claro e explícito ao ensinar a existência e a eternidade do inferno. Quase em cada sermão que fazia, apontava para os tremendos castigos depois da morte, castigos que seriam sem fim, eternos.

### **OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

A adoração em grupo, usualmente praticada nas igrejas. Não há cerimônias secretas. O batismo e a Ceia do Senhor fazem parte da comunhão. Dedicar-se ao trabalho missionário voluntário. Ajuda aos necessitados: pobres, viúvas, órfãos e oprimidos. Os cristãos crêem que Jesus é o Messias Judeu prometido a Israel no Antigo Testamento. Jesus disse que os seus seguidores seriam conhecidos pelo amor fraternal.

### **VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Qual a origem do nome Cristianismo?
- 2) Em que idioma foi escrita a Bíblia?
- 3) O que significa o termo “monoteísmo”?
- 4) O Espírito Santo é uma pessoa, uma força ou um campo de energia?

<sup>1</sup> DUEWEL, Wesley L. *A Grande Salvação de Deus*. São Paulo: Candeia, 1999, p.12.

# 2 | RELIGIÕES

## ISLAMISMO

O islamismo foi fundado por Maomé, em 610 d.C., na Arábia Saudita. Filho de Abdallah e Amina da tribo dos Coraixitas, uma das tribos da região. Seu pai faleceu quando sua mãe estava grávida dele, e ela morreu quando Maomé estava com seis anos de idade. Foi acolhido por seu avô, Abd al-Mottalib, que morreu dois anos depois, e, assim, Maomé esteve sob custódia de seu tio Abu Talib.

Seus primeiros anos foram obscuros e difíceis, era comerciante e condutor de caravanas. Aos vinte e cinco anos casou-se com uma viúva rica, chamada Cadija, cujos negócios administrava. Em suas buscas espirituais, retirou-se para uma caverna no Monte Hira, próximo de Meca, no ano de 610 d.C., então com 40 anos de idade, relatou que teve a visita do anjo Gabriel, que lhe explicou o que ele deveria fazer como servo de Alá.

A partir desse momento, Maomé ficou certo de ter recebido um chamado divino para atestar a unidade e transcendência de Alá, para advertir seu povo do juízo final, e para dizer-lhes das recompensas dos fiéis no Paraíso e do castigo dos maus no inferno. Ele definiu a fé que pregava como islã: que significa “submissão” a Deus.

### PROFETA:

Todos os muçulmanos ou islâmicos são unânimes em afirmar que Mohammed (Maomé) é o profeta dessa religião. Em 610 d.C., aos 40 anos, Maomé afirmou ter recebido revelações de Alá, no monte Hira para iniciar a religião muçulmana.

### ESCRITURAS:

O livro sagrado para os muçulmanos é o Alcorão, escrito em árabe. Segundo a tradição islâmica, Alá, por intermédio do anjo Gabriel, recitou a mensagem do Alcorão a Maomé, num período de 23 anos, revelando assim o conteúdo de uma tábua que estava conservada nos céus. Considerando que a Bíblia contradiz o Alcorão e vice-versa, não podem ambos os livros originar-se da mesma fonte. O Alcorão é constituído de 114 capítulos (Suras), estruturada de forma que os capítulos vão diminuindo de tamanho e ordem decrescente.

### DEUS:

Para o islamismo há somente um deus todo-poderoso e absoluto chamado de Alá. Ele é um juiz severo e não é representado como amoroso e muito menos como tendo um filho.

### JESUS:

Na teologia islâmica, o Senhor Jesus não é reconhecido como Deus, nem como filho de Deus, nem como salvador, nem morreu pelos pecados de alguém, nem ressuscitou. Ele é apenas mais um dos 124 mil profetas enviados por Deus a diferentes culturas, como foi Abraão, Moisés e Maomé. Não foi crucificado (ascendeu ao céu sem ser morto), porém regressará no futuro para viver e morrer.

**ESPÍRITO SANTO:**

O Alcorão se refere a Jesus como o Espírito de Deus. Os eruditos muçulmanos vêem o anjo Gabriel como o Espírito Santo.

**SALVAÇÃO:**

A salvação dentro do islamismo é praticamente por obras, onde os bons serão recompensados com bebidas, carnes de pássaros e virgens adolescentes e os maus serão lançados no inferno. Haverá um dia para o juízo final que, segundo muitos, será inaugurado por Jesus.

**MORTE:**

A morte é a passagem deste mundo físico para outro. Os falecidos são lavados, envolvidos em panos (semelhantes aos trajes dos peregrinos), e após a oração fúnebre sepultados com o rosto voltado para Meca.

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

Os adeptos são chamados muçulmanos. Vão às mesquitas (templos) para orar, ouvir sermões e conselhos. Esforço santo para expandir o Islamismo (Jihad). Cinco pilares do Islamismo: confessar que Alá é o único Deus verdadeiro e Maomé o seu profeta, orar cinco vezes ao dia voltado para Meca, dar esmolas, jejuar durante o mês de Ramadã e fazer uma peregrinação a Meca (ao menos uma vez na vida).

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Quem foi o fundador do islamismo?
- 2) Em que ano Maomé diz ter recebido revelações de Alá para fundar a religião islâmica?
- 3) Qual o nome do livro sagrado para os muçulmanos?
- 4) Quem é Jesus na teologia islâmica?
- 5) Para os eruditos do islamismo, quem é o Espírito Santo?

**FÉ BAHÁÍ**

Devido a uma profecia que circulava entre os muçulmanos do século XIX, que dizia que Alá levantaria um profeta para representá-lo criou-se uma grande expectativa na nação islâmica. Em 1844, Mirza Ali Muhammed (1819-1850) reivindicou para si o título de *Bab* (A Porta), ou seja, o precursor do profeta. Sua principal mensagem era que, após nove anos, surgiria um outro enviado de Deus, para iniciar uma nova era, um novo ciclo profético. Varias pessoas passaram a segui-lo, sendo conhecidas como Babistas. Sua missão de arauto findou, subitamente em 1850, quando foi executado por fanáticos religiosos que não aceitaram sua saída do islamismo.

Um de seus seguidores, Mirza Husayn Ali (1817-1892), conhecido como Baha Ullah, em 1863 declarou que era ele aquele há muito esperado, ou aquele a quem Deus se manifestaria. Baha Ullah foi um prolixo escritor, faleceu em 1892. Seu filho, Abdul Baha (1844-1921), assumiu a liderança do grupo, solidificando os ensinamentos do movimento. Depois da morte de Abdul Baha em 1921, Shongi Efendi, neto de Abdul tornou-se o novo líder do grupo.

**PROFETA:**

O precursor do “profeta” foi Mirza Ali Muhammed (o *Bab*) e o profeta mesmo do grupo foi Mirza Husayn Ali (Baha Ullah), que é considerado por seus discípulos como sendo superior a Maomé.

**ESCRITURAS:**

Dentre as inúmeras obras escritas por Baha Ullah, as principais são: Al-Kitab al-Aqdas (O livro Santíssimo), o qual contém as leis que governam o Bahaísmo; Ketab-e Iqan (O Livro da Certeza); As Palavras Escondidas e Os Sete Vales. Os escritos de Baha Ullah forma elevados a condição de textos sagrados pelos devotos do Bahaísmo.

**DEUS:**

Os Bahaístas professam a crença em um único Deus, distinto do mundo. Conforme seus ensinamentos, Deus se dá a conhecer por seus profetas: Moisés, Buda, Confúcio, Jesus Cristo e por último Baha Ullah, com quem as manifestações da divindade chegaram a consumação.

**JESUS:**

Jesus é considerado apenas como mais um profeta na revelação progressiva de Deus. Cada manifestação substitui a anterior, dando novas revelações acerca de Deus. Moisés, foi substituído por Jesus, que foi substituído por Maomé e mais recentemente pelo iluminado Baha Ullah (Glória de Deus), o selo dos profetas. Dentro da teologia Bahaista, Jesus não é Deus e não ressuscitou dentre os mortos.

**ESPÍRITO SANTO:**

O Espírito Santo é a energia divina de Deus que concede poder a cada manifestação. O *Espírito da Verdade* refere-se a Baha Ullah.

**SALVAÇÃO:**

A salvação é obtida pelo conhecimento e prática dos princípios ensinados por Baha Ullah.

**MORTE:**

As afirmações sobre a vida após morte são vagas. Somente os “profetas e santos” tem suas faculdades “sintonizadas com as vibrações mais elevadas” e, portanto, sua visão espiritual permite contato com Deus e com outros mundos. O céu e inferno são níveis de consciência e percepção espirituais.

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

A fé Bahá'í originou-se como seita islâmica e é severamente perseguida no Irã. Sua crença é que todas as religiões têm a mesma origem, princípios e aspirações. Enfatiza a unidade e a unificação do mundo. Suas reuniões são denominadas *assembléias espirituais*.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Quem reivindicou para si o título de Bab?
- 2) Qual o nome do livro que contém as leis que governam o bahaísmo?
- 3) Quem é o Espírito da verdade no bahaísmo?

## BUDISMO

Este nome deriva seu nome de um título honorífico atribuído ao asceta itinerante chamado Gautama Siddhartha, o Buda. O budismo provém da Índia, tendo surgido no norte do sub-contidente no 5º século a.C., como movimento de reforma da religião predominante dos sacerdotes hindus, os brâmanes. O budismo em suas diferenças facções possui cerca de 500 milhões de adeptos/as. Enquanto que o hinduísmo restringiu-se ao seu país de origem, a Índia e o taoísmo à China, o budismo foi a primeira religião oriental que se expandiu em direção de outros países.

A maioria dos budistas não vive no país de origem, a Índia, e sim no Leste e Sudeste Asiático (Myanmar/Birmânia, Tailândia, Laos, Camboja, Vietnã, China, Coréia, Japão) e em medida crescente também no mundo ocidental (Américas e Europa). Em sua terra natal, o budismo conta com apenas 2 mil budistas, de um total de 300 milhões no mundo todo.

### FUNDADOR:

Siddhartha Gautama, “o iluminado” (Buda) é considerado pela maioria dos budistas como sendo o fundador desta religião. Fundado no século VI a.C, na Índia.

### ESCRITURAS:

O cânon budista se divide em três “cestas” (*Tripitaka*). A primeira cesta (*Vinaya* ou *Vinayapitaka*) é a disciplina, isto é, das prescrições para os monges. A segunda cesta é a das pregações de Buda, chamada de *Sutras* ou *Sutrapitaka*. A terceira cesta contém a exposição da doutrina búdica chamada *Abhidaramma* ou *Abhidharmapitaka*.

### DEUS:

Buda não distinguiu um Deus Criador e Soberano do Universo, Eterno e Onipotente, dentre os milhares de deuses do budismo. Deus ou deuses não desempenham nenhum papel no budismo, sendo por isso, algumas vezes considerada uma religião atêia.

### JESUS:

Jesus Cristo é indiferente para o Budismo. Os budistas do Ocidente geralmente vêem Jesus como um homem iluminado.

### ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo não faz parte desta crença.

### SALVAÇÃO:

O budismo é a uma religião de auto-salvação. Basta seguir as máximas de Buda e chegar-se-á pelas próprias forças do nirvana. O objetivo da vida é o Nirvana, para eliminar todos os desejos e evitar o sofrimento. O budismo considera o nirvana como o fim das reencarnações, significa extinção. O homem que não alimenta suas paixões extingue-se e sua vida não reencarna. O nirvana búdico é um estado que escapa à fatalidade do futuro, onde os “bem-aventurados” vivem em êxtase depois da morte.

### MORTE:

As pessoas não têm alma e espírito. Não há céu nem inferno. Há o Nirvana (libertação final).

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

Na China o budismo dividiu-se em diversas escolas, sendo a doutrina do Lótus a mais típica. Esta escola se caracterizou pelo conteúdo intelectual e pela ênfase a meditação. Para se alcançar o nirvana, o budismo recomenda a ioga. A ioga é o caminho utilizado pelos budistas para se alcançar a iluminação. Para se atingir este patamar, eles precisam passar pelas “quatro verdades santas”, que fixam a progressão búdica: o primeiro consiste em adquirir o controle dos sentidos; o segundo, em dominar a imaginação; o terceiro, em suprimir a sensibilidade; o quarto, em colher o fruto desta realização espiritual. Os exercícios respiratórios são o meio que o iogue usa para se obter a concentração na ioga.

Os budistas fazem peregrinações em quatro lugares principais: onde Buda nasceu; onde a recebeu a iluminação; onde pôs em andamento a Roda da Lei (primeiro sermão); e onde entrou no nirvana. A partir do primeiro século a.C., Buda começou a ser representado por uma imagem, e posteriormente ser adorado pelos fiéis.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Onde surgiu o budismo?
- 2) qual o nome do fundador do budismo?
- 3) Que nome se dá ao fim das reencarnações no budismo?
- 4) Para se alcançar o nirvana o budismo recomenda o que?

**HINDUÍSMO**

Na Índia não existe apenas uma religião, mas diversas, sendo o hinduísmo a maior delas. É difícil definir o hinduísmo, pois ele absorveu a influências de diversas civilizações. Os seguidores do hinduísmo demonstram grande devoção por uma variedade de crenças, cujo dogma fundamental é um Ser divino chamado Brahma.

**FUNDADOR:**

Não há um só fundador. Existem muitas seitas. Seus fundamentos abrangem um período que vai de 1800 a 1000 a.C, na Índia, tendo influência da religião Bramânica. A divulgação do hinduísmo no Ocidente deve-se a Sociedade teosófica de Helena Blavatsky.

**ESCRITURAS:**

A religião dos hindus se utiliza de diversos documentos, os principais são: o *Bhagavad-Gita* (antigo), o *Bramanas* (manuais para sacrifícios) e *Upanichades* (comunicações confidenciais) e os *Vedas* (saber), *Puranas* (antiguidades).

**DEUS:**

O credo fundamental do hinduísmo é o da existência de um espírito universal chamado Brahma (alma do mundo). Essa alma do mundo também é chamada de “Trimurti”, o deus trino e uno: Brahma, o criador; Vishnu (Krishna), o conservador e Shiva, o destruidor. Acreditam ainda que existem milhares de deuses menores.

**JESUS:**

Jesus Cristo é um mestre, um guru, o avatar (uma encarnação de Vishnu). Ele é um filho de Deus assim como são os outros. Sua morte não expia pecados e ele não ressuscitou dentre os mortos.

**ESPÍRITO SANTO:**

O Espírito Santo não faz parte desta crença.

#### SALVAÇÃO:

Os que são bons nesta vida serão recompensados, encarnando-se numa casta superior. O destino dos hindus está marcado, não há um modo pelo qual eles possam escapar do carma. Nem mesmo o deus pode intervir para alterar seu rigor. As reencarnações podem ser diminuídas, mas não se pode fugir delas, segundo a concepção hindu. A salvação final é uma união com Brahma.

#### MORTE:

Uma parcela dos hinduístas acredita que após a morte há a anulação total da personalidade humana para aqueles que conseguiram o conhecimento supremo. Outra tendência é a de que quando o homem alcança a perfeição ele usufrui de uma bem aventurança, porém inferior à do deus supremo.

#### OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Alguns discípulos usam túnicas alaranjadas e têm a cabeça raspada. Muitos hindus adoram ídolos de pedra e madeira em seus templos. Esses templos são o santuário do deus, o centro das peregrinações ou o lugar para o culto público em certas solenidades do calendário litúrgico. Os gurus exigem obediência total, os discípulos meditam numa palavra, frase ou fotografia. A ioga inclui meditação, cânticos, postura, exercícios de respiração.

#### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) A divulgação do hinduísmo no Ocidente deve-se a QUEM?
- 2) Qual o nome do espírito Universal crido pelos hinduístas?
- 3) Na crença hindu, na salvação final, o fiel se une a quem?

## JUDAÍSMO

Judaísmo é a religião dos judeus. O judaísmo é considerado a primeira religião monoteísta a aparecer na história. Tem como crença principal a existência de apenas um Deus, o criador de tudo. Para os judeus, Deus fez um acordo com Abraão, fazendo com que ele se tornasse o genitor do povo escolhido. A religião foi institucionalizada pela intermediação de um homem: Moisés. Atualmente a fé judaica é praticada em várias regiões do mundo, porém é no estado de Israel que se concentra um grande número de praticantes.

#### FUNDADOR:

A revelação do Deus único ocorreu pela primeira vez a Abrão, filho de Terah, nascido em Ur dos Caldeus, na Caldéia, no seio de uma família idolatra. Com Abraão, foi estabelecida uma aliança entre Deus e seus descendentes, primeiramente com o sacrifício de animais e posteriormente, mediante o ritual da circuncisão.

#### ESCRITURAS:

A Bíblia Hebraica dos judeus é o Antigo Testamento, conhecido por *Tanak*, sigla que vem das iniciais da divisão (Torah, Neviím, Ketuvím). A disposição em que se encontram os livros do Antigo Testamento Hebraico é diferente das outras versões, pois se constitui de 24 livros, todavia são exatamente iguais os 39 das Bíblias Protestantes, pois os profetas menores são um único livro, assim como são os dois livros de Samuel, dos Reis, das Crônicas e Esdras-Neemias, perfazendo um total de 24.

São aceitos por certos judeus outros livros como revelação de Deus: O Talmude, livro que reúne muitas tradições orais, dividido em quatro livros: Mishnah, Targumin, Midrashim e Comentários.

**DEUS:**

A religião judaica é absolutamente monoteísta, ou seja, de que Deus é um, a Unidade da Unicidade indivisível. Para os judeus ortodoxos, Deus é pessoal, Todo-Poderoso, eterno, misericordioso. Para outros judeus, Deus é impessoal, incognoscível e definido de muitas maneiras. Para o incondicional monoteísmo judaico, a doutrina da Trindade é profundamente objetável, porque na concepção judaica trata-se de uma concessão ao politeísmo.

**JESUS:**

O judaísmo não qualifica Jesus como profeta, rabino ou mestre. Para os judaizantes Jesus não foi o Messias porque não realizou as esperanças messiânicas, ou seja, não estabeleceu a paz universal e a justiça social para toda a humanidade, nem redimiu o povo de Israel. Os judeus ortodoxos crêem que o Messias vai restaurar o reino judaico e governará finalmente o mundo.

**ESPÍRITO SANTO:**

Alguns judeus crêem que o Espírito Santo é um outro nome para a atividade de Deus na terra. Outros dizem que é o amor de Deus.

**SALVAÇÃO:**

Alguns judeus crêem que a oração, o arrependimento e obediência à Lei são necessários para a salvação. Outros crêem que a salvação seja o aperfeiçoamento da sociedade. Para os judeus a doutrina do pecado original é totalmente inaceitável. “Os judeus crêem que o homem chegou a este mundo sem pecado, com a alma pura, inocente e sem mácula. Ainda que tenham havido mestres judeus nos tempos talmúdicos que acreditavam que a morte era um castigo imposto por Deus sobre a humanidade por causa do pecado de Adão, prevaleceu a tese de que os pecados do ser humano são conseqüências de sua imperfeição e não, como prega o cristianismo, uma herança” (Livro Judaico do porquê, vol. II, p.69).

**MORTE:**

Para o judaísmo com a morte termina todos os planos e atividades, e que os mortos não tomam conhecimento do que acontece na Terra. A partir de um período tardio surge a esperança pela ressurreição dos mortos (Daniel 12.2). Existe uma forte crença, compartilhada por muitos judeus, de que, quando o Messias aparecer, os mortos seguirão ressuscitados e aqueles que viverem uma vida piedosa irão se deslocar por debaixo da terra até Israel para serem ressuscitados (Livro Judaico dos porquês, pg.60).

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

Reúnem-se nas sinagogas no sábado. As correntes, ortodoxa e conservadora do judaísmo exigem que o varão, para converter-se ao judaísmo, seja circuncidado como parte do ritual de iniciação. O pecado original, a virgindade de Maria, a Santíssima Trindade e a expiação vicária são algumas doutrinas que não são aceitos pelos judeus.

Vários dias santos e festivos, incluindo a Páscoa, Sukot, Janucá, Rosh Roshaná, Yom Kippur, Purim. Jerusalém é considerada a cidade santa.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Judaísmo é a religião de quem?
- 2) Como é chamada a Bíblia Hebraica dos judeus?
- 3) Qual a concepção do Espírito Santo para alguns judeus?
- 4) Qual a concepção e morte no judaísmo?

po em que os egípcios ainda transmitiam suas idéias imprimindo sinais herméticos em tijolinhos de barro, tempo que antecede o uso do papiro como escrita. Afirmam mais que a primeira Loja Branca teve início no reinado do Faraó Amenófis I.

Os rosacruzes identificam-se como sociedade fraternal, interessada em pesquisar e exaurir as possibilidades de vida do homem na terra e fora dela, segundo eles, por meio da utilização sábia e racional de sua herança milenar de conhecimento esotérico (interior) e das faculdades mentais e intelectuais que possuem. Eles procuram sempre ressaltar - publicamente - que a Ordem Rosacruz não é uma religião, é apenas uma entidade de serviço, mas seus escritos contêm ensinamentos religiosos específicos que negam cada doutrina do cristianismo.

### FUNDADOR:

O fundador da Ordem Rosa Cruz foi Christian Rosenkreutz.

### ESCRITURAS:

Afirmam não ser uma religião e por isso não tem livros sagrados apenas manuais para prática de seus conhecimentos.

### DEUS:

Deus para a Ordem Rosa-Cruz é uma entidade separada e impessoal. Os rosa-cruzes acreditam que Deus seja composto por sete espíritos que se apresentam com diferentes aspectos na Trindade cristã.

### JESUS:

Jesus não é Deus. Era meramente um ser humano. Jesus ocupa a posição mais elevada entre os mestres espirituais do mundo, mas a principal diferença entre ele e a humanidade diz respeito ao nível, e não à substância.

### ESPÍRITO SANTO:

Embora retenha a individualidade duramente conquistada através de suas jornadas incalculáveis e repetidas encarnações, o aspecto do Espírito Santo da unidade trina depois da ocupação do veículo Jesus *difundiu-se* através do planeta.

### SALVAÇÃO:

A concepção de salvação dentro deste grupo religioso é atingida por meio da evolução do espírito até a divindade. Acreditam na reencarnação, sendo que ela ocorre em um período pré-determinado a cada 144 anos. Desta forma, se alguém viver 80 anos, passará 64 anos no espaço, até a poder novamente se reencarnar.

### MORTE:

Não há morte e sim a crença na reencarnação.

### OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Assim como outras seitas, à Ordem Rosa Cruz ensina a divindade do homem. Crê na existência de gnomos e fadas.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Segundo os rosa-cruzes quando teve início a primeira loja branca?
- 2) Qual o nome do fundador da Ordem Rosa Cruz?
- 3) Como é atingida a salvação dentro da Ordem?

# 3 | PSEUDOCRISTÃS

## MORMONISMO

Os mórmons são adeptos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Esta igreja foi fundada por Joseph Smith Júnior, nascido em Sharon, Estado de Vermont, nos Estados Unidos, em 23 de dezembro de 1805. Joseph Smith foi o quarto filho de Joseph e Lucy Mack Smith, pais de dez filhos, pobremente educados e geralmente dados a crenças e práticas supersticiosas

Em 1823, recebeu a visita de um anjo, em visão, que lhe revelou um local onde estavam escondidas algumas placas de ouro, perto de Palmyra, no Estado de Nova Iorque. Dessas placas, “Deus” fez com que Joseph Smith fosse capaz de traduzí-las e produzisse o “livro de Mórmon”, que se tornaria o fundamento do mormonismo

### FUNDADOR:

Joseph Smith Jr (1805-1844) fundou a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (SUD) em 1830, em Nova York, nos Estados Unidos da América. A sede dos Santos dos Últimos Dias se encontra em Salt Lake City, Utah. EUA.

### ESCRITURAS:

Os mórmons dizem que todas as Bíblias foram adulteradas e que somente a versão inglesa, *King James*, contém a Palavra de Deus “desde que esteja traduzida corretamente”. Adotam três livros como sendo a revelação final de Deus para suas vidas: “Doutrina e Convênios”, “Pérola de Grande Valor” e a principal obra do grupo, o “Livro de Mórmon”.

### DEUS:

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ensina que Deus Pai foi um homem como todos nós, que progrediu até tornar-se um Deus, pois nunca foi divino e, mesmo nessa condição, continua a possuir um corpo de carne e ossos conforme se lê: “O próprio Deus já foi como nós somos agora — ele é um homem exaltado, entronizado em céus distantes!”<sup>2</sup>

### JESUS:

Na teologia mórmon os deuses e as deusas podem copular para gerarem filhos espirituais no céu. Desta forma, o Pai deste planeta teve vários filhos e filhas com sua esposa-deusa, do qual Jesus foi o primogênito conforme declarou Joseph F. Smith: “Dentre os filhos espirituais de Elohim, o primogênito é Jeová, ou Jesus Cristo, de quem todos os demais são irmãos menores”.<sup>3</sup>

### ESPÍRITO SANTO:

Os mórmons ensinam que o Espírito Santo é um homem-espírito: “O Espírito Santo... é um personagem de Espírito, uma Pessoa-Espírito, um Homem-Espírito, uma Entidade-Espírito”.<sup>4</sup> Em outro lugar escreveram que “o Espírito Santo é o terceiro membro da Deidade (Trindade). É um Espírito, na forma de um homem... Como

**2** Ensinamentos do Profeta Joseph Smith compilado por Joseph Fielding Smith, p. 336.

**3** SMITH apud MCDOWELL, 2001, p.70.

**4** GEER, Thelma Granny. Por que Abandonei o Mormonismo. São Paulo: Vida, 1991, p.176

personagem de Espírito, o Espírito Santo tem tamanho e dimensão”.<sup>5</sup>

### SALVAÇÃO:

Ressuscitados pela graça, mas salvos (atingindo a divindade) pelas obras, incluindo lealdade aos líderes, batismo por imersão, ordenanças, matrimônio e cerimônias secretas no templo. Só há vida eterna para aquele que for da igreja Mórmon.

### MORTE:

Ensinam que milhões de pessoas serão salvas após a morte, porque no “mundo dos espíritos” o evangelho será ensinado a todos que morreram sem terem tido a oportunidade de aceitar Jesus Cristo e seu evangelho. Finalmente quase todos irão a um dos três *reinos* celestiais preparados: celestial, terrestre e telestial, alguns obtendo a divindade. Os apóstatas e os assassinos irão para o reino das trevas.

### OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

A Igreja Mórmon ensina que o pecado de Adão foi uma benção: “Quando Adão foi expulso do Jardim do Éden, o Senhor impôs uma sentença. Algumas pessoas têm considerado essa sentença como terrível. Pois não foi: foi uma benção”.<sup>6</sup> Ensina que a obra redentora de Cristo apenas garante o que eles chamam de “salvação geral”, que consiste no fato de todas as pessoas serem ressuscitadas, indiferente de terem aceitado Jesus Cristo pela fé ou não. Brigham Young sucessor de Joseph Smith, fundador do mormonismo, ensinou em um de seus livros que “há certos pecados que o homem pode cometer para os quais o sangue expiador de Cristo de nada vale”.<sup>7</sup> Fazem algumas cerimônias secretas no templo onde somente os membros de boa reputação podem participar. As pessoas negras não tiveram acesso ao sacerdócio Mórmon e outros privilégios até 1978. Depois dessa data, não há mais restrição ao sacerdócio de pessoas negras.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Como se chama o fundador da igreja Mórmon?
- 2) Segundo os mórmons qual Bíblia contém a Palavra de Deus?
- 3) O que ensina os mórmons acerca de Deus Pai?
- 4) Quem é o Espírito Santo dentro do mormonismo?
- 5) O que diz a igreja mórmon do pecado de Adão?

## TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

Este grupo religioso é conhecido pelo seu proselitismo. Saem as ruas de dois em dois, diariamente, de casa em casa, apresentando-se como cristãos e oferecendo cursos bíblicos. Após a apresentação de suas literaturas, oferecem estudos bíblicos, convidam as pessoas para frequentarem suas reuniões, culminando com o batismo. Seus locais de reunião são chamados de Salões do Reino. As crenças delas se constituem em colocar um “não” diante de qualquer um dos credos do Cristianismo.

### FUNDADOR:

Charles Taze Russel, nascido em 1852, em Pittsburgo, EUA, filho de presbiterianos de linhagem escocês-irlandesa. Solidificaram o grupo depois de Russel: Joseph F. Rutherford, Nathan Knorr e Frederick Franz e Milton G. Henschel.

**5 SMITH, Joseph Fielding. Doutrinas da Salvação, Vol. 1, p.42.**

**6 SMITH, Joseph Fielding. Doutrinas da Salvação, Vol. 1, p.123.**

**7 SMITH, Joseph Fielding. Doutrinas de Salvação. SUD, 1994, p. 145.**

**ESCRITURAS:**

As Testemunhas de Jeová possuem inúmeros livros, folhetos, sendo os mais importantes: Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas, a Bíblia de uso particular das Testemunhas de Jeová; Estudo das Escrituras, de onde fundamentam suas doutrinas, sendo os seis primeiros volumes escritos por Russel, o sétimo volume foi uma compilação dos escritos dele publicado depois de sua morte; Revista A Sentinela, que é distribuída quinzenalmente; e Despertai, outro periódico do grupo. Acreditam as Testemunhas de Jeová que a Bíblia não pode ser entendida sem a orientação da Sociedade Torre de Vigia, que publica A Sentinela para orientar seus adeptos.

**DEUS:**

O Deus das Testemunhas de Jeová não é onipresente e nem onisciente, por isso não pode prever o futuro e nem saber de todas as coisas.

**JESUS:**

Jesus é um deus. Antes de vir ao mundo, ele era o arcanjo Miguel. Jeová criou o universo por meio de Jesus. Quando Jesus estava na terra, ele foi um homem que viveu perfeitamente. Depois de haver morrido numa estaca (não numa cruz), foi ressuscitado como espírito e seu corpo, destruído. O homem Jesus não existe mais. Jesus não virá outra vez. Ele já veio invisivelmente em 1914, em espírito. Em breve haverá a Batalha do Armagedon, quando todos os que não são Testemunhas de Jeová perecerão.

**ESPÍRITO SANTO:**

As Testemunhas de Jeová negam a divindade e a personalidade do Espírito Santo declarando ser Ele a “força ativa de Jeová”,<sup>8</sup> um poder, uma influência divina, sem vontade própria.

**SALVAÇÃO:**

As Testemunhas de Jeová tem de ganhar a vida eterna na terra, trabalhando de casa em casa, pois não consideram Jesus como seu mediador. A salvação é um alvo para ser cumprido. A salvação no céu está limitada aos 144 mil “cristãos ungidos”. O único caminho para a salvação é a sua organização religiosa.

**MORTE:**

Um grupo seleta, especial formado de 144 mil pessoas viverão no céu como seres espirituais, o restante, os remanescente dos justos, *a grande multidão*, viverá na terra e obedecerá a Deus perfeitamente por mil anos. Depois, deverão suportar a prova final, quando Satanás for solto do poço do abismo.

**OUTRAS CRENÇAS:**

Reúnem-se aos domingos nos Salões do Reino. Uma vez por ano celebram a Refeição Noturna. Só os *cristãos ungidos* podem participar. Não comemoram feriados nem aniversários. Não saúdam a bandeira, não prestam serviço militar, não aceitam transfusões de sangue. Crêem que a guerra do Armagedon ocorrerá em breve.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Como são chamados os locais de reunião das Testemunhas de Jeová?
- 2) Quem é o fundador das Testemunhas de Jeová?
- 3) Qual o nome da Bíblia das Testemunhas de Jeová?
- 4) Como se adquire a salvação dentro das Testemunhas de Jeová?

**8 Poderá Viver para Sempre no Paraíso na Terra, p.37.**

## ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

O início da Igreja Adventista está ligado ao Movimento do Advento, que surgiu em meados do século 19, enfatizando o retorno de Cristo a terra. Willian (Guilherme) Miller, pregador leigo com base em Daniel 8.14 que diz: “Ele me disse: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”, fixou a data da volta de Cristo para 22 de março de 1843, concluindo que 2300 dias de Daniel significava anos, conforme Números 14.34.

O dia esperado chegou, mas o tão esperado acontecimento não ocorreu. Miller refez seus cálculos concluindo que estava errado por um ano, pois havia usado o calendário hebraico em vez do romano e anunciou que Cristo voltaria no dia 22 de outubro de 1844. Ao chegar a nova data prevista de Miller, nada ocorreu, seus seguidores sofreram nova decepção. Miller abandonou suas idéias proféticas e voltou a comunhão de sua ex-igreja Batista, permanecendo dedicado até sua morte. A decepção foi muito grande, chamaram aquele dia de “Grande Desapontamento”.

Após a saída de Miller, nem todos os seus seguidores estavam dispostos a abandonar essa mensagem e alguns líderes do movimento reforçaram o movimento inicial, através de visões e revelações. Dos muitos grupos dissidentes, três se uniram para formar uma nova igreja baseada numa nova interpretação da mensagem de Miller. Hiram Edson que reinterpretoou a profecia de Miller dizendo haver tido uma visão a respeito do santuário celestial: Joseph Bates que observava a guarda do sábado em vez do domingo; e Ellen Harmon (mais tarde senhora White) que dava muita ênfase aos dons espirituais, particularmente ao de profecia.

### FUNDADOR:

Em 1860, três grupos dissidentes do Movimento do Advento, deram origem ao que hoje se chama Igreja Adventista do Sétimo Dia: Hiram Edson, Joseph Bates e James White com sua esposa Ellen Gould White.

### ESCRITURAS:

Ellen Gould White foi a profetiza do movimento, sendo assim deixou escritos vários livros “proféticos”, dos quais ela disse: “Embora os profetas da antigüidade fossem humanos, a mente divina e a vontade de um Deus infalível, estão suficientemente representadas na Bíblia. E o mesmo Deus fala por meio dos escritos do espírito de profecia. **Estes livros inspirados**, tais como O Desejado de Todas as Nações, O Conflito dos Séculos e Patriarcas e Profetas, são certamente **revelações divinas da verdade** sobre as quais **deveríamos depender completamente**”.<sup>9</sup>

### DEUS:

Crêem na doutrina da Trindade conforme revelado nas Escrituras, com ressalvas concernentes a pessoa de Jesus.

### JESUS:

Jesus e o arcanjo Miguel são a mesma pessoa. Em uma de suas literaturas está escrito que Jesus possui natureza pecaminosa, bem como não concluiu a obra de redenção na cruz. No céu, devido sua obra salvífica não ter sido completa, se encontra fazendo o juízo investigativo.

### ESPÍRITO SANTO:

É uma pessoa divina, com todos os atributos conferidos a divindade.

### SALVAÇÃO:

Diz Ellen Gould White, profetiza dos adventistas do sétimo dia (ASD) a respeito da importância de guarda do sábado: “Santificar o sábado ao Senhor importa em salvação eterna” (Testemunhos Seletos, vol. III, p. 22). Um dos erros mais cruciais da doutrina adventista se encontra na questão da salvação. Tentando corrigir o erro de

<sup>9</sup> **Orientação Profética No Movimento Adventista, 1965, p.45.**

Miller, a Sra. White (uma das fundadoras) dizia que Cristo voltou mesmo em 1844, não para a terra, como pensava Miller, mas que Jesus teria entrado no santuário celestial. Ora, segundo ela, quando Cristo entrou no santuário celestial, a porta da graça foi fechada. Agora, Cristo está fazendo um “juízo investigativo”, ou seja, examinando tudo e mostrando ao Pai Celestial aqueles que têm os méritos de gozar dos benefícios da expiação. Assim sendo, somente os que já estão no santuário estão salvos. Os demais, se não aceitarem as doutrinas da Igreja Adventista não têm chance de se salvar, pois a verdade está com eles. Portanto, segundo esse entendimento, a expiação não foi realizada na cruz do calvário, e sim no “santuário”, no céu. Não durante a paixão de Cristo, mas em 1844 quando segundo a “profetiza” adventista, Jesus teria entrado no santuário celestial nessa data. Não pela graça salvadora, mas pelas obras da carne. Não pela aceitação de Cristo, mas das doutrinas e do comprometimento com a Igreja Adventista. Para eles, Cristo tem apenas o título de “Salvador”.

#### MORTE:

Os adventistas do Sétimo Dia acreditam que somos reduzidos a um estado de silêncio, de inatividade e de inteira inconsciência após a morte. Afirmam categoricamente que entre a morte e a ressurreição os mortos dormem inconscientemente.

#### OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Mais uma doutrina criada pelos adventistas e corrente entre seus discípulos diz que os ímpios serão aniquilados. Segundo esse ensino, o pecado e os pecadores serão exterminados para não existirem mais. Afirmam em alto e bom som, que Jesus, em 1844, passou do primeiro compartimento do Santuário Celestial para o Santo dos Santos para concluir a obra de redenção, onde está ocorrendo o juízo investigativo.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) A igreja Adventista teve seu início ligado a qual movimento?
- 2) Quem foi a profetiza do movimento adventista?
- 3) Quem é o arcanjo Miguel para os adventistas?
- 4) Para os adventistas, entre a morte e a ressurreição como ficam os mortos?

# 4 | ESPÍRITAS

## ESPIRITISMO KARDECISTA

O espiritismo moderno surgiu em Hydesville, nos Estados Unidos, com as irmãs Margarete e Kate Fox. As duas eram ainda crianças quando, em 31 de março de 1848, aconteceram as primeiras manifestações espíritas. Ruídos de pancadas foram ouvidos na casa da família Fox. Depois, móveis passaram a mover de uma parte para a outra. Kate e Margaret criaram um sistema de comunicação com o suposto espírito. As notícias do fenômeno se espalharam e sessões espíritas começaram a ser realizadas por toda a parte, tanto nos Estados Unidos quanto na Europa.

### FUNDADOR:

O Espiritismo moderno teve seu início com as irmãs Kate e Margarete Fox, em 1848, em Hydesville, Nova Iorque, EUA. Foi na pessoa de Hippolyte Léon Denizard Rivail, mais tarde conhecido como Allan Kardec, que o Espiritismo foi codificado.

### ESCRITURAS:

Define-se como doutrina espírita o conjunto de princípios básicos, codificados por Allan Kardec, que constituem o Espiritismo. As doutrinas do Espiritismo estão contidas nas obras escritas por Allan Kardec que são: *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857; *O que é Espiritismo*, publicado em 1859; *O Livro dos Médiuns*, publicado em 1861; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, publicado em 1864; *O Céu e o Inferno*, publicado em 1865; *A gênese*, publicado em 1868 e *Obras Póstumas*, publicada depois de sua morte.

### DEUS:

A doutrina Espírita acerca de Deus é ambígua, ora assumindo aspectos deísta, ora aspectos panteístas, ora confundindo-se com a doutrina de Deus do Cristianismo histórico. Fala-se entre os espíritas com muita frequência de Deus como “divino foco”, “supremo foco do bem e do belo”, “o grande foco divino” etc.

### JESUS:

Allan Kardec deixou entre suas Obras Póstumas um “estudo sobre a natureza de Cristo”, de 41 páginas, todo ele tendenciosamente orientado para provar que Jesus não era Deus. Jesus é colocado no mesmo patamar dos grandes filósofos ou fundadores de religião do passado como Sócrates, Buda, Confúcio, Zoroastro, Maomé e outros, mas jamais é admitido como sendo Deus..

### ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo é uma falange de espíritos puros, ou seja, almas que reencarnaram inúmeras vezes que alcançaram a perfeição e que hoje habitam no sol. Esse conglomerado de espíritos “evoluídos” que habitam no sol seria o Espírito Santo.

**SALVAÇÃO:**

Somente se alcança a salvação por meio de inúmeras reencarnações. Assim todos chegarão à perfeição, sem Deus, sem Jesus, mas por mérito próprio. O conhecimento e as boas obras possibilitam o acesso a um nível superior na vida futura. Arrependimento, expiação e reparação são as condições básicas para se obter um espírito puro.

**MORTE:**

É apenas um estado transitório, depois da morte aqui na terra, a vida continuará no mundo dos espíritos. Para os espíritas existe pluralidade de existências, novas vidas terrestre. É o princípio reencarnacionista da pluralidade de existências. Na proporção em que avança na incessante conquista para a perfeição final, a alma, em sua novas novas encarnações assumirá um novo corpo, em que viverá, para sempre, livre do corpo, independente da matéria.

**OUTRAS PRÁTICAS:**

Sessões para contatar os mortos. Curas psíquicas. Serviços congregacionais com cânticos, músicas, sermões, mensagens de espíritos mortos e *profecias*. Podem usar *Ouija*. Atraem pessoas enlutada, pois elas têm esperança de contatar o ente querido que faleceu.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Onde surgiu o Espiritismo moderno?
- 2) Qual o nome das duas irmãs que descobriram o espiritismo moderno?
- 3) Quem codificou o Espiritismo moderno?
- 4) Qual a concepção espírita do Espírito Santo?

## LEGIÃO DA BOA VONTADE (LBV)

Muitos pensam que a LBV é uma entidade filantrópica, pois em suas dependências se abrigam milhares de crianças em todo o Brasil. Muito difundida é a sua obra de distribuição do famoso prato de “Sopa dos Pobres” na famosa “Ronda da Caridade”. Seus adeptos conhecidos como legionários percorrem as ruas de cidades brasileiras, levando um prato de sopa bem quentinha para os desabrigados. Não há o que questionar, e nem discordar dessas boas obras, pois é notável a contribuição no aspecto material aos menos favorecidos, mediante constante e intenso trabalho dos adeptos da LBV. O que iremos analisar aqui sobre a LBV são suas crenças à luz da Palavra de Deus, pois a mesma apregoa em alto e bom som que ela é “maior obra de todos os tempos”, isso, segundo seu fundador, ocorre porque ela tem uma missão ímpar na terra: restaurar o cristianismo primitivo que foi corrompido como se pode ler em suas literaturas.

### FUNDADOR:

O fundador a LBV (Legião a Boa Vontade, não confundir com LBA, Legião Brasileira de Assistência), foi Alziro Zarur (Elias Davi Abraão), nascido em 25 de dezembro de 1914 e falecido em 21 e outubro de 1979.

### ESCRITURAS:

Declara que a Bíblia está cheia de erros, devido ao estado evolutivo dos seus autores. Não crê na inspiração divina da Bíblia. Ensina que a Sagrada Escritura contém muitas fábulas e lendas. O LIVRO DE DEUS é o livro oficial da LBV, como eles mesmos dizem: é a Bíblia do terceiro milênio (LIVRO DE DEUS, p.143).

### DEUS:

Assim como o espiritismo kardecista, a LBV também é panteísta. O panteísmo é a crença de que Deus é tudo e tudo é deus. Assim sendo Deus e os homens identificam-se um com o outro. A matéria é apenas uma extensão de uma realidade única.

### JESUS:

São várias as declarações a respeito de Jesus nos livros da LBV. Citam muito o nome do mestre, mas negam a sua divindade; negam sua morte vicária; negam que Jesus teve um corpo físico; negam o nascimento virginal de Jesus. Em algumas de suas literaturas afirma que Jesus viveu em outro mundo e foi desenvolvendo o seu Espírito, de reencarnação em reencarnação, até chegar a unidade com o Pai.

### ESPÍRITO SANTO:

Seguindo a mesma concepção dos espíritas kardecistas, o Espírito Santo é uma falange de espíritos puros, superiores, a falange sagrada que habitam os mundos espirituais.

### SALVAÇÃO:

A fé em Jesus não propicia salvação a nenhum dos legionários da LBV. Para os seguidores de Zarur, a reencarnação é o meio de se chegar à perfeição por meio das obras. Somente se alcança a salvação quem reencarnar inúmeras vezes e se purificar por meio de esforços pessoais.

### MORTE:

Para os legionários não há ressurreição, ou seja, a volta do espírito ao mesmo corpo, mas sim, a reencarnação. Por ocasião da morte, ocorre o desprendimento da alma, que ainda fica algum tempo ao lado do corpo. Depois, viaja rumo ao mundo dos espíritos, onde receberá instruções para evoluir e aguardar o tempo de reencarnar até que atinja o estado de espírito puro, tal como Jesus.

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

A LBV não admite a existência do céu e do inferno, não crê em anjos, demônios em Satanás. Não crê ainda na ressurreição dos corpos, no julgamento após a morte e na possibilidade de perdão. Seu fundador cultua seu irmão Satanás conforme se encontra em uma de suas literaturas.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Quem foi o fundador da LBV?
- 2) Como se chama o livro oficial da LBV?
- 3) Como se obtêm a salvação dentro da LBV?

# 6 | ORIENTAIS

## HARE-KRISHNA

O movimento Hare Krishna, nome pelo qual é conhecida a Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON – International Society for Krishna Consciousness) é um tipo ortodoxo de hinduísmo vedantista. Dentre os livros da religião védica, o Upanixades, está o Mabhabharata (um poema épico). Neste livro, um de seus principais personagens é Krishna, considerado um semideus, uma das principais encarnações de Vishnu, grande divindade do hinduísmo oposto a Shiva. De acordo com Bhagavad-gita, Krishna é o condutor da carruagem de arjuna numa batalha travada entre Kauravas e os Pandavas. Ele sobreviveu à guerra, mas posteriormente foi morto quando a flecha atirada por um caçador acertou seu calcanhar, a única parte vulnerável de seu corpo.

### FUNDADOR:

A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977). “A.C.” é a abreviação de “Abhay Charanaravinda”, o nome de iniciação que lhe foi dado por seu mestre espiritual. Significa “aquele que é destemido aos pés de lótus de Krishna”. O título “Bhaktivedanta” lhe foi concedido mais tarde em virtude de sua devoção (“bhakti”) e sua profunda compreensão das conclusões finais do conhecimento espiritual (“vedanta”). Ele recebeu o título “Swami” (que significa “controlador dos sentidos”) em 1959 quando aceitou a ordem renunciada de vida de sannyasa. Finalmente, o título “Prabhupada” é um título honorífico que significa, “aquele que serve aos pés de Deus”. Alguns de seus seguidores se referem a ele como “Bhaktivedanta Swami,” e outros devotos, como “Sri Prabhupada,” o termo “Sri” sendo um título de honra que significa “eminente”.

### ESCRITURAS:

Sri Prabhupada escreveu mais de quarenta volumes de tradução e comentários. Os principais livros são: o Srimad Bhagavatam, o Caitanya Caritamrita e o Bhagavad-gita, sendo este último o mais usado entre eles..

### DEUS:

Hare Krishna é o nome da divindade invocada pelos adeptos da seita. É representado pela figura de uma menina rodeada de flores, com vestes coloridas, tocando uma flauta e demonstrando felicidade. Os seguidores de Krishna identificam tudo como Deus; o homem é uma parcela da divindade. Nada há acima do ser humano nem existe qualquer possibilidade de oração a Deus.

### JESUS:

Jesus não é importante. Ele usualmente é mencionado como um mestre iluminado vegetariano que ensinou a meditação. Ele não é a encarnação de Deus. Alguns partidários de Krishna consideram Cristo como Krishna. Outros dizem que ele é um grande Avatar (mestre).

### ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo não é mencionado.

**SALVAÇÃO:**

Como toda doutrina panteísta e reencarnacionista, a salvação ocorre pelo mérito próprio, pela repetição constante do maha-mantra, o nome de Krishna, pelo desapego as coisas materiais, pelo abandono da sociedade, pelo sacrifício e renúncia a tudo o que é considerado normal pelo ser humano.

**MORTE:**

Aqueles que estão sem luz continuarão se reencarnando ininterruptamente (renascer na terra), levando-se em consideração as más ações de uma pessoa em sua vida passada.

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

Cânticos de mantra Hare Krishna em público, ioga, oferendas de alimentos, solicitação de doações. Dieta vegetariana, onde são proibidos o consumo de carne, peixe, ovos, álcool e drogas. O sexo só é permitido para procriação, uma vez por mês. A Sociedade Internacional para Consciência de Krishna atrai novos adeptos através de festas e programas culturais hindus. Os sectários passam a ter novos nomes e, muitas vezes, cortam seus relacionamentos familiares. Para os Hare Krishnas a terra tem quatro idades. Através delas, gradativamente as pessoas, em número cada vez menor, têm consciência de Deus. Dentro de 10 mil anos as pessoas terão perdido a própria noção de Deus, quando Krishna voltará à terra.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Qual o nome do fundador do movimento hare-krishna?
- 2) Como se chama o livro mais usados= entre os hare krishnas?
- 3) Qual é o nome da divindade invocada pelos adeptos da seita?

## MEDITAÇÃO TRANSCENDENTAL

Assemelhando-se a outros grupos religiosos da atualidade, a Meditação Transcendental inspira-se no pensamento religioso nos vedas (hinduísmo e budismo). Os adeptos da Meditação Transcendental seguem as orientações de Maharishi que usa os textos sagrados da Índia, como os Vedas e o Bhagavad-gita.

Maharishi e seus seguidores não consideram a Meditação Transcendental como religião, mas apenas uma “técnica disponível para obter um relaxamento profundo, eliminando estresse, promovendo saúde, aumentando a inteligência criativa e alcançando, assim, a felicidade interna através do crescimento físico, mental e espiritual” com base na ciência. Entretanto, nos textos da cerimônia de iniciação aparecem elementos claramente religiosos: reconhecimento de uma personalidade suprema, invocação da mesma, oferendas e adoração.

A Meditação Transcendental está impregnada de elementos do hinduísmo: oferece ritual com invocação dos deuses hindus (Brahma, Shiva, Krishna e Vishnu); uso do mantra de um deus hindu; exige dois períodos de meditação diários; reverencia o fundador, o título de seu fundador (Sua Santidade); o uso da oração (meditação); juramentos de lealdade; adoração (venera os mestres da tradição Shankara); forte zelo missionário (o iniciado deve propagar a doutrina). É por essas e outras que a Meditação transcendental é considerada religião, e assim podemos avaliar suas crenças a luz da Palavra de Deus.

### FUNDADOR:

Maharishi Mahesh Yogi é o fundador da Meditação Transcendental. Ele recebeu sua herança espiritual por meio de Swami Brahamananda Saraswati, cognominado de Guru Dev. Em 29 de Janeiro de 1959, Maharishi Mahesh Yogi, chegou a San Francisco e divulgou a Meditação Transcendental (MT) nesse país. Alcançou fama nacional ao iniciar George Harrison (dos Beatles) e John Lennon a sua religião.

### ESCRITURAS:

A Meditação Transcendental se baseia seus ensinamentos nas escrituras védicas e nas meditações de Maharishi Mahesh Yogi, como: *A Ciência de Ser e A Arte de Viver* e outras escrituras dele.

### DEUS:

O ensino da Meditação Transcendental diz que Deus é impessoal e faz parte da própria natureza. Ele é considerado como fonte de todas as leis naturais ou das leis que regem a natureza. Pela meditação. A pessoa entra em contato com as leis da natureza e recebe seu benefício, quando isso acontece o homem é transformado em ser divino. Essa doutrina é conhecida como panteísmo, ou seja, Deus é tudo e tudo é Deus. Declara Yogi: “O divino transcendental, onipresente, é, por virtude de sua onipresença, o Ser essencial de todos nós. Forma a base de todas as vidas: não é outro senão o nosso próprio ser ou Ser. Deus é impessoal e mora no coração de cada ser. Tudo o que há na criação é manifestação do ser impessoal absoluto e não manifesto. Cada pessoa é, em sua verdadeira natureza, o Deus impessoal”.

### JESUS:

Jesus Cristo é um mestre, um guru, um Avatar (uma encarnação de Vishnu). Ele é um filho de Deus como os outros. Sua morte não expia pecados. Cristo não ressuscitou dentre os mortos. Diz Maharishi Mahesh Yogi: “Como não entendo a vida de Cristo nem compreendo sua mensagem, não creio que realmente tivesse sofrido em alguma época de sua vida; nem mesmo pudesse sofrer [...]. É lamentável que se fale de Cristo em termos de sofrimento... Aqueles que confiam na sua obra redentora por meio do sofrimento na cruz possuem uma interpretação equivocada da vida de Cristo e de sua mensagem”.

**ESPÍRITO SANTO:**

Não é mencionado.

**SALVAÇÃO:**

É o próprio homem quem se salva, através de seus esforços, meditações, abstrações, isolamento. Uma vez desapegado das coisas materiais, se torna apto a entrar no nirvana ou estado de absoluta identificação com a Divindade (Brahma), no qual não há mais nem o eu humano nem o tu divino. A palavra Nirvana vem do sânscrito, que significa extinção (da chama vital); designa ausência total de qualquer desejo, e por isto, também de qualquer sofrimento.

**MORTE:**

A doutrina da reencarnação é a crença fundamental dos adeptos da Meditação Transcendental.

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

O iniciante recebe um mantra pessoal (mediante pagamento de taxas), o qual repete sem parar, enquanto medita. Por meio desse mantra lhe é prometido alcançar a consciência cósmica.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) A Meditação Transcendental inspira seu pensamento religioso onde?
- 2) Como se chama o fundador da Meditação Transcendental?
- 3) Qual o ensino da Meditação Transcendental acerca de Deus?

**IGREJA DA UNIFICAÇÃO**

Conhecida também como Associação das Famílias para a Unificação e a Paz Mundial, este próspera grupo religioso adquiriu em 1994 uma grande fazenda no estado do Mato Grosso do Sul, chamada de Fazenda Nova Esperança. A fazenda tem uma excelente infra-estrutura, e lá são realizados seminários, nos quais os seguidores “aprendem” sobre a importância de se conhecer a “verdade”.

**FUNDADOR:**

O fundador da igreja da Unificação é conhecido como Sun Myung Moon (nasceu em 1920). A igreja foi fundada na Coreia, em 1954. Atualmente a sede se encontra em Nova Iorque, EUA.

**ESCRITURAS:**

O livro chamado *O Princípio Divino* escrito por Sun Myung Moon, é considerado o *Testamento Completo* e a Bíblia.

**DEUS:**

Para os seguidores de Moon, Deus é positivo e negativo. Ele criou o universo a partir de si mesmo, o universo é o *corpo de Deus*. Deus não conhece o futuro, sofre e necessita do homem para torná-lo feliz. Não há Trindade.

**JESUS:**

Para esse grupo Jesus foi apenas um homem perfeito, mas não Deus. De acordo com os ensinamentos do grupo, sua missão foi unir os judeus, encontrar uma esposa perfeita e constituir uma família perfeita, porém sua missão fracassou por não atingir tal objetivo. Afirmam que Jesus não ressuscitou fisicamente e que a segunda vinda de Cristo está cumprida em Sun Myung Moon, que é superior a Jesus e completará a missão de Jesus, que é realizar a redenção física do homem. Jesus só realizou a redenção espiritual.

### ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo é um espírito feminino que trabalha com Jesus no mundo dos espíritos a fim de dirigir as pessoas a Sun Myung Moon.

### SALVAÇÃO:

A obediência e aceitação dos *verdadeiros* Pais (Moon e sua esposa), elimina o pecado e aperfeiçoa o adepto. Aqueles que são casados por Moon e sua esposa tomam um vinho que contém 21 ingredientes (incluindo o sangue dos *verdadeiros* pais).

### MORTE:

Depois da morte, a pessoa vai ao mundo dos espíritos. Não há ressurreição. Os membros sobem ao convencer a outros a seguir Sun Myung Moon. Todos serão salvos, inclusive Satanás.

### OUTRAS CARACTERÍSTICAS:

Casamentos em massa baseados em diferentes antecedentes raciais, preparados e efetuados por Moon. Os membros crêem que Jesus se dobrará a Sun Myung Moon. Moon é o rei dos reis, senhor dos senhores e o cordeiro de Deus. Admite-se a prática da consulta aos mortos.

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

- 1) Qual o nome do fundador da Igreja da Unificação?
- 2) Como é chamado o livro escrito por Moon considerado o testamento completo?
- 3) Segundo Moon, o que seria o Universo?
- 4) Quem é o Espírito Santo para a Igreja da Unificação?

# 7 UNICISTAS

## IGREJA LOCAL DE WITNESS LEE

Os membros da igreja local alegam frequentemente que a sua igreja está alicerçada numa “base correta”. A expressão “base correta” da igreja quer dizer que num município só pode haver uma única igreja que represente o corpo de Cristo ou sua igreja.

Eles são muito fácil de se identificar, pois, quando se pergunta a um membro da Igreja local qual o nome da sua “denominação”, a resposta que se obtém é a de que a Igreja Local não é uma denominação. Dizem: “O único nome que ostentamos e honramos é o nome do Senhor Jesus Cristo. Tomar qualquer outro nome é insultá-lo”.

Embora se esforcem para dar a impressão de Igreja Local não é um nome denominacional e afirmem que “a igreja local é um grupo de crentes que são os membros vivos de Cristo”, que não pertencem a nenhuma denominação, não podem negar que possuem registro de pessoa jurídica, como qualquer denominação ou Instituição religiosa

### FUNDADOR:

O grupo começou com Watchman Nee na China. Quando o governo comunista se instalou, Witness Lee, que era discípulo de Watchman Nee, fugiu para Taiwan. Nee ficou na China, e, após vinte anos na prisão, morreu. Depois da morte de Watchman Nee o grupo passou a ser conhecido como Igreja Local e foi organizada e liderada por Witness Lee.

### ESCRITURAS:

Afirma que não é necessário pesquisar, entender ou aprender as Escrituras Sagradas. Usam uma prática chamada *orar ler* a palavra. Seus membros consideram todos os livros de W. Lee inspirados por Deus.

### DEUS:

Segundo os seguidores dessa denominação, Deus é o *Deus Triúno Processado*. Um deus processado seria um deus que passa por alterações ou mudanças: de Pai para Filho, de Filho para o Espírito Santo e deste para a Igreja. Esse ensino da igreja local sobre a natureza de Deus é conhecido como modalístico estatístico. Lee ensina que o Pai, Filho e o Espírito Santo são simultaneamente um o outro e ao mesmo tempo o Pai é o Filho e o Espírito. Esse ensino historicamente é conhecido como patripassionismo.

### JESUS:

Jesus é tanto Pai como o Filho. Manifestou-se como Filho pelo fato de ter assumido a forma humana e nascer como homem.

### ESPÍRITO SANTO:

O Espírito Santo é apenas um passo ou estágio sucessivo na revelação de Deus aos homens.

### SALVAÇÃO:

É necessário ser membro da Igreja Local a fim de ser salvo.

**MORTE:**

Haverá ressurreição.

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

Segundo os ensinamentos da Igreja Local, Adão, Satanás e Deus habitam simultaneamente no homem. O pecado é o próprio Satanás. João Batista era um profeta desviado. Libera-se o espírito recitando *Ó Senhor Jesus*.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Quem foi o fundador da Igreja Local?
- 2) O que seria um deus processado ensinado pela igreja Local?
- 3) Segundo a igreja Local quem habita simultaneamente no homem?

# 8 | NOVA ERA

A Nova Era é um conjunto de conhecimentos absorvidos de todas as religiões. Como uma grande colcha de retalhos, que é construída dos mais diversos materiais, a Nova Era também é multi-facetada e com inúmeros enfoques. A Nova Era tem exercido influência em cada área da vida contemporânea. Suas propagandas e suas crenças geralmente são visíveis em nossos aparelhos de televisão, no cinema, ou em lojas de alimentos naturais e principalmente nas livrarias. São miríades de produtos vinculados a Nova Era: cristais, taças tibetanas, cantantes, pirâmides, estatuetas, incenso, cartas de tarô, ervas medicinais, incensos, vitaminas esotéricas, purificadores de ar etc.

Estão insuflando suas idéias em celebridades, propagandas e testemunhos... Ficou evidente e rebrilhante da noite para o dia. Algumas grandes corporações tem contratado consultores da Nova Era para ajudarem a aumentar a produtividade de seus empregados.

A Nova Era é na verdade uma era sem Deus, pois para seus adeptos o conceito do Deus do Cristianismo vai desaparecer da terra e se estabelecer a Nova Era, a Era Aquariana.

## FUNDADOR:

Baseada no misticismo oriental, Hinduísmo, Taoísmo, Cristianismo, a Nova Era foi popularizada pela atriz Shirley MacLaine, entre 1980-1990.

## ESCRITURAS:

Vários livros divulgam o pensamento da Nova Era. Eis alguns: *Conspiração Aquariana*, da autoria de Marilyn Ferguson, escrituras de *I Ching*, obras hindus, budistas e taoístas. Além de valorizar as crenças dos índios norte-americanos, a astrologia, o misticismo e a magia.

## DEUS:

São várias as concepções sobre Deus na Nova Era, todas contrárias as Escrituras. Há grupos panteístas, outros monistas. Como o movimento Nova Era é um sistema eclético e sincrético, há espaço para muitos conceitos acerca de Deus.

## JESUS:

Acreditam que Jesus nasceu em Belém, mas não era o Cristo. Ele se tornou um modelo espiritual e guru, um avatar. Jesus foi um adepto da Nova Era, pois liberou o poder divino da mesma maneira que qualquer um pode fazer. Muitos adeptos crêem que ele foi à Índia, ao Tibé e à Grécia para aprender verdades místicas. Ele não ressuscitou fisicamente, mas *ascendeu* a um reino espiritual mais evoluído.

## ESPÍRITO SANTO:

Não é clara a compreensão do Espírito Santo no movimento, sendo algumas vezes concebido como uma força psíquica.

**SALVAÇÃO:**

São reencarnacionistas, negando a presença do pecado, dizendo que o problema da humanidade é a ignorância. O homem é uma “fagulha” da divindade que precisa ser despertado para atingir a sua divindade.

**MORTE:**

As reencarnações humanas ocorrem até que a pessoa alcance a unidade com Deus, o nirvana. Não há vida eterna, nem céu e menos ainda, inferno.

**OUTRAS CARACTERÍSTICAS:**

Os poderes sobrenaturais podem ser liberados através da meditação, conhecimento de si mesmo, meditação transcendental e espíritos guias. Através dessas praticas, se conscientiza da divindade que há em seu interior. Cristo está em todas as pessoas e todas as pessoas são cristos potenciais. Praticam terapia através de pirâmides e cristais.

**VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM**

- 1) Quem tornou a Nova Era popularizada?
- 2) Quem escreveu o livro Conspiração Aquariana?
- 3) Para a Nova Era qual é o problema da humanidade acerca da salvação?

## REFERENCIAS

- ALMEIDA, Abraão de. *O Sábado, a Lei e a Graça*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- ANDRADE, Roque Monteiro de. *A Superioridade da Religião Cristã*. Rio de Janeiro: Juerp, 1991.
- ANDRÉ, Marco. *Laços da Nova Era*. Minas Gerais: Editora Betânia, 1998.
- AVILA, Luis Carlos. *O Brasil Místico: o caso rosa cruz*. São Paulo: Multiletra, 1995.
- BETTENSON, H. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 1998.
- BOETTNER, Loraine. *Catolicismo Romano*. São Paulo: Imprensa batista Regular, 1985.
- BOWMAN Jr, Robert M. *Porque devo crer na trindade*. São Paulo: Editora Candeia, 1996.
- BREESE, Dave. *Conheça as Marcas das Seitas*. São Paulo: Editora Fiel, 1998.
- BUBECK, Mark I. *O reavivamento satânico*. São Paulo: Editora Candeia, 1993.
- CABRAL, J. *Religiões, Seitas e Heresias*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Universal, 1992.
- CHANDLER, Russel. *Compreendendo a Nova Era*. São Paulo: Bom Pastor, 1993.
- COENEN, Lothar e BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Vol. II. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.
- DENNETT, W. D. *Ganhe os muçulmanos para Cristo*. São Paulo: Editora Sepal, 1993.
- DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2ª ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1997.
- FRANGIOTTI, Roque. *História das heresias*. São Paulo: Editora Paulus, 1995.
- GEER, Thelma Granny. *Por que abandonei o Mormonismo*. São Paulo: Editora Vida, 1991.
- GEISLER, Norman L. e RHODES, Ron. *Respostas as Seitas*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- GONDIM, Ricardo. *O evangelho de Nova Era*. São Paulo: Abba Press Editora, 1995.
- GONZALEZ, Justo L. *Uma História Ilustrada do Cristianismo*. Vol. 2. São Paulo: Vida Nova
- HANEGRAAFF, Hank. *Cristianismo em Crise*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- HARRIS, R. Laird, ARCHER Jr, Gleason L e WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HEXHAM, Irving. *Dicionário de religiões e crenças modernas*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- HORRELL, J. Scott. *Maçonaria e fé cristã*. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1996.
- ICP. *Curso interdenominacional de teologia*. Módulo 4. São Paulo: ICP Editora, 2003.
- JEREMIAH, David e CARLSON, C. C. *Invasão de deuses estranhos*. São Paulo: Editora Quadrangular, 1997.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Obra Completa. 5ª ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.
- KLOPPENBURG, Boaventura. *Espiritismo*. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- LEITE FILHO, Tácito da Gama. *As religiões antigas*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.
- \_\_\_\_\_. *As religiões vivas I*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.
- \_\_\_\_\_. *As religiões vivas II*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Juerp, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Heresias, Seitas e Denominações*. Rio de Janeiro: Juerp, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Origem e Desenvolvimento da Religião*. Rio de Janeiro: Juerp, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Seitas Mágico-Religiosas*. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Seitas Orientais*. Rio de Janeiro: Juerp, 1995.
- MACARTHUR Jr, John F. *Os carismáticos*. São Paulo: Editora Fiel, 1995.
- MAGALHÃES COSTA, Samuel Fernandes. *A Nova Era*. Porto Alegre: Obra Missionária Chamada da Meia-Noite.

- MAGNO COSTA, Jefferson. *Porque Deus condena o Espiritismo*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- MARTIN, Walter. *Como entender a Nova Era*. São Paulo: Editora Vida, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Mormonismo*. Puerto Rico: Editorial Betania, 1982.
- \_\_\_\_\_. *O Império das Seitas*. Vol. I. Minas Gerais: Editora Betânia, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Império das Seitas*. Vol. II. Minas Gerais: Editora Betânia, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Império das Seitas*. Vol. III. Minas Gerais: Editora Betânia, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O Império das Seitas*. Vol. IV. Minas Gerais: Editora Betânia, 1993.
- MARTINS, Jaziel Guerreiro. *Seitas – heresias de nosso tempo*. Curitiba: Editora A. D. Santos, 1998.
- MATHER, George A. e NICHOLS, Larry A. *Dicionário de Religiões, Crenças e Ocultismo*. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- MCDOWELL, Josh e LARSON, Bart. *Jesus: uma defesa bíblica de sua divindade*. São Paulo: Editora Candeia, 1994.
- MCDOWELL, Josh e STEWART, Don. *Entendendo as religiões não cristãs*. São Paulo: Editora Candeia, 1996.
- MCDOWELL, Josh e STEWART, Don. *Entendendo as seitas*. São Paulo: Editora Candeia, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Entendendo o oculto*. São Paulo: Editora Candeia, 1998.
- MENEZES, Aldo dos Santos. *Merecem crédito as Testemunhas de Jeová?* Rio de Janeiro: Centro de Pesquisas Religiosas, 1995.
- \_\_\_\_\_. *As Testemunhas de Jeová e Jesus Cristo*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- \_\_\_\_\_. *As Testemunhas de Jeová e o Espírito Santo*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- MILTON, S.V. *a verdade sobre o sábado*. Curitiba: Editora A. D. Santos, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Conhecendo a Congregação Cristã no Brasil*. Curitiba: Editora A. D. Santos, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Conhecendo os cultos afros*. Curitiba: Editora A. D. Santos, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Espiritismo*. Curitiba: Editora A. D. Santos, 1996.
- OLIVEIRA, Raimundo F. de. *Seitas e Heresias – um sinal dos tempos*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.
- OLSON, Roger. *História da Igreja Cristã*. São Paulo: Editora Vida, 2001.
- PATZIA, Arthur G e Petrotta, J. *Dicionário de estudos bíblicos*. São Paulo: Editora Vida, 2003.
- PAXTON, Geoffrey J. *O Abalo Adventista*. Rio de Janeiro: Juerp, 1983.
- RINALDI, Natanael e ROMEIRO, Paulo. *Desmascarando as Seitas*. Rio de Janeiro: CPAD, 1997.
- ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em crise*. São Paulo: Editora Mundo cristão, 1997.
- SANTOS, Adelson damasceno. *Catolicismo: verdade ou mentira?* Curitiba: Editora A. D. Santos, 1999.
- SCHNOEBELEN, William. *Maçonaria – do outro lado da luz*. Curitiba: Editora Luz e Vida, 1999.
- SHANKS, Hershel. *Para compreender os manuscritos do Mar Morto*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- SILVA, Esequias Soares da. *Manual de Apologética Cristã*. São Paulo: CPAD, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Como responder as Testemunhas de Jeová*. Vol. 1. São Paulo: Editora Candeia, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Testemunhas de Jeová, comentário exegético e explicativo*. Vol. 2. São Paulo: Editora Candeia, 1995.
- SILVA, Hylarino Domingues. *As doutrinas mórmons*. Curitiba: Editora A. D. Santos, 1998.
- SILVEIRA, Horácio. *Santos Padres e Santos Podres*. Paraná.
- SMITH, Joseph Fielding. *Doutrinas de Salvação*. Vol. 1. SUD, 1994.
- SMITH, Joseph. *Ensinos do Profeta José Smith*; São Paulo: SUD.
- SOARES, R. R. *Os falsos profetas*. Editora Graça.
- STAMPS, Donald C. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- TALMAGE, James E. *Um Estudo das Regras de Fé*. São Paulo: Missão Brasileira, 1958.
- TONINI, Enéas e BENTES, João Marques. *Janelas para o Novo Testamento*. São Paulo: Louvores do Coração, 1992.
- TONINI, Enéas. *O período interbíblico*. 7ª edição. São Paulo: Louvores do Coração, 1992.
- TOSTES, Silas. *O Islamismo e a Cruz de Cristo*. São Paulo: ICP Editora, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Islamismo e a Trindade*. São Paulo: Ágape Editores, 2001.

- VALE, Agrício do. *Porque estes padres católicos deixaram a batina?* Curitiba: Editora A. D. Santos, 1997.
- VAN BAALEN, J.K. *O Caos das Seitas um Estudo Sobre os “Ismos” Moderno*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1986.
- WOOTTON, R. F. *Muçulmanos que encontraram a Cristo*. São Paulo: Editora Sepal, 1987.



# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÃO - RELIGIÕES COMPARADAS

- 1) Como os romanos chamavam um pequeno livro?
- 2) Quantos capítulos tem o Alcorão?
- 3) Quais são quatro lugares principais onde os budistas fazem peregrinações?
- 4) Qual foi a primeira religião monoteísta a aparecer na história?
- 5) Como é atingida a salvação dentro da Ordem Rosacruz?
- 6) Para as Testemunhas de Jeová, Jesus já voltou na terra de forma invisível em que ano?
- 7) Na teologia adventista, o que acontece depois da morte?
- 8) Qual o nome do codificador do Espiritismo moderno?
- 9) Como se chama a crença onde se crê que Deus é tudo e tudo é Deus?
- 10) Segundo os ensinamentos da Igreja Local, quem era João Batista?

#### **CARO(a) ALUNO(a):**

- Responda cada QUESTÃO acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar via e-mail.
- Tanto via correio ou via e-mail, envie-nos as 5 Avaliações desse Módulo todas juntas, de acordo com as Regras Gerais (p.6):

**Via Correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02046-010 - SÃO PAULO/SP**

**Via E-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)**

- Em caso de dúvidas ligue para o nosso SAA - Serviço de Atendimento ao Aluno.





# MEIO AMBIENTE

(MATÉRIA SUPLEMENTAR)



# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	161
<b>1. BASE BÍBLICA PARA A ECOLOGIA</b> .....	162
O VALOR DA CRIAÇÃO.....	162
A CRIAÇÃO MATERIAL É BOA.....	162
POLUIR O MEIO AMBIENTE É MORALMENTE ERRADO.....	163
A POLUIÇÃO É BASICAMENTE EGOISTA.....	163
A POLUIÇÃO VIOLA AS LEIS DE DEUS.....	164
ELEMENTOS BÍBLICOS REFERENTES ÀS QUESTÕES ECOLÓGICAS.....	165
<b>2. DOMÍNIO E MORDOMIA</b> .....	167
NÃO COMBATA A MALDIÇÃO.....	167
CUIDAR DA CRIAÇÃO.....	168
DIMINUINDO O SER HUMANO.....	168
A HIPÓTESE GAIA.....	170
<b>3. PANTEÍSMO</b> .....	171
REVELAÇÃO DE ANJOS.....	171
ECO-RELIGIÃO E NEO-PAGANISMO.....	172
<b>CONCLUSÃO</b> .....	174
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	175



## INTRODUÇÃO

O primeiro capítulo da Bíblia coloca o homem em relacionamento direto com o seu meio, ao qual cabia dominar:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. (Gênesis 1.26-28)

A ecologia é um tema muito discutido em nosso tempo e, por esse motivo, o cristão não pode deixá-lo de fora de sua agenda. Aliás, essa agenda tornou-se mundial e intensa. Podemos dizer que, desde a proposta do Clube de Roma em 1968, foi proposta uma pauta, cuja ênfase atestava que a Ecologia passaria a ter um status de prioridade. Desde então, inúmeros organismos se mobilizaram, manifestando assim a preocupação com o que passou a ser denominado “desenvolvimento sustentável”. Até que ponto o nosso planeta teria condições de sustentar seus habitantes diante da poluição, do lixo, enfim, das agressões ao meio ambiente?

Na verdade, houve um verdadeiro alarde, apresentando proporções apocalípticas, sobre os assuntos que envolviam as condições do nosso planeta. O aquecimento global, por exemplo, terminou por se revelar uma farsa. Isso, todavia, não significa que toda a preocupação deva ser vista como se não tivesse fundamento. De fato, a ganância, a falta de escrúpulo, e até mesmo a maldade pura e simples, provocou e continua a provocar a destruição da fauna e da flora.

No livro do Apocalipse, nós temos uma séria advertência contra aqueles que agem sem cuidado com o planeta:

*E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre seu rosto e adoraram a Deus, dizendo: Graças te damos, Senhor; Deus Todo-poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir; que tomaste o teu grande poder e reinaste. E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra. (Apocalipse 11.16-18)*

Por outro lado, o cristão também não pode se deixar levar por modismos ou ideologias que, de alguma forma, contrariem os princípios bíblicos. Podemos facilmente perceber que alguns setores relacionados às questões ecológicas têm se transformado em verdadeira guerra (ecoterrorismo) ou adquirido conotações ocultistas (Nova Era, Gaia, Mãe Terra etc.). Sendo assim, deve haver uma proposta cristã equilibrada, que não seja omissa à discussão ou renegue a fé cristã. Se vamos considerar a questão ecológica, precisamos fazer isso bíblicamente, com a medida e a ênfase corretas. É bem provável que nossos motivos sejam diferentes de outros grupos, embora as ações sejam as mesmas. O cristão vê o planeta Terra como criação de Deus e cuida dele como criação de Deus, entendendo que esse seu cuidado em relação ao nosso planeta faça parte de sua mordomia como um servo do Senhor, o que é diferente de outros grupos, os quais podem ver o mundo como se fosse uma extensão de Deus ou simplesmente porque acreditam que a vida e este mundo são tudo o que existe por ou em si mesmos.

Um breve tratado da ecologia, um assunto de grande interesse contemporâneo, parece ser exigido por várias razões. A primeira é que a ecologia tem implicações morais. A segunda é que não fica devidamente claro como uma ética edificada sobre o valor intrínseco das “pessoas” é compatível com uma tentativa total de salvar “coisas inanimadas”, tais como, o ar, a terra, e o mar. Finalmente, certos estudiosos sobre a Ética alegam que o Cristianismo é incompatível com as pressões sobre o Meio ambiente natural do homem.

# 1 | BASE BÍBLICA PARA A ECOLOGIA

De todos os grandes sistemas religiosos e filosóficos, nenhum dá maior dignidade ao mundo material do que a tradição judaico-cristã. Os dois Testamentos da Escritura apoiam o argumento de que a matéria é boa, e que o mundo natural é semelhante a Deus. Tendo este dado como comprovado, é estranho ouvir a acusação de escritores contemporâneos de que o ponto de vista bíblico do mundo é responsável pela crise ecológica atual. Conforme a expressão de certo escritor: “Sobre o assunto do homem diante da natureza, a história bíblica da criação, no primeiro capítulo de Gênesis, não somente deixa de corresponder à realidade conforme a observamos, como também na sua insistência no domínio e na subjugação da natureza, encoraja os instintos mais exploradores e destrutivos do homem, ao invés daqueles que são deferenciais e criadores.” Até que ponto esta crítica deixa de representar a verdade só poderá ser revelado mediante um exame dos próprios dados bíblicos.

## O VALOR DA CRIAÇÃO

De modo contrário à mentalidade grega, o Antigo Testamento afirma o bem essencial existente criação material. O mundo físico não é um mal para ser rejeitado, mas sim um bem para ser desfrutado, contendo em si o que podemos dizer ser “um reflexo da glória de Deus”.

Os gregos, em sua visão platônica do mundo, entendiam que a matéria, qualquer matéria, era inerentemente má. Ou seja, somente a parte invisível e intangível tem valor. Essa cosmovisão produziu o gnosticismo dos séculos II e III da Era Cristã, quando os conceitos das Escrituras se chocaram com os conceitos da cultura grega. Era a matéria má versus a matéria boa, ainda que decaída. Nesse sentido, ficaria difícil para os gregos entenderem o conceito de ressurreição proclamado pelos cristãos. A pregação de Paulo em Atenas deixa bem claro esse conflito.

Ao considerarmos a posição bíblica, percebemos o quanto o cuidado com o planeta só poderia nascer de uma visão que valoriza o mundo físico.

## A CRIAÇÃO MATERIAL É BOA

Depois de quase cada dia da criação, o autor do livro de Gênesis diz : “viu Deus que era bom” (cf. Gn 1. 4, 10, 12, 18, 20, 25). No último dia da criação “viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era  *muito bom* ” ( Gn 1. 31). O homem é representado como sendo o melhor da criação material, porquanto ele fora criado à “imagem e semelhança de Deus”.

Não somente a matéria e o corpo humanos são essencialmente bons, como também este último é o instrumento bendito para propagar mais bens materiais no mundo. Deus instituiu o sexo como o meio de procriação. Abençoou o primeiro casal e o mandou encher a terra com seus semelhantes. Esta realmente é uma grande dignidade dada à matéria, que foi tanto pronunciada boa, quanto feita o instrumento para produzir mais bem do seu tipo.

Segundo os gregos,<sup>3</sup> a matéria é eterna e informe, algo irracional que é tanto necessário quanto maligno. É caótica e informe, não tendo em si mesma qualquer conteúdo de bondade, mas podendo ter apenas a pura capacidade de receber formas boas provenientes do lado externo. Em suas manifestações corpóreas no homem, a matéria fica sendo uma prisão para a alma, um empecilho ao desenvolvimento espiritual do homem. Estar liberto das garras do mundo material é o âmago da salvação para a mentalidade grega. Não é de se admirar que os filósofos atenienses riram, quando ouviram Paulo falar da ressurreição do corpo (At 17.32).

## A CRIAÇÃO MATERIAL REFLETE A GLÓRIA DE DEUS

Não somente o mundo natural é chamado por Deus de essencialmente bom, mas também podemos dizer que ele reflete a glória de Deus. O Salmista escreveu: “Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos” (Sl 19:1). Outra vez: “Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua, e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres?” (Sl 8:3-4). A criação reflete a glória do Criador, conforme o Antigo Testamento. A natureza é um tipo de teofania ou aparência de Deus. Deus está manifesto em todos os lugares; Ele está na luz e nas trevas, na terra e no mar, nas alturas e nas profundezas (cf. Sl 139:7-12).

O olho que observa pode constatar evidências de Deus em todos os lugares. O Novo Testamento diz:

“Os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas” (Rm 1:20).

As estações do ano e os produtos que dependem delas são um testemunho acerca da fidelidade de Deus, porquanto Paulo disse aos pagãos em Listra:

“Contudo não deixou de dar testemunho de si mesmo, fazendo o bem, dando-vos chuvas do céu e estações frutíferas, enchendo-vos de mantimento, e de alegria os vossos corações” (At 14:17).

Deus está tão perto da natureza que “nele vivemos, e nos movemos, e existimos,” conforme o apóstolo declarou aos filósofos atenienses (At 17:28). Deus pode ser percebido na tempestade, no trovão e – virtualmente – em todo fato e evento da natureza, conforme Jó tão bem considera (cf. Jó 38). Em síntese: a totalidade do mundo natural é um reflexo da glória do seu Criador.

Diante desses pressupostos apresentados, somos levados a perceber que certas atitudes para com o mundo ao nosso redor correspondem a uma transgressão dos valores apresentados. Assim como matar um homem constitui um crime, haja vista que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 9), do mesmo modo, destruir o Meio ambiente também constitui uma transgressão, haja vista que se trata da criação de Deus.

Talvez algumas leis ambientais terminaram por manifestar uma desproporcionalidade ao se valorizar mais certos animais do que os próprios seres humanos. De qualquer modo, temos de admitir que há uma exigência ética e moral com relação à natureza, que devido à gravidade da situação, provocou reações na legislação. Precisamos reconhecer que a agressão à natureza é moralmente errada.

## POLUIR O MEIO AMBIENTE É MORALMENTE ERRADO

Há muitas maneiras de provar que a poluição do Meio ambiente **físico é moralmente errada. Basicamente, no entanto, a poluição é errada** na medida em que ela afeta as pessoas que são o valor mais alto no mundo. A poluição não precisa ser um pecado contra a terra *como tal*. Trata-se de um mal praticado contra o povo da terra e contra Aquele que fez a terra para as pessoas, tendo em vista a revelação de Si mesmo.

## A POLUIÇÃO É BASICAMENTE EGOISTA

Na base da poluição há o egoísmo. O homem quer tirar muita coisa da natureza, mas na própria natureza só está disposto a repôr pouca coisa. Quer usá-la para a ganância, quer seja reutilizável ou não. Os homens abatem as florestas, mas frequentemente deixam um ermo por detrás delas. Empregam os recursos naturais, mas não colocam os produtos residuais numa forma que possa ser usada de novo. É uma atitude míope e egoísta querer o uso e os ganhos da natureza para si mesmo sem o devido respeito para com os outros, atualmente ou em gerações futuras. A maioria das formas de poluição pode ser diretamente atribuída à exuberância do homem em sua cobiça pela ganância. A Bíblia reda assim no diz: «o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males» (1 Tm 6:10). A

destruição do Meio ambiente do homem é um dado triste, porém revelador desta verdade. Conforme a expressão de certo cristão: “A poluição é uma consequência inevitável de uma sociedade afluyente que dá mais valor ao progresso material do que a todas as demais coisas”.

### A POLUIÇÃO AFETA AS PESSOAS

Além disso, a poluição está errada porque afeta profundamente as pessoas. O lixo afeta o saneamento, e este afeta a saúde de pessoas. Os esgotos afetam rios e lagos, e a água poluída dos rios e lagos afeta a saúde e o prazer de pessoas. O ar poluído é respirado por homens bons e tende a torná-los menos saudáveis.

O mundo físico foi feito para o homem, mas ele não deve ser utilizado de modo irresponsável porque há outros homens que ainda não de se valer dele. Conforme notou Francis Bacon, o homem pode subjugar a natureza somente por meio de se submeter a ela. O mundo, como um parque, seria um lugar agradável para se viver, se cada um o deixasse pelo menos tão limpo e usável quanto o achou. Quando a terra é poluída, não há pecado contra ela como tal; há, porém, um pecado contra os outros homens, cujas vidas são seriamente afetadas e, sobretudo, contra Deus, que a fez boa. Só por esse motivo a poluição já pode ser tida e vista como errada, ainda que não houvesse outro motivo.

Esse raciocínio se aplica à poluição pública, mas o que podemos dizer acerca da poluição particular? O que podemos dizer acerca do lixo na casa de campo ou dos detritos no porão? Ou seja, é moralmente errado poluir onde outras pessoas não seriam afetadas? Num mundo superlotado, esta pergunta pode ser respondida muito mais facilmente. Há alguns lugares onde a poluição não poderá afetar alguém, de alguma maneira, um dia? Se houver tais lugares, eles poderão ser, por definição, impoluíveis. Se, pois, a matéria excedente estiver sendo depositada, de tal modo que não afete profundamente outras pessoas neste processo, nem se recuse a ser absorvida no Meio ambiente no decurso do tempo, logo, por definição, não é poluição. Depósitos ou incineradores de algum tipo serão necessários em algum lugar para este tipo de mundo.<sup>8</sup>

É instrutivo notar, a esse respeito, que a lei mosaica tinha leis muito rígidas com relação à poluição. O saneamento era ressaltado, inclusive a lavagem, a separação e outras medidas assépticas preventivas. Num período em que não havia privadas com descargas, os excrementos humanos deviam ser enterrados na terra (Dt 23.13). Todos os tipos de contaminações deveriam ser evitadas. Somente certos tipos de animais deveriam ser usados para alimentação (Lv 11) e o sangue dos animais (um transportador notável de doenças) deveria ser evitado a todo custo (Lv 7.26; cf At 15.20). As relações sexuais eram proibidas durante o tempo da impureza da mulher (Lv 15. 19-24). Qualquer contato com uma descarga ou emissão do corpo tornava a pessoa impura. A separação e a lavagem do corpo e das roupas eram exigidas para os que estavam «contaminados» (Lv 15.25ss). No caso de enfermidade contagiosa, eram impostas quarentenas; as casas poluídas eram demolidas (Lv 14. 43ss.). Em síntese, havia procedimentos, tanto preventivos quanto paliativos, no Antigo Testamento. Se os homens vivessem segundo as leis de Deus, não haveria poluição alguma no mundo. E tal raciocínio dedutivo nos leva à consideração seguinte.

### A POLUIÇÃO VIOLA AS LEIS DE DEUS

A razão pela qual a poluição afeta outras pessoas é que Deus estabeleceu certos relacionamentos entre as coisas e as pessoas. A fim de que a pessoa maximize a sua existência pessoal, ela deve saber qual deverá ser seu relacionamento apropriado com as outras pessoas e coisas em seu contexto social. Quando qualquer pessoa ou coisa estiver fora do seu relacionamento adequado com as demais pessoas e / ou coisas, ordenado por Deus, o resultado é o mal. De fato, é exatamente isso que é o mal, a saber, um transtorno no mundo criado por Deus. As coisas não são más como tais; as coisas em si mesmas são moralmente neutras e metafisicamente boas. São boas como criaturas, isto é, como seres que refletem o bem e a glória de Deus. Mas quando uma coisa boa (digamos, o álcool), em excesso, estiver associada a uma outra boa coisa (um homem), estabelecer-se-á, assim, um mau

relacionamento. Ou seja: o mal é o resultado quando as pessoas e as coisas não se relacionam entre si como Deus pretendeu que se relacionassem.

O relacionamento que Deus pretendeu que haja entre as pessoas e as coisas é o que a Bíblia chama de “leis.” Uma lei é uma estrutura de relacionamentos projetada para maximizar o valor intrínseco das pessoas. Uma lei verdadeira não é uma injunção arbitrária que visa frear o cumprimento dos desejos humanos. Pelo contrário, o âmago da lei é uma coisa muito pessoal. As leis são feitas por Deus e para as pessoas. Jesus Cristo ressaltou esse princípio com referência à lei do sábado. “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.” (Mc 2:27). As leis são feitas para pessoas; as pessoas não são feitas para as leis. As leis são o modo por meio do qual Deus indica às pessoas o seu valor intrínseco como pensou, de modo que esse valor possa ser mais plenamente realizado. Em última análise, naturalmente, o valor das pessoas finitas é baseado no valor infinito da Pessoa de Deus e relacionado a este valor. A fonte de toda a personalidade e de todo o valor é a fonte mais preciosa de todas.

Quando um homem polui o mundo, ele está, portanto, violando uma lei que Deus ordenou, a qual visa auxiliar as pessoas que convivem em contextos sociais e inter-relacionais. A poluição é um delito contra Deus porque foi Ele quem instituiu as leis da pureza, visando ao bem das pessoas. Quando os homens transgridem qualquer lei decretada por Deus, eles estão realizando um ato pessoal que, em última análise, é uma ofensa à Pessoa de Deus que instituiu as leis. Nenhum homem peca apenas consigo mesmo, mesmo quando parece que está pecando somente contra si mesmo ou contra o seu mundo particular. Todos os pecados são contra Deus. E poucos pecados, no que diz respeito a outros homens, são particulares – cada vez menos, à medida que o mundo fica menor. A poluição é um dos maiores pecados públicos porque, se for permitida a sua continuação, fará com que seja impossível para os homens serem seres humanos, em seu sentido mais nobre.

A poluição, conforme atesta a maioria dos cientistas, é o problema principal do mundo, pois os problemas dos povos e da guerra são uma ameaça à humanidade, ao passo que o extermínio da vida humana ocorrerá, a não ser que a tendência do aumento da poluição ambiental no mundo seja totalmente invertida.<sup>9</sup> As pessoas têm valor intrínseco como pessoas, porque, como tais, são criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus. Logo, diminuir ou destruir este valor intrínseco das pessoas implica em sofrer a sua máxima consequência moral. A poluição não é um transgressão dirigida meramente contra as coisas. Trata-se de uma transgressão realizada por pessoas que afeta, também, as outras pessoas. Um pecado público perpetrado contra o próprio público. Um mal praticado contra as pessoas e contra Aquele que as fez e fez um mundo bom para elas.

## ELEMENTOS BÍBLICOS REFERENTES ÀS QUESTÕES ECOLÓGICAS

É impossível ler as Escrituras sem reconhecer o valor conferido à natureza. Quem contestar isso, nunca leu a Bíblia ou nunca a compreendeu. Há uma paixão pela natureza descrita em suas páginas. Não uma paixão da natureza pela natureza, mas uma que vê nela a mão de Deus. De diversas formas, ela é valorizada e apreciada, tudo, porém, na medida certa, entendendo que a natureza jamais possa ser igual ao Criador.

Podemos indicar algumas passagens que destacam essa visão de mundo:

### 1. As criaturas manifestam a sabedoria e a grandeza do Criador

O panteísmo vê Deus em tudo, porém de um modo bem diferente do que encontramos na Bíblia, porquanto a complexidade da natureza, segundo a palavra de Deus, aponta para a sabedoria e grandeza divinas, conforme descritas pelo apóstolo Paulo em sua epístola aos romanos:

Pois do céu é revelada a ira de Deus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça. Porquanto, o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Pois os seus atributos invisíveis, o seu eterno poder e divindade, são claramente vistos desde a criação do mundo, sendo percebidos mediante as coisas criadas, de modo que eles são inescusáveis. (Rm 1.18-20)

(Confira também Jó 28; 38.2–41, 25; 42.5; Sl 19.2-7; Pr 8.27-31).

## 2. O pecado e a violência do homem perturbam a ordem da natureza.

Há uma relação direta entre pecado e juízo. Esse juízo, muitas vezes, termina por atingir o próprio ambiente onde o homem vive. No livro de Apocalipse, temos essa relação bem intensa, mesmo porque trata-se de um livro de julgamentos.

(Confira Gn 3,17; 6.17–8,14; Ex 7.8–11, 10; Is 1.4-9; 2Rs 17.7-28).

## 3. As criaturas participarão da redenção escatológica.

Outro fator que não podemos ignorar é que a redenção futura sempre inclui a criação como um todo. A redenção bíblica, longe de ter como alvo apenas a alma humana, abrange todos os seres, tudo o que foi criado.

(Is 11. 6-9; 65.17; Rm 8.21s; 2Cor 5.19; 2Pd 3.3-13; Ap 21.1).

## 4. A importância da água.

Outro elemento vital que tem despertado a preocupação dos ecologistas é a água. Teme-se a falta de água potável no planeta. Nas Escrituras, a água é apresentada como algo vital e importante, adquirindo, além de referências diretas, referências simbólicas que exprimem essa importância. (Podemos destacar essas referências diretas nas seguintes passagens da palavra de Deus: Gn 1.7; 2.10-11; 7.11; Is 24.18; Jó 38.22-28; Lv 26.4; Dt 11.14; Is 30.23s; Jr 5.24; Sl 1.3; 104.3-18. Quanto às referências simbólicas, podemos destacar as seguintes passagens bíblicas: Ez 36.24-30; 47.12; Jr 31.9; Is 49.10; 41.17-20; Eclo 24.25-31. As águas que dão vida podem ser constadas em Jo 7.37-39; 4.10-14; 1Cor 10.4; Ap 22.1.17);

## 5. A importância das plantas.

A vegetação também é descrita com palavras e expressões que demonstram toda a sua exuberância, beleza e funcionalidade. O cuidado com ela é fundamental nas Escrituras. Até mesmo as plantas apontam para a glória de Deus ( confira Gn 1,11s.29-30; 2.9; 3.22s; Dt 20.19s; Sl 104.13-18).

## 6. Os animais e sua interação com o homem.

E quanto aos homens e os animais? Em diversos momentos, o cuidado de Deus por eles é demonstrado, como no caso de Nínive. As aves não morrem sem a vontade do Pai. Por isso, o homem precisa cuidar delas. O cuidado para com os animais é descrito na Bíblia como uma das características do justo; e a maldade para com os mesmos, como uma forma de impiedade (Pv 12.10).

(Confira Gn 1.20-30; 2.19s; 6.19-21; 9.2-5; Nm 22.22-35; 1Rs 17.6; Jn 2.3-7; Jó 38.39–39.30; 40.15–41.26; Sl 147.9; Mc 1.13; Mt 6.26; At 28.3-6).

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. Porque o cristianismo pode ser apontado como o sistema religioso que mais valoriza a criação?
2. Por que podemos dizer que a poluição se relacionado ao pecado?
3. Por que podemos dizer que a poluição viola as leis de Deus?
4. Como a criação demonstra a sabedoria divina?
5. Como as Escrituras mostram a importância da água?
6. Como as Escrituras mostram a importância das plantas?

## 2 | DOMÍNIO E MORDOMIA

“Os mais altos céus são do Senhor, mas a terra deu-a ele aos filhos dos homens”. (Salmo 115.16)

Alguns cristãos evitam considerar qualquer tema referente ao meio ambiente, dizendo que, se Deus está no controle de tudo, devemos deixar a questão ecológica também em suas mãos. Nas Escrituras, porém, a soberania de Deus jamais permite que possamos fugir de nossa responsabilidade perante o mundo que Ele criou. Por exemplo: nós não esperamos que Deus venha pegar o lixo que acumulamos em nossas casas (ainda que saibamos que ele esteja no controle de todas as coisas), e nem esperamos que Deus venha cuidar dos problemas associados à rede de esgotos existente em uma cidade ou bairro. Assim sendo, por que nós não nos esforçamos para que as coisas estejam limpas em grande escala, tais como, os oceanos, os rios, as lagoas, a atmosfera etc.? Pode-se apelar para a intuição de deixar os céus nas mãos de Deus – entretanto, a Bíblia não sugere que Deus esteja mais no controle das grandes coisas do que no controle das pequenas coisas: “e nem ainda um pardal cai sem o conhecimento do Pai” (Mt 10.29). E por falar em pardais, podemos relatar o caso de haver em um ninho quatro filhinhos, e cada um dos ocupantes, em sequência educada, após colocar a sua calda fora do ninho, lançou as suas fezes no chão. Deus concedeu instintos a esses pequenos pássaros, a fim de que eles evitassem sujar o seu próprio ninho. A nós, ao invés de um instinto, Deus concedeu sabedoria para fazer escolhas conscientes, tendo em vista evitar sujar o nosso ninho individual, comunitário e global.

Todos os cristãos parecem concordar que ao homem tem sido dado domínio sobre a terra, como a um mordomo sob a autoridade de Deus. Mas quais são os limites de uma mordomia responsável? O domínio do homem se estende até os peixes do mar (Gn 1.26). Mas onde está a linha tênue entre pescar um peixe para alimentar uma família e pescar através de enormes navios-fábrica, que arrastam os muros de morte, por quilômetros, arrastando tudo, comestível ou não, devastando assim extensas áreas que poderiam também ser utilizadas para a pesca equilibrada?

Os mesmos conceitos podem ser aplicados à silvicultura e à derrubada de árvores. Os cristãos não vêem a natureza com sagrada em si mesma. Por respeitarem as árvores como uma das maravilhas da criação de Deus, e defendendo a idéia de que elas não devem ser destruídas, gratuita ou injustamente, eles não vêem problema algum em que uma árvore seja derrubada, tendo em vista a construção de uma casa. Mas em nossa era de alta tecnologia, muitas florestas estão desaparecendo a uma proporção equivalente à área de um campo de futebol por segundo.

Determinar as fronteiras entre uso e abuso e administração dos recursos disponíveis e pilhagem ambiciosa envolve, obviamente, a urgência de se valer da sabedoria para se considerar um assunto tão complexo, descartando-se a possibilidade de que alguém, com uma simples resposta bíblica, possa resolver todos os casos referentes aos problemas ecológicos. Dados científicos – levando-se em consideração os preconceitos dos pesquisadores – são essenciais. Nesse sentido, o estudo – de forma confiável – acerca da capacidade regenerativa das florestas e das plantações também é um tema que merece ser mais devidamente ponderado.

### NÃO COMBATA A MALDIÇÃO

Alguns argumentam que este mundo amaldiçoado está em decadência, e que a única resposta seria a criação de Deus de um novo Céu e nova Terra. O mundo físico está realmente em decadência. Com o decorrer do tempo, o sol e todos os outros processos atômicos (sem a intervenção de Deus) fracassarão, toda energia estará completamente fora de controle, e assim todas as coisas estarão mortas. No entanto, aspectos locais deste princípio de entropia podem ser invertidos aqui, com um esforço inteligente direto a partir da Terra. E, no entanto, esta decadência do mundo físico é um efeito da rede de Maldição, a lei da entropia não é responsável pela decadência

moral / social – ou a irresponsabilidade ambiental – as escolhas humanas estão envolvidas.

Um pequeno panfleto denominado “Uma Resposta Cristã ao Movimento Ecológico” disse: “Nenhum programa de conservação reverterá a decisão de Deus de continuar a frustrar a ecologia de um mundo pecaminoso... Esforços de conservação não podem resolver o problema que será somente redimível através da recriação pela mão de Deus”.

Uma vez que Maldição foi proclamada por Deus, nós não deveríamos nos opor a ela. Todavia, aplicando isso insensatamente, alguém poderia dizer que não deveríamos tentar lutar contra as doenças contagiosas, procurando, por exemplo, criar vacinas para combater essas tais doenças. Entretanto, as Escrituras continuamente louvam as ações que tentam vencer, ao menos de forma local e temporária, os efeitos da maldição. A Maldição colocou os homens em conflito entre si – e ainda assim, a Palavra de Deus nos diz: “benditos os pacificadores”. A maldição trouxe doenças e sofrimentos – assim mesmo aliviar o sofrimento não é inconsistente com as Escrituras, seguindo exemplos das curas realizadas por Jesus.

A maldição também trouxe uma alienação entre a natureza e o homem. Por isso, a responsabilidade ambiental que vise opor-se a alguns dos efeitos da maldição não é oposição a Deus, mesmo que uma nova criação seja eventualmente necessária.

Convém notar que após a maldição, Deus não isentou o homem de sua tarefa anterior, de cuidar da terra (Gn 2.19-21), apenas declarou que esta tarefa se tornaria mais penosa (Gn 3.17-19). Ao lermos o Salmo 8, principalmente os versos 4 a 8, nós nos apercebemos que não podemos tratar a criação de Deus com leviandade, uma vez que Deus fez o homem coroa da criação e confiou em suas mãos as demais coisas criadas. Seríamos indignos se não respondêssemos com fidelidade a esta delegação de Deus. É curioso como Deus levou em conta até mesmo os animais de Nínive para poupar a cidade (Jn 4.11)

## CUIDAR DA CRIAÇÃO

O Reverendo Erli, em seu texto introdutório à Bíblia Versão Ecológica, fez um excelente resumo do que seria uma posição bíblica e equilibrada do cristão com relação à criação:

Um dos ensinamentos básicos da fé cristã é que o mundo foi criado por Deus. O mundo, o universo, é visto como a criação e Deus é o Criador. O mundo não é Deus. Distinguir entre criação e criador livrou o ser humano de uma série de tabus e superstições. O mundo pode ser investigado, e com isso não se está violando a intimidade de Deus. A ciência pode se desenvolver. Não há áreas ocultas ou que não podem ser pesquisadas. Além disso, a Bíblia Sagrada é o livro no qual a criação tem enorme importância. O primeiro capítulo da Bíblia fala sobre o mundo criado por Deus. E os últimos capítulos da Bíblia falam sobre a nova criação, sobre os novos céus e a nova terra. Entre o começo e o final da Bíblia, há uma história de queda e restauração. A queda é chamada entre outros termos de pecado. A queda afetou toda a criação. Não vivemos mais no primeiro paraíso. Houve desrespeito à vontade divina, aos planos do Deus Pai Todo Poderoso, Criador dos céus e da terra. Por isso foi necessário restaurar. A restauração se deu em Cristo, o Filho de Deus. A vida humana se dá neste ínterim e neste cenário: dentro da criação de Deus, antes dos novos céus e da nova terra. Não é uma vida perfeita, mas é uma vida em que há esperança. É uma nova vida que “já” começou, mas “ainda não” é plena, ou seja, estamos no tempo do “já” e do “ainda não”. E é nesse tempo que somos chamados para cuidarmos da criação de Deus. Estamos sob limites, mas isso não nos isenta da responsabilidade. A Bíblia Sagrada nos estimula a colocarmos a esperança de um futuro melhor (os novos Céus e a nova Terra) em prática na vida em que estamos vivo. Ler a Bíblia sob esses olhos é um exercício desafiador, que nos desperta para novas práticas de responsabilidade para com o próximo, com o mundo em que vivemos e de paz com Deus.

Essa é uma forma cuidadosa de abordar o assunto que pode balizar adequadamente o envolvimento cristão nas questões ambientais. Sua mente precisa estar firmada na cosmovisão bíblica para fazer isso de modo seguro. Algumas posições ecológicas embora possam parecer boas em um primeiro momento fazem uma abordagem que só pode ser classificada de antibíblica, pois adquire contornos quase ou mesmo pagãos.

## DIMINUINDO O SER HUMANO

A ala extremista do ambientalismo é o movimento pelos direitos dos animais. Seu líder defensor, Peter Sin-

ger, filósofo e professor da Universidade de Princeton (E.U.A.), é um evolucionista fanático, sendo, por isso, totalmente inconsistente. Ele diz

“Não há nenhuma base ética para elevar a participação de uma espécie em particular dentro de uma característica moralmente crucial. De um ponto de vista ético, todos nós estamos em pé de igualdade – seja andando com as duas pernas, com quatro ou com todas”.

O movimento da Ecologia em Profundidade rejeita a noção de que a natureza e suas espécies existem para servir aos seres humanos e anuncia a explícita mensagem de que toda espécie de vida tem igual valor; e que os seres humanos não têm direitos superiores sobre qualquer outro tipo de vida (Ecologia Profunda Versus Ambientalismo, Harold Gilliam, p. 66). Este pensamento é totalmente antibíblico. Está bem claro que Deus colocou tanto o Reino Animal quanto o Reino Vegetal para servir o homem (Gn 1.30; 9.3). Na prática, entretanto, aqueles que lutam pelos direitos dos animais consideram o homem como sendo inferior aos animais. Alguns consideraram uma tragédia pior aquela ocorrida em Valdez, que matou cerca de 30.000 pássaros devido a um vazamento de óleo, do que uma tragédia ocorrida em 1984 na Índia, na qual morreram 3.000 pessoas e 200.000 sofreram danos físicos. Muitos defensores dos animais têm dito que o uso de seres humanos “defeituosos” em testes científicos é melhor do que o uso de animais saudáveis.

Tais considerações sobre os animais contrariam profundamente a realidade bíblica. Os seres humanos, feitos à imagem e semelhança de Deus, independente de serem defeituosos ou retardados, têm direitos intrínsecos não compartilhados com os animais. O Senhor Jesus Cristo disse: “Vocês têm mais valor do que muitos pardais”. (Lc 12.7). De fato, a Bíblia não aceita a crueldade contra os animais (Pv 12.10), mas ensina que uma pessoa justa cuidará de suas necessidades.

Esta atitude para com os animais pode ser elevada ao extremo até tornar-se vergonhosa, conforme mostra o seguinte artigo:

No Dia Mundial da Proteção aos Animais (4 de Outubro), foi realizada uma cerimônia de bênçãos de animais, na catedral de “São João, o divino”, em Nova Iorque. A cerimônia, na qual, conforme informações dos realizadores, “reuniram pequenos e grande animais em torno do altar”, fazia parte de uma “Semana Mundial de Oração pelos Animais” (...) Durante a solenidade eclesiástica, segundo o INRA (Rede Internacional de Religião e Animais), a igreja honrou os animais através de “danças e cânticos com grandioso acompanhamento de orquestra”. Segundo suas próprias informações, a organização pretende chamar a atenção da opinião pública religiosa para o sofrimento dos animais através da produção de alimentos e vestimentas, na prática de esportes e na utilização em experiências científicas. A “exploração” dos animais estaria em oposição às doutrinas de todas as religiões (...)” (Jornal Evangélico Chamada da Meia-Noite, nº 05, Maio/89, p. 10).

Equilibrando então a balança: Deus é o dono da Terra, não o homem, ainda que nós, como mordomos responsáveis, não sejamos livres para fazer o que quisermos com ela (Sl 24.1). Mas nós também temos recebido o domínio para governá-la e subjugá-la para suas próprias necessidades (Gn 1.26-28). A humanidade, e não a Floresta Amazônica, é o propósito da criação. Ao homem, porém, foi requerido cultivar e cuidar do Jardim e não destruí-lo (Gn 2.15). É curioso notarmos o fato de que foi o homem incumbido de dar nome a todos os animais (Gn 2.19-21). Tal dado precioso o torna associado à toda a criação.

Além disso, nossa atenção como cristãos leva-nos a tomar decisões sobre o meio ambiente, as quais podem, em cada caso, serem ou estarem baseadas em pragmatismos provenientes das necessidades dos outros, e – com sabedoria (Tg 1.5) – serem analisadas e informadas pelos melhores dados científicos disponíveis sobre este complexo e discutível tema.

Devemos, todavia, ser extremamente cautelosos quanto ao perigo de abraçarmos ideologias contrárias à Palavra de Deus, pois podemos estar apoiando uma entidade completamente imersa no paganismo sem saber. “Examinai tudo, retendo o que é bom” (1 Ts 5. 21). Francis Schaffer, em seu livro “A Igreja no Século XX”, expôs o princípio de que a Igreja deve ser bem clara em seus princípios, explicando que podemos ser cobeligerantes sem sermos necessariamente aliados, isto é, podemos até concordar com certas causas e batalhar com elas, sem que isto signifique que concordamos com outros grupos que fazem o mesmo. Podemos, por exemplo, defender

a necessidade de prestar assistência às pessoas carentes, sem com isso quereremos dizer que concordamos com os espíritas ou com a LBV. Fazemos as coisas por princípio bíblico, não por modismos ou instigação de algum grupo específico. Devemos amar e conservar a natureza, sem necessariamente estarmos de acordo com todas as premissas propostas pelos ambientalistas não cristãos. Podemos amar os animais sem, contudo, elevá-los acima dos seres humanos. Podemos amar o planeta Terra, porém sem fazermos dela uma deusa. Rejeitar a mordomia cristã com respeito à Terra somente pelo fato de alguns fazerem de sua militância em prol da Terra uma forma de idolatria, de fato, não é uma atitude coerente – de forma alguma – com uma sábia ponderação a respeito do que a Bíblia Sagrada tem a nos ensinar sobre a criação de Deus.

O fato de a questão ambiental ser assunto em pauta no mundo moderno, não invalida a mordomia cristã com relação a ela. Independente de “aguardarmos novos céus e nova terra” (2 Pd 3.13), temos de apresentar nossa aprovação e cooperação, ativa ou passiva, aos esforços que têm sido feito para minimizar os efeitos de séculos de irresponsabilidade para com o Meio ambiente. Separando o joio do trigo, nós podemos colaborar com a manutenção do planeta Terra e cumprir, como seres humanos que somos, nossa tarefa de cuidar do nosso planeta. Até que chegue o maravilhoso tempo em que “Em lugar do espinheiro, crescerá o cipreste, e no lugar da sarça, crescerá a murta. Isto será para renome do Senhor, por sinal eterno, que nunca se apagará” (Is 55.13).

Com o declínio do Cristianismo em face da investida do evolucionismo, o meio ambiente surge como uma religião substituta, com dogmas estabelecidos: “Plástico é mau, a reciclagem é uma virtude”, florestas tornam-se sítios sagrados, desenvolvedores são satânicos. E muito desse “ambientalismo” é regido por um panteísmo evolucionista. “Mãe Terra” é a deusa criativa, que deve ser protegida e acalmada. Mas em qualquer assunto, devemos sempre estar preparados para pensar e argumentar com o devido cuidado, a fim de não permitirmos que nossa reação permita aos extremistas que eles possam tentar nos denegrir, e ignorando obviamente quaisquer princípios bíblicos aplicáveis em nossos pensamentos e argumentos dos quais possamos nos valer.

## A HIPÓTESE GAIA

Esta foi uma hipótese formulada, na década de 60, pelo físico inglês James Lovelock e pela microbiologista americana Lynn Margulis. Tal hipótese afirma que as características da Terra teriam sido criadas pelos organismos vivos nela existentes, ao longo de seu processo de evolução. Para os dois cientistas, são os seres vivos que moldam o meio ambiente às suas características e criam as condições necessárias para sua sobrevivência (...).

Pela Hipótese Gaia, o planeta se comportaria como um organismo inteligente, capaz de enfrentar as situações ameaçadoras e recriar a harmonia. Esse mecanismo regulador das condições foi chamado de Hipótese Gaia, como era chamada a deusa Terra dos antigos gregos. Vem daí o nome da hipótese, que influencia fortemente o movimento ambientalista (Almanaque Abril 96).

Fritjof Capra, um dos maiores representantes mundiais do movimento Nova Era, assim proferiu sobre a Hipótese Gaia:

A Hipótese Gaia, por estar apoiada sobre a mitologia antiga, de uns tempos para cá, vem desfrutando reavivamento, inspirada pelos ativistas do meio ambiente e pelos aficionados da Nova Era. Ajusta-se bem à visão global da Nova Era a noção que a Terra é uma entidade viva e consciente, dotada de mente, a qual, por sua vez, participa de alguma mente universal ou “cós mica”. (Alterando o Ponto: Ciência, Sociedade e Cultura Emergente, Fritjof Capra, p. 292.)

## VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. O que há de errado com a ideia de que não devemos nos preocupar com a natureza porque ela foi amaldiçoada?
2. Em que sentido a ala extremista dos ecologistas valorizam mais os animais do que os homens?
3. Cite outros problemas do extremismo ecológico
4. O que é a chamada Hipótese Gaia?

# 3 | PANTEÍSMO

O que é panteísmo? Essa palavra é proveniente de dois termos gregos: pan (“tudo”), + theós (“deus”), dando a entender que “tudo é deus”. De acordo com o panteísmo, deus é o cabeça da totalidade, e o mundo é o seu corpo. A forma objetivada, “panteísta”, foi cunhada pela primeira vez por John Toland, em 1705. Por sua vez, Fay atacou a filosofia de Toland, e usou a forma nominal “panteísmo”. E desde então, o termo tem sido continuamente usado. O panteísmo é uma espécie de monismo, identificando a mente com a matéria e preconizando que a unidade seja divina. E sendo assim, o finito e o infinito tornam-se uma e a mesma coisa, embora sejam diferentes expressões de uma mesma coisa. O universo passa, então, a ser auto-existente, sem início ou princípio, embora sujeito a modificações. Segundo o panteísmo, todos os seres e toda a existência de deus são concebidos como um todo.

Do ponto de vista bíblico, o panteísmo é deficiente por causa de duas considerações: a primeira consideração refere-se ao dado de que ele nega a transcendência de Deus (ou seja, Deus não é sua criação, mas está além dela) e defende sua imanência radical (ou seja, Criador e criação são uma e a mesma coisa), ao passo que a Bíblia Sagrada apresenta um equilíbrio, no qual Deus está ativo na história e na sua criação, mas não é idêntico a elas. A segunda consideração destaca que no panteísmo há uma tendência a identificar Deus com o mundo material, negando, assim, o caráter pessoal de Deus. Nas Escrituras, Deus é retratado supremamente como uma pessoa.

Trata-se de um conceito muito equivocado acerca de Deus, o qual é apregoadado pelos ecologistas. Em sua ânsia para defenderem a entidade Terra, acabaram por divinizá-la. Tudo é Deus e Deus é tudo.

“Dessa forma, o homem não seria mais a coroa da Criação, mas um ‘ser semelhante’ em igualdade de condições com os outros. Atrás dessa idéia está o panteísmo, que parte do pressuposto de que Deus pode ser encontrado em tudo que está vivo, ou seja, que tudo o que vive é igual a Deus” (Jornal Evangélico Chamada da Meia Noite, nº 03, Março/96, p. 11).

## REVELAÇÃO DE ANJOS

Nem mesmo os “anjos” escaparam da terrível rede da eco-religião. Não se contentando em utilizar dos espíritos florestais do paganismo europeu, valem-se do contexto bíblico para anexar a ecologia ao esoterismo.

*Revelações ligadas ao meio ambiente oriundas de “anjos” ensinam a importância sagrada do meio ambiente e como as pessoas precisam estar mais preocupadas com a Terra, sua “genitora” espiritual. De acordo com essas revelações, as pessoas precisam aprender a enxergar a Terra como divina, e reconhecer que a adoração à criação é vital para uma espiritualidade renovada.” (Os Fatos Sobre os Anjos, John Ankerberg e John Weldon). Desse modo, até os anjos acabaram endossando a Hipótese Gaia e se tornaram ambientalistas.*

É incrível como a temática associada ao Meio ambiente, que passou a ser uma temática de tanta importância, serviu amplamente como um trampolim para todo tipo de culto ocultista pagão. Não podemos esquecer que as questões ambientais estão na pauta políticas das nações do mundo todo, o que acaba, por tabela, propiciando apoio governamental a todo este esoterismo associado a questões ambientais.

A “visão” da eco-religião em relação à natureza não é a visão bíblica de proteção à criação de Deus, porquanto a missão do homem sobre a Terra (Gn 2.15; Sl 115.16) não apresenta a mínima conexão com a noção falsa e pagã do panteísmo.

## ECO-RELIGIÃO E NEO-PAGANISMO

“A Terra é nossa Mãe, precisamos cuidar dela  
Em seu solo sagrado andamos a cada passo...”  
(Cântico da Roda de Cura em Honra à Mãe Terra)

O amor pela natureza, excedendo os limites do bom senso no mundo contemporâneo, assumiu o perfil de religião. O Movimento Nova Era passou a adotar posturas extremas com relação ao meio ambiente e, dessa forma, fomentou um retorno ao paganismo e à religião animista, nos quais todas as coisas tem espírito e devem ser reverenciadas.

A consciência ecológica da Nova Era deriva-se da “percepção de uma unidade universal” e da teia interligada da vida biológica. Compartilha de muitos alvos do movimento ambientalista como um todo, e tira proveito da renovada apreciação pela cultura dos povos pré-colombianos e sua apreciação da natureza (...) Para muitos adeptos da Nova Era, a ecologia contém a verdade religiosa básica de onde emanam todas as religiões. Uma outra maneira de expressar isto é pelo frase “Eu sou a Terra” (...) Bob Hunter, cronista do Greenpeace Chronicles chega a denominar a ecologia de religião da Nova Era. (Compreendendo a Nova Era, Russel Chandler, p. 245, 246.). Segundo o mesmo jornal, alinhar-se com a natureza é liberar a divindade que há dentro de nós, é ser elevado a um estágio superior do ser. É ao mesmo tempo liberar o animal que está dentro de nós. (Compreendendo a Nova Era, Russel Chandler, p. 245, 246).

Culto à “Deusa Mãe” ou “Mãe terra”, crença nos chamados “elementais”, gnomos, duendes, elfos e outras criaturas mitológicas dos bosques e florestas, foi o resultado de toda essa reverência idólatra pela criação. Os espíritos protetores da terra e do meio ambiente, fossem eles pertencentes à cultura dos índios americanos ou à cultura européia, passaram a ser cultuado e aceitos como reais. A “Volta ao Verde” tornou-se a volta aos cultos e crenças ancestrais, quando animais e plantas passaram a receber adoração aberta.

O neo-paganismo tem forte ligação com as antigas religiões de bruxaria dos antigos celtas, ligadas aos ciclos da natureza. A maior parte das religiões neo-pagãs tem poucos credos e não tem profetas. Sua base são as celebrações em certas estações do ano, os ciclos do plantio e da colheita, ou costumes e experiências e não a palavra escrita. Segundo Gordon Melton, do Instituto de Estudo das Religiões Americanas, na Califórnia, a grande maioria das pessoas que se consideram feiticeiros, “segue a adoração politeísta, voltada para a natureza, da Grande Deusa Mãe”, cujos nomes incluem Diana, Ísis, Demeter e também Gaia. (Enciclopédia dos Cultos Americanos, 1986, p. 211).

Embora toda a retórica da Nova Era seja recheada de cunho científico, sua prática nada mais é do que puro culto pagão, onde um Deus impessoal é identificado com a Criação, e esta última sim, adorada como deusa. Nem toda a argumentação complexa formulada por tais ambientalistas, pode livrá-los do fato de serem “ecólatras”. “Porque as suas coisas invisíveis, tanto o seu eterno poder quanto a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que fiquem indesculpáveis. Porque tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram e seu coração insensato se obscureceu, dizendo-se sábios tornaram-se loucos. Pois mudaram a verdade de Deus em mentira e adoraram mais a criatura (ou a criação) do que o criador” (Rm 1.20, 21, 22, 25)

Até mesmo Eddie Van Feu, autor do livro “Wicca – Rituais” e grande defensor da bruxaria moderna admite: “O que caracteriza a Wicca ? O amor à Terra e à natureza e o respeito a tudo e a todos acaba fazendo muita gente, como os ecologistas, por exemplo, ligarem-se à Wicca sem o saber” (p.13) e, em contrapartida, apresenta a bruxaria moderna como sendo superior ao Cristianismo neste aspecto, dizendo: “Os wiccanos possuem uma espécie de consciência que os faz tratar o planeta como um ser vivo, com respeito e dignidade, protegendo e amando todos os seus filhos – homens, animais, minerais, vegetais – como irmãos. A filosofia cristã, no entanto, prega que o Homem pode subjugar todos os outros seres e elementos por ter sido criado superior”.

Com efeito, diante de tudo isso, só podemos concluir que certos aspectos do movimento pela ecologia foi “contaminado” por elementos religiosos ligados ao ocultismo. É extremamente difícil, como sempre foi, separar o joio do trigo. Apoiar uma causa ecológica qualquer, pode significar envolver-se também com crenças completamente pagãs e esotéricas. A militância em prol da natureza, como podemos ver, tem até mesmo sido utilizada pelos adeptos da Nova Era com o intuito de atacar o Cristianismo. Mas calar-se e omitir-se, de um modo insensato, pode também significar concordância com eles.

### VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM

1. O que é panteísmo?
2. Como a Nova Era trabalha a questão da ecologia, levando as pessoas a cultivar a natureza como se fosse um deus?
3. Cite dois elementos presentes na ecorreligião
4. Como a Wicca se relaciona com a ecorreligião?

## CONCLUSÃO

Sim, admitimos que a ordem de Deus para dominar a natureza foi muitas vezes excedida. A relação entre homem e natureza também foi corrompida pela queda. Ao invés de cuidar do jardim, o homem encontrou uma natureza que lhe produziu espinhos e cardos, os quais que o levaram a um relacionamento egoísta de exploração e devastação. Durante toda a sua história, poucas vezes o homem agiu com sensatez diante de seu meio ambiente.

A civilização, principalmente a ocidental, talvez seja a que mais agressões cometeu contra a natureza. De repente, em um momento coletivo de conscientização, iniciou-se toda uma tentativa de frear a agressão ambiental e reverter o quadro. Nesse momento, então, movimentos místicos se envolveram e utilizaram o tema para propagar suas práticas e crenças pagãs. .

Tardiamente, os cristãos perceberam a necessidade de se envolver com o movimento ecológico, admitindo o quanto as Escrituras abordam o tema, também passaram a se envolver com questões referentes à preservação e cuidado com o planeta Terra.. A questão ecológica entrou para agenda cristã, a qual procurou estabelecer conexão com os movimentos ecológicos que, muitas vezes, de forma consciente, e muitas outras vezes, de forma precipitada, têm abordado a questão associada à ecologia. Cabe à liderança cristã conhecer o conteúdo bíblico a respeito das questões envolvidas com o devido cuidado em relação ao nosso meio ambiente e desenvolver ações equilibradas e conscientes para preservação da natureza à sua volta.

## BIBLIOGRAFIA

ANKERBERG, John e WELDON, John. *Os Fatos sobre a Nova Era*. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1997.

GEISLER, Norman. *Ética Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

CHANDLER, Russel. *Compreendendo a Nova Era*. São Paulo: Bom Pastor, 1988

Série Lausanne – *O Evangelho e o Homem Secularizado*. São Paulo: ABU e Visão Mundial, 1985.



# faculdade teológica betesda

## Moldando vocacionados

### AVALIAÇÕES - CRISTÃO E O MEIO AMBIENTE

1. Cite três razões pelas quais os cristãos devem se interessar pelo meio ambiente
2. Cite 3 passagens que demonstram a grandeza do Criador na criação
3. Cite 4 textos bíblicos que demonstram a importância da água na criação
4. Cite 3 versículos que mostram que a criação também participará da redenção escatológica
5. Por que apesar de estarmos cientes de que essa criação está sob maldição (Gênesis 3.17) devemos nos opor à destruição da natureza?
6. O que Peter Singer disse sobre a criação?
7. O que ensina o movimento Ecologia em Profundidade?
8. Por que devemos rejeitar as visões de Peter Singer e da Ecologia em Profundidade?
9. O que é a Hipótese Gaia e panteísmo?
10. Por que devemos rejeitar tais formas de entender a natureza?

#### **CARO(a) ALUNO(a):**

- Responda cada QUESTÃO acima em folhas pautadas (com linhas) em letras de forma ou digite no computador, se preferir enviar via e-mail.
- Tanto via correio ou via e-mail, envie-nos as 5 Avaliações desse Módulo todas juntas, de acordo com as Regras Gerais (p.6):

**Via Correio: CAIXA POSTAL 12025 - CEP 02046-010 - SÃO PAULO/SP**

**Via E-mail: [plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br](mailto:plantaoteologico@faculdadebetesda.com.br)**

- Em caso de dúvidas ligue para o nosso SAA - Serviço de Atendimento ao Aluno.



# ESTÁGIO PRÁTICO

**Caro(a) ALUNO(a):**

Conforme comentado nas páginas 3, 4 e 5, a FTB se preocupa com a formação integral do aluno, o que inclui o lado prático da vida ministerial cristã. Por isso, pedimos que, além das AVALIAÇÕES (ver final das matérias), você participe, com dedicação, dessa atividade: o ESTÁGIO PRÁTICO.

É muito simples! Basta escolher um assunto das cinco matérias estudadas neste **Módulo 12** e ministrá-lo como pregação, estudo bíblico ou simplesmente uma aula. Você também pode optar por ministrar o que aprendeu em um culto, em uma classe de EBD (Escola Bíblica Dominical) ou em uma reunião de grupos familiares, etc. Converse com o pastor da sua igreja sobre a melhor opção.

Lembre-se: um líder local deve assistir a sua participação e assinar a DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO PRÁTICO SUPERVISIONADO.

- Tire uma cópia do verso desta folha para o devido preenchimento e envie para a secretaria da FTB juntamente com as respostas das Avaliações.
- Veja, abaixo, um modelo de preenchimento.



**DECLARAÇÃO DE ESTÁGIO PRÁTICO SUPERVISIONADO**

**NOME:** Raphael Julian Messes  
**CURSO:** Bacharel em Teologia  
**DATA:** 01/12/2006 - Nº **MATRICULA:** 0364

COMENTÁRIO: *Escolhi o tema "A divindade do Senhor Jesus" e ministrei uma aula na EBD da minha igreja. Os irmãos fizeram muitas perguntas e, graças a Deus, consegui responder a todas satisfatoriamente. Percebi que realizar esse estágio prático me levou a estudar melhor o assunto. Aprendi muito mais!*

  
 \_\_\_\_\_  
**ALUNO**

  
 \_\_\_\_\_  
**SUPERVISOR**

  
 \_\_\_\_\_  
**CHANCELA**

Escreva aqui um resumo das suas atividades práticas

Preencha com seus dados

Favor assinar

Carimbo da igreja onde você realizou seu estágio

Assinatura do líder que supervisionou sua atividade









